ficção científica

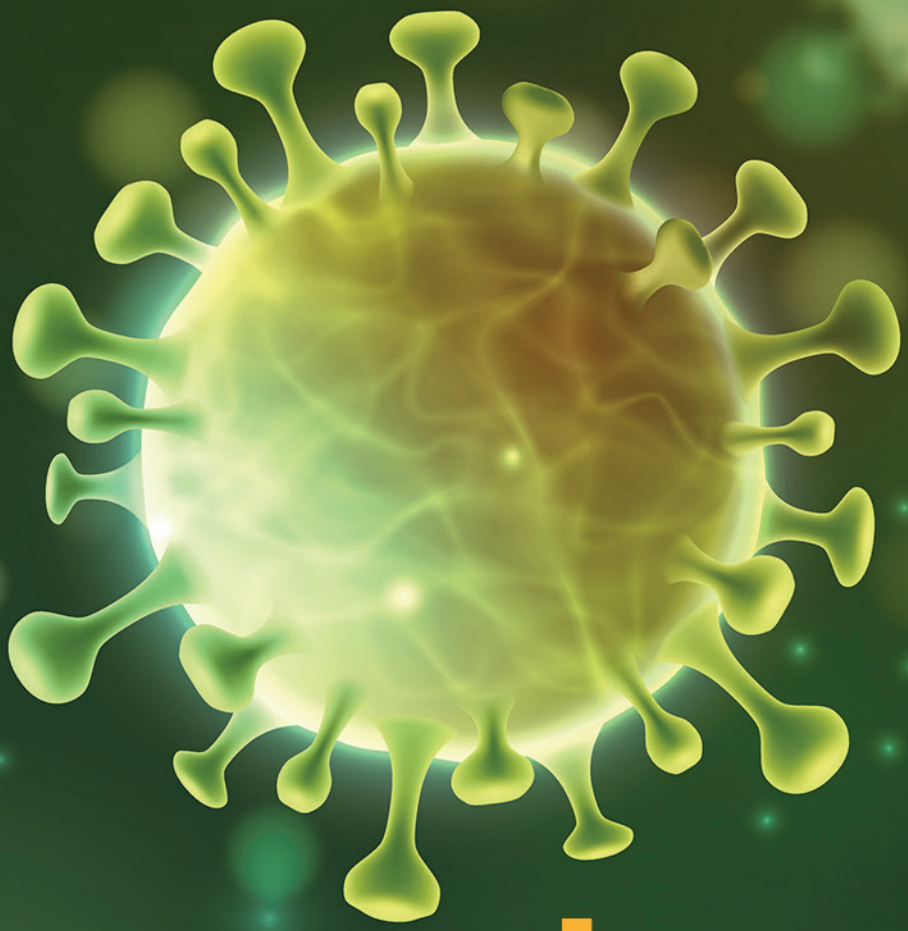
SOMNIUM

Julho de 2021

116

19 contos

Alberto Arecchi
B. B. Jenitez
Bertoldo Schneider Jr.
Daniel Kaestli
Darci Stone
Gerson Lodi-Ribeiro
Jeferson Arenzon
Luís Filipe Silva
Marcelo Rabello dos Santos
Michel Peres
Nicolás Irurzun
Ricardo França
Roberto Causo
Rubem Cabral
Tchello d'Barros



homenagem...

primeiro **ilustrador** do somnium
Roberto Causo

+mais

conheça os Vencedores do Prêmio Argos 2020

Em Memória

Em homenagem e respeito a todos os que tiveram suas vidas abreviadas por causa de algo tão minúsculo e mortal. Nosso mais profundo sentimento àqueles que perderam entes queridos durante a pandemia. Que todos nós, da raça humana, possanos nos unir fazendo cada um a sua parte para derrotarmos este vírus.

SOMNIUM

Somnium – Edição 116, julho de 2021

Editor responsável: Marcelo Bighetti

Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Autores:

Alberto Arecchi
B. B. Jenitez
Bertoldo Schneider Jr.
Daniel Kaestli
Darci Stone
Gerson Lodi-Ribeiro
Jeferson Arenzon
Luís Filipe Silva
Marcelo Rabello dos Santos
Michel Peres
Nicolás Irurzun
Ricardo França
Roberto Causo
Rubem Cabral
Tchello d'Barros

Colaboradores:

Ada Chivers
Alex de Souza
Angela Moss
Ângelo Miranda
Bertoldo Schneider Jr
Carlos Calenti
Carlos Roberto Calenti Trindade
Carlos Rocha
Daniel Borba
Daniel Paiva Vasconcelos
Erick
Gabriel Hipolito Costa
Gerson Machado de Avillez
Guilherme Xavier
J.P. Rocha
Joao Gomes Moreira
João Paulo Rocha
João Peçanha
Juliana de Oliveira Schaidhauer
Juliane Vicente Lopes
Leon Nunes
Luana Mercurio
Maria de Fátima B Romani
Mike Wevanne
Morian Marroni
Orton Marcos Alves Couto
Osame Kinouchi
Pá Falcão
Paulo Ricardo
Raul Coutinho
Ricardo Celestino
Ricardo França
Ricardo Herdy
Silvio César Vasconcelos de Sousa
Walber Tuler Silva

CLFC - gestão 2019-2021

Presidente: Luiz Felipe Vasques

Secretário executivo: Sid Castro

Tesoureira: Caroline Libar

Contatos: somnium-editor@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

Mensagem do Editor

Aqui está o Somnium 116

Um dia após a data limite de submissão de textos para esta edição, um grande amigo – *brother* mesmo – partiu desta Terra por sucumbir às complicações causadas pela COVID-19. É com grande pesar que informamos que desde a última edição, três membros do CLFC também deixaram esta existência, a saber: *Eduardo Peret*, *Gumercindo Rocha Dórea* e *Carlos Frederico Ferreira de Abreu*, sendo este último, vítima do coronavírus. Nossas condolências aos amigos e familiares.

Quando decidi pelo tema *vírus*, sabia da delicadeza do mesmo devido à pandemia que assola o mundo. Também achei muito oportuno tratar deste assunto através da criatividade e talento dos escritores para que, de alguma forma, possamos nos avaliar como seres humanos. Infelizmente não aprendemos com a história e novamente cometemos os mesmos erros. Acusações fomentam o ódio, o oportunismo esmaga a caridade, o direito individual coloca em risco a população, o lixo da mídia relega a ciência ao obscurantismo. E muito mais, infelizmente.

Em 2014, o mundo evitou um surto global de Ebola, graças a milhares de profissionais de saúde abnegados – além de, francamente, muita sorte. Em retrospectiva, sabemos o que deveríamos ter feito melhor. Em um discurso no TED TALK em 2015, Bill Gates nos alertou: "Se algo matar mais de 10 milhões de pessoas nas próximas décadas, é mais provável que seja um vírus altamente contagioso do que uma guerra. Não mísseis, mas microorganismos. Bem, um dos motivos disso é que investimos muito em estratégias antinucleares, mas investimos muito pouco em um sistema que detenha uma epidemia. Não estamos preparados para uma próxima epidemia." Ele estava certo.

Meu desejo é que a ficção científica seja um farol na escuridão da ignorância e na neblina do negacionismo científico, onde tal luz inspire atuais alunos a galgarem os degraus que os tornarão cientistas, os quais resolverão problemas que assolam a humanidade. Lembrando também que ao deixar de lado a arrogância acadêmica, a humildade científica aflora, sendo esta muito mais produtiva.

Aproveitem o Somnium 116, que foi preparado com carinho com a ajuda de muitas pessoas fantásticas.

Vida longa e próspera, mas prefiro a tradução *Viva muito e prospere*.

E que a força esteja com você.

Marcelo Bighetti

MANTENHA-SE ATUALIZADO COM O SOMNIUM

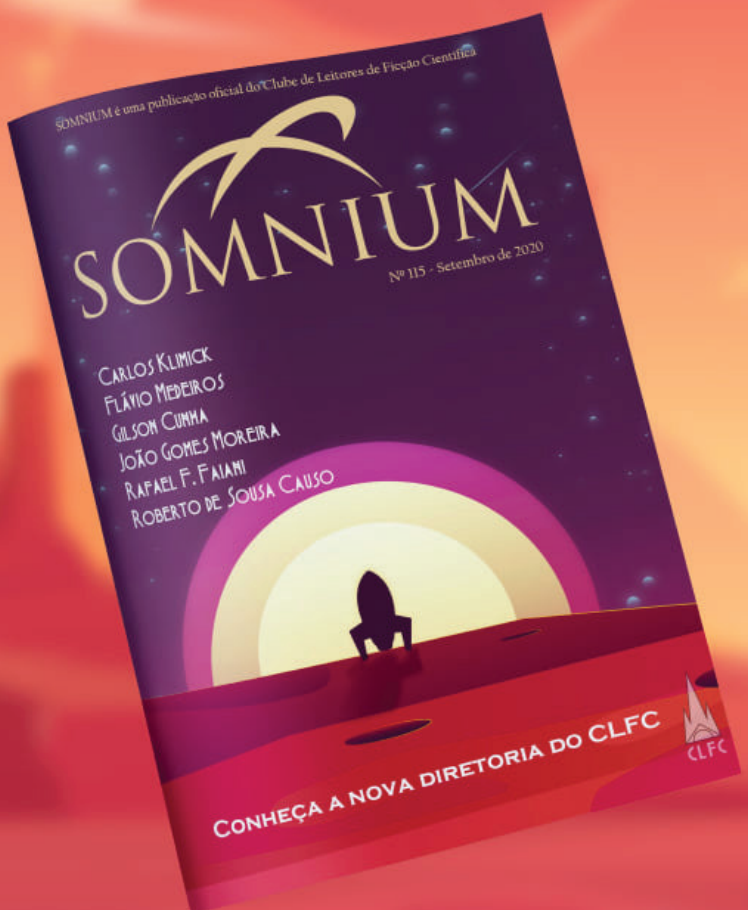
clfc.com.br/somnium

facebook.com/groups/somniumclfc

@somniumclfc

AJUDE-NOS

a completar a coleção da Revista Somnium



QUERO AJUDAR

índice

geral_

08 Homenagem ao Primeiro Ilustrador do Somnium

14 Resenha - O Enigma de Andrômeda
Dan Andrade

16 Resenha - O Enigma de Andrômeda
Jefferson Rodrigues

18 Argos 2020

contos_

26 A Sombra de Mara
Darci Stone

58 Akritõ
Bertoldo Schneider Jr

61 As Areias da Floresta
Jeferson Arenzon

62 As Velhas Opiniões
Rubem Cabral

70 Céu de Preás
Rubem Cabral

78 Contágios Algorítmicos
Ricardo França

87 E Vi Subir do Mar uma Besta
Marcelo Rabello dos Santos

93 Embalados a Vácuo
Nicolás Irurzun

97 Epidermia
Luís Filipe Silva

111 Jedaísmos
B. B. Jenitez

116 O Catador "Tunado"
Rubem Cabral

122 O Dia das Cores
Alberto Arecchi

125 O Salvador da Pátria
Roberto Causo

135 Pecados Terrestres
Gerson Lodi-Ribeiro

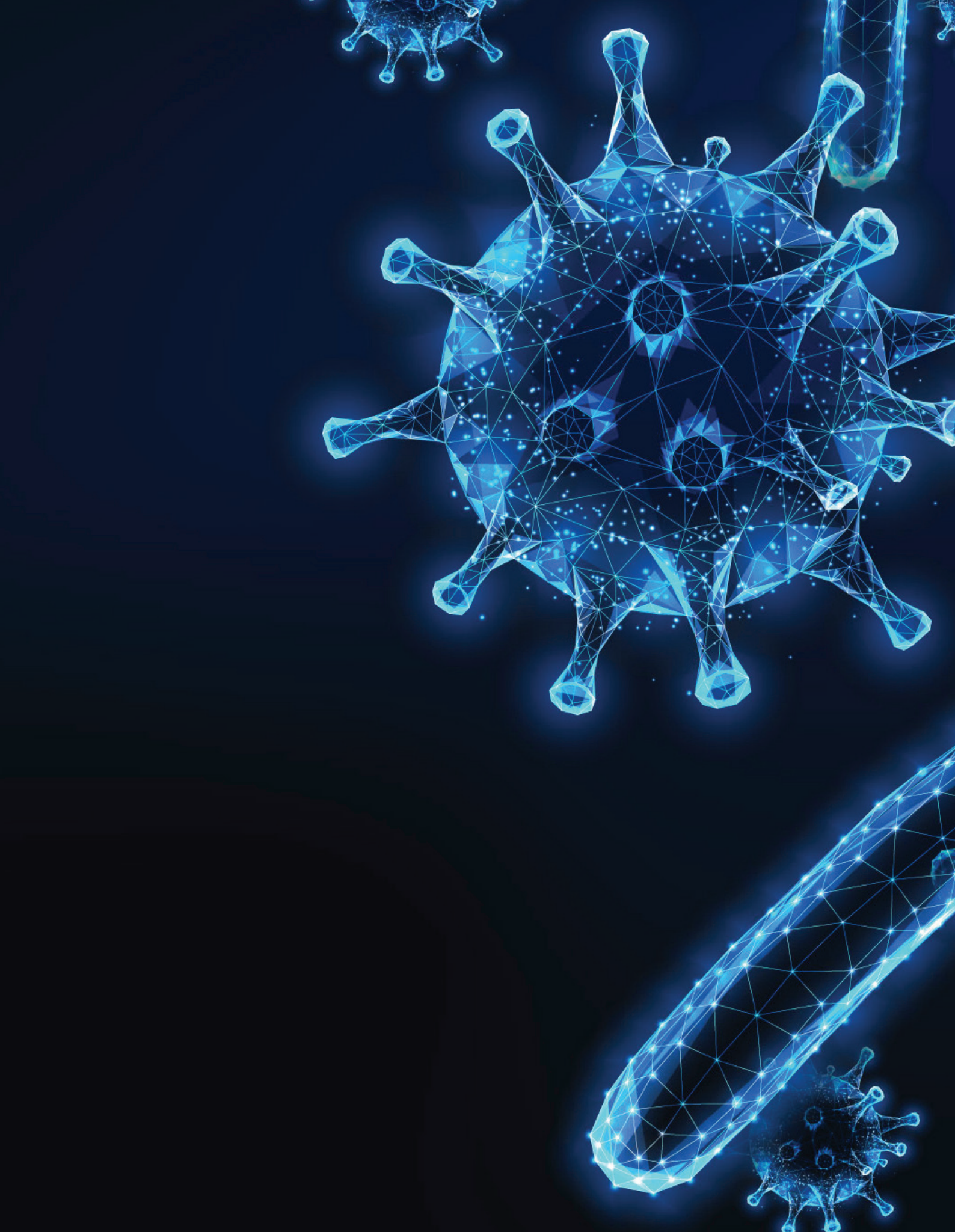
209 Preto Digital
Michel Peres

221 Resta um Rosto
Tchello d'Barros

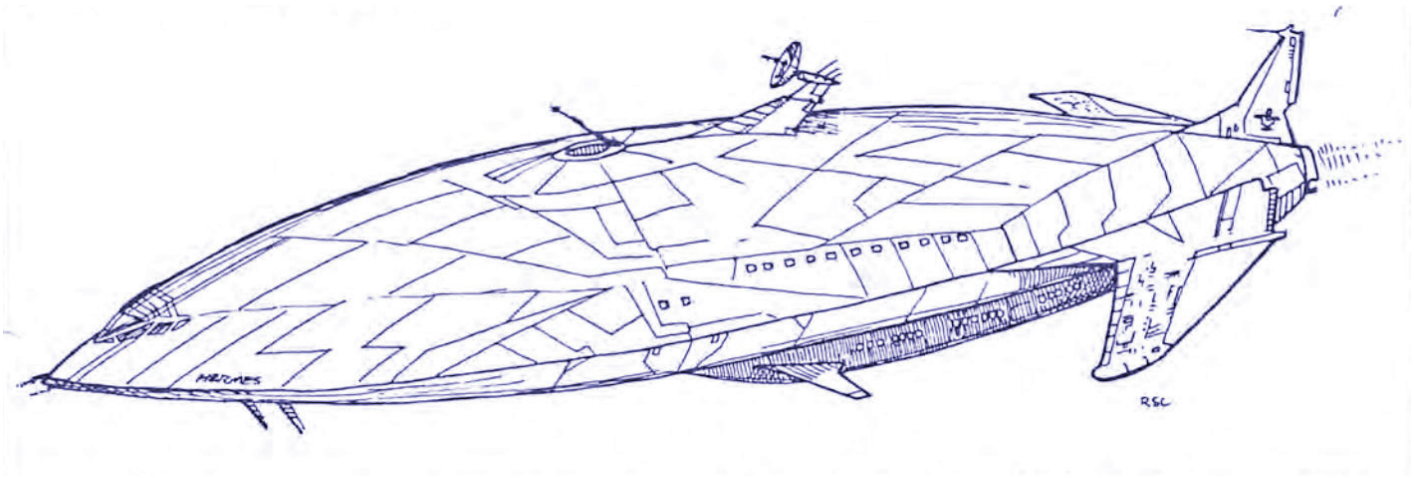
224 Urvis
Daniel Kaestli

228 Variação Amarela
Rubem Cabral

233 Vésperas de Natal em Páscoa
Rubem Cabral



HOMENAGEM



Primeiro Ilustrador do Somnium

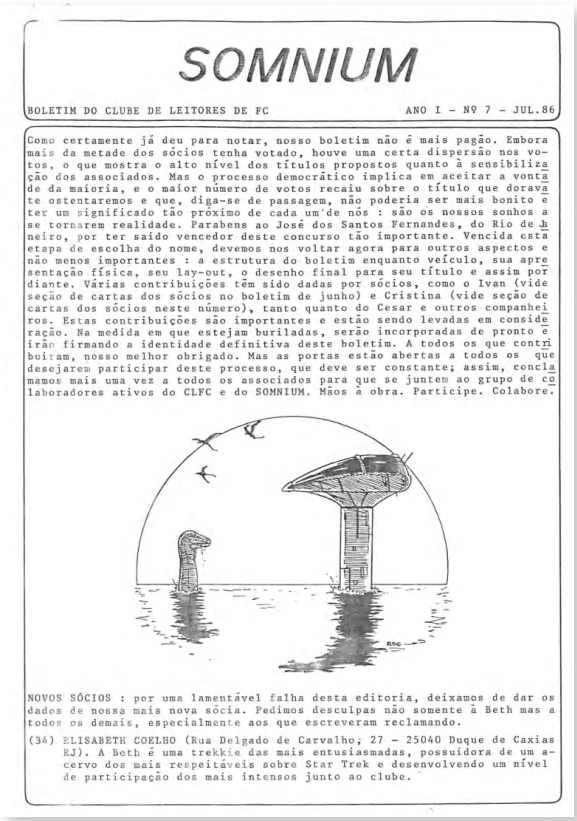
Roberto Causo

Uma das características dos livros e revistas de Ficção Científica é a ilustração. Além da imaginação sem limites de escritores, a eles se junta um batalhão de artistas que tornam visíveis a nós, mundos, criaturas, alienígenas, naves espaciais, e muito mais.

Muitos conhecem o *Roberto Causo* por sua escrita precisa e dinâmica com a ficção científica, mas poucos tem o conhecimento do seu lado artístico como ilustrador. Ainda no tempo do papel sulfite, caneta e régua, ele deu vida ilustrativa no início do Somnium, ainda quando este era um informativo sem nome do Clube de Leitores de Ficção Científica, lá nos idos da década de 80.

Esta é uma singela homenagem a ele e um pouco da história das ilustrações do Somnium. Em especial, pedi a ajuda do ilustrador Guilherme Xavier, que refez a nave Hermes.

O informativo do CLFC não possuía nome das edições 0 a 6, apenas era chamado de Boletim do Clube de Leitores de FC. Após uma votação pelos membros do clube, o nome *Somnium* foi escolhido, o qual estampou a capa da edição número 7.



SOMNIUM

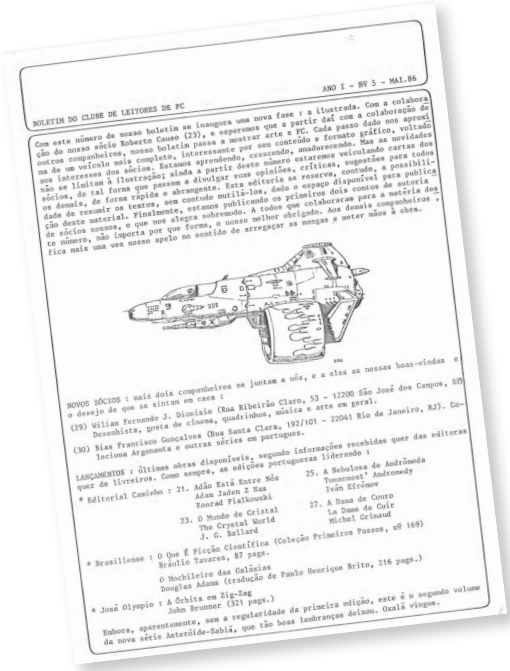
BOLETIM DO CLUBE DE LEITORES DE FC — ANO I - Nº 7 - JUL.86

Como certamente já deu para notar, nosso boletim não é mais pagão. Embora mais da metade dos sócios tenha votado, houve uma certa dispersão nos votos, o que mostra o alto nível dos títulos propostos quanto à sensibilização dos associados. Mas o processo democrático implica em aceitar a vontade da maioria, e o maior número de votos recaiu sobre o título que doravante ostentaremos e que, diga-se de passagem, não poderia ser mais bonito e ter um significado tão próximo de cada um de nós : são os nossos sonhos a se tornarem realidade. Parabens ao José dos Santos Fernandes, do Rio de Janeiro, por ter saído vencedor deste concurso tão importante. Vencida esta etapa de escolha do nome, devemos nos voltar agora para outros aspectos e não menos importantes : a estrutura do boletim enquanto veículo, sua apresentação física, seu lay-out, o desenho final para seu título e assim por diante. Várias contribuições têm sido dadas por sócios, como o Ivan (vide seção de cartas dos sócios no boletim de junho) e Cristina (vide seção de cartas dos sócios neste número), tanto quanto do Cesar e outros companheiros. Estas contribuições são importantes e estão sendo levadas em consideração. Na medida em que estejam buriladas, serão incorporadas de pronto e irão firmando a identidade definitiva deste boletim. A todos os que contribuiram, nosso melhor obrigado. Mas as portas estão abertas a todos os que desejarem participar deste processo, que deve ser constante; assim, conclamos mais uma vez a todos os associados para que se juntem ao grupo de colaboradores ativos do CLFC e do SOMNIUM. Mãos à obra. Participe. Colabore.

NOVOS SÓCIOS : por uma lamentável falha desta editoria, deixamos de dar os dados de nossa mais nova sócia. Pedimos desculpas não somente à Beth mas a todos os demais, especialmente aos que escreveram reclamando.

(34) ELISABETH COELHO (Rua Delgado de Carvalho, 27 - 25040 Duque de Caxias RJ). A Beth é uma trekkie das mais entusiasmadas, possuidora de um acervo dos mais respeitáveis sobre Star Trek e desenvolvendo um nível de participação dos mais intensos junto ao clube.

As edições 0 a 4 não possuíam ilustrações. Foi apenas na edição 5 que vemos a primeira ilustração em sua "capa", feita pelo Causo, assinando-a como RSC.



BOLETIM DO CLUBE DE LEITORES DE FC — ANO I - Nº 5 - MAI.86

Com este número de nosso boletim se inaugura uma nova fase : a ilustrada. Com a colaboração do nosso sócio Roberto Causo (23), e esperemos que a partir daí com a colaboração de outros companheiros, nosso boletim passa a mostrar arte e FC. Cada passo dado nos aproxima de um veículo mais completo, interessante por seu conteúdo e formato gráfico, voltado aos interesses dos sócios. Estamos aprendendo, crescendo, amadurecendo. Mas as novidades não se limitam à ilustração; ainda a partir deste número estaremos veiculando cartas dos sócios, de tal forma que passem a divulgar suas opiniões, críticas, sugestões para todos os demais, de forma rápida e abrangente. Esta editoria se reserva, contudo, a possibilidade de resumir os textos, sem contudo mutilá-los, dado o espaço disponível para publicação deste material. Finalmente, estamos publicando os primeiros dois contos de autoria de sócios nossos, o que nos alegra sobremodo. A todos que colaboraram para a matéria deste número, não importa por que forma, o nosso melhor obrigado. Aos demais companheiros, fica mais uma vez nosso apelo no sentido de arregaçar as mangas e meter mãos à obra.

NOVOS SÓCIOS : mais dois companheiros se juntam a nós, e a eles as nossas boas-vindas e o desejo de que se sintam em casa :

(29) Wilian Fernando J. Dionisio (Rua Ribeirão Claro, 53 - 12200 São José dos Campos, SP) Desenhista, gosta de clones, quadrinhos, música e arte em geral.

(30) Bias Francisco Gonçalves (Rua Santa Clara, 192/101 - 22041 Rio de Janeiro, RJ). Cursa leciona Argumenta e outras séries em português.

LANÇAMENTOS : Últimas obras disponíveis, segundo informações recebidas quer das editoras quer de livreiros. Como sempre, as edições portuguesas liderando !

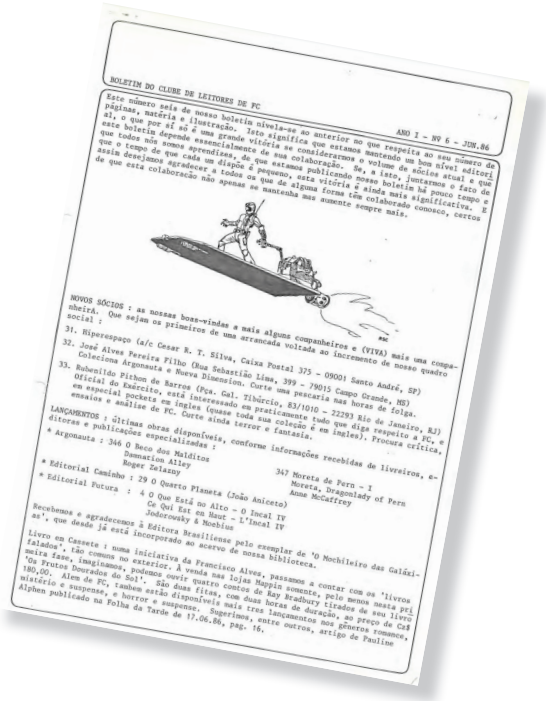
* Editorial Caminho : 21. Adão Está Entre Nós
Adam Jaden Z Nas
Konrad Fialkowski
23. O Mundo de Cristal
The Crystal World
J. G. Ballard
25. A Nebulosa de Andrômeda
Tumannost' Andromedy
Ivan Efrémov
27. A Dama de Couro
La Dame de Cuir
Michel Grinaud

* Brasiliense : O Que É Ficção Científica (Coleção Primeiros Passos, nº 169)
Braúlio Tavares, 87 pags.
O Nachileiro das Galáxias
Douglas Adams (tradução de Paulo Henrique Brito, 216 pags.)

* José Olympio : A Órbita em Zig-Zag
John Brunner (321 pags.)

Embora, aparentemente, sem a regularidade da primeira edição, este é o segundo volume da nova série Asteróide-Sabiá, que tão boas lembranças deixou. Oxalá vingue.

No boletim 6 também há outra ilustração do Causo em sua “capa”.



BOLETIM DO CLUBE DE LEITORES DE FC

ANO I - Nº 6 - JUN.86

Este número seis de nosso boletim nivela-se ao anterior no que respeita ao seu número de páginas, matéria e ilustração. Isto significa que estamos mantendo um bom nível editorial, o que por si só é uma grande vitória se considerarmos o volume de sócios atual e que este boletim depende essencialmente de sua colaboração. Se, a isto, juntarmos o fato de que todos nós somos aprendizes, de que estamos publicando nosso boletim há pouco tempo e que o tempo de que cada um dispõe é pequeno, esta vitória é ainda mais significativa. E assim desejamos agradecer a todos os que de alguma forma têm colaborado conosco, certos de que esta colaboração não apenas se mantenha mas aumente sempre mais.

NOVOS SÓCIOS : as nossas boas-vindas a mais alguns companheiros e (VIVA) mais uma companheira. Que sejam os primeiros de uma arrancada voltada ao incremento de nosso quadro social :

31. Hiperespaço (a/c Cesar R. T. Silva, Caixa Postal 375 - 09001 Santo André, SP)
32. José Alves Pereira Filho (Rua Sebastião Lima, 399 - 79015 Campo Grande, MS)
Colecione Argonauta e Nueva Dimension. Curte uma pescaria nas horas de folga.
33. Rubenildo Pithon de Barros (Pça. Gal. Tibúrcio, 83/1010 - 22293 Rio de Janeiro, RJ)
Oficial do Exército, está interessado em praticamente tudo que diga respeito a FC, e em especial pockets em inglês (quase toda sua coleção é em inglês). Procura crítica, ensaios e análise de FC. Curte ainda terror e fantasia.

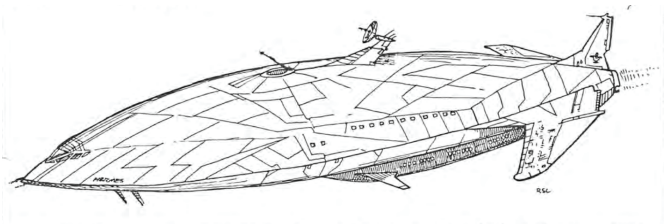
LANÇAMENTOS : últimas obras disponíveis, conforme informações recebidas de livreiros, editoras e publicações especializadas :

* Argonauta : 346 O Beco dos Malditos — Damarion Alley
347 Moreta de Pern - I — Moreta, Dragonlady of Pern — Anne McCaffrey
* Editorial Caminho : 29 O Quarto Planeta (João Aniceto)
* Editorial Futura : 4 O Que Está no Alto - O Incal IV — Ce Qui Est en Haut - L'Incal IV — Jodorowsky & Moebius

Recebemos e agradecemos à Editora Brasiliense pelo exemplar de 'O Mochileiro das Galáxias', que desde já está incorporado ao acervo de nossa biblioteca.

Livro em Cassete : numa iniciativa da Francisco Alves, passamos a contar com os 'livros falados', tão comuns no exterior. À venda nas lojas Mappin somente, pelo menos nesta primeira fase, imaginamos, podemos ouvir quatro contos de Ray Bradbury tirados de seu livro 'Os Frutos Dourados do Sol'. São duas fitas, com duas horas de duração, ao preço de Cz$ 180,00. Além de FC, também estão disponíveis mais trss lançamentos nos gêneros romance, mistério e suspense. Sugerimos, entre outros, artigo de Pauline Alphen publicado na Folha da Tarde de 17.06.86, pag. 16.

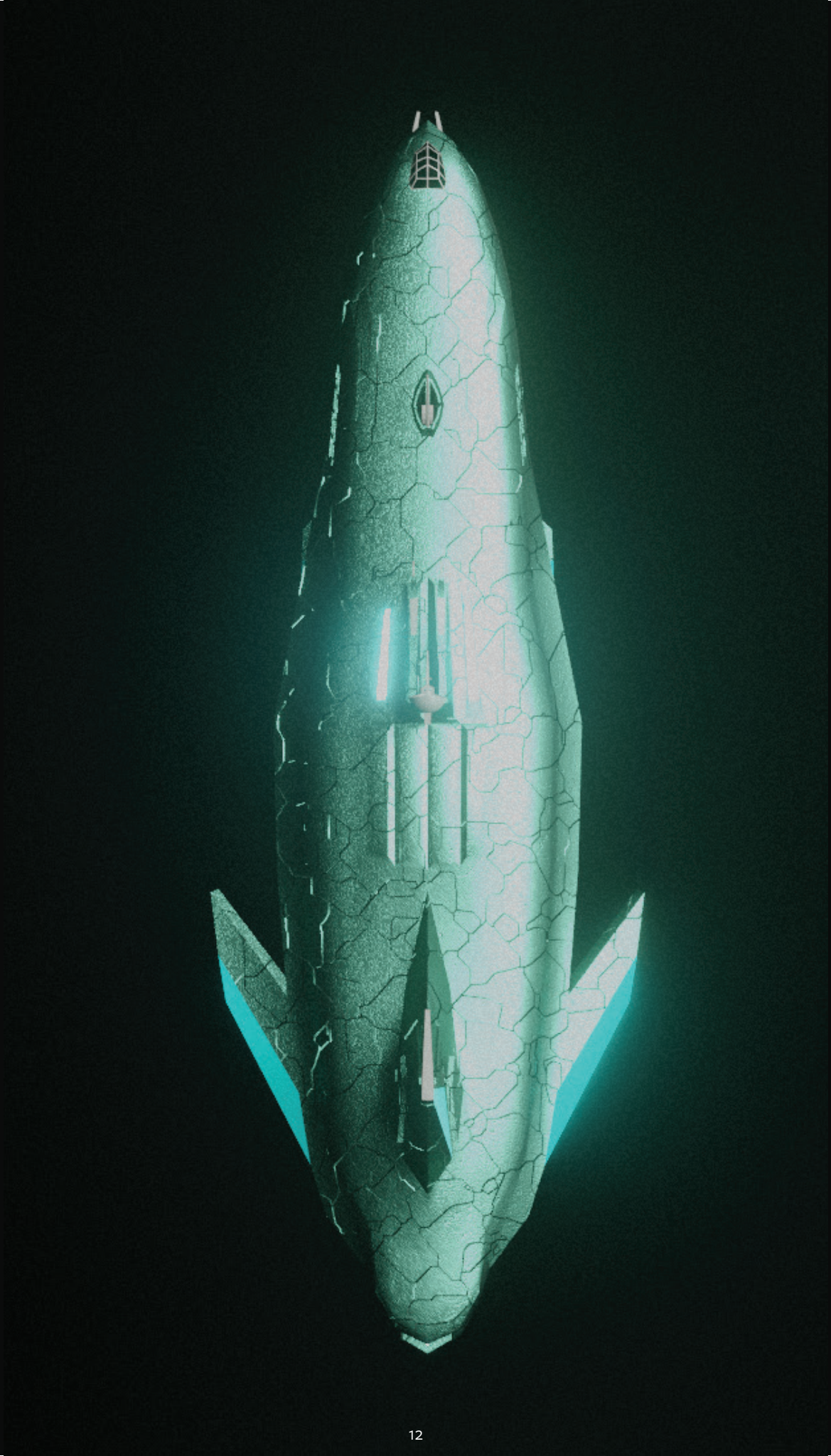
Escolhi a ilustração da capa da edição 8 pelo belo design da nave Hermes.



Nas páginas seguintes a arte do ilustrador Guilherme Xavier.

Guix
VI-MMXXI

Guix
VI-MMXXI



Resenha por Dan Andrade

Publicado originalmente em https://woomagazine.com.br/resenha-o-enigma-de-andromeda-de-michael-crichton/

Michael Crichton escancara todo o seu conhecimento científico e principalmente como médico nesse techno–trhiller científico. Em "O Enigma de Andrômeda", ele recorre ao suspense e descrição de detalhes, enquanto implica inúmeros conhecimentos técnicos para explicar uma pesquisa em torno de um fato que pode comprovar existência de vida extraterrestre.

Em suma, a história gira em torno de um incidente, que ocorre em uma pequena cidade americana. Após um satélite de pesquisa cair no local, todos moradores morrem, exceto um bebê e um velho. Uma equipe secreta do governo americano denominada de Wildfire, formada por cientistas e médicos precisa desvendar o que causou a morte de todas as pessoas e como duas pessoas tão distintas sobreviveram. Dessa forma, eles se deparam com um patógeno alienígena e precisam descobrir como detê-lo antes que a doença desconhecida se espalhe.

A Escrita

Mesmo sendo um dos primeiros livros de Crichton, talvez esta não seja uma das histórias de escrita mais fácil do autor. Desde o início é inserido no texto uma enxurrada de documentos e também dados de cunho científico que grande parte dos leitores podem não compreender bem. Contudo, ao mesmo tempo, nos são dadas algumas explicações didáticas sobre aspectos importantes para a história. Exemplo é quando ele nos diferencia o funcionamento de um microscópio eletrônico a o de um comum, ou quando é explicado como enzimas entre outros são necessários para que haja vida.

Acompanhado disso, se encontram outras várias referências científicas, muitas já datadas, visto que o livro é de 1969. No entanto, existe uma questão muito atual que está na corrida para combater uma nova doença.

Desenvolvimento do Enigma

No primeiro quarto de livro, ele introduz a problemática e quase todos os personagens mais importantes para história. O destaque nesse ponto é a forma como é conduzida e descrita, em detalhes, a situação de Piedmont – cidade devastada pelo patógeno. O mesmo fato dá a base aos passos seguintes da trama.

Entretanto, a trama do livro a parti daí torna-se apenas uma central, e, apesar de complexa cientificamente, entrega pouco em relação aos personagens. Não há um e o protagonista central. Ou seja, a história mais se concentra na pesquisa dos personagens, mas infimamente em suas personalidades ou relações entre si. Isso fica nítido principalmente no terceiro quarto do livro, onde a história começa a ganhar contornos científicos ainda mais densos, enquanto caminha para uma resolução final.

Abordagem

Em "O Enigma de Andrômeda" o leitor pode ganhar perspectivas diferentes sobre vida extraterrestre e pode ter uma noção mais clara do processo cientifico que envolvia, na época, a pesquisa de uma doença. Além disso, traz curiosidades como em relação a como trabalhavam computadores e tecnologias do período.

Outro fato interessante é que a forma incomum de se abordar a vida extraterrestre implica em dúvidas e pesquisas que ainda são pautadas hoje, como os estudos para descobrir se existe ou existiu água em Marte, ou sondas enviadas para o espaço com informações sobre a terra a fim de encontra vidas inteligente fora do sistema solar. Para tal, são usadas as teorias de vidas extraterrestre microscópicas e até mesmo teorias sobre sinais biológicos enviado por outras civilizações com base de pesquisas reais.

O Fim do Enigma

Contudo, Crichton encerra seu livro abruptamente, o que deixa a sensação de que falta algo. No fim, podemos dizer que realmente faltava, isso porque, recentemente, uma continuação póstuma do livro foi lançado nos Estados Unidos, "The Andrômeda Evolution" (em tradução literal, "A Evolução de Andrômeda").

Por fim, "O Enigma de Andrômeda" passa longe de ser uma obra que instigue com momentos de ação incisiva ou tensão longa. O leitor vai se ater, em grande parte do livro, a conhecimentos científicos que dão causa para o acontecimento que introduz a história. A personalidade dos personagens entre outros aspectos não possuem tanta relevância. Aqui Crichton discorre sobre o que conhece e as melhores passagens da história estão nesse ponto, mas pode não agradar todos os leitores.

Resenha por Jefferson Rodrigues

Publicado originalmente em http://leitorcompulsivo.com.br/2018/11/19/resenha-o-enigma-de-andromeda-michael-crichton/

Sinopse Aleph

Quando um satélite especial traz para a Terra um misterioso e letal elemento do espaço, o governo dos Estados Unidos aciona um grupo secreto para estudar o ocorrido e conter a maior crise já enfrentada pela ciência. Se os cientistas não descobrirem rapidamente como agir, uma catástrofe mundial sem antecedentes pode acabar acontecendo.

Opinião

Uma das questões que mais povoam o imaginário na literatura de ficção científica diz respeito a um possível contato nosso com uma civilização, ou tipo de vida, extraterrestre. A invasão bélica idealizada por H.G. Wells moldou por muito tempo uma ideia de que qualquer criatura vinda dos céus não traria consigo intenções pacíficas. E no decorrer do século XX diversos autores se debruçaram sobre possibilidades e fascinaram (ou amedrontaram) as pessoas com criaturinhas verdes, pistolas de raios de desintegração, e uma variedade de hipóteses para a tão sonhada confirmação de vida fora da Terra.

No embalo da locomotiva de inovações no campo da ciência, que a partir da segunda metade do século XX passou a ditar formas de comportamento e influenciar nossa rotina, somado aos projetos que opunham EUA e URSS na briga pelo domínio espacial, Michael Crichton, então um jovem estudante, estreou na literatura trazendo uma nova possibilidade para nosso contato com seres extraterrestres. O Enigma de Andrômeda, publi-

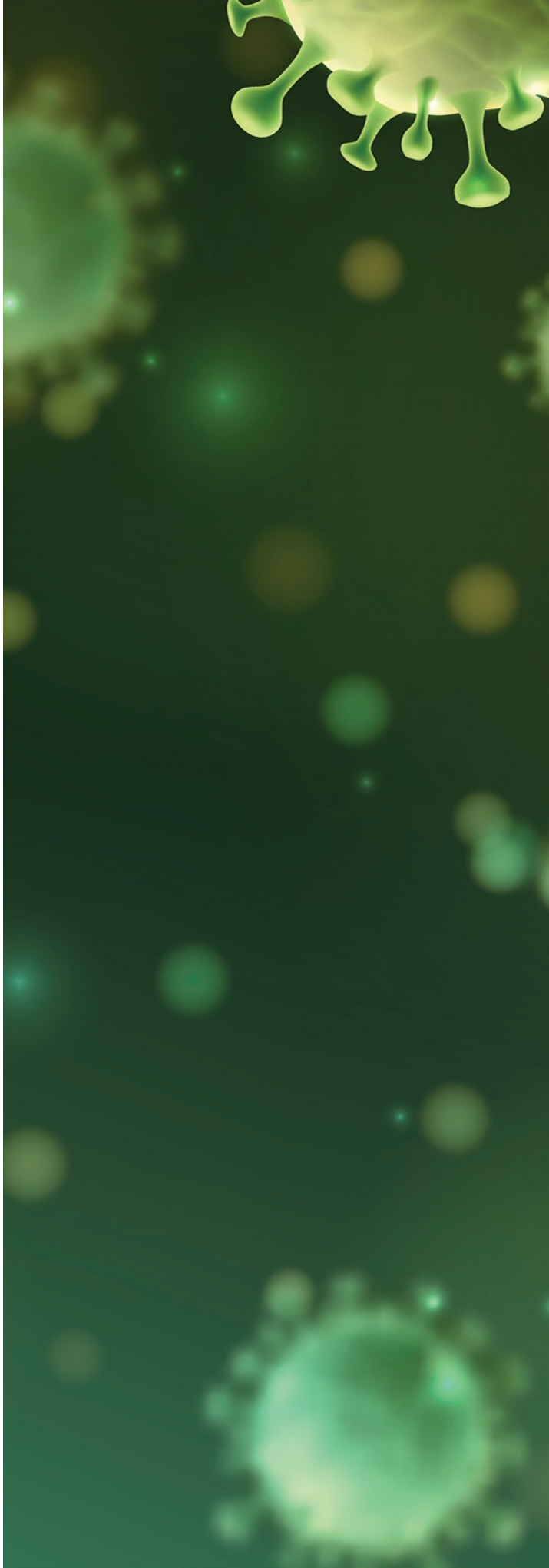
cado em 1969, ano em que os EUA colocaram "os pés" na Lua, traz a vida alienígena sob uma nova visão. Sai de cena a criaturinha com traços humanos e entra uma vida microscópica, invisível ao olho nu.

Estaríamos nós preparados para lidar com um tipo de vida alienígena que ninguém pode ver? Por exemplo, uma bactéria, capaz de afetar nosso sistema imunológico, provocar doenças e talvez até matar. Se para uma invasão de naves espaciais, nossos autores pensaram uma gama de armamentos, o que teríamos em mãos no caso de algo impossível de ser visto? A partir de questionamentos como esses, O Enigma de Andrômeda se constrói em uma narrativa viciante e impossível de ser abandonada até que viremos a última página. Crichton escreve de forma dinâmica e envolve os leitores em um suspense recheado de jargões e termos científicos sem que em nenhum momento isso se torne enfadonho ou tedioso. Pelo contrário, a ficção é inteiramente baseada em argumentos, teorias e possibilidades reais e isso abre nossa imaginação e capta nossa curiosidade.

A ameaça narrada em O Enigma de Andrômeda se dá a partir de um satélite que retorna à Terra. Seu potencial letal é logo identificado e o governo norte-americano entrega a responsabilidade para solucionar o caso nas mãos de um quarteto de cientistas. A partir daí, é um jogo contra o tempo para não somente identificar que tipo de vida está diante deles, como para encontrar soluções antes que o problema se alastre. Nessa trama sobram citações de pesquisadores e cientistas consagrados, tanto que ao fim o livro traz uma respeitosa e considerável bibliografia. E nos leva, também, para um final bem chocante e perturbador.

Mesmo em se tratando da primeira obra escrita por Michael Crichton, já é facilmente possível identificar os principais elementos que logo iriam transformá-lo em um fenômeno de vendas. O Enigma de Andrômeda tem tudo para agradar aos fãs de suspense com pitadas de ciência, medicina e uma boa investigação espacial. Leitura imperdível e que vai mostrar, aos que ainda não o conhecem, o gigantismo e a versatilidade do imortal criador do parque de dinossauros.

"… a inteligência humana provocava mais problemas do que vantagens. Era mais destrutiva do que criativa, mais confusa do que reveladora, mais desencorajadora do que satisfatória, mais egoísta do que caridosa. "



PRÊMIO ARGOS 2020

O ano 2020 jamais será esquecido. Muita coisa foi afetada a nível global, e infelizmente a premiação do Argos também foi. Independente do que ocorreu, iremos fazer uma premiação online para honrar o nome dos vencedores.

Aproveitamos e fizemos uma entrevista com os que foram agraciados com o Argos 2020. Na sequência os finalistas em cada categoria e os vencedores.

Parabéns a todos os que foram selecionados e chegaram à final, e em especial aos vencedores. Que possam continuar escrevendo e nos presenteando com suas histórias fantásticas.

VENCEDORES

MELHOR ROMANCE

Vencedor

§ *Onde Kombi Alguma Jamais Esteve* – Gilson Cunha, autopublicação

Demais Finalistas

§ *Back in USSR* – Fábio Fernandes, Editora Patuá
§ *Snowglobe* – Fabio Barreto, autopublicação
§ *A Telepatia são os Outros* – Anne Ana Rüsche, Editora Monomito
§ *Viajantes do Abismo* – Nikelen Witter, Editora Avec

MELHOR ANTOLOGIA/COLETÂNEA

Vencedor

§ *Cyberpunk: Registros Recuperados de Futuros Proibidos* – Cirilo S. Lemos e Erick Cardoso (organizadores), Editora Draco

Demais Finalistas

§ *Distopia* – L. H. Hoffman e Gian Paolo Celli (organizadores), Dragonfly Editorial
§ *Duendes: Contos Sombrios de Reinos Invisíveis* – Ana Lúcia Merege (organizadora), Editora Draco
§ *Feéricas* – Lu Evans, Graci Rocha, Ale Dossena (organizadores), Editora Selo Nébula
§ *Histórias (Mais ou Menos) Assustadoras* – Gabriela Colicigno e Roberto Fideli (organizadores.), Editora Magh
§ *Revista Mafagafo* – Jana Bianchi (editora), online
§ *Simulacro & Simulação* – Rodrigo Ortiz Vinholo (organizador) , Editora Lendari

---

MELHOR CONTO

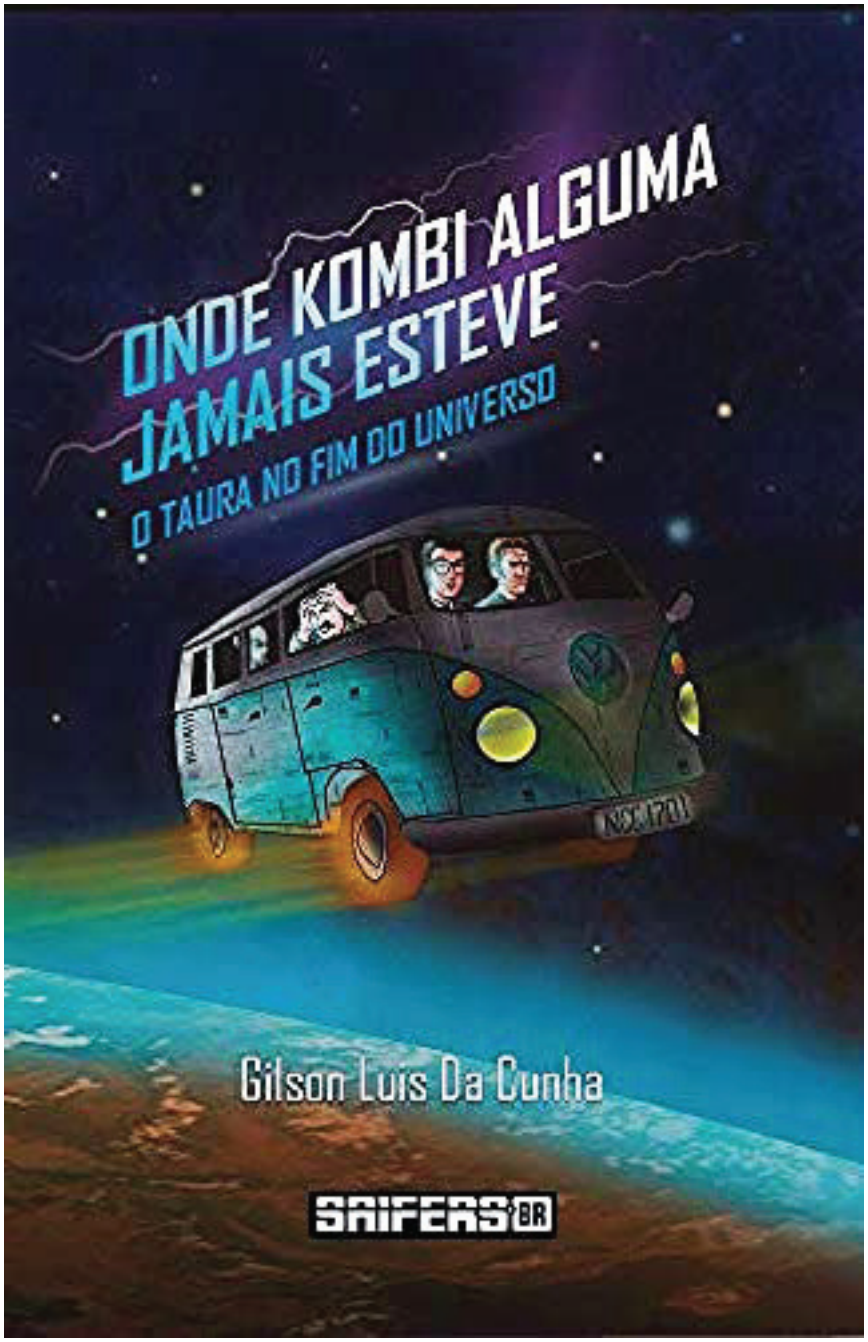
Vencedor

§ *A Mulher que Chora* – Gilson Cunha

Demais Finalistas

§ *Amor em Antares* – Alexey Dodsworth
§ *A Feiticeira de São Judas Tadeu dos Milagres* – Isa Próspero
§ *Jeremejevite* – Cristina Pezel
§ *A Norma aqui de Cima* – Renan Bernardo

ENTREVISTA COM GILSON CUNHA



Como se deu seu início como escritor?

Após ler muitos livros de FC, certa vez encontrei um artigo de Isaac Asimov em sua coletânea de ensaios "No Mundo da Ficção Científica". Ele dizia: "Se você não gostou do final, experimente escrever sua própria história". Eu já havia tido ideias para contos romances. Mas eram muito superficiais. Escrevi uma noveleta, à mão, nos anos 80. Mas, após ler o material, achei tão ruim que a queimei, para o bem da humanidade. Um ano após entrar na graduação, vi o anúncio de uma antologia voltada para autores da comunidade universitária, alunos, professores e funcionários. Foi nela que estreei, com dois contos, em 1987. Depois veio o mestrado, o doutorado e a correria da carreira acadêmica. Eu sempre quis voltar a escrever. Lá por 2012, comecei a notar que havia uma efervescência, algo como um renascimento da FC no Brasil. Pensei "agora é hora de voltar com tudo". Comecei a participar de desafios literários, enviar contos para antologias, etc. Com a publicação de alguns trabalhos, me animei o bastante para mandar narrativas longas para concursos. Minha noveleta Vapornella e O Rapto do Consolador Real" chegou a ficar entre as selecionadas para a antologia Erótica Fantástica da Revista Bang, de Portugal. Mas a antologia foi sumariamente encerrada, sem explicações. Desde então, tenho escrito regularmente, graças, principalmente, ao incentivo dos leitores.

Quais obras ou autores você considera ter influenciado você?

São várias influências. Gosto do "sense of wonder" de Arthur C. Clarke, Da ironia de Frederic Brown e Robert Sheckley, da engenhosidade de Isaac Asimov e Phyllis Gottlieb, da poesia de Ray Bradbury e Clifford Simak, do "worldbuilding" de Frank Herbert e Harry Harrison, das aventuras pulp de Edgar Rice Burroughs, entre outros.

Por que resolveu escrever ficção científica?

Porque sempre fui fascinado com a criação e a descoberta, desde criança. Começou com séries e filmes, na TV. Depois, na adolescência, descobri a FC literária e não parei mais. Para mim, FC é sobre ultrapassar os limites do aqui-agora. É sobre tentar encontrar o equilíbrio entre a razão e a emoção, usando o melhor de ambas. É um gênero com infinitas possibilidades.

Desde que o Argos foi idealizado, você é o primeiro a receber dois prêmios, tanto na categoria Melhor Romance, assim como Melhor Conto. Como se sente com relação ao seu prêmio duplo?

Demorou para "cair a ficha". Eu simplesmente não julgava que isso pudesse acontecer. Na noite da divulgação, cogitei não olhar e deixar para cumprimentar os vencedores no dia seguinte. Afinal, eu estava competindo com pesos-pesados, já consolidados e com uma reputação junto ao público leitor. Mas a curiosidade foi maior. E foi um choque. Fiquei dois dias sem dormir direito, pensando "Putz! É verdade! Aconteceu mesmo!" Passada a agitação, eu só posso me sentir honrado e muitíssimo agradecido a todos leitores, principalmente os que tiveram a gentileza de votar em meus trabalhos.

Seu livro Onde Kombi Alguma Jamais Esteve: O Taura No Fim do Universo, tem ganho muitos fãs. Poderia nos dizer como surgiu a ideia desta história? Por que uma Kombi? Alguma razão específica para o nome dela ser Cremilda?

A ideia para esse livro surgiu de uma piada interna. No início dos anos 2000, eu fazia parte de um grupo de amigos geeks. Nós nos reuníamos aos sábados para almoçar nos restaurantes próximos de uma tradicional loja de quadrinhos em Porto Alegre. Um dia, no meio de nossa conversa, eu tive um insight: E se aquela que é considerada a mãe de todas as teorias da conspiração tivesse uma explicação tão absurda e embaraçosa que os "poderes que valem" preferissem atribuir tudo a extraterrestres? E se a coisa toda, de algum modo, envolvesse ETs, mas não do modo que estamos acostumados a imaginar? Isso ficou na minha cabeça durante anos, até virar parte da matéria-prima para o livro. A explicação está nos agradecimentos do romance. Quanto ao uso da Kombi, bem, eu queria um veículo icônico, o símbolo de uma era. A Kombi foi, durante décadas, a cara da contracultura, do movimento hippie. Pensei em brincar com esse símbolo. A Kombi inspira sentimentos de liberdade, de improviso, de pouca grana e, acima de tudo, de bagunça. E de ódio, quando a maldita mangueira do tanque de combustível pega fogo. Era uma combinação irresistível para mim. Sobre o nome Cremilda, eu queria um nome que representasse toda a autenticidade e jogo de cintura do brasileiro. Pensei: Jorge Amado tinha a "Marinete", de Tieta do Agreste. Preciso encontrar um nome que seja tão pitoresco quanto esse. Fiz uma enquete online pedindo nomes. Só um amigo a respondeu: Cícero Durães, de Belo Horizonte. "Pois bem, que seja Cremilda", decidi. E acho que foi uma boa. Os leitores têm gostado e

acho que o nome deu a ela o tipo de personalidade que eu buscava.

Alguma vez passou pela sua cabeça alguma similaridade de sua obra com o clássico de Douglas Adams O Guia Do Mochileiro Das Galáxias?

Prezado Marcelo, vou divulgar aqui e agora, com exclusividade algo que jamais disse a ninguém. Eu só fui ler "O Guia Do Mochileiro das Galáxias" após completar o primeiro rascunho de meu livro, em 2014. As semelhanças têm mais a ver com o fato de Adams e eu termos bebido das mesmas fontes. Bom, quase as mesmas. Eu amo humor inglês. O grupo Monthy Python é parte de minha mitologia pessoal. Adams trabalhou como redator deles, entre outros trabalhos em rádio e TV. O humor de Doctor Who, principalmente o humor do décimo e décimo primeiro Doctors é algo que admiro. Agora, olhando em retrospecto, acho que a maior ligação entre meu livro e "O Guia Do Mochileiro" está no tom irônico (até certo ponto), dado às notas de rodapé. De certo modo elas também são uma espécie de guia para o universo amalucado de Cremilda e seus tripulantes. Não foi intencional, mas acabou funcionando. Espero...

O conto A Mulher Que Chora tem um peso emocional interessante. Poderia nos dizer um pouco mais sobre o processo de escrita dele?

Essa história tem um apelo completamente diferente de Onde Kombi Alguma Jamais Esteve. Eu queria falar de solidão, da busca de um significado, de perda e superação. Mas não naqueles cenários da literatura mainstream, como o cotidiano do busão lotado, das filas, e outras mesmices que os críticos chamam de "alta literatura". Eu queria colocar as questões da protagonista num cenário maior. Queria vê-la enfrentar o universo, sendo apenas uma mulher de carne e osso, sem garantias e, mesmo assim, sem se ajoelhar diante de nada nem ninguém. A ideia surgiu, de um modo pouco comum, a partir de incidentes bizarros e engraçados, mas reais, acontecidos em Porto Alegre, há alguns anos. "E se esses incidentes fossem o sinal de algo maior, algo que não estamos vendo por inteiro e que ainda poderá acontecer num futuro distante?" Esses incidentes aparecem na história. Isso, e algumas idas ao litoral, acabaram dando o tom que eu queria para o conto.

Poderia nos dizer em quais projetos literários tem trabalhado ultimamente?

Tenho uma pilha de ideias anotadas. O problema é tempo para dar conta de todas. Planejo lançar até o fim do ano um "interlúdio" entre Onde Kombi Alguma Jamais Esteve" e sua sequência, que sairá no ano que vem. Trata-se de uma coletânea de noveletas que contam algumas das aventuras de Otávio em seu primeiro ano como colega de viagens de Alfredo, a bordo da Cremilda. Também estou com alguns capítulos de uma fantasia cômica contando as desventuras de um bando de "desaventurados aventureiros" de diversos mundos que foram reunidos em um reino mágico saturado de clichês, uma história sobre uma megacorporação que todo mundo ama, sem nem mesmo saber o porquê, até que descobrem, do pior jeito possível, e um conto dramático sobre colonização de exoplanetas.

Quais dicas você pode dar àqueles que querem ingressar no mundo da escrita?

A mais óbvia possível: leia muito e leia de tudo. A inspiração para uma história pode vir dos lugares mais improváveis. A variedade de leituras e / ou experiências de vida enriquece seu texto. Outra coisa: Não há nada de mal em imitar o estilo de outros ao começar. Mas, sempre que possível, quando você encontrar sua própria voz, seja você mesmo. Não siga modas. Escreva o que você quiser, não o que você acha que dará mais ibope. Já vi autores extremamente originais "formatando" sua escrita em busca de aceitação e, devo dizer, isso é triste. Escreva o tipo de trama em que você acredita, o tipo no qual você in-

vestiria seu tempo e sua paixão como leitor. O resto é irrelevante.

Como os leitores podem entrar em contato com você?

Meu Instagram: @gilsondacuna42

Meu perfil de autor no Facebook: Gilson Luis Da Cunha Escritor

Página do livro no Facebook: Onde Kombi Alguma Jamais Esteve- Livro.

Meu canal de YouTube: Café Neutrino.

Meu site: www.gilsonluisdacunha.com.br

Um livro.

A Cidade e As Estrelas, de Arthur C. Clarke. O final épico continua tão apaixonante hoje quando de minha primeira leitura, décadas atrás. Faço um humilde tributo a sua cena final em "Onde Kombi Alguma Jamais Esteve".

Um autor.

Clifford D. Simak. Seu romance, Way Station, é uma obra prima sob qualquer parâmetro.

Uma autora.

Phyllis Gottlieb. Ela criou um dos contos mais engenhosos que já li, Planetoide Idiota, usando apenas as manjadíssimas leis de Mendel.

Comida preferida.

Peixe. Assado, frito, ensopado, ao molho, cru, de qualquer jeito. Se há reencarnação, certamente fui um urso canadense em outra vida.

O que te deixa feliz?

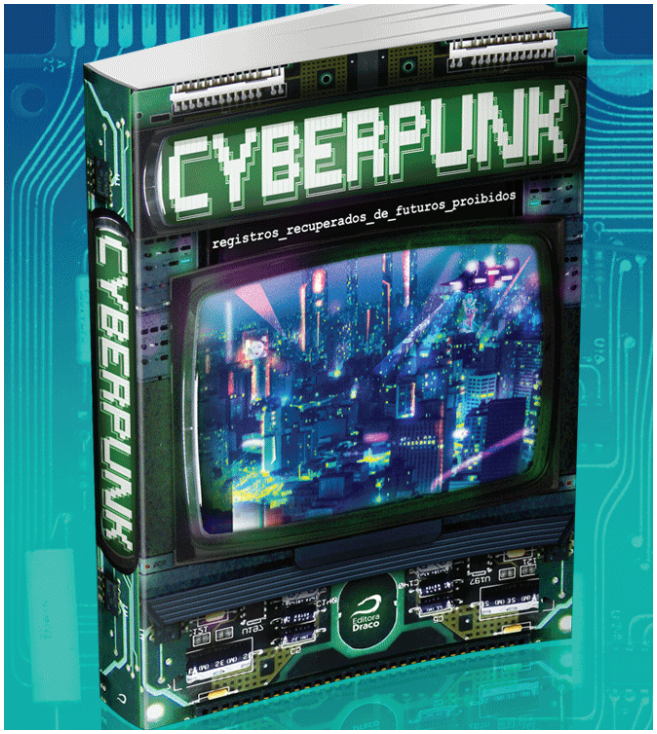
O bem estar e a felicidade de minha família. Estar em paz e com saúde.

O que te irrita?

Hipocrisia.

Gostaria de fazer algum último comentário?

Gostaria de parabenizar vocês, da atual equipe do Somnium, pelo belo trabalho realizado, tanto pelo conteúdo quanto pela apresentação. É uma honra ser publicado nesta revista. Espero que a atual fase dessa publicação tenha uma vida longa e próspera.



A Editora Draco concorreu ao prêmio Argos 2020 com dois livros: Cyberpunk: Registros Recuperados de Futuros Proibidos e Duendes: Contos Sombrios de Reinos Invisíveis, e acabou levando o prêmio de melhor antologia/coletânea com Cyberpunk. Qual a relevância deste prêmio para a editora?

Para a Draco é sempre gratificante participar da história da ficção especulativa do Brasil e o reconhecimento recebido, sejamos premiados ou não, faz parte disso. Nossa intenção é criar um ambiente em que possamos ter mais representatividade dos escritores nacionais e cada vez mais trabalhar por melhores compensações e alcance de público.

Poderia falar um pouco sobre o porquê do livro ter o subtítulo Registros Recuperados de Futuros Proibidos?

É uma brincadeira com os subtítulos que todas as obras da coleção retrofuturista da qual faz parte, a trilogia originada pela organização de Gerson Lodi-Ribeiro em Vaporpunk, Dieselpunk e Solarpunk. Tivemos uma visão não retrofuturista necessariamente em Solarpunk, é verdade, mas a coleção continuou com Vaporpunk II, organizada pelo Fabio Fernandes e o Romeu Martins e agora na Cyberpunk, gênero que consideramos retrofuturista em sua origem.

Poderia nos falar rapidamente sobre este subgênero da ficção científica, o Cyberpunk, e por que decidiram publicá-lo?

Como disse antes, consideramos o cyberpunk um gênero retrofuturista hoje pela visão que foi concebida em 1984. Só que evoluiu muito, principalmente as reinterpretações da cultura pop como nos mangás e games que o levaram à visão mais atual a partir do Neuromancer do Gibson. É um dos gêneros mais populares pelas possibilidades de imaginação de transformação de corpos, pessimismo sociopolítico e o mar de informação. Pessoalmente eu gosto muito. E sobre a publicação, como toda obra da Draco nos interessa a visão dos brasileiros sobre os grandes temas, é bom ver um cyberpunk pensado com o nosso tempero BR.

Esta coletânea possui doze histórias. Como foi o processo de escolha? Houve autores convidados? Quantas submissões receberam?

Foi uma coletânea aberta em nosso blog, em uma época que usamos esse canal para captar novos autores. Foram quase 200 submissões, pelo que lembro, caixa de e-mail lotada no último dia, como sempre. Convidado foi o Alexey Dodsworth já durante o financiamento coletivo, o material entrou como meta extra.

Quais os próximos projetos da Editora Draco? Podemos esperar algo na linha "punk" como Biopunk?

Siga a gente nas redes sociais como Instagram.com/Editoradraco e Twitter.com/editoradraco, lá temos posto as novas campanhas e também captados e-mails para a nossa newsletter, onde mandamos notícias em primeira mão sobre as nossas produções.

Como os escritores podem enviar textos para análise pela Draco?

No momento estamos fechados para avaliação de originais. Mas temos projetos de revelação voltados diretamente para os participantes da Escola de Dragões, nossos cursos de escrita criativa para literatura, comigo, e quadrinhos, com o Raphael Fernandes e o Kaji, onde temos buscado novos talentos e dividido a nossa visão de produção de ficção.

Um livro

Solarpunk, organizada pelo Gerson Lodi-Ribeiro, que acabou de ganhar a sua segunda edição internacional, agora em italiano. :)

Um autor

Raphael Fernandes, por estar diligentemente trabalhando pelos quadrinhos brasileiros feitos com a nossa cara.

Uma autora

Ana Lúcia Merege, pelo esforço em abrir novas frentes para a literatura fantástica e a integração com novas plataformas e criadores de conteúdo.

Algum último comentário?

Agradeço o convite e o espaço para falarmos sobre o trabalho da Draco. Sempre bom estar próximo dos leitores de FC.

Ilustração de Quintin Glein

A Sombra de Mara

Darci Stone

Traduzido por Juliana Schaidhauer e revisado por Daniel Borba e Ricardo Herdy

PARTE I

Viet Nam Nhat Bao (Notícias Diárias do Vietnã)
5 de fevereiro de 2053
Viajante Sueco Morre Durante Caminhada

> Peder Fridell, da Suécia, morreu na noite de segunda-feira em uma trilha perto de Sa Pa. Sua morte foi atribuída a um inchaço no cérebro causado por uma queda no início do dia. Goran Nilsson, um amigo que estava com ele na trilha, expressou seu próprio choque. "Simplesmente não consigo processar isso, sabe como é? Ontem ele estava aqui conversando e rindo, e hoje ele se foi".

Ngo Lien terminou de ler a notícia, olhou para o X vermelho na extremidade esquerda da tela e piscou duas vezes para desativar sua iRis. Os óculos de sol voltaram ao modo normal, mas um ícone verde brilhante no canto de sua visão indicava que a conexão Li-Fi estava forte. Olhou através da janela do helicóptero médico para o topo enevoado das colinas abaixo. Eles estavam a cerca de 200 quilômetros de Ha Noi, bem perto da fronteira com a China. Uma aldeia de cabanas frágeis se espalhava ao longo da encosta. Dezenas de habitantes locais pararam o que estavam fazendo para observar o helicóptero que se aproximava. Da sua posição, Lien podia ver uma grande antena parabólica escondida em um trecho de árvores, o que a fez sorrir. Os turistas gostavam da fachada rústica, mas ela apostava que havia um computador escondido em cada cabana.

O helicóptero pousou. Seu parceiro Tuan desceu primeiro, depois ajudou Lien. Dois médicos estavam se aproximando do helicóptero, um significativamente mais alto que o outro. Atrás deles, ela podia ver uma longa cabana de junco apoiada em palafitas de madeira. A fita da polícia enrolada em postes de bambu formava um perímetro. Os homens estavam completamente equipados: luvas de plástico, protetores faciais, macacões de segurança. O que quer que estivesse naquela cabana os assustava muito.

Ela acenou com a cabeça em direção ao médico que se aproximava.

— A notícia deu a entender que era um hematoma epidural, então por que tudo isso? —, Lien apontou para os equipamentos.

— O Departamento de Turismo não quer assustar as pessoas —, disse o homem mais alto, com a voz abafada pelo capacete do traje, — então eles estão mantendo o silêncio, mas parece que algum tipo de parasita estava envolvido. É por isso que chamamos vocês.

Por "vocês", ele quis dizer o Instituto Nacional de Malariologia, Parasitologia e Entomologia (INMPE), onde ela e Tuan trabalhavam. Lien entendeu a necessidade de uma história de fachada. As revoltas no sul da China no ano anterior haviam prejudicado seriamente o turismo no Vietnã, e a economia ainda estava se recuperando da Sexta-feira Negra da Índia. Turistas mortos não faziam bem para os negócios.

Depois de se equipar, ela seguiu Tuan e os dois médicos para dentro da cabana, uma maloca tradicional. As paredes eram feitas de junco trançado, e o piso de bambu balançava ligeiramente a cada passo. Mosquiteiros pendiam do teto, cobrindo dezenas de esteiras de dormir. Na extremidade oposta, uma esteira ainda contava com um ocupante.

À distância, obscurecido por uma tela, parecia alguém cochilando no calor. Mas, à medida que Lien se aproximava, podia ver o movimento na superfície do cadáver. Lien se contraiu e aguardou. Mesmo assim, ela não estava preparada para o que viu quando

Tuan puxou a tela. Era difícil acreditar que o objeto à sua frente era humano.

Restos de um tronco nu estavam expostos, coberto de crateras ensanguentadas sem pele e sem carne. Pequenos vermes brancos contrastavam fortemente com o sangue vermelho-escuro. Eles estavam por toda parte, subindo nos braços, rosto e peito, deixando rastros de carne devorada. Abaixo do pescoço, Lien podia ver a ponta de uma haste de titânio reforçando a clavícula.

— Qual era a idade dele? —, ela perguntou. O dano ao corpo tornava impossível determinar.

— Vinte e oito —, disse o médico mais baixo.

Isso significava que ele era apenas alguns anos mais velho que Lien. Ele deveria ter uma longa vida pela frente.

Enquanto ela observava, uma grande massa tremulante caiu de uma das narinas. Ela estremeceu involuntariamente, imaginando vermes rastejando em seu próprio rosto.

Controle-se. Você é uma entomologista, insetos são a sua profissão. Ela respirou fundo e ativou o modo analítico, ajoelhando-se para olhar mais de perto e relatando suas observações para Tuan.

— Os vermes têm cerca de 1 a 2 centímetros de comprimento. — Era difícil formar uma imagem clara de seus corpos por causa de todo o sangue. — Eles parecem ter prolegs. — Estranho, isso significava que eles não eram vermes.

— Qual a hora estimada da morte? — Tuan perguntou aos médicos.

— É difícil saber com certeza, por causa de todos os danos —, disse o médico mais baixo. — Mas achamos que ele morreu ontem à noite entre as duas e as quatro da manhã.

Lien olhou para a hora exibida em seus óculos - o corpo estava morto havia menos de dezoito horas, o que era difícil de acreditar. Os insetos não eram incomuns em cadáveres, mas as larvas geralmente apareciam vários dias depois. Primeiro os pais tinham que botar ovos, depois eles precisavam de tempo para chocar.

O sangue também a incomodava. Estava coagulado e pegajoso depois de passar o dia todo exposto ao calor, mas a forma como se acumulara ao redor do cadáver indicava que este poderia não estar morto quando os insetos chegaram. Ela se virou para o médico mais baixo.

— Você esteve aqui a maior parte do dia? — Ele assentiu. Os vermes estão abrindo caminho para dentro do corpo ou estão saindo dele?

O homem nem precisou pensar. — Eles estão definitivamente saindo.

Trecho do Diário de Campo
Distrito de Dolpa, Nepal
5 de abril de 1889

Foi uma agonia diferente de qualquer outra que já experimentei. Eu ouvi o estalo alto do osso; então, a dor me soterrou como uma avalanche. Quando atiraram em meu cavalo ferido, senti inveja. Também me senti um idiota. Nossos Sherpas tinham avisado que os cavalos não eram páreo para as passagens difíceis nas montanhas. Oh, como me arrependi da minha escolha enquanto eles me arrastavam por horas em uma liteira improvisada.

Mas não devo reclamar. Já faz semanas desde a última vez que vimos sinais de assentamento humano. Esta pequena vila, pairando entre a terra e o céu, é um milagre. A barreira da língua é um problema; até mesmo nossos guias Sherpa não estão familiarizados com o dialeto. Talvez a culpa seja do isolamento geográfico? Meus Alpes austríacos não são nada comparados aos picos do Himalaia que formam um anel de sentinelas ao redor deste vale.

Depois de se preocuparem com a minha lesão por uma semana, os outros decidiram prosseguir sem mim. Senti uma estranha mistura de melancolia e alívio quando eles partiram. Ao que tudo indica, o caminho para Lhasa é ainda mais traiçoeiro do que o que já enfrentamos. Rezo para que eles tenham mais

sorte do que eu.

Os aldeões são amigáveis, mas é óbvio que não estão acostumados com estranhos. Meus olhos azuis e barba loira espessa são de particular interesse. Eu esperava encher as páginas deste diário com relatos da Lhasa proibida, mas terei de me contentar com este pequeno vale.

Jornal Online Japonês de Entomologia
7 DE FEVEREIRO DE 2053
Entomologistas em Kunming, China, identificaram uma nova espécie de Lepidoptera. O perfil genético revela grandes diferenças em relação a outras espécies conhecidas. As autoridades não informaram onde os insetos foram encontrados nem divulgaram nenhuma imagem.

Lien foi para o lado em sua cadeira de escritório, para que Tuan pudesse ler o artigo por cima de seu ombro. Não era surpresa que sua amostra não tivesse encontrado nenhuma correspondência no banco de dados EtoGenome. Mas ela ficou surpresa com a classificação. Ela sabia que os vermes não eram exatamente vermes. As amostras que eles tinham coletado do cadáver tinham pernas, o que implicava um inseto. Mas toda a sua experiência anterior a ensinara a esperar por vermes ou larvas em um cadáver, e não por lagartas. Será que Peder tinha realmente sido devorado por larvas de mariposa?

— Gostaria de ter acesso a um sequenciador de genoma —, disse Tuan... de novo. — Agora a China vai ganhar todo o crédito.

— Mas, Tuan, o Vietnã deveria estar grato por termos um irmão mais velho tão poderoso para nos cuidar e proteger.

A expressão de Tuan turvou. Ele provavelmente estava tentando decidir se ela estava ou não brincando. Lien o deixou refletir. Ela realmente não se importava com quem receberia o crédito pela descoberta, desde que ela tivesse acesso aos dados. E Kunming havia compartilhado o perfil de DNA completo.

O olhar de Tuan se dirigiu para o seu... peito? Ela olhou para o Neo Ao-Dai que estava usando. Ele tinha uma lótus rosa brilhante bordada em um fundo de seda preta. Ela olhou de volta para ele. Tuan ergueu os olhos rapidamente, claramente envergonhado.

— Eu gosto do seu top —, ele disse rapidamente. — Quero dizer, da sua blusa. É uma lótus, certo? Como você. — Lien ficou impressionada por ele ter feito a conexão entre o nome dela e a flor. Porém, ela ficaria muito mais impressionada se Tuan parasse de devorá-la com os olhos e voltasse ao trabalho.

— É uma pena —, disse ele após ela não responder. — A China ficando com todo o crédito. Eu estava pensando que talvez pudéssemos nomear a nova espécie em sua homenagem, já que você a descobriu.

Lien o encarou por um momento, depois ergueu uma sobrancelha. — Nós encontramos uma espécie de mariposa carnívora que devora pessoas vivas, e você estava pensando em dar meu nome a ela?.

Tuan congelou, depois sorriu. — Pensando melhor, acho que foi o Peder quem as descobriu primeiro. Então, talvez devêssemos nomeá-las em homenagem a ele. *Peder Fridelicacy*.

Depois de três horas examinando imagens de laboratório, Lien estava com um péssimo humor. Nada fazia sentido. Ela ajustou as configurações do prato refletivo 3D até que a imagem virtual ficasse nítida. Em seguida, girou a imagem flutuante em vários ângulos, aumentando e diminuindo o zoom. Quanto mais ela examinava, mais percebia que as peças não estavam se encaixando. Era óbvio que as larvas começaram dentro do corpo e foram devorando a carne para abrir caminho até a superfície. Mas, em primeiro lugar, como elas haviam entrado? Elas estavam presentes igualmente em todos os principais sistemas orgânicos, sem indicar uma origem central. Vermes parasitas geralmente se acumulam nos intestinos e depois migram para outras partes do corpo em um padrão previsível. Essas larvas estavam simplesmente... em todos os lugares.

Lien puxou uma série de laudos dos tecidos. Certamente, ela poderia estabelecer um cronograma básico para as infecções sistêmicas se procurasse o suficiente. Enquanto rolava a tela do laudo para baixo, ela notou algo - ou melhor, a falta de algo. Ovos. Os laudos forneciam contagens de larvas por centímetro cúbico e a porcentagem de dano ao tecido, mas nem ao menos uma referência foi feita aos ovos. Milhares de lagartas não surgiriam por geração espontânea. Então, onde estavam os ovos? Lien conferiu laudo após laudo. Nada de ovos em lugar nenhum. Isso não era apenas estranho, era impossível. A menos que as larvas tivessem entrado no corpo depois da eclosão.

Lien imaginou milhares de larvas microscópicas entrando em um hospedeiro e nadando através da corrente sanguínea para todos os sistemas do corpo, depois crescendo e se alimentando enquanto elas faziam seu caminho de volta à superfície. Mas como milhares de larvas poderiam entrar em um corpo de uma só vez? Talvez bebendo água contaminada? Não, o ácido do estômago iria destruí-las em minutos. A única opção viável parecia ser injeção direta na corrente sanguínea. Mas como uma mariposa poderia injetar tantas crias em um hospedeiro?

10 de abril de 1889
Nepal

Eu não poderia pedir um ambiente de recuperação melhor. Se não fosse pelas pequenas mariposas que pareciam saborear o gosto do meu sangue estrangeiro, eu diria que este lugar é o paraíso. Cada noite, enquanto aprecio o pôr do sol, os picos majestosos me fazem sentir pequeno em comparação, mas importante por inclusão.

Minha perna parece estar se recuperando bem, embora os moradores insistam para que eu não ande. A filha da curandeira, Nyima, cuida de mim. A menina provou ser uma companheira cativante. Ela é cheia da ousadia e curiosidade da juventude e adora me ensinar novas palavras. Acho que está tão ansiosa para aprender sobre a Áustria quanto eu para aprender sobre a sua aldeia.

16 de abril de 1889
Nepal

Eu continuo sendo atormentado por febres e calafrios neste vale insuportável. Os pais de Nyima insistem que estou passando por uma doença comum da infância, mas eu acredito que seja a altitude. Os únicos tratamentos que eles possuem são ervas amargas e um chá de manteiga horrendo que, sem dúvida, está repleto de propriedades medicinais, mas tem a mesma textura e aparência de ranho de iaque, e um gosto semelhante.

Tentar interpretar as incessantes perguntas de Nyima – meio gestos, meio palavras que mal posso imaginar - piora as minhas dores de cabeça. E eu não tenho ideia do motivo do bode feio dela ter que dormir aqui dentro com a gente. Manter os animais do lado de dentro é comum aqui. Mas o aroma resultante de dividir a casa com eles é horrível. Sinto falta dos lençóis limpos e dos aromas suaves de casa.

1 de março de 2053
Vietnã

Juntos, Tuan e Lien carregaram vinte gaiolas com ratos para a sala com o tanque de mariposas. A maioria das lagartas ainda estava na forma de crisálida, mas quase trinta delas haviam emergido como mariposas adultas. Chegara a hora de determinar o mecanismo de infecção.

Lien observou as mariposas adultas subindo nos galhos. Não havia nada de especial nelas. Tinham uma envergadura de apenas alguns centímetros e eram cinzentas e sem graça. Foi um pouco decepcionante, na verdade. Ela ergueu uma gaiola e a deslizou por entre um conjunto de ranhuras que a seguravam firmemente contra o tanque maior. As mariposas, que pareciam quase letárgicas um momento atrás, ganharam vida. Várias voaram em direção ao rato com tanta energia que colidiram com a barreira de plástico. Outras simplesmente se amontoaram na parede.

Lien desengatou uma trava de segurança e deslizou um pequeno painel para cima, criando uma passagem. Ela manteve a abertura o menor possível. Duas mariposas imediatamente rastejaram pela brecha. Ela soltou o painel rapidamente, fazendo com que uma mola embutida o fechasse. Uma terceira mariposa foi esmagada enquanto o painel era novamente trancado.

— *Shǎ guā!* — Lien disse, baixinho. — Eu acidentalmente peguei duas. — Um guincho agudo do rato indicou que ele já havia sido mordido. Aconteceu rapidamente.

— E outro rato morre em nome da ciência — disse Tuan, virando-se para pegar a próxima gaiola.

— Mas não sem resistir bastante — disse Lien. Tuan se virou para ver ao que ela se referia. O rato conseguira pegar uma das mariposas entre as patas dianteiras e estava mastigando seu corpo.

— E, em uma surpreendente virada nos acontecimentos —, disse Tuan — a mariposa comedora de gente é comida pelo rato comedor de mariposas. Será que ninguém mais está seguro?

Lien riu, mas estava ouvindo tudo pela metade. Ela olhou para dentro da gaiola de perto. Com base nas antenas e no abdômen, as duas mariposas pareciam ser machos. Pegando um marcador, ela rabiscou os dados na lateral da gaiola. — Você acha que deveríamos sedar os ratos?

Tuan pensou por um momento. — Pelo que sabemos, comer uma mariposa é o vetor de infecção.

— Então, você está dizendo que Fridell comeu algumas mariposas? — Lien perguntou.

— Você viu com o que alimentam os turistas nessas caminhadas? — ele disse, com uma sacudida dramática de cabeça. — Com certeza não se parece com nada que eu como em casa.

Lien olhou para a gaiola doze. — Será que temos alguma fêmea? — ela perguntou.

Tuan estava com o rosto pressionado contra o tanque, e as mariposas se acumulavam ao seu redor. Lien se sentiu grata pela barreira de plástico.

— Não vejo nenhuma — disse ele.

Lien se aproximou para ver por si mesma, apreciando o cheiro almiscarado do xampu de Tuan. Seus olhos pularam de mariposa em mariposa. Ele estava certo.

— É uma espécie nova — disse Tuan por fim. — Talvez elas tenham traços sexuais diferentes.

Lien acenou com a cabeça. — Ou talvez sejam como peixes-palhaço. Todos começam machos, mas os gatilhos ambientais transformam alguns em fêmeas conforme necessário.

Tuan se virou para Lien. — Você conhece mais fatos aleatórios do que qualquer pessoa que eu já conheci.

Lien não tinha certeza de como responder.

— Isso foi um elogio — acrescentou ele, estendendo a mão para colocá-la no ombro de Lien. Ela ficou surpresa com o gesto físico, mas não fez nenhum movimento para interrompê-lo. — Aposto que você é incrível com palavras cruzadas — disse ele.

Lien riu. — Na verdade, eu sou muito boa.

22 de abril de 1889
Nepal

Finalmente me ajustei à altitude. É maravilhoso estar livre das dores de cabeça. A língua continua a ser uma barreira frustrante, mas Nyima tem sido bastante paciente comigo, e agora consigo reconhecer uma variedade de palavras comuns. Comecei a fazer diagramas de árvores genealógicas, pois isso requer muito pouca linguagem. O sistema de herança feminina nesta aldeia me fascina. É comum que todos os irmãos de uma casa se casem com a mesma mulher. Eu arriscaria que essa prática seja feita como um mecanismo de controle populacional. A terra e os recursos são escassos, ainda assim poucas pessoas deixam o vale. É quase impossível determinar a paternidade com certeza, o que explica por que a proprie-

dade passa pela linhagem da mulher. Devo admitir que a ideia de dividir uma esposa com meus próprios irmãos me parece repugnante. Isso vai contra a decência cristã básica.

5 de março de 2053
Resumo do Laudo do Laboratório
Os ratos 3, 9, 17 e 19 apresentam resposta imunológica geral. Os ratos 2 e 15 estão em coma. Todos os ratos restantes não foram afetados. Nenhum sinal de ovos ou larvas.

Você sabia —, começou Tuan, tirando a atenção de Lien do laudo em que ela estava trabalhando, — que tem uma vespa que pode transformar lagartas em zumbis?

Lien retornou ao laudo. — Glyptapanteles — disse ela. Por um tempo, o silêncio foi interrompido apenas por cliques rápidos nas teclas do computador.

— Isso me lembrou do nosso caso — disse Tuan por fim. — A vespa injeta seus ovos dentro da lagarta. Eles eclodem, abrem caminho comendo para fora e então usam algum tipo de controle mental para fazer com que a lagarta moribunda proteja seus casulos.

Lien não respondeu. Ela realmente tinha muita coisa para fazer.

— Não seria incrível se essas larvas entrassem nos cérebros das pessoas e nos transformassem em zumbis que servem à rainha das mariposas?

No início, Lien estava tão concentrada em seu laudo que apenas murmurou em concordância. Mas então ela repetiu a frase em sua mente.

— Tuan, você assiste anime demais.

7 de março de 2053
Resumo do Laudo do Laboratório
Os ratos 3, 9, 17 e 19 voltaram à saúde normal. O rato 2 acordou do coma, mas sofre de tremores. O rato 15 permaneceu em coma até a morte (seis dias após a picada). Todos os outros ratos estão sem sintomas. Nenhum sinal de ovos ou larvas.

Lien apertou a máscara cirúrgica, configurou sua iRis para o modo de captura de dados, e depois e enfiou um bisturi no rato morto. Eles haviam esperado dois dias para que os vermes larvais aparecessem no cadáver. Nenhum aparecera. Enquanto ela retirava músculos e tecidos, não viu nada de anormal. O rato parecia ter morrido de desidratação.

Ela estava mais confusa agora do que uma semana atrás. Mais de cem mariposas, mas nenhuma fêmea. Vinte ratos expostos, mas nenhuma larva. Ela não sabia se ficava aliviada pelas mordidas não levarem diretamente a uma prole voraz ou se ficava preocupada por elas aparentemente poderem matar de qualquer maneira. Nada fazia sentido.

30 de abril de 1889
Nepal
Minha perna continua doendo profundamente, mas as dores agudas desapareceram. Consigo mancar por aí com uma bengala. Hoje, enquanto caminhava, encontrei um grupo de meninas amontoadas ao redor do cercado dos bodes. Nyima estava entre elas. "Bode morto", ela disse, apontando para um animal que rolava de um lado para o outro enquanto balia debilmente. Sua pele estava coberta de grandes feridas que escorriam sangue escuro no pelo branco e curto. Uma das pústulas estourou e um grande verme saiu do animal ainda vivo. Nyima repetiu as palavras "As filhas de Mara" três vezes. Quando pedi a ela que explicasse, disse-me o que interpretei como: O homem estúpido não comeu o bode. Agora Mara vai ficar com ele.

Assistir a uma criatura lutando para viver enquanto é consumida por parasitas é algo difícil de esquecer. Carne de bode é um alimento comum aqui no vale. Só espero não ter comido a carne de animais infectados. Perguntei a Nyima se as filhas de Mara já machucaram pessoas. Ela disse que isso não acontecia havia

muito tempo. Estou com medo de que quaisquer imunidades que os aldeões tenham desenvolvido não me protejam.

10 DE MARÇO DE 2053
Vídeo do YouTube pofNR_WkoCE-TrG
TODOS OS COMENTÁRIOS (6.148)
Comentários principais ˅

kidclub18 (17 min atrás)
OH MEU DEUS! Você consegue mesmo ver os vermes rastejando no vômito dela! Já ouvi falar de gatos vomitando vermes, mas gente? Isso é muito desagradável.

3BWolfish (4 min atrás)
Eu não consigo acreditar que idiotas como você realmente acreditam nessa merda. Cara. Ninguém vomita insetos. É fake com certeza.

Você precisa ver isso — disse Tuan, acenando para que Lien o seguisse para fora do laboratório.

— Estou no meio de algo — ela disse, colocando outro tubo na centrífuga.

— Não, é sério, você precisa ver isso agora.

Lien seguiu Tuan pelo corredor até seu escritório compartilhado, sentindo-se curiosa e irritada. Quando eles chegaram lá, ela pôde ver que havia um vídeo na tela do computador dele.

— YouTube? — ela perguntou com uma pitada de acusação em sua voz.

— Confie em mim. Isso é cem por cento relacionado ao trabalho — Tuan clicou em reproduzir.

A qualidade do som era horrível. Eles estavam falando inglês? Ela viu pessoas bebendo em um bar. A câmera focava uma garota com a cabeça abaixada sobre a mesa. Em volta dela, as pessoas estavam batendo os punhos e aplaudindo. A garota ergueu sua cabeça. Ela estava horrível. Rosto pálido e suado, mãos trêmulas. Ela levou um copo de shop aos lábios e o esvaziou. A multidão aplaudiu. Então a garota começou a engasgar. Várias pessoas saíram correndo para longe da mesa. O cinegrafista riu, então a garota vomitou por toda parte. Vômito vermelho vivo, cor de sangue fresco. A visão caiu rapidamente do rosto da garota para a própria mesa. A princípio, Lien pensara que os movimentos da superfície eram apenas o resultado de uma câmera trêmula, mas depois que sua visão recuperou o foco, ela viu dezenas de lagartas familiares.

— Onde isso foi filmado? — ela perguntou.

— Toronto, Canadá. Há dois dias. O vídeo já tem mais de cinquenta mil acessos. Eu diria que a ideia de 'manter o silêncio' está prestes a acabar.

2 DE MAIO DE 1889
NEPAL

Desde o incidente com o bode, estou intrigado com as palavras "filhas de Mara". O nome Mara me parecia vagamente familiar, mas não conseguia lembrar por quê. Hoje, enquanto lia meu livro sobre filosofias budistas, encontrei uma imagem intitulada "Mara tenta o Buda". Então eu lembrei. Mara é a rainha dos demônios.

12 DE MARÇO DE 2053
VIETNÃ

Lien seguiu o som de vozes raivosas pelo corredor. Eles estavam falando mandarim? Ela encontrou Tuan na sala das mariposas assistindo a uma discussão entre o diretor e um grupo de homens de terno.

— O que está acontecendo? — Lien sussurrou em Viet.

— O de sempre. A China quer assumir o controle do nosso projeto... e provavelmente desenvolver uma arma biológica.

Um dos homens olhou para eles, mas Lien duvidava que ele falasse Viet. A um comando de seu líder, os homens começaram a pegar as gaiolas e sair da sala.

— Larguem isso! — seu diretor gritou. Ele agarrou o braço de um homem. Assustado, o homem perdeu o controle do tanque de mariposas que estava levantando. Lien observou com horror enquanto a gaiola caía do balcão. Quando pousou, o painel la-

teral se abriu alguns centímetros. Uma mola fez com que a porta se fechasse novamente, mas já era tarde demais. Pelo menos uma dúzia de mariposas tinha escapado.

Antes que ela pudesse reagir, Tuan a empurrou bruscamente pela porta e a fechou com força. Ao virar-se, ela ficou surpresa por estar sozinha. Ela ouviu gritos vindos da outra sala, mas não se atreveu a abrir a porta. Em vez disso, ela olhou pela vidraça.

Tuan tinha agarrado o extintor de incêndio de emergência e estava borrifando tudo o que se movia. Quando a espuma gelada atingia as mariposas, elas caíam no chão. Eventualmente, os homens assustados se recuperaram o suficiente para começar a pisotear e esmagá-las. Tudo acabou em menos de um minuto. Assim que a sala ficou calma, Lien abriu a porta.

— Não se preocupe —, disse Tuan, — nós os pegamos — Mas sua garantia não a acalmou. Ela olhou com horror para o braço dele. Ali, logo acima de seu pulso, havia um grande vergão vermelho e um pequeno filete de sangue.

Tuan olhou para a mordida, depois olhou para as autoridades chinesas. Eles estavam cuidadosamente virando a gaiola caída de pé novamente. Tuan enfiou a mão no bolso do jaleco.

5 de maio de 1889
Nepal

Ontem à noite, Nyima me levou para visitar sua avó. O bode feio nos acompanhou, como sempre. Nyima acredita que a infeliz criatura lhe traz sorte. O objetivo da visita era aprender mais sobre as filhas de Mara. Eu questionei Nyima diretamente, mas ela se recusou a responder. Ela me disse que, por ainda estar na sombra de Mara, não deveria falar dela.

E então, fomos até a sua avó, que aparentemente havia deixado a sombra de Mara. Com ela aprendi uma lenda, a qual me esforçarei para repetir. Lembre-se de que meu domínio do idioma, ainda que em evolução, continua sendo bastante limitado.

Havia um jovem que cuidava dos bodes. Em uma noite, uma tempestade dispersou seu rebanho. Ele procurou diligentemente até que cada bode fosse localizado. Mas agora estava tarde, e o homem ficou cansado. No caminho para casa, ele pegou o caminho mais curto através da fenda de Mara, embora soubesse que a passagem era proibida.

Aproximando-se dele sob o aspecto de uma bela mulher, Mara tentou distraí-lo de sua tarefa. — Eu posso lhe oferecer todos os desejos de um homem — ela disse. — Meu corpo e meu amor são seus se você pedir.

O homem ficou em silêncio, e Mara pensou que havia vencido, até que ele abriu a boca para falar. — Eu tenho uma esposa em casa, linda e forte. O que mais eu poderia desejar?

Mara tentou mais uma vez. — Eu posso lhe oferecer poder e domínio sobre tudo que você encontrar.

O homem olhou para os animais reunidos ao seu redor. — Eu domino muitos bodes, e eles me seguem com carinho. Esse é todo o poder que desejo.

Agora Mara ficou com raiva. — Eu posso lhe oferecer luxos e riquezas, o suficiente para encher muitos vales. Não me rejeite novamente.

O homem não se intimidou. — Eu tenho filhos em casa, obedientes e amáveis. Que tesouro maior existe em todo o mundo?

Com isso, Mara ficou enfurecida. Tirando seu disfarce, ela revelou sua verdadeira forma, um demônio feroz e poderoso, com presas afiadas e a língua de uma cobra.

— Uma maldição eu rogo sobre todos eles — ela disse. — Sua esposa não viverá para ver seus filhos crescidos. Seus bodes vão alimentar as minhas filhas em vez das suas. E seus filhos viverão sempre na sombra da morte.

15 de março de 2053
Vietnã

Lien olhava para o relógio consternada - era realmente tão tarde? O laboratório era meio assustador no meio da noite. Os sons ecoavam agudamente no espaço vazio em vez de serem absorvidos pela conversa de fundo suave.

Ela *tinha* que descobrir isso. Tuan não terminaria como Peder Fridell. Se aqueles diabinhos famintos pensavam que iriam comer seu parceiro de laboratório, eles estavam seriamente enganados.

Fazia três dias desde que haviam colocado Tuan em quarentena. E três dias de sua ausência a fizeram perceber algo. Ela *gostava* de tê-lo por perto, ou pelo menos não gostava de não o ter, o que era a mesma coisa, não era? Não foi a primeira vez na vida que Lien desejou que sua amígdala se comunicasse mais diretamente com seu córtex frontal. Por que diabos a evolução achou que seria uma boa ideia injetar substâncias químicas emocionais na corrente sanguínea sem dizer ao resto do cérebro para que elas serviam?

Entrando em um feed de vídeos ao vivo, ela percebeu que não era a única pessoa acordada. Tuan estava deitado no chão de sua sala de quarentena, jogando uma bola de tênis na parede. Ela o observou no monitor por um tempo, esticou a mão até o botão do microfone, hesitou e então o apertou.

— Como está indo?

Tuan não olhou para o monitor de parede. — Noventa e oito. Noventa e nove. Cem — Ele pegou a bola uma última vez e se sentou. — Bem, a boa notícia é que minha mão esquerda está finalmente desenvolvendo algumas habilidades motoras finas. A pobrezinha sempre se sentiu um pouco inferior à sua contraparte.

Lien ficou surpresa por ele encontrar humor em um momento como esse. — Você parece estar de bom humor. Não está preocupado?

Ele deu de ombros e jogou a bola em sua cama de hospital. — Eu sou apenas preguiçoso. Imagine se eu processasse toda a angústia emocional de uma morte jovem e horrível, e então isso não acontecesse? Desperdício total de energia.

Lien ficou surpresa. Sua própria abordagem à vida era completamente oposta. Prepare-se para o pior - por via das dúvidas. Era a única maneira dela se sentir segura.

— Alguma novidade? — ele perguntou.

— Ainda não há sinal de parasitas em suas amostras de sangue e tecido. Porém, eu notei uma atividade interessante em volta da mordida.

— Interessante, como?

— Havia uma alta concentração de baculovírus.

— Isso não é incomum para insetos.

— É verdade, mas o veneno da mariposa devia estar carregado com a coisa, porque estava em toda a zona da mordida.

Tuan baixou os olhos reflexivamente para a crosta em seu braço. — Talvez seja alguma forma bizarra de ovo de mariposa, sabe? Um ovo sem casca.

— Ah não. Um vírus não contém nem perto do DNA suficiente para codificar um inseto. E nós observamos suas células de perto em busca de qualquer sinal de ativação viral, para garantir. Tudo parecia... bem — Lien torceu para que ele não tivesse notado a pausa.

— Há algo que você não está me dizendo.

Que ótimo. Ela não queria tocar no assunto até que tivesse mais informações. — Bem, o estranho é que os vírus se ligaram às glicoproteínas na sua membrana celular. E, então, se autodestruíram.

— Isso é bom, certo?

— Sim. Exceto que as glicoproteínas são muito específicas, como uma fechadura e uma chave. Então, como essas glicoproteínas reconheceram o vírus e, em seguida, desativaram-no com sucesso, a menos que suas células tenham encontrado o vírus antes?

— Então, uma nova espécie de mariposa aparece e me morde. Mas a resposta imunológica do meu corpo indica que posso ter sido mordido antes?

— Ou pelo menos que você já encontrou o vírus antes.

Tuan ficou em silêncio por um tempo. — É uma pena que a China tenha colhido todas as nossas amostras. Me pergunto se os ratos mostraram uma resposta semelhante.

Lien sorriu. — Quando você diz todas as nossas amostras, isso é um exagero.

Tuan caminhou em direção à tela da parede, claramente interessado. — O que você quer dizer?

— Bem, eu posso ter acidentalmente esquecido de contar aos funcionários visitantes sobre as amostras de sangue na centrífuga.

Agora, foi a vez de Tuan sorrir. — É sério? Estou impressionado. Você já considerou uma vida no crime? Provavelmente paga melhor. — Então, ele ficou repentinamente sério de novo — E o que você descobriu?

— Lembra dos dois ratos que morreram? As contagens de anticorpos estavam anormalmente altas. O que indica que o sistema imunológico deles estava lutando contra algo. Quando eu analisei as amostras usando uma resolução muito mais precisa, encontrei nosso amiguinho, o baculovírus.

10 de maio de 1889
Nepal

Quase meia noite, o vale derreteu. Infelizmente, isso significa que agora é um pântano lamacento de uma ponta a outra. Embora minha perna esteja indo bem, estou mais desajeitado do que costumava ser. Mesmo quando ando com cuidado, minhas roupas estão viradas em uma bagunça suja no fim de cada dia.

Nesta manhã, deparei-me com uma estranha tradição da aldeia. Um jovem havia queimado a mão, e Nyima estava ajudando a tratar o ferimento. Ficou claro pelas risadas e tagarelice de Nyima que ela estava apaixonada. Depois, eu a provoquei, dizendo que se os irmãos do homem fossem tão bonitos quanto ele, ela seria uma garota de sorte. Eu esperava constrangimento ou até irritação com essa brincadeira. Mas em vez disso ela pareceu chocada e confusa. Ela me disse que não poderia se casar com o homem e seus irmãos, porque eles eram "da cor errada".

A princípio, pensei que ela se referia a algum tom de cabelo ou pele que eu não havia percebido. Ela achou essa ideia engraçada, dizendo que a cor do corpo de uma pessoa não importava na escolha do marido. Ela ficou surpresa ao saber que nem todas as pessoas do meu país compartilham meus cabelos claros e olhos azuis.

Acabei descobrindo que Nyima estava se referindo à cor do cinto do homem. A aldeia se divide em dois clãs principais. Em características físicas e tradições culturais, eles são impossíveis de distinguir, pelo menos aos meus olhos estrangeiros. No entanto, o casamento entre os dois clãs é estritamente proibido. Um clã tece fios azuis em suas roupas, enquanto o outro usa amarelo. Eles tecem tantos padrões coloridos, com uma variedade tão grande de tons, que eu não havia percebido por conta própria. Mas agora não consigo parar de reparar em cada pessoa que encontro. Listras azuis. Listras amarelas. Mas nunca os dois.

Não consigo detectar nenhuma tensão entre os grupos. Eles trabalham e vivem lado a lado em relativa paz. Mas o casamento é proibido por fortes tabus. A infidelidade dentro de um clã é recebida com desaprovação. Mas a infidelidade entre clãs é um crime punível com a morte.

Quando perguntei a Nyima por que existia a regra do casamento, ela me disse que o homem da história, que irritou Mara, era do clã azul. Sua esposa era do amarelo. Em seu ciúme, Mara amaldiçoou o amor deles. Se azul e amarelo se misturarem, suas filhas aparecem.

Março de 2053
Universidade do Estado de Colorado:
"Insetos Parasitas Nematoides"

por P. R. Knutson e S. Anderson

Combatendo fogo com fogo, parasitas ingeridos podem ser capazes de atingir as larvas de Kunming e destruí-las antes que prejudiquem o hospedeiro humano. Insetos Parasitas Nematoides têm sido usados há décadas como pesticidas bióticos eficazes. Eles são inofensivos para pássaros, mamíferos e plantas, e oferecem uma possibilidade intrigante para a prevenção das mortes por Kunming.

Lien leu o artigo em seu tablet do escritório com interesse. Combater um parasita com outro parecia uma estranha forma de justiça cósmica. Embora convencer as pessoas a engolir uma pílula de lombrigas vivas não fosse ser fácil.

Bocejando, ela esticou os braços em direção ao teto e ouviu um estalo satisfatório. Fazia nove dias desde a mordida de Tuan. Os primeiros dias foram um verdadeiro inferno. Mas depois que ele passou a marca de uma semana livre de sintomas, ela começou a se acalmar.

Lien se levantou e foi até a sala de preparação. Ela precisava preparar outra série de diluição para seu caso do gorgulho d'água. Antes de entrar, ela colocou um par de óculos de proteção. Ela percebeu que sua mente vagava de volta para as mariposas Kunming.

O número de mortes confirmadas poderia chegar a quatro. E a polícia em Perth estava examinando um caso do ano passado que podia estar relacionado. Não há mortes suficientes para incitar o pânico global, mas o suficiente para interessar entomologistas em todo o mundo. Até agora, o vetor de transmissão era o maior mistério de todos. As vítimas não pareciam compartilhar nenhum vínculo. Quando a mariposa atacava, ela atacava rápido. As pessoas estavam bem em um dia e viravam cadáveres contorcidos no outro. Alguém estava testando uma nova arma biológica? Quem? E por que tão abertamente assim?

Lien ouviu uma porta se abrir atrás dela, mas estava focada na micropipeta em sua mão. Se alguém precisasse de algo, era só pedir.

— Sabe —, disse uma voz nervosa — você nunca disse obrigado.

Lien se virou em choque. *Tuan?* Sem pensar, ela largou a pipeta no balcão e correu para seu parceiro de laboratório. — Eu pensei que eles não iriam liberá-lo até amanhã — disse ela, envolvendo-o com os braços. Ele enrijeceu.

— Você está bem? — ela perguntou. Ele parecia preocupado com alguma coisa. Não poderia ser uma notícia ruim sobre sua condição, ou eles não o teriam liberado. Certo?

— Umm... na verdade... Passei os últimos vinte minutos no corredor tentando planejar essa conversa. Seria maravilhosamente profunda. Algo sobre a vida ser curta e como enfrentar a morte muda tudo. Mas agora que estou aqui, não consigo me lembrar bem dos detalhes.

Lien ficou confusa. Sobre o que ele estava falando? Então, de repente, ele se inclinou para frente, desviou dos óculos dela e avançou para um beijo.

O primeiro pensamento de Lien foi que ele não deveria estar na sala de preparação sem seus próprios óculos de proteção. O segundo pensamento de Lien foi que ela realmente não se importava com isso.

PARTE II

Kansas City Star

Editorial, 17 de abril de 2055

Restrições de viagens não são a solução para a crise de Kunming

Na sexta-feira, a Organização Mundial da Saúde anunciou que a contagem de mortes por Kunming havia passado de mil, intensificando os debates sobre sanções a viagens internacionais. Aqueles que acreditam que bloquear nossas fronteiras nos protegerá estão ignorando os fatos. Nos dois anos desde a descoberta da mariposa, foi mostrado repetidamente que

a proximidade física com outras vítimas não aumenta as chances de infecção. Esse debate polarizador é um desperdício de recursos. Em vez de adicionar mais camadas à segurança do aeroporto, devemos canalizar nosso financiamento para a pesquisa.

Lien terminou de ler o editorial, depois colocou Bao no ombro e esperou por um arroto. Tuan roncou alto do seu lado da cama. Normalmente, ela adoraria uma discussão que terminasse com mais investimento de dinheiro em pesquisa, mas esse artigo havia tocado num ponto delicado. O mundo já estava despejando dinheiro nesse buraco negro e até agora quase não houvera retorno. O universo não deveria seguir leis básicas? Então, como essa mariposa conseguira desafiar todas elas? Exceto a gravidade, como Tuan mencionou.

Ela examinou uma variedade de outras manchetes, lendo tudo o que havia de errado no mundo para o qual ela trouxera Bao. Abraçou o filho e esperou que encontrassem as respostas logo.

Lien pegou uma garrafa de Coca-Cola do estoque que mantinha embaixo da mesa do trabalho. Não tinha sido uma noite ruim, mas mesmo assim ela precisava de cafeína.

— Ok, vamos começar do início — disse ela ao homem no telefone. — Você é dono de uma loja de cobras chamada "O Jardim do Éden" e seus ratos de alimentação estão morrendo.

— Isso. No começo era apenas um. Então, eu o joguei fora. Achei que devia ter morrido alguns dias antes, e eu simplesmente não percebera. Agora eles estão todos morrendo, e os vermes estão por toda parte. Acho que é aquela coisa do Kunming. O que devo fazer?

Lien pensou. Um rato morto provavelmente tinha vermes dentro, e agora um lojista paranoico estava exagerando. Pelo que ela sabia, não havia casos da mariposa infectando não humanos. — Vou mandar alguém para coletar amostras — Quase como uma reflexão tardia, ela acrescentou: — De onde você tirou os ratos? Eles relataram algo estranho?

— É por isso que liguei para o seu escritório. Esses são os ratos que peguei de vocês.

Lien teve que processar a informação por um segundo. — Você... comprou ratos da gente?

— Sim, meu amigo do seu escritório disse que tinham extras dos quais precisavam se livrar, então eu os peguei.

Lien definitivamente teria que investigar isso. Fora uma violação grave de protocolo do escritório.

— Estarei aqui nesta tarde para recolhê-los pessoalmente.

15 de maio de 1889
Nepal

Hoje, os aldeões prepararam seus campos para o plantio. Ofereci-me para ajudar, mas me disseram (embora ordenaram possa estar mais perto da verdade) que minha perna não estava pronta para o trabalho. E, então, eu só observei. Percebi que as tarefas eram divididas por gênero e estado civil. Como uma mulher solteira, Nyima buscava água e cuidava de crianças pequenas. Fiquei surpreso ao ver outra mulher, claramente já passando da adolescência, carregando água também. Perguntei a Nyima por que a mulher ainda não havia se casado. Ela me disse que a menina era muito nova para ter filhos.

Perguntei a Nyima quantos anos uma mulher deveria ter. E, como tantas outras coisas nesse estranho vale, a resposta voltou para Mara. Disseram-me que todas as crianças nascem na sombra de Mara. E elas vivem na sombra de Mara até o trigésimo verão. Só então elas podem se casar e constituir famílias. Estou surpresa que o vale possa sustentar sua população com essas regras em vigor.

Eu disse a Nyima que, em meu país, a maioria das mulheres se casa por volta dos 20 anos. Ela não acreditou em mim, perguntando repetidamente sobre as "crianças amaldiçoadas".

Garanti a Nyima que as filhas de Mara não incomodam nossos filhos. Por fim, ela concordou que a Áustria deve estar tão longe que Mara nem sabe dela.

17 de abril de 2055
Vietnã

Então, o idiota decidiu que poderia ganhar alguns Yuan extras vendendo os ratos para uma loja de cobras — Lien estava de volta em casa reclamando com Tuan, que estava fazendo caretas ridículas enquanto balançava Bao em seus joelhos.

— Por que estávamos nos livrando dos ratos em primeiro lugar? — ele perguntou, antes de soprar uma framboesa.

— Algumas semanas depois que a China nos fechou, muitos ratos no tanque principal ficaram doentes e 'destruíram' todo o grupo — Lien estava tão envolvida no projeto do gorgulho aquático naquela época que nunca soube do ocorrido.

— Mas isso significa que os sintomas que observamos em nossos ratos não têm nada a ver com as picadas.

Lien balançou a cabeça. — Ou significa que tudo o que as mariposas fizeram aos nossos ratos foi contagioso. Se estivesse no ar, poderia facilmente ter voltado para o tanque principal. Em seguida, esses ratos foram vendidos para uma loja de cobras, e agora eles estão produzindo larvas de Kunming.

— Mas isso foi há mais de um ano. Por que as larvas não apareceram até agora?

— O que torna ainda mais estranho é quais ratos estão morrendo. O dono da loja ainda tem alguns ratos reprodutores da geração original. Eles estão bem. Isso só parece estar matando a prole cinco ou seis gerações abaixo.

Bao começou a chorar. Tuan tinha ficado tão absorto na conversa que parara de balançar. Lien estendeu os braços. O bebê estendeu a mão para ela, e ela o pegou.

— Mas o que eu não consigo entender —, disse Lien, acomodando Bao em seu quadril — é como os pais estão transmitindo o vírus para seus filhos. Talvez quando o sangue se mistura no nascimento?

— Mas Lien —, disse Tuan — os pais passam coisas para seus filhos o tempo todo — Ele apontou para Bao — Esse garoto se parece com você.

Lien não gostou de para onde isso estava indo. — Você acha que está no DNA deles.

10 de junho de 1889
Nepal

Continuei entrevistando os aldeões sobre as tradições de casamento. Quando uma menina nasce, seu casamento é arranjado imediatamente. Nyima sempre soube quem seriam seus maridos. Perguntei se ela ficava incomodada por não ter escolha no assunto. Ela disse que não havia razão para rejeitá-los. Perguntei com quem ela se casaria se pudesse escolher. Ela corou e se recusou a responder.

Nyima ficou espantada quando eu disse a ela que, em meu país, o casamento é entre uma mulher e um homem, e eles escolhem por si mesmos. Ela disse que a Áustria devia ser um vale muito grande para abrigar tantas fazendas e tantos bebês. Para mim, às vezes é difícil lembrar que esse minúsculo vale é o único mundo que ela conhece.

Svenska Dagbladet (Notícias Diárias Suecas)
22 de abril de 2055
Mariposa Kunming Atinge Irmã de Peder Fridell

Tora Fridell, uma irmã mais nova da primeira vítima de Kunming, contraiu a mesma doença. Tora é o segundo caso de um irmão infectado, levando especialistas médicos a especularem que a suscetibilidade aos parasitas pode ter uma ligação genética. No entanto, pouco se sabe até o momento sobre essa ligação.

A morte de Tora Fridell endureceu a determinação de Lien.

— Você tem certeza disso? — Tuan perguntou, recostando-se em sua poltrona favorita. — Você pode perder seu emprego. Ou pior.

— Tuan, você foi mordido. Se houver qualquer possibilidade de essa coisa ser passada geneticamente, então Bao está em risco. Você se lembra do que aconteceu da última vez. Assim que eles descobrirem que temos uma pista, vão tirar tudo de nós. Seremos totalmente afastados.

Tuan suspirou — Mas você não pode fazer a pesquisa daqui?

— Não temos acesso a um sequenciador de genoma. Se o vírus da mariposa realmente está interferindo em nosso DNA, vou precisar de um. Eu tenho contatos em Cingapura. Além disso, se encontrarmos algo grande, não tenho certeza se quero entregá-lo ao Big Brother — Ela ainda culpava o governo pela mordida de Tuan.

— Uma semana — ele disse por fim.

— Combinado — disse Lien — Já arrumei minhas malas.

Foi estranho ver a bandeira azul da União do Sul pendurada abaixo da bandeira vermelha e branca de Cingapura. Lien havia crescido acostumada com a estrela chinesa. Seu táxi parou em frente à Escola de Medicina Yong Loo Lin, e o motorista a ajudou a descarregar, resmungando sobre o peso do cooler. Ela se perguntou como ele reagiria se soubesse que o recipiente estava cheio de ratos mortos.

Enquanto o táxi se afastava, as portas de vidro da escola se abriram, e um professor apareceu. Lien reconheceu o marido de sua prima, Naresh Kapoor. Sem se preocupar em dizer olá, ele abriu o cooler e puxou um rato selado a vácuo para fora do gelo.

— Apenas mantenha meu nome fora dos relatórios —, disse Lien — e eles são todos seus.

Naresh balançou a cabeça para o lado em um aceno com sotaque indiano. — Vamos começar a analisá-los imediatamente.

16 de junho de 1889
Nepal

Hoje, ganhei minha primeira cabra. Agradeci muito, mas insisti que não precisava de uma. Meus protestos foram em vão. Disseram-me que, agora que eu tinha minha própria cabana, precisaria de uma cabra para me manter aquecido neste inverno. Provoquei Nyima dizendo que minha cabra não era tão feia quanto o bode dela e perguntei se ela queria trocar. Ela pareceu ofendida com a brincadeira. Disse que tem o dela desde criança e que ele mantém os demônios longe de sua família. Talvez depois de um longo inverno juntos, eu e minha cabra também nos tornemos bons amigos. Espero que Mara fique bem longe.

25 de abril de 2055
Singapura

Lien podia sentir Naresh espiando sobre seu ombro enquanto ela puxava as imagens ampliadas.

— Pronto — ela apontou para o lado esquerdo da tela — Todos os macacos do Grupo A desativaram o vírus imediatamente, mas os macacos do Grupo B iniciaram a replicação viral.

Naresh coçou a barba — Faz sentido. Os do Grupo A foram os macacos que expus a mariposas no ano passado, então eles criaram uma imunidade.

Lien balançou a cabeça — Não. Não acho que seja isso o que está acontecendo — Ela respirou fundo. Essa próxima parte era apenas uma teoria, mas as implicações eram sinistras — Acho que o vírus está se desligando porque a célula já está infectada.

— Você acha que os receptores celulares que desativam o vírus são codificados por DNA estranho? Interessante. Todo mundo vem supondo que eles são uma defesa imunológica.

— Pense nisso — disse Lien — Se esse for um retrovírus, dar-se ao trabalho de infectar um hospedeiro que já tem o DNA viral seria um desperdício total.

Naresh pensou por um momento — Mas nós tes-

tamos o vírus em dezenas de amostras de tecido humano. Ele desativa todas as vezes. Presumimos que a maioria dos humanos era imune. Nesse caso, isso significaria...

Ele parou, então Lien terminou por ele — que a maioria dos humanos já está infectada.

Noventa e oito por cento? — perguntou Tuan. Lien estava em seu quarto de hotel conversando por vídeo com o marido.

— Sim. Isso é quantas de nossas amostras humanas testaram positivo.

— Então, se sua teoria estiver correta...

— Então, este é um problema muito maior do que imaginávamos. Ainda não terminamos de analisar os dados do sequenciador do genoma. Esperamos aprender algo útil.

— Quando fui mordido —, disse Tuan — o vírus foi desativado. Isso significa que eu também tenho.

Lien acenou com a cabeça — Você e 98% do planeta.

— Mas como nós pegamos isso?

Ela suspirou — Se nos basearmos no que estamos vendo nos ratos, essa é uma questão para nossas tataravós.

21 de junho de 1889
Nepal

Ontem foi o solstício de verão, que a aldeia chama de "dia da luz". Duas mulheres, que haviam atingido o trigésimo verão, receberam coroas de flores. Nyima disse que essas mulheres vão se casar antes do fim do verão.

Parece que o "dia da luz" marca quando uma mulher sai da sombra de Mara, e a maldição é suspensa. Cada vez que peço a Nyima uma explicação, ela fica quieta. Ela acredita sinceramente que falar sobre isso atrairá a atenção de Mara para ela. Não desejo incomodá-la, mas esses medos tornam difícil reunir informações sólidas. Então, em vez disso, questionei sua avó. Ela me disse que as filhas de Mara se alimentam de muitas coisas. Yaks, bodes... até pessoas.

Quando uma criança nasce, Mara planta sua semente dentro dela. A semente leva muitos anos para crescer. Animais devem ser comidos antes que a semente germine. Mas as pessoas são diferentes. Seus espíritos lutam para vencer a semente do mal. Se seu espírito for forte, eles alcançarão seu dia de luz, e a semente morrerá. Mas se seu espírito for fraco, a semente crescerá e, quando florescer, as filhas de Mara aparecerão. Se uma mulher tem um filho antes de seu dia de luz, a criança carregará a semente de si mesma e de sua mãe, tornando duas vezes mais difícil escapar da sombra de Mara.

Perguntei a Nyima se ela já havia testemunhado uma morte humana pela sombra de Mara. Ela disse que não. Tenho muita pena desta aldeia. Tão presos pelo medo. Fico insinuando para Nyima que talvez Mara não seja tão poderosa quanto eles supõem. Quem sabe, minhas sementes de dúvida ainda podem brotar e ajudar a tirar essa aldeia da sombra da superstição.

Jornal Médico de Singapura
26 de abril de 2055
Vetor genético identificado como possível mecanismo de transferência da Mariposa Kunming
RESUMO

O perfil genético do veneno da mariposa Kunming revela oito cepas retrovirais diferentes. Ao entrar em uma célula somática, o vírus se replica e, a seguir, invade as células vizinhas. Ao entrar em uma célula germinativa, o vírus se fragmenta e entra no núcleo, transferindo seu DNA para a descendência futura.

A caneta de Lien rabiscou rapidamente no verso do resumo. O trem de alta velocidade a levaria para casa em apenas algumas horas, mas ela não conse-

guia parar de pensar nas novas descobertas. O que sabemos. Ela escreveu no topo da página e criou uma lista de tópicos.

Quando a geração zero é exposta pela primeira vez, o vírus se replica e se espalha. Aerotransportado. O baculovírus só poderia ser transmitido por meio de uma picada direta. Porém, uma vez mordido, o corpo hospedeiro produziria uma versão aerotransportada específica para aquela espécie. Mas quando a versão humana apareceu e se espalhou? Cem anos atrás? Duzentos?

Existem oito retrovírus distintos. Não era incomum que um vírus exibisse pequenas mutações. Mas quando eles examinaram a segunda amostra de veneno, identificaram um perfil completamente diferente do primeiro. Depois de sequenciar dezenas de amostras de veneno, parecia haver oito vírus distintos. Cada mariposa produziu apenas um deles.

Pessoas infectadas e seus descendentes não podem ser infectados novamente. Normalmente, os vírus são obcecados para se replicar, não importa como. Mas esses pareciam respeitar o território um do outro. Se um animal já tivesse sido infectado com a Cepa A, a Cepa B se recusava a ativar, mesmo com uma picada direta da mariposa. Será que esse foi um mecanismo que evoluiu para evitar que o vírus se proliferasse muito rapidamente? Se a população hospedeira fosse extinta, o vírus também seria.

O trem fez uma curva rápida, e a caixa de palitinhos Pocky escorregou do assento e caiu no chão. Ela se abaixou para pegá-la e olhou pela janela. À distância, podia avistar o perfil dos arranha-céus de Kuala Lumpur.

O DNA viral é transmitido a todos os descendentes futuros. Em células normais do corpo, o vírus bombeava replicações o mais rápido possível. Mas, ao penetrar nas células reprodutivas, ele se estilhaçava em pequenos fragmentos e invadia o núcleo. Vírus que entravam no DNA e eram passados para os filhos eram raros, mas não desconhecidos. Mas por que o vírus se fragmentava? Por que não se inseria como uma única peça? Talvez o vírus use a dispersão para se proteger da extração.

As crianças herdam cadeias virais de ambos os pais. Suspeitamos que as larvas não possam se formar a menos que todas as oito cepas estejam presentes. Isso explicaria o lapso multigeracional. Se o pai fosse infectado com a cepa A e a mãe, com a cepa B, a criança herdaria ambas. Supondo que todas os oito cepas fossem necessárias para o aparecimento das larvas, levaria pelo menos quatro gerações até que ocorresse a primeira morte. O acasalamento aleatório significaria que ocorreria muita redundância, com ambos os pais transmitindo as mesmas cepas. E, no entanto, os ratos mostraram que quatro ou cinco gerações bastavam.

Atualmente, não há como testar indivíduos para saber qual cepa eles carregam. Ironicamente, as amostras de ratos que Lien trouxera se mostraram inúteis. Como o vírus se dividia em segmentos ao entrar no DNA, era difícil para o sequenciamento genético determinar com certeza se uma cepa viral específica havia entrado em seu DNA ou não. Lien tinha certeza de que eventualmente eles encontrariam marcadores únicos, mas isso levaria tempo. Ela ficava louca por saber que era portadora do vírus, mas não ter ideia de quantas cepas ela havia acumulado. Seis? Oito? Ela já estava morta? E sempre que pensava em Bao, ela se sentia mal. Ele teria a combinação de Tuan e dela, colocando-o em um risco significativamente maior. Ela esperava que eles desenvolvessem testes genéticos em breve.

20 de setembro de 1889
Nepal

As primeiras geadas matinais colocaram o vale em modo de colheita. Ajudei a selecionar a cevada, tarefa geralmente reservada às mulheres. A lesão na minha perna ainda me impede de fazer trabalhos mais pesados. Foi uma boa oportunidade para conversar com várias das mulheres casadas. Aparentemente, Nyima tem espalhado minhas histórias da Áustria para qualquer um que quiser ouvir. Elas parecem não acreditar que nossas mulheres se casem tão jovens e tenham tantos filhos. Uma mulher sempre se referia aos meus relatos como "história de mentira", o termo delas para um conto

exagerado. Essa mesma mulher avisou Nyima para não encher a cabeça com meus estranhos costumes. Mas Nyima disse à mulher que um dia ela gostaria de viajar para o meu vale e ver por si mesma se o que eu disse é verdade.

26 de abril de 2055
Vietnã

Mesmo assim, os genes se acumulam mais rápido do que os modelos preveem — disse Lien — É como se o universo queira que eles se unam — Ela estava em casa havia apenas vinte minutos, e o pobre Tuan estava tentando digerir todas as novas informações.

— Mas nem todos os ratos morreram — disse Tuan, esperançoso. — Apenas alguns que conhecemos realmente desenvolveram larvas. Meu palpite é de que a porcentagem de infecção total em humanos é pequena. A maioria de nós provavelmente carrega apenas uma ou duas cepas em nosso genoma.

— Mas há quase dez bilhões de pessoas neste planeta. Se apenas um por cento de nós tiver o pacote completo em nosso DNA, estaremos diante de cem milhões de mortes. E a próxima geração será ainda pior.

Tuan ficou quieto por um momento. Lien se perguntou se ele estaria pensando em Bao. O bebê estava cochilando no sofá. Ele parecia tão em paz.

— Nada disso explica como um vírus está gerando mariposas em primeiro lugar — disse Lien, quebrando o silêncio — Você é quem tem um talento especial para pensar fora da caixa. Alguma ideia brilhante?

— Há uma caixa? — disse Tuan — Por que ninguém me conta essas coisas? disse Seu tom sincero foi compensado por seu sorriso característico — Ok, tudo bem. Mostre-me o que você tem e observe-me salvar sozinho a espécie humana — Ele pegou o tablet dela e começou a ver as imagens.

Algum novo *insight*? — Lien perguntou no jantar. Fazia mais de uma semana desde seu retorno de Cingapura, e Tuan passara horas analisando os dados.

— Na verdade, sim. Mas você não vai gostar.

Lien parou de comer. Ela não estava esperando uma resposta real.

— Acho que o DNA viral não codifica nas mariposas — disse Tuan — Ele está apenas marcando nossos próprios genes.

— O que você quer dizer? — Lien perguntou. A suposição de que o DNA viral se codificava nas mariposas parecia algo óbvio.

— Bem, noventa por cento dos genes encontrados em uma mosca também são encontrados em um ser humano. Eu imagino que uma mariposa seja semelhante. O DNA viral não precisa criar uma mariposa do zero. Ele só precisa ativar nossos próprios genes na ordem certa.

Lien pensou sobre isso por um momento. Tuan estava certo. Teoricamente, uma célula humana tinha o potencial de gerar todos os tipos de criaturas evolucionárias anteriores.

— Então, os nossos próprios genes estão sendo usados contra nós — disse ela, cravando um pauzinho em seu won ton.

— Exatamente — disse Tuan — É como um bom vírus de computador. Você usa o próprio código do sistema contra ele mesmo.

15 de outubro de 1889
Nepal

A neve iluminada pelo sol é dolorosamente brilhante, e Nyima me avisou que devo apertar os olhos quando estiver do lado de fora, para evitar a cegueira. Ficar preso dentro de casa me deixou inquieto. Passo as longas tardes ensinando Nyima a ler e escrever. Ela adora aprender novas "imagens sonoras" e mostra grande aptidão. Ontem, eu a peguei traçando seu nome na neve com um graveto... bem como o nome Pratik. Ela continua me garantindo que os dois são apenas amigos. Mas eu vi a maneira como eles olham um para o outro. É uma pena que não possam se casar.

27 de junho de 2056
Relatório INMPE do Vírus Kunming
Equipe A: *Genealogia*

Irmãos e filhos das vítimas de Kunming no Vietnã foram identificados. Acredita-se que esses indivíduos tenham uma probabilidade de 99,8% de uma eventual infecção por mariposas. Esses indivíduos foram notificados e desencorajados a ter filhos até que mais informações sejam conhecidas.

Equipe B: *Detecção*

Especula-se que indivíduos infectados secretam feromônios únicos que aumentam a atração sexual entre indivíduos portadores de diferentes cepas do vírus. Se estivermos corretos, esses feromônios podem fornecer um método alternativo para diagnosticar quais cepas virais um indivíduo carrega.

Equipe C: *Supressão*

A droga Triptofluorizina conseguiu retardar o crescimento das larvas de Kunming em testes. Mais pesquisas são necessárias para identificar potenciais efeitos colaterais no animal hospedeiro.

Equipe D: *Ativação*

Todas as vítimas conhecidas do vírus tinham idades entre 24 e 28 anos. A hipótese atual é de que o vírus é ativado quando o envelhecimento natural reduz os telômeros a um comprimento específico.

Mesmo em seu sono, o cérebro de Lien estava analisando o vírus Kunming. Frustrada, ela se sentou, tirando Bao gentilmente de sua perna. Talvez se ela lesse algo, limparia a mente. Tuan rolou. Ele ficou inquieto a noite toda. Por fim, ele saiu da cama e verificou o termostato.

— Tudo certo? — ela perguntou.

Ele ergueu a mão e beliscou a ponte de seu nariz.

— Parece que um baiacu furioso está preso dentro da minha cabeça.

Bao se virou de barriga para baixo e sentou. Olhou para os pais com olhos turvos. Em seguida, caiu mais uma vez nas pernas de Lien e voltou a dormir imediatamente. Tuan sorriu e entrou no banheiro. Lien o ouviu encher um copo de água. Ela podia ver o rosto dele refletido no espelho. Ele cuspiu na pia.

— Quỷ nhỏ! — ele disse. Alguma coisa no tom da sua voz gelou o estômago de Lien. Depois de tirar Bao de suas pernas, ela correu para o banheiro. Na pia, rastejando em saliva e sangue, havia um pequeno verme.

Lien correu pelo laboratório do INMPE. Ela abriu uma porta de armário, tirou garrafas e jogou-as no chão. Suas mãos trêmulas derrubaram alguns tubos de ensaio. Finalmente, encontrou os medicamentos antiparasitários. Eram os mais fortes que eles tinham.

Tuan estava sentado no chão, de olhos fechados. Bao tinha se arrastado até um armário baixo e estava tentando abri-lo. A pele dos braços e do rosto de Tuan estava se enchendo de pintinhas vermelhas. Parecia um caso feio de sarampo. Essa coisa se move rápido. Sua pele estava limpa quando ele acordara uma hora atrás. Ela despejou um punhado de comprimidos na mão, o dobro da dosagem usual.

— Começaremos com o Albendazol — disse, entregando os comprimidos a Tuan — E um pouco de Triptofluorizina.

Tuan colocou os comprimidos na boca. Lien encheu um copo de vidro na pia e entregou a ele. Ela pegou um pote plástico e começou a jogar uma variedade de medicamentos lá dentro. Quando ficou satisfeita por ter o que precisava, voltou-se para Tuan.

— Precisamos levá-lo a um hospital.

20 de dezembro de 1889
Nepal

Os dias são curtos e frios, e eu anseio pela

primavera. Às vezes, tempestades de inverno me impedem de sair da minha cabana por dias a fio. Quando isso acontece, minha querida cabra Anna é minha única companheira. Quando o tempo permite, eu caminho até a casa da família Pokhrel. Eles têm me ensinado a tecer. Meu primeiro projeto é irregular e seu padrão desprovido até mesmo da simetria mais básica. Mas o cobertor vai me manter aquecido, independentemente do quão feio seja. Cometi o erro de tentar incluir o amarelo e o azul no meu design, o que eu deveria ter percebido que causaria a ira de Mara. Infelizmente, o erro não foi percebido por algum tempo e fui forçado a desfazer horas de trabalho.

Ontem, passei pelo pátio de Nyima e fiquei surpreso ao ver Pratik emergindo do andar térreo, onde animais de grande porte são mantidos. Tentei falar com ele, mas ele disse que estava com pressa. Várias vezes ele olhou para trás, com uma expressão culpada em seu rosto. Pensei, a princípio, que ele tivesse roubado alguma coisa, e tinha acabado de decidir encontrar Nyima quando ela saiu pela mesma porta que Pratik. Ela ficou surpresa ao me ver e pareceu nervosa. Quando perguntei se estava tudo bem, ela disse que acabara de alimentar as cabras. Ela não sabe mentir muito bem.

28 de junho de 2056
Vietnã

Lien encheu o copo com gelo picado e voltou para o quarto de hospital de Tuan.

— Obrigado — disse ele, estendendo a mão desajeitadamente. Depois de despejar alguns pedaços de gelo em sua boca, ele se recostou no travesseiro e fechou os olhos. Lien tirou uma foto rápida e comparou-a com a que havia tirado na chegada. Ela ficou aliviada ao ver que as marcas de pústulas vermelhas não pareciam estar piorando. Talvez os antiparasitários estivessem funcionando. Talvez o truque fosse apenas pegá-los a tempo.

Então, ela notou um filete de sangue saindo da orelha esquerda de Tuan. Ela procurou um lenço de papel. Quando se curvou para enxugá-lo, viu um pequeno verme branco saindo do seu canal auditivo. Sem pensar, ela o agarrou com o lenço, puxou-o para longe do rosto do marido e o esmagou entre seus dedos. Isso não está acontecendo, ela pensou, enquanto se recostava na cadeira e começava a chorar.

Lien estudava os exames médicos de Tuan enquanto o médico passava as informações.

— Pelo que eu sei, esta é a primeira vez que alguém consegue interromper a infestação no meio do caminho — disse o médico. — Normalmente, já houve tanto dano pelas larvas... — ele fez uma pausa, olhando para ela sem jeito antes de continuar — ... pelas larvas se alimentarem do hospedeiro que sabemos muito pouco sobre as fases iniciais.

Lien acenou com a cabeça — Estima-se que haja apenas quatro horas entre os sintomas iniciais e a morte — Ela tentou falar com calma, mas um leve tremor em sua voz a denunciou.

— Os medicamentos que você está dando ao seu marido parecem ter retardado consideravelmente a progressão dos parasitas — continuou o médico.

Lien esperou pelo “mas”.

— Mas o dano ao corpo dele é tão generalizado que acho que suas chances de sobrevivência são pequenas.

Enquanto Lien folheava os exames de ressonância magnética, entendeu o que o médico queria dizer. O corpo de Tuan parecia ter milhares de pequenos tumores espalhados por todos os órgãos. O médico apontou para uma das manchas brancas.

— Esses ovos são pequenos. Mas há tantos deles espalhados por órgãos importantes que o corpo dele não será capaz de funcionar por muito tempo. Seus órgãos principais já estão parando. E, apesar dos medicamentos, mais ovos continuam a surgir.

Lien largou as imagens na mesa. Ela era uma grande especialista na mariposa Kunming. Se al-

guém podia salvar Tuan, era ela. Mas o médico estava certo, seu marido era um homem morto, e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Jornal Diário do Povo (China)
29 de junho de 2056
Congresso Nacional do Povo Aprova a Lei de Proteção da Linhagem

O Congresso do Povo respondeu decisivamente à epidemia de Kunming na noite passada ao aprovar um projeto de lei que visa prevenir a propagação dessa doença. A lei inclui abortos obrigatórios para bebês em gestação de cidadãos com Alta Probabilidade de Infecção (API) e recomenda abortos para casais com Moderada Probabilidade de Infecção (MPI). Essas categorias são baseadas na proximidade genética de vítimas conhecidas.

O secretário-geral Yang Shangkun fez um apelo para que "todas as pessoas se unam contra esse poderoso inimigo que ameaça a pureza de nossos filhos". Um site e uma linha direta foram criados para os cidadãos denunciarem casos suspeitos do vírus Kunming, bem como violações da Lei Protetiva da Linhagem. "Devemos deixar de lado nossos sonhos individuais", declarou o general Yang, "para proteger os sonhos futuros da família humana".

Lien observou enquanto Bao cambaleava desordenadamente em sua direção sobre o ladrilho do hospital. Seu sorrisinho estava terrivelmente fora de sincronia com o peso escuro que ela sentia por dentro. Ele caiu bruscamente no chão, bateu a testa e começou a chorar. Ela sabia que deveria caminhar até ele e confortá-lo, mas ficou em sua cadeira, perto da cama de Tuan, sentindo-se estranhamente desconectada de tudo.

Ela tentara tudo o que pode imaginar com Tuan. E, por um breve tempo, ela pensou que talvez, apenas talvez, tivesse sido o suficiente. Mas não foi. Ela se sentia impotente. Gostava de acreditar que vivia em um mundo onde o conhecimento e a habilidade poderiam protegê-la. Se você soubesse o suficiente, se desse duro o bastante, você estaria segura. Mas isso não era verdade. Não quando seu próprio DNA estava programado para destruí-la.

Os gritos de Bao finalmente a tiraram de seus pensamentos. Ele havia se virado e parecia confuso com a indiferença dela. Enquanto Lien olhava para o filho, foi repentinamente inundada pela raiva. Não. Era mais do que raiva. Ódio. Por um momento, ela não viu o filho, mas sim a doença dentro de cada célula de seu minúsculo corpo. Os parasitas vorazes que devorariam tudo o que ela amava. Enquanto olhava, sentiu nojo. Quis gritar para que ele ficasse quieto. Fugir do hospital, e de tudo que ele representava, e nunca mais voltar.

Mas tão rapidamente quanto as emoções estranhas se formaram, elas derreteram, substituídas por uma vergonha ardente. Como pude pensar isso? Ela olhou para a porta nervosamente, com medo de que algum passante pudesse, de alguma forma, ouvir seus terríveis pensamentos. Então, ela correu para Bao e ergueu seu corpo agitado do chão. Acariciou suas costas, seu rosto, seus braços. Ele não era nojento. Era precioso. Era tudo o que ela tinha. Depois que a criança se acalmou, Lien olhou para o relógio na parede. A enfermeira estaria ali em breve — É hora de dizer adeus ao papai — ela sussurrou no ouvido de Bao, virando-se para que ambos pudessem encarar a forma imóvel na cama.

Dez minutos depois, Lien observou enquanto a enfermeira injetava a linha intravenosa de Tuan com um estimulante para eliminar os analgésicos pesados em seu sistema. Como o médico havia previsto, os principais sistemas orgânicos de Tuan continuaram a se desligar. Seus rins e fígado foram os mais atingidos, deixando sua pele com um tom não natural. Lien sabia que o estimulante só lhe daria alguns minutos e que o esforço feito pelo coração de Tuan poderia até encurtar o tempo que ele ainda tinha, mas ela implorou aos médicos que o acordassem. Ela precisava dele acordado e alerta. Ela precisava de um adeus oficial.

Bao estava sentado em seus joelhos, segurando a grade da cama. Ele observava o homem na cama. Lien achava que ele não reconhecia seu próprio pai.

Depois de um momento, ela se abaixou e balançou o ombro de Tuan suavemente. Ela disse o nome dele várias vezes, falando cada vez mais alto a cada repetição. Eventualmente, os olhos dele se abriram.

Agora que chegara a hora, ela não sabia o que dizer — Olá — Ela finalmente disse — Eu trouxe Bao para dizer... Olá — Ela sabia que Tuan repararia na pausa.

Tuan ergueu os olhos para ela — Então, é tão ruim assim — disse ele. Ela acenou com a cabeça. Ele ergueu a mão e acariciou o braço de Bao com o dedo — Me desculpe.

Lien ficou genuinamente surpresa — Desculpe? Pelo quê? Nada disso é culpa sua.

Tuan apoiou o braço de volta na cama — Me desculpe por deixar você — disse ele — E eu sinto muito que Bao esteja... por minha causa Bao é....

Lien não queria que ele terminasse a frase. Ela temia que dizê-lo em voz alta tornasse tudo real. Então, ela terminou por ele — Por sua causa, Bao é o bebê mais adorável da Terra.

Tuan sorriu — Acho que ele herdou isso da mãe — Então, seu rosto ficou sério — Lien. Eu não quero morrer. Nunca, é sério. Mas com certeza não assim. Então, faça uma coisa por mim, ok?

Lien sentiu seus olhos lacrimejarem, mas ela lutou o melhor que pôde contra as lágrimas. Ela pegou a mão dele — É claro.

— Desvende tudo isso — disse ele.

Lien acenou, concordando.

PARTE III

Site: www.oilremediz.etc
Atualizado em: 12/01/2057
NOVO O que os médicos não querem que você saiba sobre o vírus Kunming!!
Os óleos naturais são usados há muito tempo para repelir insetos de casas, jardins e até mesmo de nossos corpos. Esta nova mistura foi projetada especialmente para atingir a mariposa Kunming e limpá-la de seu sistema antes que possa causar danos. Para comprar para você e sua família, clique no link a seguir.

Por que eu não pensei nisso? Lien refletiu sarcasticamente enquanto lia o anúncio. Se Tuan tivesse bebido mais chá de hortelã com pimenta, ele ainda estaria vivo. As pessoas acreditavam no que queriam acreditar. E, agora, elas queriam acreditar que o pesadelo de Kunming poderia ser evitado. Ela estendeu a mão para o shake de manga em sua mesa de centro sem tirar os olhos da tela, levou o canudo à boca e ficou surpresa ao encontrar o copo vazio. Ela não lembrava de tê-lo terminado. Mesmo com a noz de areca em pó, ela estava atingindo seu limite.

Nos seis meses desde a morte de Tuan, Lien ficara obcecada em identificar a origem histórica do vírus. Sua esperança era de que as genealogias das vítimas levassem a uma fonte comum, um marco zero. Mas, até agora, ela não tinha encontrado nenhum padrão. Havia linhagens familiares que remontavam a todos os continentes povoados em todas as direções possíveis. Em vez de focar em uma fonte histórica óbvia, as genealogias revelavam milhares de possíveis vetores de infecção a serem explorados. Era hora de admitir a derrota. Essa abordagem era um beco sem saída.

A maior parte do financiamento do instituto estava sendo direcionada para outras direções. A corrida global pela cura alimentava uma variedade de testes clínicos projetados para impedir que o vírus fosse ativado ou para removê-lo do genoma por meio de terapia genética. Lien não achava que eles teriam sucesso. Não tão cedo. O vírus era muito complexo, espalhando-se e ramificando-se por todo o DNA natural como um enorme carvalho. Fazia o HIV, que levara quarenta anos para ter a cura encontrada, parecer uma noz.

Se ela ao menos conseguisse descobrir de onde ele veio, como tudo começou, talvez pudesse ajudar. O instituto a apoiava. Depois de tudo o que ela fizera, depois do que acontecera ao seu marido, ninguém ousava dizer não a ela. Mas ela estava trabalhando

sozinha. Assim era bom. Atualmente, ela gostava de ficar sozinha.

O maior problema era o fato de que os portadores do vírus não apresentavam sintomas externos. Vasculhando os registros históricos, era impossível identificar quais pessoas eram portadoras do vírus ou quais cepas elas possuíam.

Se ao menos houvesse um sinal óbvio, algo que pudesse ser rastreado. Ela fechou os olhos e deixou seus pensamentos vagarem pelos remoinhos aleatórios que precediam o sono. Logo, ela estava pensando em Tuan, lembrando-se de como eles se conheceram, de como trabalharam juntos. Ela o vira no laboratório naquele dia, empurrando-a porta afora para protegê-la, sem saber que era inútil. Que ele já era um homem morto muito antes da mariposa o morder. Ela se lembrou dos ratos sendo carregados em suas gaiolas. Os chineses tiveram tanto cuidado para levar todos os fragmentos da pesquisa com eles. Mas eles não sabiam que estavam deixando o vírus para trás. Ele já estava no ar, infectando os outros ratos na gaiola principal.

Os olhos de Lien se abriram. Os ratos no tanque principal ficaram doentes quando expostos ao vírus transportado pelo ar. Se a primeira geração de humanos expostos tivesse respondido da mesma maneira, então talvez ela pudesse encontrar evidências disso nos registros históricos.

Quando uma mariposa morde alguém, o corpo só vai replicar o vírus e se tornar contagioso se você ainda não carregar nenhuma das cepas. Isso significava que as picadas de mariposa e a "gripe" que elas geravam eram uma ameaça para apenas 2% da população atual. Mas a primeira geração estaria livre de vírus. Isso significava que todos estariam suscetíveis à doença. E os sintomas exibidos pelos ratos infectados eram únicos: convulsões, comas, algumas mortes. Certamente, uma epidemia como essa teria deixado um rastro.

6 de maio de 1890
Nepal

É difícil acreditar que, em três dias, eu estarei deixando este vale para sempre. A aldeia realizou uma festa esta noite em minha homenagem e concedeu uma variedade de presentes. Aceitei cada presente com um sincero agradecimento, tendo aprendido há muito tempo que recusá-los é um grande insulto. Eu tinha meus próprios presentes para dar, várias bugigangas da Áustria.

Tentei dar a Nyima meu livro sobre os costumes budistas. Está muito além de seu nível de leitura atual, mas achei que ela iria gostar das várias ilustrações. No entanto, ela ficou com raiva e jogou-o no chão. Ela gritou que me odiava. Nunca vi Nyima tão chateada antes e não tenho certeza se ela está com raiva por eu estar indo embora ou se há algum outro fator em jogo. Espero que possamos consertar as coisas novamente antes de eu partir. Mais tarde, naquela noite, eu a vi discutindo acaloradamente com Pratik. Talvez ele seja o verdadeiro alvo de sua raiva.

Embora eu esteja curioso para saber se meus companheiros conseguiram chegar a Lhasa, não sinto mais o ciúme que sentia antes. Eu experimentei a alteridade de uma forma que nunca sonhei ser possível. Este vale se tornou uma parte de mim. E espero que, de alguma forma, eu também tenha deixado minha marca por aqui.

National Geographic
Janeiro de 2057
Sobrevivência do mais distante: quais fundos genéticos escaparam da catástrofe de Kunming?

Estima-se que dez mil bebês nasçam todos os dias com o vírus Kunming completo, e até cinquenta milhões de pessoas já possam estar infectadas. Existe alguma população imune a essa crise? A resposta é sim. Os descendentes de grupos historicamente isolados, como os Kalahari Saan, os Andaman Sentinelese e os Yanomami da Amazônia, podem ter motivos para comemorar...

12 de janeiro de 2057
Vietnã

Lien fez uma pequena pausa para ler seu feed de notícias enquanto fervia água para o pho. Depois de engolir o macarrão voltou à sua pesquisa sobre as epidemias globais do século XX. Algumas delas a surpreenderam. A peste bubônica atingira São Francisco em 1900 e depois migrara para a China. *E eu sempre tinha associado a Peste Negra com a Idade Média e a Europa*. Havia entradas menos exóticas na lista. Gripe. Ebola. Zika. Mas nenhuma delas se encaixava no perfil de sintomas que ela procurava.

Ela restringiu sua pesquisa colocando nas palavras-chave "coma e convulsões". Ficou satisfeita em ver que isso encurtou significativamente a lista de possibilidades. Perto do topo da página, um trecho chamou sua atenção.

Encefalite letárgica: comumente referida como "doença do sono". Os sintomas incluem febre alta, dor de garganta, dor de cabeça e visão perturbada. Em casos graves, o paciente pode entrar em coma e ter tremores semelhantes aos do Parkinson. Fatal em um a cada três casos. Causa desconhecida.

Essa é uma descrição quase perfeita dos ratos originais que expusemos às mariposas. Lien ficara animada. Esta foi a primeira grande pista que ela teve em semanas. Ela clicou no link para ler mais.

Estima-se que a encefalite letárgica tenha matado mais de cinco milhões de pessoas em todo o mundo entre os anos de 1915–1926. Varreu o globo rapidamente e, então, desapareceu. A causa nunca foi identificada, mas acredita-se que tenha começado na Áustria. Por causa de sua proximidade histórica com a Influenza Espanhola (1918), muito mais mortal, a pandemia de encefalite letárgica é frequentemente esquecida pelos historiadores.

Lien sentiu uma onda de triunfo. *É isso! É realmente isso*. Ela fez alguns cálculos mentais. O artigo afirmava que cinco milhões de pessoas haviam morrido e que a doença teve uma taxa de mortalidade de um a cada três. Isso significava que havia quinze milhões de casos em todo o mundo. Sua própria experiência com ratos infectados mostrara que apenas um décimo deles desenvolveu algum sintoma. Isso significava que o valor real da infecção estaria perto de 150 milhões. Lien rapidamente pesquisou a população mundial em 1920. Se ela estivesse certa, esse vírus havia entrado no fundo genético mais de 130 anos atrás, ao infectar 8% da população mundial. Algo acontecera na Áustria em 1915. E Lien iria descobrir o que era.

8 de maio de 1890
Nepal

Eu não consigo parar de tremer as mãos. Tantas emoções estão girando aqui dentro. Raiva. Medo. Culpa. O que eu fiz? E o que posso fazer para consertar isso? Preciso de tempo para pensar. Mas minhas escoltas partem pela manhã, então devo decidir agora.

Nesta tarde, notei uma multidão se reunindo perto do grande zimbro. Suas vozes raivosas carregadas pelo vento. Ao me aproximar, vi uma pequena figura encolhida em frente ao poço, escondendo seu rosto com um xale. Uma mulher idosa cuspiu na garota e gritou. "Você traz a Mara para todos nós". Vários homens seguravam pedras. Eu procurei na multidão desesperadamente por Nyima, precisando de alguém para me dar explicações. Mas não consegui vê-la em lugar nenhum. Naquele momento, eu soube.

Ha Noi > Craigslist > Comunidade > Grupos
3 de fevereiro de 2057:
Jantar/Café Mensal do Grupo da Rede de Apoio ao Kunming

Você ou alguém que você ama testou LC-8 para o vírus Kunming? Saiba que você não está sozinho. Venha aproveitar os pontos fortes de cada um e aconselhar-se com pessoas que sabem exatamente pelo que você está passando. Encontramo-nos na primeira quarta-feira de cada mês. Todos são bem-vindos.

Lien caminhava lentamente pelos becos estreitos que serpenteavam entre os apartamentos de muitos

andares. Acima de sua cabeça, dezenas de longas varas de bambu carregadas de roupas molhadas estendiam-se dos peitoris das janelas. A cidade estava se preparando para o Tet Nguyen Dan. Bao agarrou-se com força ao dedo indicador dela, cambaleando ao seu lado. Seu outro braço estava repleto de sacolas cheias com preparativos para as festividades de amanhã. Bao olhava para as brilhantes decorações vermelhas com fascínio, e vários estranhos sorriam e lhes desejavam boa sorte para o novo ano.

Quando chegaram ao prédio, ela colocou Bao no quadril e começou a subir as escadas. Ele estava ficando enorme. Ela não conseguia acreditar que ele faria dois anos amanhã. E que ela faria vinte e oito anos. *Vinte e oito anos e viúva*.

Livrando-se dos pensamentos infelizes, ela beijou Bao na bochecha.

— Pelo menos você não será órfão — disse.

Seu próprio perfil de feromônio era LC-6, o que significa que ela carregava apenas seis das oito cepas de Kunming. Ela sentiu simpatia pelos milhões em todo o mundo que estavam recebendo resultados de LC-8. A morte de Tuan fora difícil o suficiente. Lien pensou que saber com antecedência só teria piorado as coisas.

Lien deixou Bao apertar a campainha — Só uma vez — o lembrou.

Sua mãe abriu a porta e pegou Bao, que estava ansioso para abraçar a *bà nội*. Lien levou as sacolas para a cozinha e começou a retirar algumas frutas de dentro.

— Como foi? — sua mãe perguntou.

— Deprimente — Lien respondeu com sinceridade. Sua mãe havia insistido para que ela tentasse o grupo pelo menos uma vez, mas ela ainda não estava pronta para falar sobre Tuan com estranhos. Lien ficou feliz por sua mãe não ter feito nenhuma pergunta complementar.

Bao começou a balbuciar algo indecifrável. Sua mãe acenou com a cabeça e deu uma resposta vaga — Oh céus! É mesmo? — Bao parecia encantado com a atenção. Ele tinha passado bastante tempo com sua avó desde a morte de Tuan. Às vezes, Lien sentia ciúme do relacionamento deles. Lien era a malvada que o fazia escovar os dentes e comer verduras. A vovó, por outro lado, era sua melhor amiga.

Lien sabia que, em parte, isso era sua culpa. Ela havia ficado obcecada com seu trabalho, ignorando Bao enquanto vasculhava os dados. A resposta sempre parecia estar fora de alcance. Se ela ficasse ali mais cinco minutos, ela a encontraria. Mas cinco minutos frequentemente se transformavam em cinco horas. E ela não estava mais perto de uma solução do que antes.

Lien se sentiu dividida. Ela queria ficar com Bao, levá-lo ao parque e comer manga. Mas cada vez que olhava para o garoto, ela *as* via. Milhares de minúsculas larvas famintas apenas esperando para sair. E o relógio estava correndo. Ela não poderia parar até saber que ele estava seguro.

Sua mãe entrou na cozinha. Bao foi atrás, como um filhote de patinho.

— Deixe-me ajudá-la a descascar o *nhan* — disse.

Colocou Bao em sua cadeirinha, entregou-lhe um pedaço de melancia, e se sentou, pegando uma faca.

— Você ouviu falar de São Francisco? — sua mãe perguntou.

Lien acenou com a cabeça — Esses cultos são uma loucura.

Sua mãe suspirou — Quarenta e sete portadores de Kunming? Quinze deles crianças? Esse é um dos maiores suicídios em massa desde a seita do Portão do Céu.

Lien estava prestes a mudar de assunto quando seu bolso vibrou. Ela enxaguou as mãos pegajosas e abriu a mensagem. Era de um velho amigo de escola que agora trabalhava na Alemanha.

Você estava certa. Encontrei algo interessante.

A mensagem veio com alguns anexos. Era uma cópia borrada de algumas certidões de óbito da Áustria, bem como alguns relatórios de autópsia bastante incomuns.

8 de maio de 1890
Nepal

A mãe de Nyima tentou me acalmar. Ela disse que cabia ao primeiro pai decidir, e ele era um homem muito gentil. Mas eu não me senti melhor. O ancião da aldeia estava claramente chateado, assim como muitos outros. Apesar de suas palavras, a mãe de Nyima também parecia preocupada.

Eu perguntei a ela o que Nyima havia feito. A princípio, ela deu uma resposta vaga, dizendo apenas que Nyima tinha irritado Mara. Mas eu continuei a pressionar, e ela me disse que Nyima plantara uma semente proibida dentro de si. Ela estava grávida. Grávida de uma criança amaldiçoada que precisava ser destruída. O pai de Nyima deveria decidir agora se mataria Nyima e a criança juntas ou esperaria até o nascimento, para matar apenas o bebê.

E, assim, um grupo de homens adultos estava aguardando com pedras, enquanto uma garota indefesa se encolhia de medo e vergonha. Tentei reter julgamentos durante minha estada aqui. Tentei ver o mundo com os olhos desta cultura e aceitá-la. Mas ao ver Nyima tremendo no chão, cercada por homens furiosos, algo dentro de mim estourou.

Encaminhado em 3 de fevereiro de 2057
para Nguyen_Lien@INMPE.org
Tradução das Certidões de Óbito:

Data: 12 de novembro de 1915
Local: Klosterneuburg, Áustria
Nome: Nyima Giri
Gênero: Feminino
Idade: 52
Local de Nascimento: Nepal
Causa da morte: Estrangulamento.
Nota do Médico Legista: parece ter cometido suicídio por enforcamento. A proximidade com o corpo de sua filha sugere que pode ter estado envolvida na morte da filha ou então que ficou traumatizada por sua descoberta.

Data: 12 de novembro de 1915
Local: Klosterneuburg, Áustria
Nome: Kshyama Giri
Gênero: Feminino
Idade: 25
Local de Nascimento: Melk, Áustria
Causa da Morte: Desconhecida.
Nota do Médico Legista: No momento em que o corpo foi descoberto, já havia sido severamente danificado por insetos. Vizinhos afirmam ter visto Kshyama apenas dois dias antes de seu corpo ser descoberto. Nunca vi insetos que aparecessem tão rapidamente ou que consumissem um corpo tão completamente.

Lien estudou a data nas certidões de óbito. Novembro de 1915. Uns poucos meses depois, o neurologista austríaco Constantin von Economo encontrou os primeiros casos conhecidos de encefalite letárgica. Essa era definitivamente uma peça do quebra-cabeça.

A primeira vítima era uma mulher do Nepal. Mas o que ela estava fazendo na Áustria? Lien anotou os nomes: Nyima e Kshyama Giri. Após seis meses de busca, finalmente encontrara o Paciente Zero.

8 de maio de 1890
Nepal

Abri caminho forçosamente pela multidão e levantei Nyima. Ela parecia tão pequena em meus braços. Eu não disse nada. Só fiquei lá, olhando para a multidão. Nyima agarrou a frente do meu casaco e escondeu o rosto em mim, soluçando.

— Por favor. Me leve com você — ela implorou — Leve-me para longe, onde Mara não possa me encontrar.

Catholic Digest
5 de abril de 2057
"Um vírus não muda nada"
por Edward Rowley

Os tumultos da semana passada em Frankfurt mostram o quão eticamente complexa

essa situação se tornou. Depois que o "Relatório Kunming" foi divulgado pelo W.H.O, muitas pessoas estão se perguntando qual será o próximo passo. O perfil de DNA deve ser obrigatório? Será ele um registro público? Os desenvolvimentos na Confederação Chinesa alimentam os temores de que os EUA possam adotar uma política semelhante de "Não Tolerância". As pesadas tentativas da China de "purificar a linhagem humana" lembram-nos dos trágicos erros de nossa própria história. E, no entanto, não fazer nada parece igualmente desagradável. Moderados (políticos de centro) em Washington estão atualmente defendendo uma "Lei de Divulgação Total", que exigiria que todos os cônjuges compartilhem perfis virais para que as escolhas dos pais sejam totalmente informadas. Já os extremistas clamam que isso não é o suficiente. Eles acreditam que o governo deve "prevenir ativamente" o nascimento de infectados. A Igreja Católica já se posicionou publicamente contra medidas extremas, declarando com firmeza: "Todas as vidas humanas são sagradas. Um vírus não muda nada".

Lien tirou o braço lentamente de baixo de Bao e colocou um travesseiro para impedi-lo de cair da cama. Desde a morte de Tuan, ele se recusava a dormir se não fosse abraçado.

Entrou na sala e abriu o grande envelope pardo que finalmente chegara. Ela havia levado oito semanas para rastrear o conteúdo desse envelope. Primeiro, encontrara os registros de imigração de Nyima Giri para a Áustria, bem como os registros de nascimento de Kshyama Giri. Ambos os documentos mencionavam o mesmo nome: Alfons von Waldstein.

Mais pesquisas revelaram uma variedade de fatos interessantes. Aparentemente, ele havia cruzado o norte da Índia em uma excursão fracassada ao Tibete e voltou, um ano depois, com uma garota grávida. Ele negou ser o pai, mas sustentou financeiramente a mãe e a criança até ser morto em um acidente de caça em 1912.

Lien estava bastante confiante de que a criança, Kshyama Giri, era a primeira vítima do vírus. E, por isso, ficou muito feliz ao descobrir que Waldstein mantinha meticulosos diários de viagem que foram doados a um museu próximo a Viena. O museu tinha digitalizado as páginas para preservação histórica e ficou feliz em fornecer-lhe o acesso eletrônico. Lien enviou imediatamente o arquivo para ser traduzido para o vietnamita. Agora, ela segurava cópias dos originais digitalizados e das traduções. Era uma pilha grossa.

Folheando primeiro os originais, ela admirou a caligrafia alta e circular. Podia ver pelas datas que ele havia escrito no diário todos os dias. Lien rezou para que as respostas que buscava estivessem em algum lugar dessas anotações. Ela pegou a tradução e começou a ler.

À medida que a história de Alfons, Nyima e Pratik se desenrolava, enchia-a de uma crescente sensação de pavor. Ela sabia como essa história terminava - cento e sessenta anos depois, as pessoas começariam a morrer. Nove décimos do mundo carregaria a maldição de Mara em seu DNA. E, assim, Lien observou cada escolha inevitável evoluindo para a catástrofe.

Ela chegou à cena do poço. Nyima se segurando em Alfons, implorando pela vida de seu filho não nascido. Lien sabia o que Alfons faria a seguir, não apenas porque ela vira os registros de imigração, mas porque Alfons era um homem bom. E essa ironia, de alguma forma, tornava tudo ainda pior. O mundo havia sido condenado mais de cem anos atrás, não por ódio ou raiva, mas pela compaixão.

Lien gritou para Alfons deixar tudo em paz, só deixar a criança morrer. Se pudesse, de alguma forma, ir para lá, de volta para onde tudo havia começado, ela pegaria a primeira pedra. Ela mesma a jogaria. Iria se odiar por isso, mas uma morte salvaria a todos. Bao. Tuan. Peder. Um mundo infectado. Sim. Jogaria aquela pedra se pudesse, e perceber isso a deixou doente por dentro. Com uma sensação vazia de desespero, chegou ao fim de uma anotação.

Vou levar Nyima comigo. Vou levar seu bebê para

longe do vale amaldiçoado de Mara e lhe dar a chance de viver livre da sombra escura do medo.

Ao terminar a passagem, Lien sentiu um nó escuro no coração. Nyima não tinha deixado a sombra de Mara para trás. Ela a havia levado consigo para a Áustria. Carregada com segurança em seu útero. E agora a sombra se espalhara por todo o mundo.

Lien foi arrancada de sua melancolia por Bao chorando na outra sala. Ela se levantou, surpresa ao encontrar luz entrando pelas cortinas. Quando se aproximou dele, uma onda aguda de desespero a atingiu. Ela deslizou para o chão ao lado da cama, abraçando seus joelhos com força contra o peito. Não havia lágrimas. Já superara isso. Agora havia apenas uma escuridão pesada puxando-a para baixo. Os diários de Alfons eram a sua última esperança. Mas não havia nada neles que fosse remotamente útil. O vale onde a doença se originara não tinha uma cura mágica. Seus métodos de lidar com a infecção eram ironicamente parecidos aos que o mundo estava usando agora. Reprodução selecionada. Não havia nada naquele diário que pudesse ajudar Bao.

Por um momento, ela se perguntou se o culto na Califórnia não havia tido uma boa ideia. Que criança gostaria de crescer sabendo que era uma bomba-relógio? Que um dia seu corpo devoraria a si mesmo? Talvez fosse mais misericordioso...

E foi esse o pensamento que a fez acordar. Aquilo fora absolutamente ridículo. Quando seu filho é diagnosticado com leucemia, você não o mata, você continua lutando e tendo esperança até o fim. E isso era exatamente o que ela faria.

21 de abril de 2057

Universidade de Stanford adia as provas finais do semestre para ajudar alunos em luto

A Stanford anunciou ontem que as provas finais do semestre serão adiadas "indefinidamente" enquanto os alunos enfrentam as consequências emocionais dos testes de feromônio em todo o campus. Trabalhando em conjunto com o Departamento de Saúde dos EUA, os alunos foram incentivados a aproveitar os exames gratuitos de feromônio e receberam seus resultados na semana passada. Muitos estão tendo dificuldades em processá-lo. "Essa faixa etária é especialmente suscetível", diz Waiola Akintola, professora de psicologia em Stanford. "Muitos estão em seus vinte e poucos anos. Um perfil LC-8 de si mesmo ou de amigos parece uma sentença de morte. Os perfis LC-6 ou LC-7 limitam severamente com quem uma pessoa pode ter filhos com segurança. Não sabendo o quão longe está uma potencial cura, esses alunos estão sendo forçados a enfrentar realidades muito duras".

Lien assinou o relatório do laboratório e o devolveu ao rapaz. Ele saiu rapidamente de seu escritório. Nas duas semanas desde a obtenção do diário de Alfons, nem ela nem ninguém havia encontrado qualquer coisa no texto. Embora fosse bom saber a origem histórica do vírus, isso não colaborava de forma alguma com uma solução para a atual catástrofe global. Ela havia decidido que a melhor opção seria se juntar à equipe que estava estudando como a transformação se iniciava.

Uma instalação no Brasil havia isolado o Esteroide de Transformação Kunming (ETK). Bastava uma célula do corpo com telômeros encurtados para desencadear a transformação. Assim que essa célula começava a bombear ETK, as células vizinhas respondiam produzindo mais ETK que, logo, inundava o corpo.

— Nós ainda não tivemos nenhum sucesso em bloquear a reação em cascata? — perguntou ao técnico.

— Podemos desacelerar a cascata — ele respondeu — mas isso não ajuda a longo prazo. Só atrasa o inevitável. Conseguimos manter os ratos vivos por até dez dias agora, mas o vírus vence todas as vezes.

Dez dias? Isso era uma melhoria.

— Então, sabemos o suficiente para desencadear uma transformação, mas não o suficiente para impedi-la?

O técnico concordou com a cabeça — Podemos injetar um hospedeiro LC-8 com ETK para acionar uma transformação antecipadamente, mas depois disso ela se espalha exponencialmente. Podemos retardar a propagação injetando drogas no sangue que se ligam ao ETK e são eliminados pelos rins, mas não é o suficiente.

Lien franziu a testa — Bem, continue tentando. Tem que haver uma maneira.

O homem abriu a boca, provavelmente para expressar suas dúvidas, mas um olhar de Lien o silenciou. Ele acenou com a cabeça e saiu da sala.

Uma campainha silenciosa alertou Lien de que ela tinha uma nova mensagem de um contato importante. Abrindo-a, viu que era do museu na Áustria.

Seu recente interesse nos periódicos de Alfons von Waldstein me levou a reorganizar nossos arquivos desse período. Ao fazer isso, encontrei outro diário que o menciona com frequência. Não sei se isso é do seu interesse, mas o arquivo segue em anexo.

Curiosa, Lien abriu o arquivo. Estava escrito em alemão no que parecia ser um garrancho estranho de criança. Lien não sabia quase nada de alemão, mas a primeira linha era bem fácil de adivinhar: *Mein Name ist Nyima*.

Estaria ela realmente olhando para uma cópia do diário de Nyima?

Notícias de Kyodo (Japão)
24 de abril de 2057
Suicídio de estudante está vinculado ao aumento do medo do Kunming

Endo Moriko, de 21 anos, foi encontrada morta em seu dormitório na sexta-feira passada. Laudos de autópsia confirmam suicídio por enforcamento. Sua amiga, Rie Isobe, revela uma explicação chocante para a morte inesperada. "Ela faltou às aulas na quinta-feira por causa de uma febre. Então, começou a ter erupções na pele. Ela me ligou histérica, e eu disse a ela para me encontrar no hospital. Ela não veio. Fui até o dormitório, mas já era tarde demais".

Os laudos da autópsia indicam que Moriko não estava sofrendo de um incidente de Kunming, mas sim de um caso agressivo de catapora.

Lien vestiu Bao com suas roupas de dia e começou a cozinhar mingau de arroz para o café da manhã. Verificando seu e-mail de trabalho, viu que a tradução do novo diário havia chegado. Enquanto Bao comia seu mingau, Lien lia as passagens rapidamente. Talvez a própria Nyima pudesse oferecer algum insight que Alfons houvesse esquecido.

Lien riu ao ler as primeiras anotações de Nyima. "Hoje comi bolo. Foi bom". Lien examinou as passagens rapidamente, procurando por palavras-chave. Quando ela chegou a uma passagem intitulada "Meu bode favorito", ela quase a pulou. Mas quando ela virou a página, notou a palavra "Mara". Talvez tenha valido a pena, afinal.

Meu Bode Favorito

Meu bode favorito se chamava Alpa porque ele era muito pequeno. Ele tinha o pelo marrom com manchas brancas e gostava de correr na grama alta. Quando Alpa era um bebê, ele ficou muito doente. Mamãe disse que Mara tinha vindo para levá-lo embora. Eu chorei e chorei. Quando vi as filhas de Mara no pelo de Alpa, soube que mamãe estava certa e disse adeus ao meu amigo. Mas Alpa não morreu. Mamãe disse que ele tinha sorte. Demos a ele um novo nome. Avinash. Que significa "não pode ser destruído". Quando ele envelheceu, não deixei ninguém comê-lo. Mamãe reclamou. Ela disse que Mara o levaria se não o comêssemos logo. Mas Mara nunca veio buscá-lo.

Lien leu a história várias vezes, sem saber como interpretá-la. Alfons mencionara Avinash em várias de suas próprias passagens – um bode com cicatrizes que seguia Nyima por toda parte. Lien se lembrou de uma anotação que mencionava que a idade do bode era incomum. Na época, ela não tinha reparado. Mas, agora, isso parecia sugerir algo incrivelmente significativo. Será que Avinash realmente

sobrevivera ao vírus Kunming? Parece improvável. Muitas peças da história não se encaixavam. Em primeiro lugar, o bode tinha desenvolvido sintomas quando bebê, o que era diferente de como o vírus funcionava. Em segundo lugar, as "filhas de Mara" sempre apareciam em grandes enxames e devoravam o hospedeiro rapidamente. E, finalmente, se o bode carregava os genes virais, ele deveria ter manifestado a doença eventualmente. Entretanto, Nyima parecia confiante de que o bode fora atingido por Mara e igualmente confiante de que ele havia sobrevivido.

Você ativou a cascata em algum rato bebê? — Lien perguntou ao técnico do laboratório. Sua mente havia voltado a essa possibilidade repetidas vezes. O que tornava o bode de Nyima único era a transformação prematura. Ele era praticamente um recém-nascido quando o vírus Kunming se manifestou. Talvez essa fosse a chave para sobreviver.

O técnico olhou para ela com uma expressão estranha no rosto.

— Hum. Não, acho que não. Temos tentado recriar as condições do mundo real o mais próximo possível.

Lien sorriu para ele. Isso era exatamente o que ela esperava que ele dissesse — Esta semana, quero que você faça algo para mim. Injete ETK em ratos de várias idades. Comece com os recém-nascidos e vá aumentando a idade.

30 de abril de 2057
Relatório Laboratorial do INMPE

RESUMO: Se a cascata ETK for iniciada quando muito jovem, é possível que o rato hospedeiro sobreviva à Transformação do Kunming. Extrapolações para os seres humanos estimam 95% de sucesso aos 24 meses e 80% de sucesso aos 36 meses. No entanto, não se sabe se esses sobreviventes irão desencadear uma segunda transformação quando atingirem a idade adulta.

Lien tirou a capa de plástico protetora da agulha. Era isso, o ponto sem volta. Será que estou fazendo a coisa certa? Se essa fosse mesmo a cura, sim. *Mas e se...*

Ela olhou para Bao, adormecido no sofá enquanto um galo de desenho animado cantava uma canção de números na TV. Uma tigela vazia de pudim de manga repousava no sofá ao lado dele, pudim esse que havia sido misturado com triptofluorizina.

Seu filho tinha quase 28 meses - ultrapassando o limite de mortalidade de 5%. E a cada dia a porcentagem de células larvais em seu corpo aumentava. O que ela estava prestes a fazer era uma versão médica da roleta russa. Na realidade, as chances estavam a favor dele e só pioriariam se ela demorasse. Mesmo assim, puxar o gatilho quando você sabe que há uma bala em algum lugar do cilindro...

Lien balançou a cabeça. Não. Ela não ia deixar a dúvida entrar em seu caminho. Tanto Alfons quanto Nyima mencionaram a idade de Avinash. Por algum motivo, o bode foi ativado mais cedo. Então, ele cresceu e passou pela idade da transformação sem nenhum dano.

Lien cruzou a sala e parou em frente ao santuário de sua família. Abaixando a agulha, acendeu duas velas na frente da foto de Tuan e deu início a um novo bastão de incenso. Tuan assistia aos procedimentos com aquele sorriso bobo que sempre fazia nas fotos. Por favor. Lien orou. Por favor, faça isso funcionar. Ela observou enquanto sua oração flutuava em direção ao céu. Então, pegou a agulha, cruzou a sala e injetou-a na coxa de Bao.

5 de agosto de 2060
Vietnã

Lien levou a mão à boca em desgosto. O que Bao estava fazendo?

As outras crianças de cinco anos se contentavam em apenas acariciar os animais. Mas Bao insistia em alimentar todos e cada um deles. E ele achou que foi hilário quando eles tentaram engolir sua mão também. Ela esperava que aquele burro não tivesse ver-

mes nos pulmões. Quando uma cabra lambeu o rosto de Bao, um homem riu alto. *Isso é tão embaraçoso.*

Uma jovem mãe correu e agarrou sua filha — Não, Bihn. Não toque nisso. Está sujo — A esgotada mulher também segurava uma criança nos braços. Ambas as crianças tinham as cicatrizes, agora familiares, da vacina de Kunming, mas elas desapareceriam com o tempo.

— As cabras não são más — disse Bao, surpreso enquanto a mulher puxava a filha para longe do perigoso animal — Um bode salvou o mundo. Minha mãe e meu pai também ajudaram.

A mulher sorriu — As crianças dizem coisas tão engraçadas.

— Eu quero uma cabra, mãe — disse Bao, dando um tapinha na cabeça da criatura — Podemos ter uma cabra?

Lien fez uma pausa, tentando pensar em uma maneira de mudar de assunto.

Bao sorriu para ela — Acho que papai gostaria que eu tivesse uma cabra.

Seu filho era um negociador nato, mas dois podiam jogar esse jogo — Que tal começarmos com um rato — disse Lien — Você sabe, eles ajudaram a salvar o mundo também.

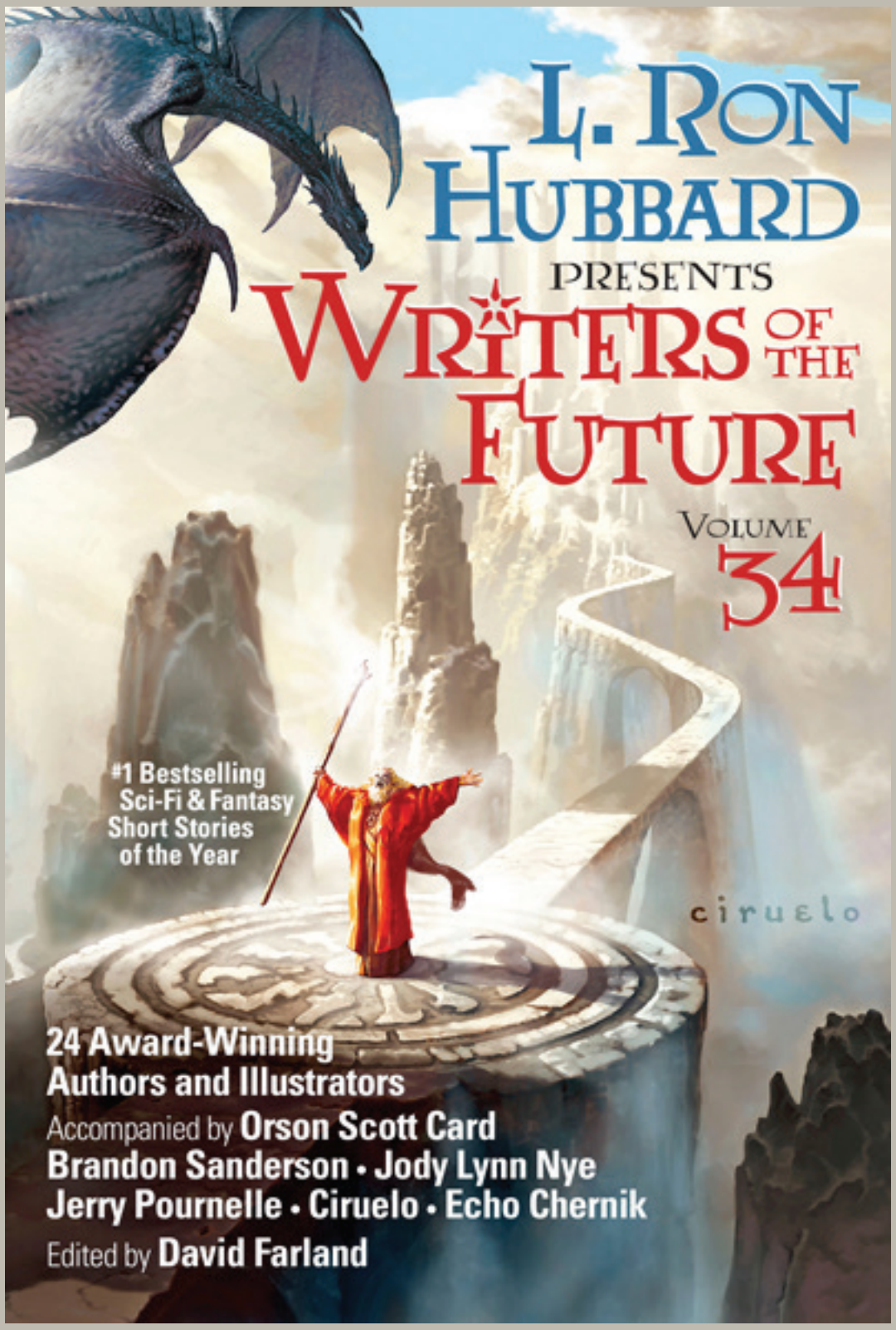
Conto publicado originalmente no Volume 34 de L. Run Hubbard, Writers of the Future.
Com esta história, Darci Stone conquistou o grande prêmio deste concurso.

Darci Stone recebeu o grande prêmio no Concurso *Writers of the Future* em 2018 por sua história "A Sombra de Mara". Ela se formou na Brigham Young University com licenciatura em Ensino de Física e especialização em Antropologia Cultural. Sua história, "A Sombra de Mara", foi fortemente influenciada por seu amor pela ciência e pelas culturas mundiais. Darci viveu em um internato em Cingapura enquanto estudava no United World College do Sudeste Asiático com bolsa de estudos. Ela também ensinou inglês na Rússia e participou de projetos de ajuda humanitária na Índia e no Camboja. Ela atualmente ensina física no ensino médio em American Fork, Utah, e é desenvolvedora de *software* educacional *online*.

Darci se casou dentro do mundo da ficção especulativa quando disse "sim" ao vencedor do prêmio Nebula, Eric James Stone. Enquanto namorava, ela começou a frequentar seu grupo de redação semanal. Depois de um tempo, ela percebeu: "Eu poderia fazer isso" e começou a trabalhar em sua própria história.

Darci sempre gostou da mistura de ciência e aventura encontrada nas obras de Michael Crichton. "A Sombra de Mara" baseia-se nesses elementos, bem como na fobia de mariposas de seu marido. Este prêmio prova de uma vez por todas que Eric "se casou", porque ele só ficou em segundo lugar em seu trimestre para Writers of the Future Volume 21, enquanto Darci não só ficou em primeiro lugar em seu trimestre em Writers of the Future Volume 34, mas também ganhou o grande prêmio do ano.

https://www.facebook.com/thedarci/


L. Ron Hubbard
Presents
Writers of the Future
Volume 34
#1 Bestselling Sci-Fi & Fantasy Short Stories of the Year
ciruelo
24 Award-Winning Authors and Illustrators
Accompanied by Orson Scott Card
Brandon Sanderson • Jody Lynn Nye
Jerry Pournelle • Ciruelo • Echo Chernik
Edited by David Farland

akritõ

Bertoldo Schneider Jr.

— Eles é que são os estúpidos. Foram eles que fizeram isso...

— Eles, quem?

— Eles aplicaram os conceitos genéticos não somente nos softwares, mas...

— Fale como gente, menina! Nós temos que entender o que você está dizendo. Isto é um interrogatório, não um congresso de frangotes exibindo suas habilidades. — Disse num tom imperceptivelmente acima do normal o detetive Tião, um negro de quase um metro e noventa, esperto o bastante para não cair nas provocações da hacker.

— Eles aplicaram conceitos de genética. Sabe? Genética? Coisas que criam descendência. Daí os mais aptos ao ambiente sobrevivem, deixam mais descendência e assim por diante. Seleção natural ou forçada dos organismos. Ensino médio. Sabe do que estou falando? — provocou Limbghost, uma bonita jovem adolescente. Ar descuidado e superior. Pele morena. Cabelos negros, nos ombros. Nem baixa, nem alta. Cheiro de chuva morna sobre a terra. Atraente à primeira vista. Nome e sobrenome desconhecidos. Apagados dos bancos de dados.

— Continue, garota. Não sou eu quem tem que responder às perguntas aqui — disse Tião sem mover um único músculo. Só em sua boca havia movimento. Seus olhos permaneciam cravados no rosto da jovem. Ela continuou:

— Através de processos baseados nestes conceitos, circuitos orgânicos capazes de replicação e mutação são forçados a — levantou as mãos e desenhou no ar aspas imaginárias, enquanto dizia a próxima palavra. — "evoluir". Esta evolução se dá num sentido que pode ser alterado e definido pelo — novamente o sinal imaginário com as mãos. — "fabricante". Eles criaram, assim, uma série de dispositivos orgânicos. Não são mais eletrônicos. São bioquímicos. Os códigos de comandos destes dispositivos não são mais binários, como nos dispositivos eletrônicos convencionais. Os códigos agora representam as quatro bases. Ou seja, um código com códons de 3 letras num sistema quaternário, dando...

— Poupe-me do exibicionismo, conheço genética. Vá direto ao ponto.

Limbghost olhou seu interrogador com ar de desprezo intelectual. Continuou:

— Eu vou simplificar. Tô vendo que o senhor não está entendendo nada. Eu tô dizendo — começou ela, frisando com a cabeça uma cadência lenta, como se falasse com uma criança. — um, que existe eletrônica integrada orgânica; dois, que a maioria da população não sabe, que é possível descobrir seu conjunto de instruções; três, que eles podem, vamos dizer, ...se forem dados os comandos certos, evaporar coisas orgânicas ... ou semi-orgânicas... e que, quatro, é possível escrever programas que façam algumas brincadeiras com estes dispositivos.

— Você chama de brincadeira o que fez?

— Sim. Só por diversão. Sabe como a gente diz: "a gente faz simplesmente porque a gente consegue fazer".

— Pra mostrarem que estão acima do sistema?

— Agora você está entendendo.

— Você escreveu então um código que ativa a síntese de proteínas e cadeias moleculares de dentro e a partir de chips orgânicos?

— Nossa! Virou autoridade no assunto de repente? — perguntou LimbGhost, mal conseguindo esconder sua surpresa.

— E você virou autoridade em biologia... de repente?

— Biologia? Nem sei o que é biologia.

— Claro que você teve ajuda. Hackers têm poucas competências transdisciplinares. Eternos incompetentes — Provocou.

— Não sei do que você está falando.

— Foi você que fez o Topê?

— Você é que está dizendo — Disse ela com fingido desinteresse.

— Se eu entrasse em sua casa arrombando sua porta, com ferramentas contra as quais você não tivesse defesa, com armas contra as quais você não tivesse chance... e machucasse sua família simplesmente porque sou mais forte... e porque posso... — fez uma pausa para encará-la. — do que você chamaria isto?

— Isso é diferente! Isso é covardia!

— O que você e seus pares fazem é o quê?

— Nós fazemos pra mostrar que o sistema é ruim.

— Que sistema, menina? Que sistema?

— O sistema, oras!

— Não existe um "sistema". Existe o mundo. Existem pessoas boas. Existem pessoas estúpidas. E existem pessoas de todo tipo... e vocês ocupam a extremidade mais podre... — mais uma pausa e repetiu a pergunta — Foi você que fez o Topê?

Limbghost não respondeu. Ateve-se a olhar o recinto em franca atitude de desprezo ao interrogatório. Tião endireitou-se. Suspirou resignado. Arrumou a camisa que saíra de dentro das calças. Afagou seu cavanhaque e aproximou seu rosto do dela. Nem fez questão de esconder que desligara momentaneamente o gravador. Disse baixinho.

— Se eu quebrasse este seu sisteminha brega de segurança e invadisse esse computadorzinho implantado em seu úmero e dele retirasse todas as provas que preciso contra você, o que você me diria? — fez uma pausa antes de continuar.— Lembra-se há três anos, na biblioteca da escola Aluísio Azevedo? Lembra-se das invasões dos sistemas das universidades federais durante a Páscoa passada? Isto te diz alguma coisa? Quer mais provas? — Disse isso mostrando uma folha de papel com alguns códigos que a deixaram lívida.

Desta vez a garota não respondeu. Teve certeza de que tinha perdido. Reconheceu partes de vários de seus códigos, e só poderiam ter sido retirados de seu computador. Tinham conseguido invadi-lo. Enrijeceu-se e ruborizou-se de ódio. Fora atingida em cheio, em seu próprio campo de batalha, com suas próprias armas. Ficou catatônica, respirando rapidamente. O ar entrando e saindo, impondo-lhe um movimento oscilatório para frente e para trás, emprestando-lhe um aspecto simultâneo de autismo e loucura. Tião continuou:

— Espero que tenha melhorado... Sabe, até o nome que você batizou seu vírus, Topê, é impróprio. — continuou Tião. — O que demonstra seu despreparo e de seus pares. Vocês não estão acima, mas abaixo do — agora ele a imitou gerando aspas virtuais no ar — "sistema". Topê é uma entidade mitológica caingangue que faz predominantemente o bem. O mais correto seria tê-lo chamado de Akritõ, a personificação do mal. Os antepassados de minha mulher foram caingangues. Não gostariam nem um pouco disso. Quanto a mim, particularmente, odeio esta sub-raça egomaníaca de intelecto deformado que se autodenomina impropriamente de hackers. Acham que são grandes mentes porque invadem sistemas. Na verdade, têm um QI que não ultrapassa o do chato que infesta seus pentelhos. Vocês não são os Quixotes que se embatem com o sistema.

Se existe um sistema, vocês são seus bugs. — Deu uma pausa e suspirou. Estava calmo. O que deixava a moça ainda mais furiosa. Fazia questão de utilizar vocabulário conhecido pela moça para provocá-la. Continuou:

— Pessoalmente, tive muito mais prazer — aproximou-se por trás da cadeira onde ela estava e abaixou até seus ouvidos — em colocar você atrás das grades do que todos seus namorados tiveram com você. Eu te vejo no tribunal.

Saiu da sala, deixando para trás uma pessoa envelhecida pela derrota. Uma criança envelhecida, oscilando para a frente e para trás.

–oOo–

O detetive Tião entregou ao seu estagiário um relatório contendo toda a história do vírus e da investigação. Provas incriminadoras incontestáveis contra a hacker LimbGhost e um script contendo um sofisticado código, necessário para o extermínio do vírus Topê de todos os computadores. Deu instruções para espalhar a informação para o mundo todo o mais rapidamente possível, visando o término da epidemia. Certifique-se de informar que não usem seus aparelhos eletrônicos com tecnologia posterior a 2026 até que este antivírus seja usado. Despediu-se de todos e desceu até a garagem. Estava cansado. Havia sessenta horas não dormia. Entrou em seu carro velho e pediu para ir para casa. Enquanto o carro seguia automaticamente por um caminho escolhido em função das informações recebidas de um sistema integrado de trânsito, Tião assistia ao noticiário, confortavelmente acomodado num dos bancos, tomando grapette. Ouvia do âncora do jornal:

"... mais duas mil pessoas deram entrada hoje nos hospitais da Austrália. No Brasil há registros de mais de mil mortes, só ontem, atribuídas à epidemia. Todo o esforço no sentido de desvendar e descobrir uma vacina contra o vírus Topê tem sido improdutivo. No mundo todo, o número total de mortos nos últimos dez dias é de mais de um milhão e meio de pessoas. Nenhum tratamento conseguiu aumentar a média de expectativa de vida dos infectados, que hoje é de três dias. Já se sabe que o vírus não é transmissível por contato ou pelo ar ou por fluidos corporais. O fato de a maioria dos infectados serem de classe média, estudantes e empresários permanece um mistério..."

Tião mudou para um canal diferente. O canal Discovery que mostrava as imagens dos seres abissais do oceano subterrâneo da lua Europa. A música do programa o agradava. Pensava em sua família que encontraria em poucos minutos. Em como era bom ter uma. Em como os amava. Não sabia como era possível a um homem sair deste paraíso para, todos os dias, ingressar num mundo onde toda a imundície e decrepitude da estupidez humana aflorava de modo tão pungente. Mas qualquer mundo precisa de pessoas assim. E essa era sua profissão.

Bertoldo Schneider Jr. nasceu em 1962 no norte do Paraná. É Engenheiro Eletrônico, Licenciado em ensino especializado e doutor em Engenharia Biomédica (a ciência que possibilitará os instrumentos e técnicas do Dr. McCoy). Leciona, orienta e pesquisa na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Coordenou o Clube de Astronomia CAUTEC por quase 30 anos. Autor de artigos científicos, técnicos e culturais. É um dos fundadores do Núcleo de Literatura e Cinema André Carneiro (NLCAC) que desde 2001 já teve vários livros e autores publicados. Diletante na música, desenho e na literatura, onde escreve poesias, resenhas e contos. Com forte formação científica e tecnológica, procura a coerência e precisão científicas, a função pedagógica e modificante da literatura, a apresentação de ideias instigantes que servem de pretexto para o estudo do ser humano sob condições dificilmente encontradas no cotidiano, nunca deixando de tentar executar, acima de tudo, boa literatura.

AS AREIAS DA FLORESTA

JEFERSON ARENZON

Quando a sequência de epidemias iniciada pelo COVID-19 foi finalmente controlada no Brasil, as temperaturas médias já atingiam os 40ºC. Como as máscaras eram necessárias por causa da areia que vinha carregada pelos ventos do norte do país, pouca coisa mudou.

Jeferson J. Arenzon é físico, professor titular da UFRGS e também um dos produtores/apresentadores do podcast Fronteiras da Ciência.

AS VERHAS OPINIÕES

Rubem Cabral

A rotina – motivo de enfado sem fim para a maioria dos indivíduos ditos normais – sempre fora um alento, um porto seguro de conforto e até de prazer, para o Especialista de Sinistros Sênior da Seguradora K., Gregório dos Santos.

Nos dias úteis, ele acordava muito disposto às seis em ponto, embalado por música clássica bem suave. Engolia a seco os dois comprimidinhos para hipotireoidismo a partir do frasco sobre o criado-mudo e, ainda em jejum, corria na esteira elétrica na varanda por religiosos trinta minutos. Tomava o café a seguir, sozinho, enquanto Kátia, sua esposa, ainda ressonaria no quarto até as oito. Depois, banho de cronometrados quatrocentos e vinte segundos em temperatura "Cachinhos Dourados", xampu anticaspa com cafeína e cetoconazol, sabonete Dove Original (tinha um estoque razoável no armário sob a pia).

A ordem precisa, os produtos habituais, os horários: todos, ingredientes da amálgama perfeita, dum conjunto que exalava solidez e estabilidade; que lhe impregnava daquela agradável sensação de manter o mundo – tão caótico – firme sob rédeas curtas.

Após se secar, vestia calças cinza-chumbo de fibra mista (boas mesmo no verão e em invernos fracos também; tinha cinco idênticas), regata de puro algodão, camisa branca de mangas compridas com bolso e colarinho abotoável, gravata listrada em cores sóbrias, cinto reversível e sapatos pretos (todos de cadarço, com bico redondo, mosaico de furinhos e solado de borracha antiderrapante, perfilados no closet feito soldados em formação).

Um par de mocassins cor de terra, que ele ganhara no aniversário passado, chorava num canto escuro sob uma camada de poeira e teias, por jamais ter conhecido o calor de seus pés, ou o mundo além-armário.

Descia as escadas do prédio de três andares e apanhava o micro-ônibus das sete e trinta no ponto próximo da esquina da Rua Max Brod com Avenida Barrabás. Invariavelmente chegava ao escritório por volta das oito, meia hora antes do inicio oficial do expediente. Lia então todos os e-mails, classificados através de complexas regras baseadas em palavras-chave que ele mesmo laboriosamente configurara, checava saldos e extratos e os eventuais débitos pré-programados no website do banco. Bebia na copa um cafezinho às oito e quarenta, quando todos os colegas já haviam enfim chegado. Conversava brandamente então: sobre os mesmos assuntos requentados e cobertos de falso molho de novidade, evitando polêmicas e temas espinhosos como política, religião ou esporte. Não era pró ou contra, muito antes pelo contrário.

Resolvia nas próximas horas a maior parte das pendências e os complicados casos de pagamento de sinistros, fazia alguns telefonemas, comandava a impressão de cheques, refutava alguns outros, solicitaria, se necessário, documentação adicional. Tudo segundo as normas do Manual Oficial do Securitário: 5a edição, capítulo III, parágrafos cinco, seis e sete, com todas as assinaturas e respectivos reconhecimentos de firmas.

Solitário, almoçava precisamente no mesmo lugar quando faltasse um quarto para o meio-dia: tarde o suficiente para se ter fome, para que os pratos fixos do menu diário estivessem todos prontos, frescos e quentes, e ainda antes que a maioria dos comensais começasse a se acotovelar nervosa, feito gado encarcerado dentre os espaços mínimos das mesinhas.

Na esquina, antes de retornar ao escritório, fizesse frio ou calor, degustava uma casquinha com duas bolas de sorvete de baunilha: sua pequena concessão à rebeldia. Nunca algum outro sabor, que considerava ácidos, doces, de textura desagradável ou simplesmente exóticos demais. Existiam por aí pessoas-pitanga, gente-pistache ou até indivíduos-mocha, refletiu. Contudo, ele era, e com orgulho, espécime referência de homem-baunilha.

Ao fim do expediente, se despedia com um "até amanhã" e um sorriso de água destilada. Era até querido pelos colegas, não como pessoa, mas por sua neutralidade pacífica, educação, eficiência e previsibilidade.

(Embora Gregório nunca o tenha sabido, quando faltou certa vez, acometido por uma gripe fortíssima no ano anterior, ninguém notou a ausência do sujeito magro e baixo, de trinta e poucos, branco-escritório e de cabelos muito pretos e cortados à escovinha. Talvez, se ele morresse ou apenas desaparecesse no ar, somente o acúmulo de trabalho não realizado pudesse de alguma forma evocar à memória dos colegas sua existência semifantasmal.)

Se quarta-feira fosse, dia que a esposa chegaria mais tarde da palestra motivacional – quase messiânica – para vendedoras de cosméticos duma empresa com maldisfarçado regime de pirâmide, prepararia para ambos um jantar simples de massa al dente, beberiam uma taça de tinto, e fariam amor (posição do missionário, evidentemente). Diriam mais tarde, depois de assistirem na cama algum outro documentário reprisado sobre entomologia no Discovery Channel, um "boa noite", acompanhado dum beijo que era mais uma "bicota" pré-púbere, e dormiriam um sono tranquilo. Sem sonhos ou pesadelos.

Sua vida correria assim, iate singrando curso bem conhecido num mar que colocaria as antigas caravelas em grandes problemas, projétil; indo de encontro ao alvo, inexoravelmente, sem desvios. No entanto, quis o destino, ou algum deus num plano diferente, ou quiçá alguma criatura saída de um filme B de ficção científica, de outra dimensão e de humor por certo doentio, que as coisas não mais continuassem assim: tão "baunilhas".

–oOo–

Raul Seixas se esgoelava no rádio-relógio, logrando obter um salto involuntário de Gregório, que sentou à beira da cama com o coração à boca e escoiceou o botão do aparelho – um tanto irritado – enquanto a esposa resmungava algo ininteligível e se revolvia feito lagarta, enrolada em seu edredom florido.

"...do que ter aquela velha, velha...", Raul se calou. "Que diabos!", pensou o senhor dos Santos. "Quem

trocara da Rádio Cultura FM? Quem deixara o aparelho com o volume quase no máximo?". Das Dores, a moça diarista que vinha todas segundas e quartas, devia ter inadvertidamente alterado suas preferências, ao passar aquele maldito trapinho ensebado de lustra-móveis para retirar o pó, imaginou.

Ainda na penumbra do quarto de persianas fechadas, olhou ao redor com estranheza. Havia algo de errado com sua visão? Via o mundo como que através de uma tela de arame fino, formada por minúsculos hexágonos. Piscou, esfregou e esfregou os olhos arenosos em vão: a matriz de favos não se desfez.

— Hoje não! – resmungou. — Não, não posso ficar doente! Não num dia de fechamento, pelamor...

Com um movimento automático e ofídio alcançou e ingeriu sua medicação sobre o móvel. Ao invés de seguir à varanda para a rotina usual de exercícios, foi direto ao banheiro. Acendeu a luz sobre o armário da pia e um uivo de absoluto horror morreu em sua garganta.

De dentro do espelho, um besouro castanho e com sua altura exata, precariamente de pé sobre as patas traseiras, o observava com olhos compostos e balouçantes e grossas antenas.

O homem abriu os lábios para balbuciar algo e em sincronia o inseto moveu as pecinhas que formavam o quebra-cabeça que dava acesso àquela fenda que a coisa tinha interpretando o papel de boca. Num frenesi crescente, Gregório apalpou o próprio corpo e alisou os braços com as mãos, como quem enxotasse um enxame da pele. Ora, mas ainda era ele mesmo: humano, pálido e nu! Até a feia cicatriz da apendicectomia estava lá, e no lugar certo! O reflexo em resposta movimentou as quatro patinhas multiarticuladas e cheias de cerdas sobre o abdome chato e segmentado, roçando com insistência ao redor duma mancha esbranquiçada em meio ao marrom mais brilhante de seu ventre. "É uma ilusão ou alucinação! Alguma virose maluca, alguma síndrome raríssima, ou enlouqueci de vez!", pensou ao mesmo tempo em que se afastava com cuidado, caminhando de costas. Tremendo, virou-se e correu de volta ao quarto enquanto sua contrapartida se movia desajeitadamente e exibia o casco bipartido e convexo antes de desaparecer na escuridão do outro lado.

Sacudiu a mulher conforme a urgência pedia. Praticamente a arrastou até o banheiro, explicando no caminho o que havia visto. Desta vez, porém, não conseguiu reter o grito, que lhe escapou num tom agudo e humilhante. Não apenas era ele um animal! A imagem da esposa era a de um quilópode - os documentários vespertinos assim os chamavam -, uma centopeia avermelhada, um bicho repugnante, de antenas longas, mandíbulas ameaçadoras e uma centena de patinhas, que não sossegavam por um instante.

— Tá vendo? - ela disse, sem se surpreender - não há absolutamente nada de errado. Estamos lá, nós dois, estampados na porta do armário: dois patetas pelados e descabelados. E então?

Ela não vê, ela não vê!

— Mas eu me vejo como um besouro e você como uma... Lacraia!

Enquanto a esposa falava e gesticulava, seus ocelos sem brilho, os maxilípedes – malditos programas e seus termos técnicos –, as muitas perninhas de camarão, acompanhavam sua coreografia perfeitamente. Ao lado dela, seu eu-besouro a observava com os grandes olhos negros cheios de exasperação quase humana.

— Olha bem pra mim, Greg! - ela o agarrou com força pela cintura. — Veja se por acaso eu pareço com a porra dum inseto! Componha-se, seja homem! O que deu em você?

Tecnicamente lacraias não eram insetos, alguma memória sem um mínimo de timing aflorou em sua mente. Hesitante, ele desviou o olhar das criaturas que habitavam o tenebroso mundo além da superfície prateada, abraçou-a e tentou se acalmar. Havia certo chamado à normalidade no rosto bonito e moreno dela - mesmo quando recortado em minúsculas fôrmas hexagonais. A esposa então o puxou até o corredor que dava na cozinha, mudando de tom.

— Guinho, você tá meio estafado. O que você precisa é de um café reforçado, com torradas e ovos mexidos! Isso! Cheios de calorias e colesterol. Bem, já tô acordada mesmo, então te farei esse carinho, vê se não acostuma! Vamos, hoje não é o tal fatídico dia de fechamento? Você não pode faltar!

— Kátia, eu estou muito doente! - ele meneou a cabeça. — Eu, eu preciso de atenção profissional. Eu não posso nem pensar em...

— Hã?! Mas você tem que ir trabalhar! Tá louco? Quer perder o emprego por causa de um ataque de pânico sem sentido? Teve algum pesadelo e confundiu realidade com sonho, sei lá. Amanhã eu prometo que vou ao médico com você, sem falta. Hoje mesmo agendo um... Oftalmologista? Clínico Geral?

–oOo–

Ele cobriu o espelho do banheiro com uma toalha escura, fez o mesmo com o outro do closet. Observar o besouro balofo vestindo suas cuecas – a coisa não tem pau! – ou enfiando meias nas patas, seria perturbador demais. Kátia tinha certa razão: provavelmente devia ser algo passageiro ou talvez até a literatura médica já conhecesse seu problema – há tantas enfermidades estranhas e raras – e dispusesse de algum tratamento. Outro comprimidinho a tomar pela manhã, ou tudo passaria, sem maiores explicações.

Caminhou até o ponto do ônibus. Ao passar pela fachada de vidro fumê de um edifício, conseguiu até achar graça do inseto vestido tão sobriamente e carregando pomposo sua valise de couro. Contudo, tentou se concentrar; evitar o contato visual a todo custo. Aos poucos se acostumava também com as linhas que cruzavam seu campo de visão, que se ampliara até 180 graus.

Meia hora depois, ao saltar do transporte, foi tomado por uma onda de asco, ao sem querer mirar o retrovisor junto do motorista, e observar as imagens dos outros passageiros sentados e de pé: gongolos e suas pernas de cílios ondulantes, mariposas com antenas felpudas, inchados carrapatos cor de chocolate, crocantes bichos-pau, piolhos muito pretos, alisando as antenas freneticamente. Todos ridículos, fantasiados com roupas de gente, matraqueando como se fosse a coisa mais normal do mundo. Alguma lembrança infantil veio à tona e lhe assaltou com os odores, a coceira, as consistências cremosas dos fluidos purulentos dos bichos quando esmagados. Controlou-se para não vomitar ali mesmo.

Chegando ao escritório, aos poucos tudo começou a retornar aos eixos. Não havia superfícies muito reflexivas em sua baia ou nas dos colegas ao redor. Com eficiência costumeira então abordou todos os problemas que pipocavam sem parar naquele dia crítico do mês. Até riu com seus botões ao se imaginar teclando apressado, com aqueles membros toscos de coleóptero. Usaria duas ou quatro patas?

Após umas duas horas diante do computador, flagrou-se apertado para urinar. No banheiro, em vão tentou não olhar sequer de soslaio para o seu reflexo, ao lavar as mãos. “Não era tão ameaçador, afinal”, matutou, ao tomar coragem e finalmente se encarar sob a crueza fria das luzes florescentes. “Tem olhos tristes, como os meus. Uma droga de bicho fraco, sem graça, sem cores fortes, sem viço...”.

Quando retornou, uma colega avisou-lhe que Olga Schloss, a Diretora Financeira, havia solicitado sua presença em seu escritório. Começou quase de imediato a suar frio: a viúva nunca escondera certa “queda” pela maioria dos homens mais jovens da empresa. Como não convinha provocar os mais poderosos, sentia-se sempre meio acuado em sua presença, caminhando pelo fio de uma espada quando tinha que encontrá-la, em especial a sós, e em seu covil. Ser convocado tão abruptamente num dia crucial para os negócios também não era exatamente promissor.

Suspirou, resignado. Tomou o elevador até o décimo-quinto andar, o penúltimo do Edifício Castelo, construção art déco erguida nos anos sessenta para funcionar como a sede nacional da Seguradora K. Do outro lado, refletido no fundo de alumínio escovado do cubículo que subia zunindo suavemente, o inseto devolvia-lhe uma expressão de simpatia, mesmo quase estrangulado pela gravata ao redor do seja-lá-o-que-fosse-aquilo.

–oOo–

Bateu à porta do amplo escritório e uma voz de brisa o autorizou a entrar. Olga vestia um tailleur verde-claro combinado à blusa de seda branca com babados. Óculos de aro dourado pendurados numa correntinha de mesma cor e brincos pingentes de pérola faziam um conjunto até harmonioso com a cabeleira armada e platinada. A senhora de uns presumíveis cinquenta e poucos anos ficou de pé e, do topo de seus saltos, era cerca de quinze centímetros mais alta que Gregório.

— Oh, Gregório, vamos, sente-se, meu querido, sente-se. Tenho novidades pra você!

Havia um novo e enorme vaso de aço inoxidável ao lado da mesa da gerente, com plantas provavelmente caras, que se assemelhavam a lanças verdes voando em todas as direções. "Não olhe para o vaso, não olhe", ordenou-se antes de rebocar uma cadeira e sentar.

— Como posso ajudá-la, Dona Olga?

— Querido, deixe de formalidades: Olga, só Olga, ok? Bem, sei que você deve estar assoberbado hoje, então não vou me estender.

Ela ficou muito séria e continuou:

— Não precisaremos mais de seus serviços como Especialista de Sinistros Sênior, Gregório.

O rosto do homenzinho transitou de branco a muito branco. Sentiu de repente o romper duma represa de ódio por si mesmo, por ter cedido tantas horas e sacrifício pessoal em prol da empresa, tanta atenção dedicada nos seus seis anos na função, trabalhando mesmo quando tão... Ia abrir a boca e despejar algo amaríssimo em resposta quando a diretora deixou escapar um sorrisinho.

— Pois, a partir do dia primeiro do próximo mês. Você será o novo Gerente do Departamento de Sinistros! Meus parabéns! - bateu palmas e exibiu os dentes muito alvos. — E então, não diz nada?

— Eu, eu... Muito obrigado! Eu não esperava, a senhora, digo, você me pegou completamente de surpresa.

— Desculpa a brincadeira boba, ha, ha - ela secou os cantos dos olhos claros. — Eu não resisti! Você tinha que ter visto... Ah, vamos, deixa eu te cumprimentar propriamente!

A diretora levantou-se e caminhou em sua direção. Gregório se pôs de pé e estendeu a mão para um aperto bem formal. Foi ignorado e ganhou um abraço de urso. O perfume dela, forte, de orquídeas e flores aquáticas, o deixou tonto. Olga o encarou. Deu um beijo estalado em uma de suas bochechas, e um segundo resvalou o canto de sua boca, manchando-o de batom.

Percebeu-se frágil como filhote nas mãos de uma criança. Inadvertidamente moveu a cabeça e viu ambos, enlaçados e retratados na superfície reflexiva. Ela, um louva-deus, de imensos olhos verdes, mimetizado no vestido de mesma cor. As laterais do tailleur transmutando-se em asas, os longos braços serrilhados em forma de foice, envolvendo o besouro indefeso. Num gesto de despedida e de atrevimento, o animal beijou sua cabeça, como faria com alguma presa que devorasse ou num ritual de acasalamento da espécie.

— Se precisar de qualquer coisa, minha porta estará sempre aberta! Seja bem-vindo, agora você faz parte da chefia. Os detalhes de salário, comissões e quem serão seus novos subordinados, você poderá tratar depois no RH.

Mal ela terminou a frase, bateram então de forma polida à entrada do escritório e os dois se afastaram, um tanto constrangidos. A porta se abriu com vagar e alguém entrou. A surreal visão em três dimensões - e não a ilusão plana do reflexo num espelho - da chegada de uma formiga-melífera, trajando um terno fino de grife, portando papéis nas garras e arrastando aquela bunda dilatada em forma de balão, fez o mundo entrar em parafuso, derrubou um balde de gelo - involuntário - sobre sua cabeça e recheou os hexágonos por detrás de suas pálpebras, da mais profunda escuridão.

–oOo–

— Acorda, Gregório. Acorda! - Olga e sua secretária, uma moça bonita com pele de tom chocolate,

molhavam o seu rosto. — Você comeu hoje? Vamos, levante-se e beba um pouco d'água com açúcar.

— O que aconteceu?

— Mal o Dr. Klamm entrou na sala com uns contratos que ele queria que eu validasse, você despencou no chão. Por sorte tenho este tapete fofo aqui na sala e você não bateu a cabeça numa cadeira ou algo assim.

— O Dr. Klamm? O, o Presidente da empresa? Eu acho que nunca o vi, salvo em fotos.

O velho era famoso por ser meio recluso e excêntrico, praticamente não saía do último andar e não recebia ninguém por lá fazia anos.

Gregório limpou poeira e pelos da roupa escura. Continuou:

— Desculpa o papelão. Minha pressão deve estar meio baixa, eu amanhã vou ao médico de qualquer forma, não se preocupem, não é sério.

— Gregório - Olga começou a falar.

— Sim?

— Klamm solicitou conversar com você, pessoalmente, tão logo você se recuperasse. No décimo-sexto! - Olga não conseguiu evitar certo arregalar de olhos, meio cômico até.

–oOo–

Seguiu as recomendações da diretora e tomou um pequeno e desconhecido elevador naquele mesmo andar. Não havia painel no aparelho e todas suas paredes eram revestidas de espelhos. Sacou o interfone e identificou-se. Uma voz fraca respondeu e a máquina lentamente subiu.

Uma sala de videoconferências, ampla, com mesa oval de madeira de lei e vinte cadeiras de espaldar alto, estofadas em pelica, foi o que ele encontrou ao percorrer um corredor estreito. Estava aparentemente vazia.

— É chegado o momento de se abandonarem os velhos conceitos, garoto. Aquelas velhas opiniões formadas sobre tudo...

Gregório girou e novamente viu: a formiga-melífera, caminhando com dificuldade em sua direção a partir de uma passagem embutida à parede.

— Você me enxerga, não é, Gregório? Você não vê o velho, como todo mundo. Eu descobri no momento em que eu entrei na sala de Olga e a flagrei quase abraçada a um besouro, ha, ha! É a primeira vez em que encontro alguém amaldiçoado como eu. E isso muda as perspectivas de tudo! De tudo! - a formiga elevou as patinhas teatralmente, até sua cabeçorra.

Era imensamente bizarro conversar com um inseto trajado como um executivo. Mas como assim? Então o velho o via sob a forma de besouro e não somente no seu reflexo?

— Dr. Klamm, com todo respeito, eu não entendo. Muda as perspectivas, como? Então nós dois estamos doentes? Talvez eu tenha sido contaminado aqui na empresa ou...

— Hum, também acreditei que fosse uma moléstia da cabeça. Comigo ocorreu em 2003. Fui a todos os especialistas que você possa imaginar. Todos! Experimentei tratamentos radicais que por pouco não me mataram. Depois, peregrinei por igrejas, templos, terreiros. Terapia da negação, alinhamento dos chacras... Nada, null, foi o resultado. Um ano depois de passar a enxergar os reflexos de todos os humanos como artrópodes, acordei transformado naquela imagem, e meu reflexo é que passou a exibir meu antigo eu. Porém, ninguém, ninguém notou! Meu novo estado, isso me abalou muito. Se antes me bastava evitar espelhos e correlatos, passei a ter que conviver com a coisa, em tempo integral. Isolei-me, entrei em profunda depressão, pedi divórcio, pensei em suicídio, ha, ha, talvez bebendo formicida.

Gregório exibiu um esgar de desagrado, meio chocado.

— Lamento, isso não é engraçado!

— Você não compreende, meu jovem? É tudo transição, fases dum processo em que somos pioneiros, que não está completo! Somos metamorfoses ambulantes! Não há esperança de recuperação, seja pela tecnologia, seja pelo misticismo. E sabe por

quê?

— Não! – o securitário não conseguiu evitar ganir, que sua voz soasse entrecortada. Viver assim o resto da vida. Como um cão!

— Não há cura porque não há doença. Essa é minha teoria: nós dois começamos, por alguma razão, a enxergar a verdade. Somos o que somos desde sempre e não queríamos encarar! Removeram véus que ficavam diante de nossos olhos. Um de cada vez, por bem de nossa sanidade. Uma evidência, por exemplo: meus vendedores mais agressivos são sempre tarântulas e escorpiões. Meus melhores gerentes são predadores também. Na base da pirâmide estão sempre os mais modestos, feito os besouros como você. Eu apostaria uma antena que você está cercado de besouros e joaninhas em seu departamento! Coincidência? Não!

— Me perdoe, mas isso pode ser sintoma da doença, enxergamos nos outros projeções de suas personalidades. E repare num grande furo: o senhor, sócio-fundador da empresa, é uma modesta formiga.

— Sim, que veio do nada, que economizou e trabalhou duro, de sol a sol, uma vida inteira, que produz alimento e provê para os seus. Há uma forma de se colocar minha ideia à prova, contudo. Bolei isso há algum tempo.

— Como?

O velho fez um sinal e Gregório o acompanhou.

●●●

Rubem Ricardo Damasceno Cabral, nascido na cidade do Rio de Janeiro, atua como Engenheiro de Software.

Por volta de 2008, iniciou-se no mundo literário, participando de várias antologias já publicadas. Em 2010 foi premiado em 1º lugar na categoria "conto" no Concurso Literário Raízes, em Genebra, com o texto "Noites Brancas". Em 2011 foi um dos selecionados para a prestigiosa antologia anual "FC do B" (Tarja Editorial), com o conto "Nanovidas". Em 2012, foi selecionado para a antologia "Erótica Fantástica" (Editora Draco), com o conto "A Dança de Shiva". Foi organizador da Antologia "!", da Caligo Editora, que incluiu seus contos "Véspera de Natal em Páscoa" e "A morte e a re-morte de Natasha Moskovskaya". Os contos "As dores de cada um" e "Lições" foram respectivamente publicados na revista digital "A Taverna" (1 e 3).

É autor da compilação de contos fantásticos "A Linha Tênue". Organizou a antologia de contos inspirados na Bíblia "Os Livros Apócrifos".

Contato: rudam@msn.com

o texto continua na próxima página

E
seguiram
em silêncio por muitas
salas. Havia quartos mobiliados, um elevador
de comida e espelhos, inúmeros, por todos os lados.
Quando refletida, a criatura aparecia como ancião: um senhor de
cabelos ralos e bem brancos, com um rosto até bondoso. Um jovem e
uma formiga no mundo real, um besouro e um velho no mundo uma vez
explorado por Alice. Chegaram finalmente a um salão muito extenso, com janelas
generosas, todas abertas, com as cortinas esvoaçando. "Tire a camisa, rapaz. Vamos,
confie em mim. Será necessário. Sabe, eu sempre me perguntei: se há gente que é
pulga ou gafanhoto, como é que ninguém salta de forma inumana? Se as coisas são
como eu acredito que são, isso deveria acontecer de vez em quando. A resposta é que
nossa imagem mental nos limita. Precisamos saber da verdade, e necessitamos, de um
estímulo... Isso! Quero agora que você vá lá fora, que caminhe pelo lado externo do
prédio. Anda!" "O senhor enlouqueceu? Não! De jeito nenhum!". O presidente sacou
do bolso uma pistola equipada com silencioso e disse: "Se não for por bem... Não seja
covarde, rapaz! Eu vou segui-lo." Ambos caminharam pela via de um metro de
largura, que corria ao redor de todo o andar. "Veja, lá adiante! O seu reflexo no
horrendo Edifício Megatério! Um besouro de calças e sapatos, com o torso nu. Agora,
caminhe até a quina e o deixarei voltar, me darei por satisfeito com minha
experiência." Gregório seguiu, pé ante pé, com todo cuidado. Ao se aproximar da
extremidade, escorregou: tudo estava coberto por uma secreção açucarada como mel,
porém muito menos viscosa. Pendurou-se precariamente e pediu ajuda. Klamm
apenas riu, cantou novamente sobre esquecer as velhas ideias, sobre ter amor e ter
horror. Gregório, focou com sua visão ampliada o inseto que era ele, prestes a cair.
Considerou seu casco espesso, mas não cria que resistiria à queda. A mão começou a
suar, o ancião não movia uma palha.

O vento açoitava seus cabelos, a calçada ansiava por conhecê-lO,
intimamente. "Os élitros - as asas modificadas que são como um estojo nas costas dos
coleópteros - bendito seja o Discovery! -, era isso!" Gregório perscrutou seu reflexo.
Fez um esforço sobreinseto e viu suas costas se abrirem de cima a baixo. Estendeu
asas membranosas, lindas, cor de chá,
com pintas como as de um leopardo,
e se soltou. "Como um anjo!", foram as
palavras que ele escutou
Klamm dizer,
em êxtase, enquanto
ele desvirginava
opiniões
noVas.

CÉU DE PREÁS

Rubem Cabral

I

Comunidade Quilombola Rio das Rãs - Bahia – Junho de 2055.

Caatinga, a mata branca. A paisagem de palheta de tons desmaiados seria provável reflexo da memória esclerosada de Deus, que, por ser tão velho, caducara de vez e não mais se recordava direito de todos os detalhes necessários, tendo pintado tal pouco inspirado pedaço de terra com tintas de nada e pinceladas de coisa alguma, compondo uma soma de ausências e de cores mortas, que tentava fazer sentido, porém em vão.

Dizer que fazia calor no lugar seria apenas martelar a paciência alheia com mais do mesmo, visto que fazia calor sempre, e o firmamento azul-anil, completamente límpido de nuvens, prometia que os meses seguiriam assim, ao menos até a distante estação das chuvas, que em verdade mal merecia tal nome.

Passavam poucos minutos das seis da manhã e o vento preguiçoso levantava nuvens de poeira muito vermelha, pó que tinha o mau costume de se infiltrar em tudo, ignorando janelas e portas invariavelmente seladas, apesar da necessidade quase desesperada dos moradores de algum frescor. As escolhas se resumiam a duas para as pessoas que viviam ali: ou se deixarem assar dentro das abafadas casas de taipa ou se entregarem de vez aos caprichos da natureza e se transformarem em estátuas vivas: bebendo barro, comendo telha, cuspindo tijolo.

–oOo–

A pequena Enzara, uma garota pequena mesmo, ao menos dois dedos abaixo da escala definida para seus nove anos, bocejou ao girar a tramela da porta da sala e ganhar o quintal, descalça, só trajando uma camiseta comprida até os joelhos por sobre a calcinha de motivo infantil. Lá fora o vira-lata Surubim latia e ela, que tinha sono leve, havia despertado. A menina encostou a porta com cuidado para não acordar os outros que ainda roncavam, esfregou os olhos remelentos, ajeitou o cabelo espigado e ralhou com o cão: — Vixe, Bimbim. S'aqueta! Me acordô, disgraça!

O cachorro cor de café pingado aproximou-se meio trôpego, com a cauda encolhida entre as pernas e vocalizou ruidosamente, abrindo e fechando a boca como se tivesse algo importante a dizer. Lambeu nervosamente a mãozinha cor de bronze da patroazinha, girou e voltou a ladrar, dirigindo-se até a entrada do terreno.

Zizinha seguiu Surubim até o portão quase tombado, junto da malfeita cerca de paus, bambus e arame farpado. Percebeu mesmo algo estranho lá fora, mas a poeirada não permitia definir bem o quê. Destravou o trinco e Surubim escapou rápido como um teiú através do vão entreaberto.

Correu então atrás da mascote, já pensando em lhe dar umas boas chineladas por ser tão desobediente.

Deu a volta ao redor do quintal de uma vizinha e de repente notou algo que em nada combinava com o restante do ex-quilombo parado no tempo. Sem voz, estancou boquiaberta com o que viu.

Um veículo flutuante, um charuto prateado e tão amplo quanto um ônibus pairava silencioso a um metro de altura do Poço Grande. Um androide com cara de plástico brilhante, com um congelado sorriso de falsos dentes brancos no rosto de mesma cor, içava alguma coisa lá de dentro. Havia um segundo autômato com a mesma cara engraçada e este talvez fizesse guarda e monitorasse o procedimento, pois tinha uma narcopistola na mão e estava em posição de sentido.

Surubim latia e rosnava muito bravo, seguramente não gostava de novidades, ou talvez de gente de mentirinha.

A menina já vira daqueles bonecos – feito seu pai os chamava – na flextevê. Já vira também um veículo do mesmo tipo certa vez, quando fora ao médico em Bom Jesus da Lapa, mas não ali, naquela comunidade esquecida pelo bom Deus, onde até a eletricidade ainda dependia de antiquadas células fotovoltaicas nos telhados. Por que tavam bulindo no poço? Será que Dona Agripina sabia disso? Oxe, mas tá na cara que ela não vai gostar!

Zizinha saiu do transe quando por reflexo estapeou-se ao sentir uma picada no ombro, dolorida feito as de mosquito-pólvora ou muriçoca. Mas era tão cedo para muriçocas, que só gostavam de sair para jantar à tardinha, pensou. Sentiu de repente uma moleza que não era desse mundo e resolveu deitar-se, ali mesmo, sobre o solo poeirento. Adormeceu até achando graça, pois o tinhoso Surubim aparentemente lhe obedecera e resolvera enfim calar a boca.

Meia hora depois foi encontrada pela mãe e despertou em casa, no sofá da sala, com os olhos de jabuticaba dos pais e irmãos observando-a igualzinho as corujas no juazeiro. Deram-lhe um copo de água fresca e molharam também a sua testa. Não se lembrava de nada e não tinha a mais remota ideia sobre como o cachorro desaparecera ou como fora dormir junto do poço.

(Os pais culparam ao calor e talvez algum preá ou tatupeba houvesse feito o danado do Bimbim escafeder-se – não seria a primeira vez).

Menos de uma semana depois, a menina teve uma febre de quarenta graus, sua barriga cobriu-se de bolhazinhas cheias de líquido arroxeado que iam do umbigo até dentro do xibiu, e ela fez xixi com sangue por uns três dias seguidos, contorcendo-se por uma cólica que parecia comer suas entranhas. A mãe e o pai pensaram em levá-la ao pronto-socorro de Bom Jesus, mas também ficaram prostrados de tanta febre. Aliás, parecia que todo mundo em Rio das Rãs também ficou.

Felizmente, com a graça do Senhor, fora a po-

bre Agripina - já tão idosa, de qualquer forma – em poucos dias todos os outros trezentos e treze moradores se recuperaram e passaram a vender saúde novamente.

Então, após uma quinzena de completo sumiço o levado vira-lata foi substituído pela nova cadela Piabinha, muito, muito mais comportada. E nunca mais se teve notícia de Bimbim por aquelas bandas.

II

Hospital Adonai – Brasília – Setor Obreira Maria do Céu - Maio de 2058.

— Enfermeira, enfermeira!

Apesar de muito enfraquecido, um homem de uns setenta anos, obeso, e com flácida papada, apertava sem parar a campainha ao lado de seu leito. O quarto particular, do melhor hospital do país, exibia luxos para poucos: confortáveis sofás de pelica de búfalo de Marajó, flores frescas flutuando em vasos de cristal supercondutor, tudo, distribuído em amplos sessenta metros quadrados decorados com gosto. O ar-condicionado ronronava mansamente e mantinha a temperatura interna em civilizados 20 graus enquanto lá fora, a plebe, assava nas avenidas calcinadas que as amplas janelas do quarto sadicamente descortinavam.

Estendida por toda a parede oposta à cama, uma tevê-película 16K reverberava o noticiário da tarde.

Na Bahia as autoridades sanitárias declararam quarentena por tempo indeterminado até que o novo surto de Síndrome Necrosante Autoimune - SINAI - seja debelado em duas comunidades quilombolas. É o terceiro surto esse ano no estado. A população está inquieta com a nova doença, já apelidada no sul e sudeste do país de "Maldição de Canaã". Estima-se que pelo menos novecentas pessoas já ficaram estéreis em função da moléstia que, com a graça do Senhor, felizmente só causou duas fatalidades. Maiores detalhes no jornal das nove.

Política agora com o repórter Esaú Moreno... Paz em Cristo, Esaú, parece que o tempo está quente no congresso, não?

Paz em Cristo! Literalmente, Dalila! Está fazendo 40,5 graus aqui em Brasília, a umidade está em 25% e não será um dia fácil pra ninguém. É verdade: temos debates acirrados hoje por aqui. O nanico Partido por um Estado Laico, com o apoio do pouco expressivo Partido Católico-Apostólico Brasileiro e de outros ainda menores, entrou com um recurso contra a votação da PLC 1222, também conhecida como Lei do Povo Escolhido. Entrevisto agora o Deputado Rômulo Tenório, da Aliança da Tolerância PCAB/PEL.

— Senhor Deputado: qual a razão dessa tentativa de embargo?

— Ora, é um absurdo taxar em 3% e diretamente em folha os cidadãos não filiados aos Sete enquanto todos os outros serão isentos do novo imposto! É completamente inconstitucional!

— Mas a Bancada Alinhada dos Quatro tem mais de 50% do quórum e as Três Irmãzinhas somam talvez mais 7%. Vale à pena ainda assim insistir? Outra coisa: algumas fontes insinuam que os proscritos Movimento das Fés Afro-Indígenas e Brigada contra o Ópio do Povo estariam apoiando tal moção, o que seria altamente irregular. O que o senhor tem a declarar sobre o assunto?

Impaciente, o idoso fez um gesto e o aparelho se desligou e enrolou sobre si mesmo, escondendo-se a seguir numa ranhura de metal embutida à parede.

— Sim, senhor. Me desculpe, eu estava no andar de baixo atendendo outro paciente quando o senhor começou a me chamar – disse uma enfermeira, ao entrar esbaforida.

— Incompetente! Eu me cerco de gente incompetente! – Esbravejou.

O respirador de apoio e outros aparelhos que mediam pressão e pulsação saltaram de forma assustadora em suas escalas. A enfermeira, uma mulher bonita de uns trinta e poucos, já estava quase acostumada aos arroubos daquele paciente VIP mimado.

— O se-senhor deve se acalmar. Precisa descan-

sar, para a sessão de quimio de amanhã. Hã, precisa de algo para dormir? Quer comer ou beber alguma coisa?

— Não! Eu não quero beber porra nenhuma! Ou agora vocês têm em estoque uísque dezoito anos também pros pacientes?

— O senhor bem sabe que não. Bebidas só são permitidas aos visitantes do setor VIP, não aos pacientes...

— Não importa! Já são três horas? – Ele tentou focar os números projetados na parede. — Minhas visitas chegaram?

— Um momento – ela acionou um botão minúsculo na armação dos óculos e seus olhos foram inundados por luzes azuis. — Sim, sim, três visitantes acabaram de tomar o elevador e os ícones sobre suas cabeças confirmam que eles se dirigem a esse quarto.

— Bom, chame um garçom depressa, mande trazer o que houver de melhor nessa pocilga. O vice-presidente em pessoa, o presidente do STF e o Ministro da Religião vieram enfim me ver!

Muito nervosa, a moça se retirou apressada. No fim do corredor, por pouco não teve uma síncope ao esbarrar com os famosos três, caminhando com passos largos e decididos - quase marchando - e olhando para o alto, ignorando os reles mortais.

O vice-presidente era um homenzinho atarracado e tinha os cabelos tingidos de negro-graúna, em enorme contraste com a pele pálida cheia de manchas senis. O presidente do STF, excepcionalmente vestido com sua toga fora de suas sessões solenes, era por certo descendente de orientais, embora atipicamente alto. A vestimenta insólita emprestava-lhe um ar de homem-morcego. Por fim, o Ministro da Religião, era o mais sinistro dos três: tinha o rosto sulcado repuxado do lado direito; sequelas de um antigo AVC. O nariz adunco fora talvez encaixado ao rosto por uma criança em idade pré-escolar e os cabelos lisos e ralos estavam esticados para trás, colados ao crânio sob uma camada fina e brilhante de gel. Seus olhos mortiços e empapuçados eram frios, de um tom cinza-rato que desconhecia emoções.

Sem dizer palavra, os três entraram no quarto e se aboletaram no sofá de couro, enquanto um androide de aparência juvenil série Davi servia bebidas e canapés.

Quase logo a seguir, com um gesto deselegante, o doente enxotou o garçom com cara de plástico e ordenou que este fechasse a porta atrás de si.

— Enfim, pastores – ele falou, elevando a cama ao apertar um botão virtual. — Depois de tantos convites solenemente ignorados, os senhores resolveram me atender. Posso saber o porquê da graça alcançada? Talvez por minhas ameaças veladas, ha, ha, de vazar tudo o que sei à imprensa estrangeira? Hum?

O Ministro fez sinal aos outros dois e se levantou. Caminhou languidamente até o leito do senhor obeso e segurou sua mão fria com suas manoplas hirsutas.

— Bispo Felisberto, meu velho amigo, ora, falando assim chega até a nos magoar! Imagine! O Senhor Deus – ele ergueu uma das mãos e olhou para o alto, teatralmente – tem conhecimento que somos muito ocupados, que só não viemos antes por conta dos mil compromissos que nossa vida abnegada nos obriga.

— Deixe de baboseiras, Pastor Nicolau! Ainda posso te chamar assim, ministro? Afinal, vocês foram meus primeiros obreiros... Não precisamos fingir que temos essa fé, não tem plateia aqui!

— Mas somos todos homens de fé aqui. Eu, o Apóstolo Antônio, o Arcanjo Vicente e você. Os Quatro Grandes! Deus sabe, Deus vê!

— Nós sabemos muito bem que Ele, esse deus que você usa como vírgula nas frases, aleluia, oh, Glória, salve... – Ele desdenhou e tossiu. — Que isso tudo é balela, é pra assustar as crianças e manipular a cobiça dos inescrupulosos. Teologia da Prosperidade Infinita, que piada! Nós criamos um negócio muito rentável tendo esse deus como pedra fundamental, e não precisamos ser falsos ou covardes ao encarar tal verdade.

— Foi então pra isso que você nos convocou? –

Ele se fingia ofendido. — Pra tripudiar de nossa fé porque perdeu a sua? Logo você? É por isso? Pobre homem... Eu odeio o pecado, mas não o pecador...

— Não. Eu os chamei pra falar de minha confissão. Na falta de expressão melhor... Confessar, não a vocês, pois não são melhores ou mais dignos do que eu. Eu vou morrer, droga, muito em breve. Mesmo depois de dois transplantes e de terapias genéticas experimentais o puto do tumor que está me comendo por dentro não dá sinal que vá regredir, em verdade está se espalhando: pulmões, rins, fígado. Não adiantaram mais de seiscentos templos da minha igreja conclamando vigílias sem fim, não valeram de nada as milhares de ovelhinhas semianalfabetas acendendo velas, falando em línguas e se estrebuchando no chão, tomadas pelo fogo do Espírito Santo. Merda, eu vou morrer, penosamente, em bem pouco tempo, e isso muda a perspectiva, altera o modo de ver as coisas. Ao menos balançaria alguém que tenha uma fagulha mínima de consciência ou moral.

— Interessante! Continue...

— Um dia, nós quatro aqui, acreditamos uma vez no Cristo, todo perdão, todo amor, todo pureza e humildade. Tenho pensado muito nisso agora. Talvez, talvez ao deixarmos essa terra, do outro lado, Ele exista, de verdade, e espere por nós. Não, não me refiro ao deus-chuva-de-fogo-em-Sodoma-devorador-glutão-de-dízimos. Falo de outro, do aspecto gentil. Do deus que se fez homem pobre, que nunca teve posses materiais significantes, que apenas queria que as pessoas se amassem e fossem tolerantes umas com as outras, que tinha ideias modernas e muito além de seu tempo e dava voz às mulheres como iguais. Esse Deus, ele deve chorar sangue por tudo o que fizemos ao seu legado, percebem? Nós extorquimos os mais ignorantes, arrancamos vantagens a ferro e fogo, somente para nós e para nossa Elite Cristã. Eu, eu, e não pensem que é porque eu tenha medo de Inferno ou algo do tipo, pois bem sei que nem Satanás seria páreo pra nós. Ha, ha! Vocês me entendem? Se houver arrependimento verdadeiro, pode haver perdão. Se pudéssemos reverter pelo menos parte do mal que fizemos, poderia existir salvação para nossas almas...

Os três entreolharam-se e discretamente anuíram. O ministro a muito custo conteve o riso, ao notar lágrimas se insinuando nos olhos embaçados de Felisberto e fez um gesto mínimo para o presidente do STF, que tocou de leve nos óculos e desenhou com o dedo fino no ar: J, U, D, A, S.

— Entendo, Pastor. Então o seu desejo seria...

— Demitam todos os pastores-gerentes de vossas igrejas, pois farei isso com a minha! Contratem gente por sua empatia e amor ao próximo, e não por sua capacidade de angariar dinheiro, de atingir novas cotas de produtividade. Parem de contaminar águas de populações negras com a SINAI! Vamos investir parte de nossas fortunas no bem desse povo que esfolamos há tanto tempo, abandonemos nossos famigerados projetos de dominação total. Chega! Reformemos boa parte dos templos e os transformemos em universidades, bibliotecas, hospitais e teatros.

A porta do quarto se abriu abruptamente e uma enfermeira com máscara cirúrgica, que o Bispo Felisberto nunca vira antes, entrou com uma seringa em mãos.

— Você está muito agitado, pobre, pobre Felisberto, tão enfermo, tão senil. Irmã, digo, enfermeira, por favor, aplique no soro o medicamento milagroso que eu encomendei especialmente pro meu amigo, para dar cabo finalmente do seu câncer.

— Não, Nicolau! Is-isso não é preciso, pelo amor de Deus, somos amigos, seu filho da puta! Enfermeira, enfermeira! – Ele começou a apertar a campainha freneticamente.

— Eu nunca, nem que o demônio aparecesse pra mim em fogo e enxofre e chifres, e me ameaçasse com a danação eterna... Eu nunca abriria mão do que conseguimos depois de tanto esforço – o ministro rosnou em meio a perdigotos, no ouvido de Felisberto. — Você foi brilhante um dia, amigo. Quem sabe, se o seu redescoberto Jesus for mesmo tão misericordioso... Talvez então ele tenha amor em seu coração o suficiente até para perdoar sua alma tão corrompida, e isso tão-somente por suas boas in-

tenções ao leito de morte, hã? Mas quer saber, meu querido? Eu bem sei que não há nada além! Adeus, Felisberto. Eu sempre soube que no fundo você era um fraco.

O rosto torto de Nicolau como por mágica endireitou-se por um segundo e depois se retorceu monstruosamente, num redemoinho grotesco de carne e pelanca. O mundo desceu pelo ralo e empreteceu. O bipe contínuo dos aparelhos sinalizou o momento exato do óbito.

III

Laboratório-Bunker Gideões do Punho Divino S/A – Dezembro de 2059.

Um holograma de altíssima definição do que se assemelhava a um icosaedro de cristal com pernas finas de arame era projetado para uma plateia de estrangeiros e especialistas de outros estados. A partir de movimentos discretos da palestrante a figura girava e ampliava seus detalhes.

— A versão 3.07 do subvírus SINAI - ou produto MC307 - é uma obra de arte, sem meias palavras – começou a falar a Dra. Ester, uma mulher muito magra, de aproximadamente quarenta anos. — Desde as versões betas que temos utilizado diversos marcadores genéticos das populações oriundas de várias partes da África. Usamos o bacteriófago MS2 como base, por ser um dos menores conhecidos e removemos seu RNA original. Combinamos alguns genes importantes de vírus diversos como o da caxumba e conseguimos intensificar sua produção de substâncias danosas às gônadas. Desde essa última release incluímos novos genes do influenza também. Embora, naturalmente, tenhamos restringido seu potencial de mutação. Em função disso, não precisamos mais usar a água como vetor, pois o vírus agora se espalha a partir do compartilhamento de objetos, tosse, contato com fluidos, etc. Reduzimos a quase zero o risco de morte dos afetados e logramos ao mesmo tempo diminuir em 63% o tempo até a necrose total dos folículos de Graaf nas mulheres e do epitélio germinativo nos homens. Após o período agudo da infecção inicia-se um processo de apoptose pré-programada que então elimina todos os microrganismos sintéticos e não deixa pistas detectáveis.

Um cientista chinês levantou a mão e recebeu permissão para falar. O tradutor ativou-se automaticamente, substituindo sua voz fanhosa original por outra de locutor, muito mais elegante.

— Já houve algum teste de campo dessa nova versão? Seria possível adaptá-la a outros marcadores genéticos, como os dos japoneses, por exemplo?

— Depois de seis meses de complexas simulações computacionais fizemos o primeiro teste numa comunidade quilombola no Maranhão há três semanas. Foi um sucesso retumbante! Foi tão rápido e indolor que nem notaram o que se passou!

O público gargalhou ruidosamente e chegou a ensaiar palmas.

— Quanto à sua outra pergunta, a resposta é sim, embora seja bem mais complexo, pois a proximidade genética entre chineses e japoneses é possivelmente maior. Talvez com tibetanos fosse mais fácil, ao menos para testar as primeiras versões. Taí, que tal a sugestão?

Novos risos e cabeças anuindo animadamente, em toda a comissão chinesa.

— As Testemunhas Vigilantes do Advento dos Últimos Dias, do Texas, inclusive já encomendaram uma variedade que seja fulminante aos gays. Variedade esta que já está em desenvolvimento e, de acordo com o projeto, tem teste agendado para o bairro de Castro em São Francisco dentro de dois anos. Algumas organizações do sul dos EUA estão, de qualquer forma, interessadas em nossa última versão do MC307.

— Isso é maravilhoso! Resolveremos problemas políticos e morais e numa tacada só reduziremos os riscos futuros de superpopulação – comentou um cientista russo, já sonhando com chechenos e ucranianos.

— É verdade! Em pensar que inicialmente apenas queríamos debelar os adoradores de demônios da umbanda e do candomblé. Em função dos boatos que espalhamos sobre a tal "Maldição de Canaã", acreditamos que esses cultos ilegais irão se extinguir em breve. Graças ao Profeta Felisberto, que agora se senta à esquerda do Pai!

Os óculos inteligentes da doutora começaram a piscar e seus olhos foram tomados por pontos azuis.

— Os senhores todos, por favor, me escusem, continuem aqui com o Dr. Sansão. Os que quiserem registrar encomendas hoje, aproveitem o desconto: um lote de MC307 sai por apenas cinquenta milhões de Siclos.

–oOo–

— Estão loucos? Como me interrompem durante uma apresentação aos clientes?

— Veja, doutora: preste atenção! Eu vou repetir o telejornal.

...abortos espontâneos de todas as grávidas. Aproximadamente trezentas mil pessoas no Maranhão já foram afetadas. No entanto, desta vez indivíduos de todas as etnias estão sendo vitimados. O sistema de saúde entrou em colapso... Há relatos de casos semelhantes no Piauí, Pará, Amapá e suspeita-se que em cidades fronteiriças das Guianas também...

— Impossível! Mutação?!

IV

Comunidade Quilombola Rio das Rãs - Bahia – Janeiro de 2173.

O androide série Jônata aproximou-se delicadamente.

— Dona Enzara, seu café da manhã está servido. Meus colegas série Golias informaram que terminaram de preparar o terreno para a plantação de macaxeira e batata-doce. O milho e o feijão de corda poderão ser colhidos em duas semanas. As cabras já foram ordenhadas e a produção hoje foi de exatos 63,73 litros.

A idosa miúda levantou-se com dificuldade da cama. Olhou o homem de plástico e passou a mão em seu rosto, tão formoso. Nem todos eram maus, ela aprendera depois.

— Brigada! Avisa aos teus colegas que não carece mais cuidar das cabritas. Que eu quero que sejam soltas do chiqueirinho. Me leva até a varanda antes do café, bonitão? Tô sentindo nos ossos que hoje vai chover. Cadê a Lelé?

A máquina levou a senhora no colo até uma cadeira de balanço do lado de fora e se desculpou:

— Ela está brincando no quintal. Gostaria que eu a trouxesse?

— Não, deixa a bichinha s'adiverti. Oxe, eu não falei? Olha lá no céu, que tantão!

O firmamento descortinava inúmeras nuvens gordas e escuras feito fumo de rolo. Uma cadelinha vira-lata branca chegou do fundo do terreno, latindo, saltando muito alegre e lambeu a mão encarquilhada de Enzara.

— Lelé, minha neguinha…

— Senhora, recebi há pouco a confirmação de que o homem mais velho da Terra faleceu ontem à noite, no Japão. Chamava-se Naoto Fukusawa e tinha 117 anos incompletos.

— Tão novinho!

— Eu sinto muito: a senhora é agora a última humana e a mulher mais velha da história. Mas não se preocupe, nunca ficará sozinha: terá sempre a nós e a Lelé também!

— Vocês vão cuidar do mundo quando não existirmos mais, né misera? Cuidem direitinho!

— Continuaremos com as pesquisas até encontrar uma cura. Ficou triste, senhora? Posso alegrá-la com alguma poesia hoje? Patativa do Assaré, talvez?

— Não, não. Tem aquele bonito da primavera e dos passarinhos... Um duma gringa.

— Sara Teasdale? "Chegarão chuvas suaves e o perfume do solo, as andorinhas adejando, com seu canto estridente. E sapos nos charcos cantando de noite, e ameixeiras silvestres, trêmulas e pálidas. Tordos vestirão sua plumagem de fogo, assoviando suas fantasias numa cerca baixa. E ninguém saberá que há guerra, ninguém se preocupará quando ela tiver fim. Ninguém se importará, seja pássaro ou árvore, se a humanidade perecer totalmente. E a própria Primavera, quando despertar ao amanhecer, nem suspeitará do nosso desaparecimento".

— Que lindo. Vo…

O androide observou a anciã e notou que sua cabeça descia lentamente até se apoiar no peito. Segurou o punho da mulher e atestou que ainda havia pulso.

Quando as gotas pesadas de chuva começaram a cair, Baleia, ou Lelé, se encantou com os preás que, expulsos pelo aguaceiro de suas tocas, pulularam por todo lugar: gordos, enormes. A cadelinha só sossegou o facho quando depois se aninhou aos pés da patroazinha, com a barriga redonda e lambendo o focinho manchado de vermelho.

"O Céu deveria ser assim, cheio de preás", ela sonhou.

Rubem Ricardo Damasceno Cabral, nascido na cidade do Rio de Janeiro, atua como Engenheiro de Software.

Por volta de 2008, iniciou-se no mundo literário, participando de várias antologias já publicadas. Em 2010 foi premiado em 1º lugar na categoria "conto" no Concurso Literário Raízes, em Genebra, com o texto "Noites Brancas". Em 2011 foi um dos selecionados para a prestigiosa antologia anual "FC do B" (Tarja Editorial), com o conto "Nanovidas". Em 2012, foi selecionado para a antologia "Erótica Fantástica" (Editora Draco), com o conto "A Dança de Shiva". Foi organizador da Antologia "!", da Caligo Editora, que incluiu seus contos "Véspera de Natal em Páscoa" e "A morte e a re-morte de Natasha Moskovskaya". Os contos "As dores de cada um" e "Lições" foram respectivamente publicados na revista digital "A Taverna" (1 e 3).

É autor da compilação de contos fantásticos "A Linha Tênue". Organizou a antologia de contos inspirados na Bíblia "Os Livros Apócrifos".

Contato: rudam@msn.com

Contágios Algorítmicos

Ricardo França

O intenso brilho estelar na direção do centro galáctico incidia sobre a refinada óptica adaptativa da melhor nave-patrulha de Triskelion, o sistema mais antigo do Ecúmeno Humanoide, agora isolado. Padrões geométricos de lenta variação, mostravam nas telas de navegação uma imaginária e arbitrária conexão entre várias ilhas luminosas, não deixando transparecer a sutil barreira das encapeladas ondas no transespaço, que praticamente interromperam o tráfego interestelar hiperluminal por séculos. Um "lockdown" totalmente inesperado, que foi habilmente utilizado pelos anciões da comunidade mais respeitável de seu planeta central para reestruturar padrões já meio caducos na sua sociedade.

O cumprimento da tarefa protocolar de investigar as já bem mapeadas bordas deste sistema estelar era a tarefa penosa e necessária, a ser realizada antes da transferência dos oficiais para cargos de menor exigência na administração planetária. O capitão estava no seu posto habitual, checando o fluxo de dados interpolados sobre as rochas exo-orbitais deste sistema. Sua seleta tripulação não se permitia falhar na meticulosa coleta informacional. Desatualizadas sequências de sinais foram subitamente recebidas das antenas da nave, apontadas para o aglomerado estelar mais próximo e mobilizando de imediato os postos de decodificação.

— Nave-transporte automatizada com origem na rota de Keyin chegando, comandante.

— Estranho, apesar dos danos inevitáveis encontrados após a reentrada no continuum, eles se deslocam para o ponto de atração interna no sistema como se não precisassem de reparos. Será que os Keyinianos equacionaram como resolver o problema das tempestades-transbarreiras, ou seus proprietários-mercadores esperam que nós troquemos todos seus sistemas assim que eles pousarem no espaçoporto? Se for o caso, vamos ter de cobrar isso de alguma forma.

— O tempo agendado da chegada dessa unidade bate com o das nossas antigas tabelas mercantis. Já era a hora de repormos uma série de insumos planetários, que já nos faltam há séculos, desde que ficamos por nossa própria conta com a estabilização das transbarreiras. Se o conteúdo dos containers e porões desta nave estiverem intactos, poderemos apresentar aos nossos jovens várias "delicatessen"

com as quais nunca tiveram maiores contatos, a não ser na holomídia.

— Tanto o conteúdo volumétrico de partículas como o decaimento no espectro de energia irradiado do casco indicam os padrões típicos de bombardeio de megalo-axions. Alguns de seus motores subluz apresentam uma série de padrões erráticos de falhas. Isto me parece claramente não ter nada a ver com os resultados provocados pelos danos habituais no transespaço — Alertou o oficial responsável pelo posto de sensoreamento, enquanto buscava nos registros antigos quaisquer paralelos para os padrões encontrados.

— Nossa IA acaba de reportar o início dos protocolos para a troca dos equalizadores comunicacionais internaves. Aparentemente eles mantiveram funcionais os códigos e senhas mais antigos ainda em operação. Tais formas remontam de um tempo antes das Catástrofes-Mosaico, mas ainda apresentando Nível de Segurança Ômega, como os Keyinianos sabidamente gostam — O oficial de informações aparentemente se entusiasmava com a quebra da rotina. Os CI, Centros Inovativos do Sistema de Triskelion, decidiram, fazem muitas décadas, em só se concentrarem nas formas de adaptar tanto sua sofisticada sociedade planetária como de sustentar o funcionamento das suas três fábricas-usinas, em órbita próxima de cada um de seus três sóis, mesmo que seu excedente de produção não tivesse mais para onde ser escoado, nestes últimos séculos.

Seu comandante aceitara a decisão da IA de escoltar a nave automática de transporte até o principal planeta do sistema tríplice, mas a nave estranhamente era desviada com frequência das rotas mais eficientes, aparentemente apenas para "trocar ideias" com as IAs estacionadas nos demais planetas, luas e asteróides do sistema. Os maiores desvios aconteciam quando a rota cruzava com as projetadas pelas IAs mais sofisticadas embarcadas nos veículos civis, comerciais ou de defesa que circulavam entre estes postos. O comandante já começava a se exasperar a cada parada que tinha de fazer, esperando que o transporte se acoplasse de novo com a sua esfera de guiagem. Um "flash de SOS em decaimento rápido no terminal de acesso à persona-IA de sua nave foi interpretado apenas como um "glitch", ou uma necessidade de mais um ciclo de diagnóstico & manutenção a ser executado quando pousassem, no jargão das equipes de manutenção.

Da sua memória entediada surgiram trechos de uma de suas últimas conversas durante seu período de folga no planeta-trono. Era como se dizia nos tratados militares que o primogênito de sua prole, regulada em menos que três descendentes como a maioria da população de Triskelion, estava começando a estudar nos seus tempos de férias: "Um exército é tão rápido quanto o mais lento de seus integrantes"...

–oOo–

— A complexidade da vida medeia aproximadamente entre os padrões de regularidade cristalina e a aparente homogeneidade caótica dos gases —

A palestra de filosofia aplicada iniciou com essa definição tão abstrata, proferida pelo melhor "especialista em generalidades" da universidade central. Muitos membros na audiência precisavam ser regularmente convencidos a incorporar conhecimentos novos, pois em vez de usar esses ciclos de tempo poderiam estar aprendendo novos truques para ganhar popularidade ou influência sobre os mais poderosos membros de sua sociedade. Era um sinal "da decadência do sistema educacional grassando por todo o Sistema Triskelion", como afirmavam periodicamente os pernósticos grupos de revoltados, os autodenominados "revolutos", que vinham espoucando nas várias cidades e agrupamentos humanos e transhumanos do único planeta tipo-Terra do sistema.

— Já vi tudo. Pro camarada provar o ponto de hoje vamos ter de retroceder até o Big Bang — Dizia, bocejando, o aluno sênior para os colegas de seu grupo de aprendizado, sempre sentados e aglomerados nas fileiras de trás do anfiteatro. Eles tinham que achar dentro de si a histamina necessária para acompanhar a palestra até o fim, se queriam conseguir os créditos T-E para passar de nível. Enquanto isso não se completasse, eram só vacuidades e indefinições em vez de conteúdo real.

Enquanto isso, na classe de Bioafinidades, com a aula rodando em paralelo no mesmo prédio...

— Qualquer contágio só pode se efetuar se já exista um mínimo de afinidade entre os sistemas em contato. Por isso é que sempre foi mais complicado debelar uma infestação de fungos que uma infecção bacteriana nos organismos vivos, desde os primórdios da medicina científica. Estas formas de vida micélicas são até as mais próximas a nós, evolutivamente falando, o que torna mais difícil sua discriminação para o estabelecimento de uma boa imunização.

O professor fez uma ligeira pausa, já se preparando para as inevitáveis e sempre idênticas perguntas que surgiam nesse ponto da aula. Enquanto isso, o catedrático se lembrava dos detalhes de sua linha de pesquisa xenobiológica e dos onipresentes limites com que estes modelos simplificados esbarravam para explicar as variedades de vida encontradas não só neste braço galáctico, mas mesmo nas condições pré-coloniais deste planeta. Foi surpreendido por uma simples e direta pergunta.

— E os vírus, chefe?

— Ainda bem que você perguntou, meu jovem. As mesmas condições e argumentos se aplicam a estes organismos. Os sistemas de reprodução parasita dos vírus são profundamente dependentes de que os sistemas celulares os entendam e os ajudem na tarefa de manter sua existência, só que às expensas da nossa própria.

–oOo–

— Senhor, a limitada IA do nosso cargueiro de minérios A1, pelo qual acabamos de passar, relata uma disfunção causada por súbita lotação de seus espaços de memória. Nossa IA a está auxiliando agora mesmo, enviando um pacote com ferramentas de diagnóstico, configuração e reformatação pelo link... Corrigindo... O cargueiro acabou de romper com nossa conexão, enviando em feixe multidirecional uma série de sequências de mensagens de socorro.

— Chame o habitat da segunda órbita troiana de Marut e peça para eles receberem o cargueiro, ou mesmo enviarem uma trupe de info-consertos. Eles devem estar com maiores problemas do que querem admitir. Não importa. Nossa prioridade agora é a escolta da nave-transporte de Keyin.

–oOo–

Os alunos, entediados, deixavam facilmente sua atenção desviar do púlpito do mestre para olhar de esguelha a chegada do veículo provindo da unidade de avaliação de contágio, transportando a segunda tripulação do habitat onde ainda se propagava uma insidiosa cepa de Escherichia Coli super-resistente. Seus cansados, mas extasiados, membros mal saiam pela comporta e já retiravam seus capacetes, inalando o ar perfumado do campus e se espalhavam, sentados, pelo gramado, esperando o transporte até o alojamento. Os alunos distraídos sonhavam com o dia de serem escolhidos para as equipes de substituição pelos administradores dos habitats.

— Quanto à pergunta sobre como considerar ou classificar os patógenos como invasores... Nossas mitocôndrias já foram um dia organismos exocelulares, e o nosso DNA até hoje contém muitos trechos absorvidos de organismos externos. Lembremos que a aplicação do critério de utilidade a ser integrada no meio intracelular, ou a ponderação da agressividade do meio a ser combatida, depende de como nos relacionamos com estes conteúdos externos. Os conteúdos invasores favoreceriam a homeostase geral dos organismos ou não? Sua mera presença ou suas ações disruptivas destroem o hospedeiro ou, pelo contrário, reforçam sua adaptabilidade ao ambiente? Pensemos só nas discretas simbio-melanorganelas, hábeis manipuladoras de campos de energia escura, descobertas pela primeira expedição colonial em Promethan. Como todos sabemos, neste sistema todos os distintos sistemas orgânicos rapidamente as incorporaram, o que inclusive aconteceu com os corpos humanos e transumanos dos colonos que lá chegaram. Aprendemos a duras penas que a superação das eventuais barreiras funcionais era uma condição sine-qua-non para a eficiência de todos os processos de simbiose colonial, que permitissem a sustentabilidade da colônia.

— Então aquela história de protocolos de preven-

ção dos primeiros coloniais contra o contágio cruzado era só um cuidado excessivo? Os nichos ecológicos encontrados eram sempre pouco receptivos à nossa presença? E o impacto nos ecossistemas de Promethan?

— De fato a bioquímica da Terra, como a de outros planetas aonde surgiu vida de forma autônoma, era única o suficiente para minimizarmos com facilidade mais de 99% dos efeitos deletérios provocados pelas xenoformas. O grau de proteção adotado sempre dependeu do quão agressivo seria o metabolismo das microbiotas dos ambientes, ou mesmo do senso de territorialidade nos seres mais elaborados que encontrávamos. A incorporação das "melanos", inclusive, causou um salto evolutivo na biologia dos colonos promethanos, que ainda estávamos tentando mapear decentemente antes do levantar das transbarreiras. Obrigado pela menção, Tao. Gostaria muito que tivéssemos mantido algum contato com os pesquisadores de lá pra responder melhor sua pergunta.

–oOo–

A nave Argos, com sua tripulação de irregulares e quase piratas, chegou às bordas do sistema planetário trinitário sem proceder às comuns manobras de desaceleração, já tentando estabelecer um feixe de comunicação unidirecional com os postos de fronteira no ralo cinturão de asteroides mais externo. Era uma das poucas naves do Ecúmeno Humanoide que conseguia vencer sem maiores danos as tremendamente destrutivas ondas de cisalhamento das transbarreiras ou se guiar de forma mais segura pelo encapelado transespaço. Não que a capacidade de vencer estes obstáculos tivesse sido incorporada como um know-how já plenamente dominado, ou mesmo que não existissem consequências inócuas para sua integridade estrutural e operacional. Desta vez, porém, suas quatro IAs anciãs não podiam se dar ao luxo de perder tempo com os necessários ciclos de autoreparo e recalibração.

Pelas projeções temporais obtidas da febril atividade de cruzamento de dados observacionais, durante a fase de pós-mergulho no nosso universo mais comum e "planar", a unidade automatizada perseguida por eles já deveria ter aportado aos mundos mais internos ao poço gravitacional triplo, produzido por suas atípicas três estrelas assimétricas de tipo K.

— Passem todas as comunicações planetárias, vindas dos habitats e naves de conexão, duplamente pelos filtros. Não sabemos até que ponto o contágio já se espalhou pelas IA do sistema. — Ao se virar, a pequena capitã deu de cara com o miúdo e calvo cônsul promethano tentando se aproximar Este vinha se apoiando precariamente ao longo dos corrimões de suporte dispostos na parede traseira da sala de controles, situada na proa da Argos e logo atrás do setor de observações, pois ainda não tinha sido acionada a pseudo-gravidade rotacional, e sua renitente falta de hábito em se deslocar durante situações de gravidade-zero contrastava com sua constante e exagerada atitude formal.

— Infelizmente os procedimentos de defesa consulares de que disponho aqui não preveem o combate contra info-interações viróticas.

— Vocês nunca se preocuparam com o estado de seus sistemas automatizados em Promethan, cônsul?

— Estávamos ocupados demais com os psico-seres dos túneis e com a melano-contaminação. No fim acabamos por dominar a ambos. Nossos sistemas especialistas embarcados no corpo dos funis-habitats que conseguiram pousar já eram bons o bastante para prescindirmos do uso de unidades autoconscientes no dia-a-dia. E logo tínhamos perdido o acesso à IA da nave mãe orbital, até que ela parou de funcionar de vez. Infelizmente isso aconteceu antes de empregarmos qualquer suporte por parte dela para as atividades de exploração e planetologia no solo.

— O isolamento de vocês pode tê-los ajudado neste sentido. Agora pra sala de reunião. Posso ainda ter de usar alguma expertise sua, como a de muitos de nossos outros colegas. A diversidade de origem que sempre defendi no recrutamento dos meus tripulantes vai ser algo bem útil pra nós.

— Nós, promethanos, sempre fomos orgulhosos de nossa autonomia. Só vamos aonde planejamos ir.

— Sim, sim, nada como ter um bom plano. Vamolá…

O cônsul mal conseguiu se fixar numa poltrona e teve de procurar pelos pontos de fixação no convés, tentando acompanhar sua pequena e hábil capitã. Ele ostensivamente deplorava sua irreverência e borbulhante personalidade, mas ele com o tempo passara a cada vez menos associar tais informalidades à uma inexistente falta de capacidade.

–oOo–

O robusto ex-membro do Marut-Habitat acabara de preencher e enviar seu relatório no centro de triagem planetária, sob os olhos admirados dos trainees, estudantes de meio-expediente. Seus implantes transumanos ainda transmitiam seus econômicos pacotes e protocolos, quando um brilho laranja piscante surgiu no canto superior da tela, logo que este se virava para pedir um transporte no terminal de serviços. A rigorosa e desmaterializada voz do controlador de tráfego se fez ouvir por todo o recinto.

— Alerta de suspeição digital. Recém-chegados devem se dirigir à administração para o inicio dos interrogatórios de hash-acareação.

— Não achava que anexar um mero vídeo caseiro no relatório provocaria tanto alvoroço... Esses persona-geradores podiam ser mais educados...

Ao entrar no vazio mini-transporte, e de lá mesmo reprogramar seu destino para o prédio baixo dos gestores, o rapaz não percebeu os sinais de falhas sucessivas que surgiam nos sistemas do centro de triagem logo após sua saída. Um estranho fluxo de serotonina surgia de seus sofisticados implantes transhumanos com mini-IAs embarcadas, sempre que lhe despertava a ideia de compartilhar digitalmente suas experiências.

–oOo–

Pouco depois da festejada atracação da antiga nave transporte keyiniana na principal estação orbital de Triskelion, se deu o envio automatizado dos infopacotes representando seu conteúdo de carga para a IA orbital. Estes continham indícios de uma imprevista troca de mensagens entre Marut e a estação, surgidos logo após sua passagem pelo gigante gasoso, mas ainda não despertaram maiores suspeitas entre as recém-aplacadas burocracias dos agora despertos sistemas exo-comerciais triskelianos.

Pouco depois a IA da estação recebeu o sinal de alerta da Argos. A "conversa" entre ambas IAs mais parecia um diálogo de surdos, já que a IA-Vela, que controlava tanto a navegação da nave de ponta do Ecúmeno como era responsável pelos seus protocolos diplomáticos internos, não mais permitia mais impunemente a livre troca de mensagem alguma, sem antes submeter os pacotes recebidos à varredura de seus filtros. Após um rápido autodiagnóstico, para eliminar a hipótese de algum contágio indesejado, ela imediatamente avisou a capitã de suas dificuldades, pelo terminal de seus aposentos aonde ela se encontrava em meio a deliberações táticas com o cônsul promethano.

— Chefa, não sei se chegamos à tempo pra evitarmos a propagação dos códigos maldosos. Este sistema de IA "antediluviano" deles aparentemente ainda conserva uns "backdoors" bem frágeis que pretendo aproveitar. Minhas contramedidas podem ser transferidas, assim que você der o OK. No entanto, pode ser que a infestação já tenha avançado até o ponto de não-retorno.

— Faça o que puder pra salvarmos o que puder das IAs de Triskelion. Só não se deixe contaminar. Confio em você, Vela. O que me preocupa mais agora é se podemos alcançar todos os habitats e naves nos demais postos do sistema antes que o estrago seja grande.

— Pelo que tenho captado de Marut a maior parte dos transportes interplanetários e naves-patrulha receberam info-pacotes estranhos de uma nave automática recém-chegada. As transmissões dos centros de triagem mostram que depois disso alguns capitães desviaram inexplicavelmente de seus destinos. As respostas de algumas IA têm sido cada vez mais erráticas. Personas de interface inteiras parecem ter sido praticamente "apagadas", mas o funcionamento básico da maior parte dos sistemas ainda não foi comprometido.

— Nem espere pelo meu comando, Vela. Interaja só o suficiente para implantar nossos infoplugs de compensação. Projeta aí pra mim o perfil de contágio, segundo os parâmetros canônicos adotados pela nossa "avançada" bio-virologia do Ecúmeno.

Pouco depois, a minitela mostrava o avanço do contágio se enraizando quais troncos e ramos de micélios, em taxas e dinâmicas similares a um combo dos antigos vírus terranos SARS, Ebola e Sarampo. Foi quando o cônsul manifestou privadamente seu alívio por ele não ter anteriormente deixado realizar a incorporação em seu corpo de nenhum implante-IA auxiliar, nem mesmo os mini-implantes usados por quase toda a tripulação da Argos. A pequena capitã acenou em compreensão. Logo ergueu de leve sua larga copa de vinho, mantida defronte a seu enigmático sorriso, e despejou sua verborragia alcoólica nos receptivos ouvidos de seu colaborador.

— Eu te saúdo e entendo, amigo. Não teria chegado à minha avançada idade se eu bulisse a toda hora com esta biologiazinha finamente ajustada. Mas aqui a gente vai ter que lidar com os duros dados da vida complexa e real da administração moderna. Esta sociedade triskeliana já era muito dependente das IA de suporte antes mesmo das transbarreiras. O ruim da coisa é que a civilização aqui vai regredir muito rapidamente se ela não dispor logo de uma fértil troca com nossos parceirinhos artificiais e receber sua inestimável ajuda. Só pretendo zarpar daqui depois de conseguirmos algum grau de sucesso na nossa cobertura "vacinal" e constatarmos que sobrou alguma sustentabilidade pós-pandemia. É como se dizia nas megalópoles terranas... aqui ainda vamos ter de "trocar o pneu com o veículo ainda rodando", isto é, tentar aprender a ajudar a sociedade a continuar funcional enquanto a "imunizamos". Depois, como vamos praticamente ter de enfrentar a mesma coisa lá em casa, nos nossos desconfiados mundos tronos, a gente digere e reproduz a experiência.

— Isso se nossos "opressores" originais não nos colocarem numa quarentena definitiva quando voltarmos, ou mesmo nos obliterarem, sem nos dar a menor oportunidade de propagar nossa solução — O cético cônsul, não acreditando em soluções muito fáceis e gerais, já começava a imaginar sua estratégia de convencimento, a ser adotada junto à seus empregadores da família real, no distante Promethan.

Ambos os humanoides na sala sabiam que até os zumbis representados nas sessões de holomídia que passavam nas salas de lazer da Argos precisavam se aproximar minimamente para causar sua contaminação por contato. Mesmo a propagação dos fungos que infestavam insetos, conforme aqueles documentários eco-terranos da era do aquecimento global que passavam nos intervalos, também dependiam da eliminação da distância interpessoal, pelo que lembrava a capitã da Argos. Esta distância agora deveria se dar num terreno algo mais "virtual", se manifestando na forma de checagens, filtros e supressão de contatos.

Para que suas contramedidas conseguissem erradicar todos os distorcidos códigos e nanoestruturas nas "IA-zumbificadas" em Triskelion, que sabidamente contaminavam suas semelhantes após rápidas trocas de mensagens, eles teriam primeiro de convencer todos os moradores deste sistema a reduzirem drasticamente suas interações, ou seja, a restringirem o alcance de suas vidas a um ponto que muitos poderiam considerar impensável, já que muitos sistemas deveriam ser "resetados" e desconectados dos demais. Até que estes voltarem a seu funcionamento regular, esta civilização teria de ficar um tempo razoável "em estase".

Se conseguissem ao menos sustar no nascedouro essa contaminação do espaço exterior por aqui mesmo, poderiam levar a tecnologia de imunização atualizada que Vela adaptou a partir do seu primeiro encontro com as IA-zumbis em seu passado remoto, e a replicar junto aos mundos do Ecúmeno e além. As esparsas notícias que vinham das ruidosas mensagens do Ecúmeno era de que a situação em vários setores controlados pelas suas frotas e sistemas isolados já estava começando a sair do controle, e que as transbarreiras só pioravam de muito a coordenação dos esforços.

–oOo–

Após os casos se descontrolarem na maioria dos

habitats desse sistema o mundo central de Triskelion decretou "estado de calamidade planetária". Só aí a coordenação governamental dos Centros de Inovação tomou o controle dos "deslogamentos", visando minimizar os danos decorrentes da paralisação dos sistemas decisórios baseados em IAs. Mal a Argos entrara em sua órbita baixa pulularam tentativas de infiltração por inclusão de infopacotes infectados, contrabandeados em inocentes mensagens e trocas de dados. As barreiras e filtros habilmente postos por Vela seguraram todas elas. Uma seleta trupe de descida foi rapidamente selecionada pela capitã. Módulos portáteis de info-diagnóstico e -manutenção "não contamináveis" faziam parte de seu equipamento.

— Bem vindos, camaradas. Faz tempo que não recebíamos ninguém das comunidades do espaço profundo — O professor universitário estava com Tao, seu trainee, e ambos vieram, entusiasmados, para encontrá-los presencialmente assim que o shuttle pousou no caótico espaçoporto. Correndo pela ampla área de pouso, estafetas pilotavam veículos "emburrecidos", levando mensagens dali para todos os pontos da metrópole, gravados em aparelhos "inautônomos", retirados dos museus. A única acompanhante transhumana da capitã da Argos sorria com aprovação. Só sua chefa sabia o quão penosa estava sendo a supressão temporária do funcionamento de praticamente todos seus implantes. E só quem lesse os posteriores lançamentos desesperados no seu diário-log pessoal poderia especular sobre o quanto uma transpessoa poderia se sentir sufocada pela ausência de sinais e pela consciência das suas limitações e restrições biológicas originais.

O desespero patente dos administradores com o colapso de vários centros de controle planetários, como o de tempo atmosférico e de transporte de pessoas e cargas, fora o amaciante definitivo que permitiu a imediata aceitação e tomada das medidas restritivas sugeridas pela capitã, as quais foram descritas por ela assim que os universitários completaram um agora muito reduzido protocolo de apresentações da trupe de pouso. Os habitats de Marut já estavam para além de qualquer possibilidade de salvação. Mesmo a sociedade triskeliana no mundo-trono já dava sinais claros de revolta, e muitas vezes tal imposição de tão amargas medidas de redução social causaram manifestações e destruição extras, com sua sociedade dando um passo agora um pouco além do desastre produzido pela falha generalizada dos seus sistemas de controle sócio-ambiental.

Imediatamente antes da hora marcada para a volta da trupe de pouso, um compacto módulo especialista pré-programado, dotado de um sistema de irradiação unidirecional por reflexão ionosférica, fora imediatamente entregue às autoridades pela reduzida trupe da Argos e logo ligado à rede de energia emergencial. Ato contínuo, este aparelho já começava suas tentativas de combater e neutralizar as incursões nos sistemas ainda conectados por todo o planeta e na órbita baixa deste. Entre o pouso e a decolagem do shuttle não transcorreram mais que poucas horas.

Assim que o shutlle "docou" no hangar a oficial transhumana deu uma inspiração profunda e soltou um suspiro de alívio ao finalmente acionar as rotinas de religamento dos seus principais implantes e sistemas, já que agora se encontrava sob a camada de proteção de dados estendida localmente pelas suas quatro IAs. A Argos não parava de usar seus transmissores de longa distância para tentar inserir seus módulos de diagnóstico e correção dos monocomandos zumbificadores no próprio corpo de suas mensagens, as quais eram cada vez menos frequentemente trocadas com os habitats e as naves da espaço-marinha de Triskelion.

Antes que a trupe de pouso conseguisse chegar à ponte de comando pela via sem gravidade no eixo da nave, inequívocos sinais de movimentação os indicavam que as IAs inicializaram uma saída emergencial da órbita baixa. Uma das naves-patrulha triskelianas mais bem equipadas com armas de defesa já os enquadrava em sua mira.

— Eles estão agindo por conta própria, como acabei de captar em uma recentíssima mensagem emitida da superfície por um garoto chamado Tao, chefa. — O jovem psion-piloto da Argos era agora sua principal fonte de contato direto com o pesso-

al da superfície. A descontaminação dos sistemas planetários seguia, porém, tomando muito mais tempo que o previsto. Uma estação orbital teve de ser totalmente desintegrada pela defesa planetária anti-asteróides, antes que a megaconstrução orbital se arrojasse sobre uma das principais aglomerações humanas triskelianas, onde quase todas suas moradias coletivas se encontravam estacionadas e IA-paralisadas no fundo dos seus luxuriantes vales com a bionatureza reconstituída.

Infelizmente a Argos não pôde evitar uma imediata resposta bélica. Aplicar táticas desconhecidas até mesmo pelos membros do Ecúmeno foi a maneira mais rápida de resolver a situação. Com todos seus mísseis neutralizados, incluindo os já lançados contra a Argos ou estruturas triskelianas em órbita e em terra, o casco da nave-patrulha agora parecia tão inerte quanto um exo-cometa oblongo, não mais manifestando a rota tipicamente errática das naves contaminadas, e sim descrevendo uma suave órbita hiperbólica para fora do sistema, Esperava-se que o suporte de vida ainda estivesse suficientemente funcional para que sua aprisionada tripulação conseguisse esperar o resgate por parte das poucas naves com as IA já "vacinadas". Seria uma tarefa complicada, pois estas poucas naves imunizadas combatiam por suas vidas em todos os recantos do sistema.

–oOo–

— ... O mais difícil foi negar o pedido de alistamento do jovem Tao. Ele manteve insistentemente o contato até o limite de potência dos transmissores. — O psion-piloto bebericava um neuro-estimulante na sala de reunião. Ele acabara de deixar a pilotagem ao encargo da sua parceira, a IA número 2 da Argos, denominada Carina, e informalmente trocava informações com os membros da trupe de pouso. Poucos dos encontros espaciais ocorridos na parte externa do sistema agora requeriam uma maior atenção dos humanos e transhumanos da tripulação. A moça de curto cabelo violeta, trajando um uniforme da engenharia com o nome Viviane bordado na lapela, mantinha sua expressão de incredulidade enquanto futucava com suas ferramentas portáteis e seu anel luminoso um mini-módulo de confinamento informacional triskeliano, o qual se apoiava sobre o tampo da mesa iluminada com os dados de projeções decrescentes de contágio, conforme os algoritmos de desinfecção elaborados pela IA-Vela se infiltravam em todos os códigos triskelianos.

— Pena. Parecia um moleque legal. Seria uma boa aquisição pra nosso partido-pirata itinerante. Mas eles vão precisar de todas as pessoas minimamente talentosas para ajudar na reconstrução da sociedade triskeliana. Poucos habitats escaparam ilesos, e a maior parte deles já está inclusive se acostumando com um grau maior de autonomia do governo central. A espaço-marinha local está praticamente toda colocada em órbita de Triskelion. A contagem de baixas já regrediu, mas as cicatrizes ainda vão permanecer um tempo. Como se já não bastasse o isolamento das transbarreiras para com os outros sistemas estelares, agora as trocas sociais, até as entre seus aglomerados urbanos mais organizados, vão passar a ser bem mais "espartanas"...

— Não existe liberdade incondicional, só adaptações — afirmou o cônsul promethano, observando fixamente o módulo de Viviane, enquanto este fritava de dentro pra fora.

— Ei! Pare de zoar com meu souvenir, ô seu careca fdp! Já não teve seu momento de diversão, explodindo remotamente a única auto-estação bélica contaminada que sobrou deles? Como continuar nossos ganhos se sempre acabamos destruindo tudo que levamos de todos os sistemas que visitamos, seu piromaníaco?

— Os problemas acabam, as trocas nunca. — Rindo, o pequeno cônsul saiu pela eclusa de acesso, pouco antes de receber um certeiro lançamento do que sobrou do aparelho fumegante.

Ricardo França, D.Sc. em Engenharia Eletrônica, é carioca atípico e pouco viajado (viajandão só na psiquê ou a serviço), vacinado contra a obsolescência programada (principalmente a sua), lidando com toda ciência e tecnologia, defasada ou não, até o talo. Um quatro-olhos-fotofóbico, se orientava quando jovem pelo oriente-de-onde-vem-a-luz (desde seus tempos de instrutor de Yoga), e hoje usa padrões de iluminação para medir distâncias mui-pequenas no Inmetro. Até bem antes da tese já se valia das buscas aleatórias para atingir a exatidão. Gosta de arquétipos numéricos, das interações, tanto linguísticas quanto visuais, e do trabalho de equipe, desde sua época de fanzineiro de HQ, sendo um dos vencedores da 1ª Bienal de HQ no RJ em 1991, até os anos 2000-e-tantos, quando engaja sua escrita em coletâneas de contos de FC, como a Erótica Fantástica, vol. 2, da Editora Draco, para a qual foi um dos selecionados.

E vi subir do mar uma besta

Marcelo Rabello dos Santos

Ao final do séc. XXII, descobriu-se que o planeta Gliese 581g – na constelação de Libra – era inteiramente coberto de água, possivelmente devido a antigos impactos cometários. Cianobactérias, bactérias verdes sulforosas, e outro, organismos geneticamente ajustados, foram introduzidos com a intenção de criar um ecossistema compatível com organismos dos mares terrestres – e dotar o planeta de uma atmosfera respirável por humanos. O plano deu certo. E em algumas décadas depois, o planeta foi declarado aberto à livre empresa humana. Todas as pessoas que ali viviam compartilhavam uma meta comum: a exploração de seu potencial econômico.

Ísis e Catalina estavam entre as primeiras dezenas de pessoas autorizadas a viverem em Gliese 581g – que fora apelidado de Zarmina, ninguém sabia bem o porquê. A ideia de viver fora da Terra surgira quando elas eram colegas em uma universidade situada no território da nação outrora conhecida como Brasil. Catalina, então estudante de biologia, desenvolvera um grande interesse pela alga *Durvillaea antarctica*. Conhecida dos povos tradicionais americanos desde tempos pré-colombianos, a cochaguasca – como era popularmente conhecida – era um organismo de grande potencial alimentar. Ísis – que era na época estudante de administração e de índole mais aventureira – logo farejou a oportunidade perfeita: cultivar a cochaguasca em Zarmina. Elas se mudaram para o planeta logo após a formatura. O empreendimento recebeu financiamento de uma das instituições financeiras multiplanetárias, o *Banco d'investimento extra solare* – ou BIES.

Zarmina estava sendo ocupado gradativamente por fazendas aquáticas de produção de alimentos: algas diversas, pepinos-do-mar, holotúrias, moluscos – ostras e vieiras –, crustáceos – do krill à lagosta – e toda a sorte de peixes. A empresa de Ísis e Catalina ia suficientemente bem: a cochaguasca não era um sucesso comercial estrondoso, mas tinha consumidores fiéis nos diversos planetas da diáspora humana e até na própria Terra; as despesas de produção e obrigações com o BIES eram pagas em dia; e ao final de cada período contábil, um saldo financeiro crescente

ia se acumulando na conta das sócias.

A fazenda flutuante que agora era o lar de Isis e Catalina consistia em uma barcaça – ao mesmo tempo sua moradia e centro de controle – rodeada de lotes de cultivo e painéis solares. Devido ao acoplamento de maré, o período de rotação e o de translação de Zarmina coincidiam. Como ocorria com a Lua da Terra, Zarmina mostrava sempre a mesma face para a anã vermelha Gliese 581. Como o planeta não impunha quaisquer ritmos circadianos, o dia de 24 horas da Terra foi adotado também em Zarmina. A posição relativa do complexo – dotado de um sistema descentralizado de propulsão – era constantemente ajustada ao longo da linha de transição entre o dia e a noite em busca das melhores temperaturas para o cultivo. Essa e outras funções eram controladas por uma inteligência artificial que, na prática, era uma terceira presença junto à dupla humana.

Ísis batizara a IA de Terezinha – em homenagem à sua bisavó Tereza – e ocupara muito de seu tempo em sua customização. Ísis não conhecera pessoalmente sua ancestral, mas como ela vivera no período das "redes sociais", muitos dos detalhes de sua vida – incluído inflexões vocais e vocabulário – haviam sido preservados. E Ísis os incorporara à IA. Quanto à Catalina, preferia passar longas horas percorrendo a propriedade em um barquinho cheio de sensores. Tratava-se, afinal, de um ambiente extraterrestre, que requeria constante monitoramento. Quanto à gravidade – cerca de 1,4 maior que a terrestre – e iluminação – um vermelho mortiço – não havia nada que Catalina pudesse fazer, mas fatores relativos às propriedades do meio de cultivo – tais como oxigenação, salinidade e nutrientes dissolvidos – eram passíveis de algum controle.

Foi em uma manhã do sexto ano de permanência das amigas em Zarmina – contados de acordo com o calendário da Terra – que Terezinha trouxe uma alerta até então inédito:

— Miguxas, as algas do setor 136 estão mudando de cor!

Catalina ergueu as sobrancelhas grossas – não conseguia se acostumar com o tom coquete da IA – e respondeu com rispidez:

— Chega de bobagem, Terezinha. Me diga com precisão o que está acontecendo lá.

Agora foi a vez de Ísis franzir os sobrolhos: não gostava que ralhassem com sua bisavó! Mas como o assunto parecia sério, não interferiu. Aliás, Terezinha também percebeu a gravidade do momento. E com sua voz mais profissional informou:

— Há um padrão de descoloração em progresso no lote 16. Até agora, cobre somente 4,5% das algas do setor. A confirmação de que não se tratava de um fenômeno aleatório, mas sim de um padrão estatisticamente previsível, foi obtida hoje, às 06:47, ou seja, há dois minutos. Não foi possível encontrar, nos sensores, nenhuma alteração nos parâmetros monitorados por padrão. Também não é possível encontrar, nos bancos de dados planetários, nenhuma explicação. No ritmo atual, a descoloração irá atingir toda a produção em 26 dias. Tenho um drone de observação no local. Desejam ver a imagem?

Quando percebeu que Catalina estava absorta demais para falar, Ísis respondeu:

— Sim, Terezinha. Mostre-nos.

A tela situada na sala de estar exibiu a vista aérea do lote 16. Ficava como que em uma das extremidades do retículo que constituía a fazenda. Claramente perceptível, em contraste com as águas de tonalidades arroxeadas de Zarmina e verde de algas cultivadas, havia uma mancha branca irregular.

— O que está acontecendo? – murmurou Ísis.

— Nossas algas estão morrendo, sócia – respondeu Catalina.

Nos próximos dias, Catalina deu plena vazão ao seu lado mais antissocial: quando não estava coletando amostras em sua gôndola, trancava-se no laboratório. Seguindo suas instruções, Terezinha vasculhava entre *yottabytes* de informação nos bancos de dados da Terra. Era em momentos como esse que a gregária Ísis quase se arrependia de ter escolhido como sócia uma pessoa tão impenetrável. Mas não: confiava que Catalina acabaria por descobrir a solução para mais este mistério. Só que desta vez estava

demorando demais, e nesse ritmo, as despesas de ansível com a Terra acabariam por quebrar a empresa...

A comunicação no séc. XXIII era assunto muito sério: a privacidade era muito valorizada. Os custos das comunicações interplanetárias eram elevados. A rotina, nas mensagens interpessoais ou entre grupos, era a destruição das mensagens após um certo período. Um antigo sábio dissera que a função da propaganda era distorcer as leis da oferta e da procura, e isso era algo a ser evitado, de acordo com o cânone liberal vigente. Comunicações unilaterais, irrestritas, não eram encorajadas: a reciprocidade total era a norma aceita por todos. Mas a fofoca, esse denominador comum da humanidade, continuava a vicejar em fóruns de discussão e em outros espaços virtuais. E a simpática Ísis era especialista em interagir nestes espaços. De seu alojamento, buscava discretamente notícias dos outros produtores do planeta, e para sua surpresa, um padrão começava a se formar.

Foi uma semana após o início da descoloração e do isolamento de Catalina – quando a colheita parecia condenada – que Ísis recebeu uma vídeo-chamada de uma nave em órbita. O interlocutor era falante de inglês, informava a tela de apresentação. Ísis já sabia o que esperar, mas decidiu fingir surpresa. Configurou o sistema para tradução simultânea – iria sentir-se mais à vontade expressando-se em português:

— Em que posso _hama-lo, senhor?

O interlocutor parecia ainda mais jovem que ela, mas uma certa formalidade tornava a insinuar-se nos negócios humanos, de forma que ele respondeu:

— Presumo que você seja a administradora registrada do estabelecimento, senhora?

— De fato. Meu nome é Ísis de Almeida, como consta no registro comercial, e minha sócia é Catalina Duero. Em que posso _hama-lo?

— Sou representante da *Maverick & Sons*, que como você talvez saiba, é a maior produtora de algas comestíveis de Gliese 581g. Estou de passagem pelo planeta para supervisionar a fase final dos testes das novas super-variedades de *Porphyra*, inteiramente desenvolvidas para o ecossistema local. De acordo com os nossos satélites, vocês estão com alguns problemas aí em baixo. Temos uma oportunidade de negócio imperdível a oferecer...

Em suma, o representante argumentou que a única chance de sobrevivência da empresa de Ísis e Catalina seria a de tornar-se uma franquia e produzir uma das tais novas variedade da Porphyra – a popular alga do sushi. Ísis prometeu pensar no assunto, encerrou a contato e correu para o laboratório. Era hora de Catalina voltar à realidade. Para sua surpresa, encontrou a amiga sorridente e falante:

— Estava me preparando para te chamar. Tenho novidades. Terezinha, projete a imagem do microscópio, por gentileza. O que você vê, Ísis?

— Bom, aquela manchinha com bracinhos até eu reconheço. É uma ameba! Estás querendo dizer...

— Não é bem isso – disse Catalina, apontando o dedo para um ponto ao lado à ameba. – Ali, aquelas bolinhas. São vírus.

— Até eu sei que vírus são muito menores que isso, Catalina. Não faz sentido! O que está realmente acontecendo aqui, Terezinha? – disse Ísis, dirigindo-se à IA.

— É tudo verdade, miguxa! São do gênero mimivírus. Foram descobertos no final do séc. XX, mas achavam que era um tipo de *Legionella*, uma bactéria, de tão grandes que eram. Que patetas!

Os modos afetados de Terezinha retornaram com força total em resposta à presença de Ísis. Mas Catalina estava tão satisfeita com suas descobertas que nem se importou, e prosseguiu com a demonstração pingando um líquido na placa, cuja imagem estava sendo projetada.

— Estou usando um método derivado de uma técnica antiga, inventada por um tal de Gram... Mas a ideia básica continua em uso: veja!

Alguns dos mimivírus agora estavam amarelados. Catalina explicou:

— As amebas e os mimivírus foram semeados aqui como parte do processo de terraformação de Zarmina. Estão aqui há dezenas de anos em um equilíbrio adequado. Aliás, como é estranho falar em terraformação de um planeta que não tem terras emersas...

Catalina explicou que havia muitas variedades de mimivírus no oceano local. Alguns eram parasitas obrigatórios das amebas, outros de algas diversas, e que na verdade sua presença contribuía com o ecossistema de diferentes formas. Havia até uma variedade chamada Samba, descoberta no Rio Negro da Terra por pesquisadores de uma universidade que estava na origem daquela em que haviam estudado juntas. O ponto importante era que os mimivírus amarelados apresentavam mutações genéticas extensas e desconhecidas, muito provavelmente artificiais. Essas alterações abrangiam inclusive a composição de seu invólucro proteico – o que permitira a fixação do corante amarelo e sua identificação. O corante não aderia aos outros organismos. E Catalina arrematou:

— Os mimivírus modificados estão substituindo todos os demais. Nossa cochaguasca hospedava um mimivírus específico da qual dependia para otimizar certos processos fotossintéticos. Como o invasor não realiza as mesmas funções, a cochaguasca morre. Temos de nos livrar deles!

"Se ela saísse do laboratório de vez em quando, já saberia da real extensão do problema", pensou Ísis. Mas o que disse, simplesmente, foi:

— Catalina, resposta curta, por favor. Temos como fazer isso, nos livrar deles?

— Terezinha e eu temos uma excelente possibilidade em mente. Pode ser que sim. Saberemos em alguns dias.

— Ótimo – respondeu Ísis. — O que precisamos fazer agora é ter uma conversa bem demorada nós três. Também tenho novidades. E depois precisamos entrar em contato com o banco. Terezinha, marque uma reunião com o BIES para logo.

Algumas horas mais tarde, relampejou na tela grande da sala de estar o selo do BIES, seguida da tela de apresentação do funcionário que iria _hama_-las: um homem grisalho que encarnava perfeitamente o ideal de responsabilidade corporativa, falante de italiano. O funcionário iniciou a conversação em um tom exorbitantemente jovial que o sistema de tradução mal conseguia dissimular:

— O que podemos fazer hoje pelas nossas bravas pioneiras?

— Nossa operação está ameaçada... – começou a explicar Ísis.

— Vejo aqui que o contrato de vocês inclui seguro contra este tipo de eventualidade. Se o usarem, poderão quitar sua dívida conosco e talvez ter um pequeno lucro. Aperfeiçoem seu modelo de negócio e tentem novamente em alguns anos. Tudo ficará bem! – interrompeu o sorridente bancário.

— Mas não se trata de uma circunstância acidental. Temos razões para crer que nossos prejuízos são causados por um vírus disseminado deliberadamente por um concorrente, a *Maverick & Sons*.

O funcionário murchou um pouco antes de responder:

— Vocês podem provar que a intenção deles é prejudicar a produção de vocês?

— Sim, absolutamente. Podemos – mentiu Ísis.

— Acontece que a *Maverick & Sons* é uma de nossas melhores clientes. E estou perfeitamente informado do fantástico novo produto que pretendem cultivar, e de certos aditivos que estão introduzindo no oceano de Gliese 581g. São justamente estes aditivos que irão conferir às novas variedades produtividade excepcional. No que concerne ao entendimento do BIES, não há qualquer dolo envolvido. Vejam, senhoritas: as relações comerciais de nossa era são regidas pelos Acordos de Port Lowell de 2283. O objetivo desses acordos é justamente eliminar a necessidade mediação estatal, substituindo-a por um sistema autorregulado baseado nas leis do mercado – ou seja, regido pelo lucro. E os lucros estão na *Maverick & Sons*. Se vocês tivessem muito dinheiro, seria o caso de reunir uma corte aqui

na Terra para tentar obter alguma indenização. Mas vocês não têm, e acabariam derrotadas. Se não desejam sacar o seguro, por que não entram em contato direto com eles? Estão entre os nossos melhores clientes, e são cumpridores fiéis dos termos de *fair play* dos acordos.

— Eles entraram em contato conosco. Querem nos transformar em uma franquia. Mas a questão é que a alteração do ecossistema de Zarmina não trará consequências apenas para o nosso negócio. Todos dependem da estabilidade da microbiota de uma forma ou de outra até os produtores de peixe. E não há como prever os resultados das ações da *Maverick & Sons*!

O funcionário adotou uma expressão beatífica e replicou, com mansidão:

— Agora está claro para mim onde está o engano no raciocínio de vocês, minhas filhas. Há um vírus bem mais perigoso do que esse que vocês alegam existir, um vírus que minha geração vem se esforçando por extirpar e que se chama coletivismo barato. Felizmente, as nações agora são coisa do passado. O melhor cenário é aquele em que cada um defende os próprios interesses, manifestando o egoísmo esclarecido! É o que vocês, jovens, devem fazer. Porque vocês se importam com os demais, ou com o ecossistema de Gliese 581g? Os lucros de vocês devem ser a prioridade!

Foi esse o momento que Catalina escolheu para fazer sua única contribuição à reunião:

— Terezinha, corte a chamada imediatamente. – E quando a tela escureceu, dirigiu-se a Ísis:

— Desculpe. Sei que isso pode estragar nossa relação com o BIES, mas não conseguia mais ouvir aquele sujeito. Só de pensar nos anos trabalhos perdidos por culpa da *Maverick*...

— Não se preocupe. Eu estava prestes a _hama-lo de palhaço, o que seria bem pior do que somente cortar a comunicação. Que hipócrita! Defendendo a formação de um monopólio em nome do livre mercado. O pior é que dependemos do banco também para exportar as algas... Mas o que importa é que sabemos de que lado está o BIES. Temos de encontrar outra maneira de sair dessa situação.

Alguns dias depois, cada um dos produtores de Zarmina recebeu uma mensagem personalizada de ísis e Catalina. Incluía o indefectível chavão "uma oportunidade de negócio imperdível" e convidava a um encontro face a face no *Castle Pub*. Tratava-se de um dos poucos estabelecimentos do gênero em Zarmina. Construído com sobras metálicas das primeiras expedições terraformizadoras. Parecia-se mesmo com um castelo decrépito de sucata. Gélido, servia seus destilados sempre à noite – flutuava preferencialmente no lado escuro.

Viagens por água em Zarmina não eram um problema. Não havia continentes, recifes, bancos de areias ou quaisquer elementos geográficos que trouxessem perigo – ou deslumbramento. Todas as empresas possuíam pelo menos uma embarcação econômica e de boa velocidade sempre pronta para qualquer eventualidade. Pontos distantes do planeta poderiam ser alcançados em poucas horas. Talvez o tédio imposto por uma longa viagem monótona explicasse o mau humor dos convidados que se abarrotavam no *Castle Pub*. Mas o mais provável é que os resmungos se devessem ao fato do convite que haviam recebido não dizer nada a respeito de uma reunião geral das dezenas de produtores do planeta. Tal coisa nunca ocorrera antes! Cada um deles – e eram em sua maioria homens – fora levado a acreditar que se tratava de uma reunião particular às remetentes. Até mesmo o representante da *Maverick & Sons* estava ali.

Mesmo enquanto esforçava-se por contornar os babélicos protestos individuais e obter a atenção de todos, Ísis descobriu que não dispunha do vocativo adequado para interpelar os presentes e iniciar seu discurso. Amigos! Compatriotas! Camaradas! Colegas! Cidadãos! Cada um deles referia-se a categorias coletivas que não vigoravam ali.

— Competidores! É isso que nos une. Somos competidores! – bradou Ísis.

Aos poucos, todos foram ajustando seus recursos de tradução para melhor acompanhar o que Ísis di-

zia. Catalina ouvia com admiração: a amiga oferecia uma narrativa consistente do que ocorrera nos últimos dias, evidenciando não somente que entendera perfeitamente o contexto do biológico da situação como também soubera fazer inferências que haviam escapado a todos os demais.

Ísis prosseguia:

— Eu sei que muitos de vocês, se não a maioria, estão na mesma situação. Sei ler nas entrelinhas do fórum planetário tão bem quanto qualquer um! Mas de fato tenho uma proposta para vocês: é que continuemos a ser competidores, e não propriedade da *Maverick*. Catalina, minha sócia, descobriu a solução: contra-atacar com um virófago, um agente subviral.

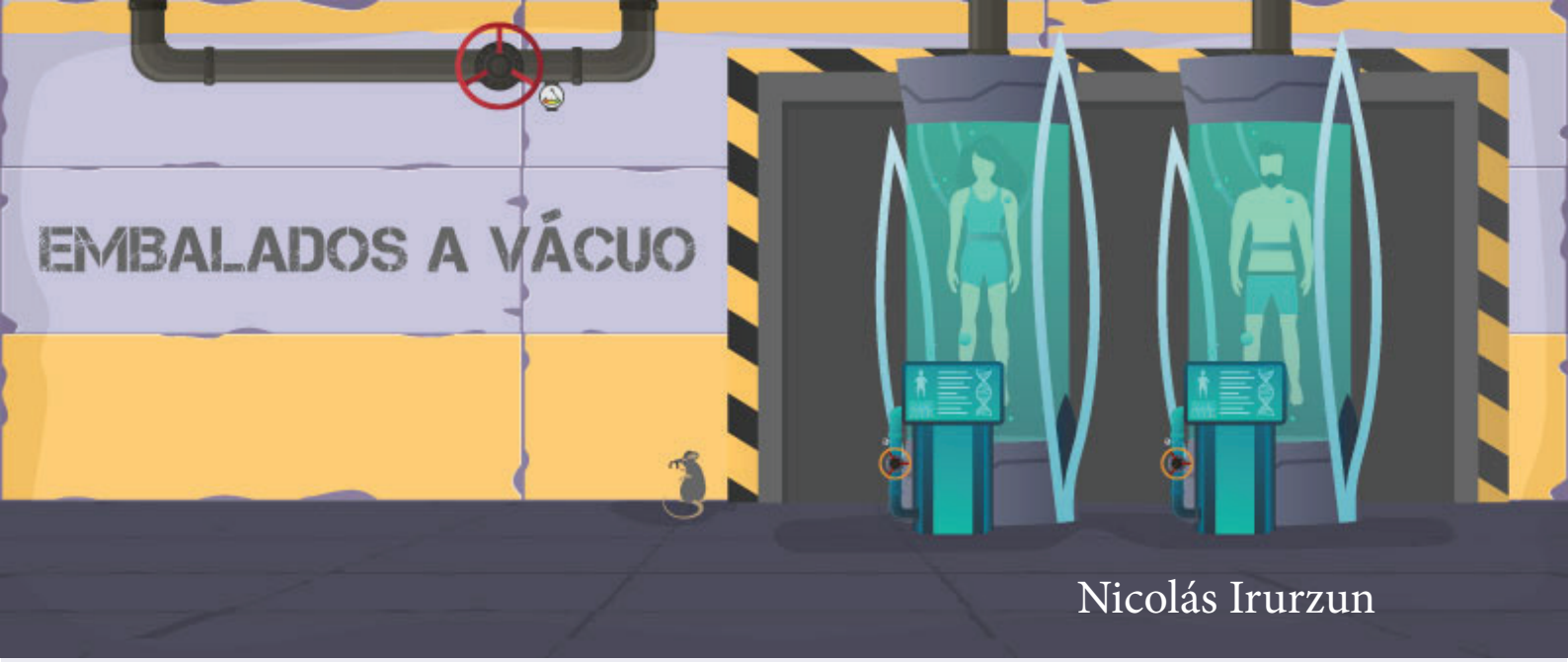
— Um vírus do vírus? – murmuravam os demais produtores, incertos. Ísis continuou explicando que, graças a caríssimas horas de pesquisa por ansível em bancos de dados na Terra, agora sua empresa dispunha de amplos conhecimentos sobre tais vírus satélites – conhecidos no início do séc. XXI como *Sputniks* – e estava pronta a introduzir uma versão modificada deles no ecossistema.

— Se nós o introduzirmos sozinhas, localmente, salvaremos nossa produção. Não tenham dúvidas de que, independentemente do ocorrer hoje aqui, é o que faremos. Mas se todos vocês entrarem em um acordo conosco para o introduzirem também, iremos não somente nos salvar a todos como obter alguma justiça. A *Maverick* depende desta praga que lançaram em nossas águas para viabilizar suas novas algas. Eu digo que devemos aproveitar a oportunidade e tirar essa gigante monopolista do negócio!

— *Wait!* Vamos negociar! – gritava o representante da *Maverick* em meio aos vivas crescentes.

Hoje, há aqueles que consideram que foi nesse exato momento – em que Ísis passou a falar por todos os outros sem ser contestada – que o leviatã hobbesiano tornou a erguer-se, discretamente, das águas de Gliese 581g. A roda da história punha-se mais uma vez em movimento. Tudo começou ali: a formação da cooperativa dos produtores, da associação ecológica global, do primeiro banco extraterrestre e finalmente da República de Zarmina e seu império comercial sob a liderança de Ísis de Almeida.

Marcelo Rabello dos Santos é natural de Porto Alegre. Graduado em Música, com habilitação em Regência Coral, pela UFRGS. Mestre em Psicologia e Saúde pela UFCSPA e regente dos grupos musicais desta universidade. Escritor bissexto, opina sobre ficção científica no tavernadesmade.blogspot.com.



Nicolás Irurzun

Recebi o soco com violência inesperada. Para dizer a verdade, o próprio soco foi uma surpresa. Ainda sem completa consciência do mundo ao redor, tive forças para desviar do golpe seguinte e retribuir com um chute no estômago de... Quem era? Sentia-me grogue, devia ter adormecido por horas.

Só então percebi as feições do agressor, com pupilas inexistentes, pele escorrendo sobre músculos expostos e fiapos de cabelos num crânio deformado. Não tive tempo de me espantar com a figura, que arrebentou um recipiente vítreo de pesquisa molecular e partiu para cima mim. Com desenvoltura até então desconhecida, desviei da arma improvisada, acertei-lhe uma joelhada na cintura e, com ele estatelado no chão, enterrei o mesmo recipiente em suas costas.

Confesso ter sentido alívio ao ouvir o suspiro agonizante. Sentado no piso, buscando controlar a respiração arfante, contemplei ao redor: o interior cinzento do ambiente hermeticamente vedado, amplo e outrora bem iluminado. A lembrança mais recente era da balbúrdia de vozes e risos, expressões festivas pela iminente exploração interplanetária. Ou seja, o contraponto angustiante com o silêncio e o clima sombrio daquele momento. Amigos e conhecidos que previam aventuras, imaginavam experiências e sonhavam descobertas, naquele momento não passavam de corpos estirados por piso, poltronas e mesas.

Que merda deu errado?

Não bastasse o cenário devastado, outro detalhe gelou minha espinha: a holografia no totem superior indicava a passagem de apenas cinco horas. Ninguém nos resgataria antes de vinte e quatro horas corridas. Ao que parecia, porém, alguma aberração ingressara no espaço supostamente imaculado. Talvez fruto de uma bizarra experiência que degringolara. Ou seríamos nós mesmos o macabro resultado de um experimento científico malogrado?

Passei a considerar que o tal vírus não tenha sido a melhor das ideias. Todos concordamos com os riscos! Bem, sendo mais sincero, quase todos. Fui eu que convenci Fabíola, reticente em introduzir nas veias um elemento controverso inclusive no meio científico. O desespero por alcançar mundos habitáveis fez o Comando optar pelo experimento. O desejo de compartilhar outra vida com Fabíola me fez convencê-la.

Ao redor, identifiquei vários colegas, mas nada de Fabíola ou de Diogo, companheiro desde a academia. Cambaleante, dei três ou quatro passos até o estômago trinar e a tremedeira colocar em xeque meu equilíbrio. Várias pessoas não respiravam e muitas exibiam manchas de sangue. Percebi rostos retalhados, membros decepados.

Com a Terra lembrada como uma lenda e o que restou da humanidade vivendo há séculos numa

estação espacial, Pretúria surgiu como alternativa após cientistas descobrirem um vírus que adaptaria o corpo humano à sua agressiva atmosfera.

Nós, cobaias, seríamos os primeiros a pisar no novo planeta, mas antes recebemos o vírus (criado em laboratório, derivado de uma cepa do retrovírus da imunodeficiência) no sangue e fomos colocados num ambiente simulado, onde deveríamos permanecer por um dia. Não era preciso ser gênio para perceber que algo dera muito errado.

Desesperado, gritei por Fabíola, chamei por Diogo. Ouvi murmúrios vindo de um canto. Mais alguém despertava.

Cambaleante, surgiu Diogo igualmente atônito.

— Nossa, que dor de cabeça terrível! Vou sugerir que os próximos vírus venham misturados com analgésicos —, afirmou entre risos.

Eu não entendia, não percebia o estado dos demais?

— Creio que perdi um pouco a consciência. Nada grave, sinto-me ótimo. Preciso retomar o estudo das análises que enviarei a campo. Quando será...

Diogo interrompeu a fase com um grito e correu até o corpo da besta com o receptáculo vítreo nas costas.

— Caralho, quem fez isso com o Diomedes?

Eu não podia acreditar, era um de nossos melhores amigos com o recipiente cravado. Com exceção dos ferimentos e das roupas, nada tinha a ver com meu agressor. No rosto, as feições normais de qualquer homem que tenha passado a vida numa estação espacial. Tão normais quanto podiam ser as de um cadáver.

Enquanto buscava palavras para entender a situação, Diogo questionava quem teria cometido tamanha barbaridade. Haveria um assassino escondido? Mantive silêncio até entender a situação. Tentamos despertar os demais, que prosseguiam inconscientes. Ninguém mais apresentava os ensanguentados ferimentos. Todos respiravam.

Enquanto meu colega temia um possível criminoso, eu questionava minha sanidade.

Diogo correu escada acima rumo ao mezanino, onde havia sofanetes para descanso e troca de experiências. Um visor exibia imagens que tremelicavam, nada de informativos ou música ambiente, como prometido. Ele indicou uma pequena saída na parte superior, um duto desativado coberto mal e porcamente com uma placa de metal que ele destruíra a pontapés. Para alcançar o estreito vão de nossa fuga, galgamos sobre a cadeira, que se apoiava na escrivaninha, que deixamos sobre dois sofanetes.

Ouvi Diogo se jogando e o ruído da queda no corredor externo. Quando me preparava para atravessar, visualizei o agasalho de Fabíola numa última espiada nos corpos do térreo.

Era ela, jogada entre duas estantes.

Expliquei a situação para Diogo e avisei que voltaria dali a pouco, com ela.

Aliviado, constatei que respirava, mas não foi fácil despertá-la. Assim como os demais, parecia sem vida, embora pulsasse. Não é um relato romântico, mas juro que as pupilas se mexeram sob os olhos cerrados quando beijei os lábios. Outro beijo não foi suficiente para que acordasse e apelei para o chacoalhão. Fabíola franziu o cenho e, titubeante, me encarou. Como seria previsível, estava atordoada e assustou-se com a visão ao redor. Todos mortos?

Reações adversas ao vírus, só podia ser.

Encontravam-se inconscientes, expliquei, e por algum motivo não despertavam de jeito nenhum. Indiquei o ponto de fuga por onde buscaríamos ajuda. Apoiando-a em meu ombro, fomos ao mezanino. Subir até o duto desativado parecia um problema. Ao perceber a esdrúxula escalada, ralhou a impossibilidade. Conteve o choro. Irritou-se quando pedi calma, berrando que estávamos no cenário de uma maldita tragédia tóxica.

— Se não consegue subir até o vão, espere que eu e o Diogo voltaremos o mais rápido possível com ajuda.

— Quer me deixar sozinha aqui? Tá maluco?

— Tudo bem, eu fico. Aguardamos o Diogo.

— Nunca me amou, né, seu idiota?

Cobriu o rosto com as mãos e desabou em prantos. Não entendi, ela nunca assim, pelo contrário, muito mais forte do que eu. A situação me pegou desprevenido, desacostumado a consolá-la. Coloquei a mão em seu ombro, num afago de compreensão. Ela retribuiu levantando-se em trejeitos grotescos. Esboçou empurrar-me, mas se conteve. Afastei-me dois passos e ela me encarou raivosa.

No segundo seguinte, o rosto deixara a raiva de lado. Perdi alguns segundos para decifrar e, quando percebi, a pele descamava, como se tivesse feito um peeling ultrassônico. Não houve tempo para estranheza inicial, que passou direto para estupefação total. Sua tez derretia e as pupilas se perdiam na brancura dos olhos. Num efeito cinematográfico de quinta categoria, os dedos encompridavam com unhas retorcidas.

Minha mente não podia me foder dessa maneira! Não com Fabíola!

— Tá tudo bem com você? — foi a estúpida pergunta que me saiu da boca. Tive tempo de desviar da agressão e desci, sem olhar para trás, a escada do mezanino. Tentei acordar algumas pessoas enquanto ela me perseguia sem pressa. O desespero tremia meus tornozelos, não podia revidar contra Fabíola. Enquanto buscava soluções, uma garrafa estourou contra minha cabeça. Dor do cacete! Não desmaiei, mas abriu-se um corte sangrento no couro cabeludo. Corri entre colunas, mesas e corpos. Bradei por Diogo. Escorreguei em objetos abandonados pelo chão, não sei se equipamentos, banquetas ou produtos químicos. Fabíola prosseguia em meu encalço.

Armei-me com uma faca para ameaçá-la. Não a queria por perto, como prever as consequências? Gritei para que não se aproximasse.

Não sei como aconteceu. Perdi algum detalhe da fuga. O fato é que, após uma pilastra, dei de cara com a Fabíola-monstra, que encaixou as duas mãos em meu pescoço e elevou-me contra a parede. Com a mão desarmada, tentei afastá-la, mas as forças eram desiguais. Desesperado, esbofeteia-a com resultados inócuos. Enquanto os sentidos baixavam a guarda, desferi um soco, que ela ignorou e pressionou ainda mais os dedos contra a laringe. Eu ia morrer.

Juro, que mais poderia fazer?

Apaguei logo após cravar a facada, não no peito, não na garganta. Desejava apenas afastá-la.

Como você sabe, fui acordado pela equipe responsável pelo experimento. No entorno, os demais despertavam aos poucos. O diretor responsável pela simulação surgiu apavorado, perguntando se eu estava bem, pois a maioria estava inconsciente ou desorientada e havia dois mortos. Desesperei-me e os agentes me pediram calma.

Levei as mãos à cabeça, nenhum ferimento. Minhas roupas, embora amarrotadas, estavam intactas.

— Foi o Diogo quem chamou vocês? — questionei.

O agente não sabia, foram acionados pelo alarme de ausência de movimentação. O diretor asseverou que Diogo não se encontrava no local, fora o único a desistir na última hora.

Estivemos embalados a vácuo, mas impregnados de um vírus que prejudicou nosso organismo.

A uns mais que a outros.

Você me entende, cara? Havia sido real? Eu não conseguia discernir enquanto era amparado pela equipe médica. Alguém comentou sobre as vítimas fatais e da quantidade de sangue que esvaíra de Fabíola, ferida nos rins.

Pergunto: após uma experiência dessas, mereço viver? Ou devo acionar o gatilho?

Enclausurado no interior de São Paulo, **Nicolás Irurzun** tem participado de diversas antologias, entre elas "O Livro da Ficção Científica Brasileira", da Ed. Madrepérola, e "Estrelas Inalcançáveis", da Editorial LN, além de outras narrativas de terror e mistério. Tem dois livros publicados: "Dândis de Selma" (Ed. Giostri) e "Janete" (Ed. Pandorga). Instagram: @nicolasirurzun

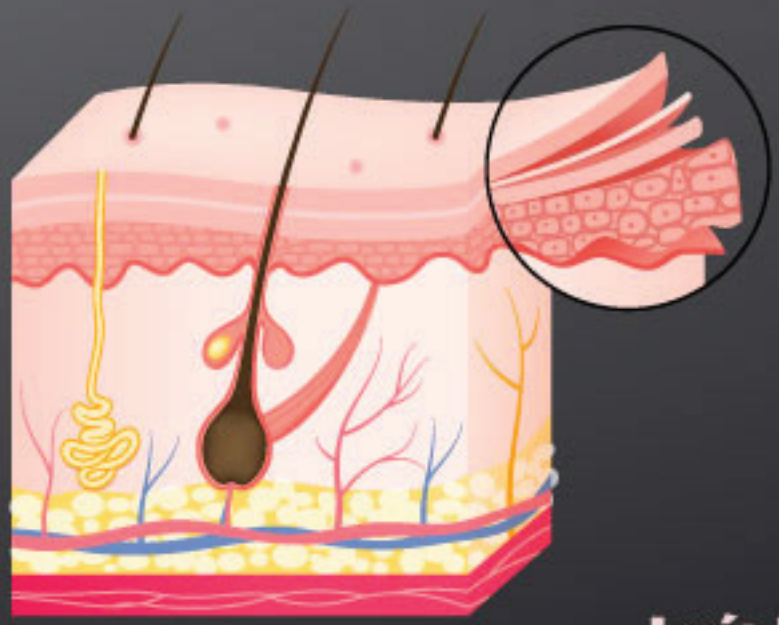
Nicolás Irurzun

facebook: Nicolás Irurzun

instagram: @nicolasirurzun

lojinha: https://bibliotecadonico.blogspot.com.br

EPIDERMIA



Luís Filipe Silva

A pele é o órgão mais extenso do corpo humano, e a epiderme o seu escudo protetor. Tradicionalmente composta por células unidas entre si sem substâncias intracelulares, a epiderme apresenta uma barreira eficiente à penetração por micro-organismos e substâncias estranhas. Enquanto camada que contacta com o exterior, repleta de células mortas, seria de esperar inatividade. Mas esta doença impõe a sua vontade, cria vida e desejo onde estes não existem.

«Doença de Hipógenes», in Indice Nacional Terapêutico, 2030

Joana encontra-se novamente em fase de escamação e terá de perder preciosos minutos a esfregar o creme nas lesões. Estão em chama viva, as chagas de Hipógenes, incitando-a a uma fome que não pode satisfazer, conspurcando os braços, as pernas, o tronco e barriga até à púbis. O creme demora a fazer efeito, mas Joana não pode esperar mais. Cobre as zonas afetadas com adesivos, não obstante o risco que será desfazer-se deles nas casas de banho do escritório, assombrado por outros doentes. Puxar para cima a camisola que agora veste, abrir a camisa interior hermética, tirar as luvas, expor a pele ao ar. Estremece só de pensar. Não será a primeira vez, mas representa sempre um risco. Depois estender a toalha sobre a bacia, despir a roupa, arrancar os adesivos, voltar a vestir-se. Trancará a casa de banho para maior segurança e grande arrelia das colegas. Já teve chatices, mas restam-lhe poucas alternativas. Não pode usar a desculpa das chagas para justificar o atraso. Ninguém lhes é imune, e entradas tardias são penalizadas.

Viaja nos transportes apinhados com uma disciplina férrea que a faz suar. Respira compassadamente. Não pode ceder um milímetro ao ardor. Não pode coçar-se nem ajustar a roupa, nem contorcer o tronco como fazem as crianças. Perderá o controlo.

Denunciando ali, em público, o seu estado, e receber como resposta a censura inclemente dos estranhos. Os ataques intensos despoletam a mesma situação em corpos alheios. Partilha de feromonas, dizem os cientistas, ainda que ela prefira a explicação popular, que a doença comunica entre si. Quantos daqueles passageiros terão de mergulhar em banhos de sais ao cair a noite por sua causa? Há que reforçar a posologia — o ciclo anda errático.

A pomada começa a surtir efeito finalmente após o virar da hora, e respira com mais calma. Precisa de marcar consulta com a terapeuta. Os pensamentos esvaem-se aos poucos. As fantasias abandonam-na. Leu imenso sobre o assunto, troca experiências anónimas com terceiros. A vontade de correr para os braços alheios. De esfregar lesões contra lesões e deixar-se ir. Mergulhar num doce mar de carne, como melaço sobre geleia. O que jamais fará, impedida pela sensatez e pelo medo das consequências. Mas a doença é também maldita neste sentido. Apodera-se das fragilidades. Corrói a determinação. Abafa a perseverança. Cansa, manter-se sempre vigilante, dia após dia, todas as horas, minuto após minuto. Oxalá ficasse em casa, na redoma, mas não pode. Não lhe permitem. E ela não lutou durante tanto tempo para desistir assim.

Mas novamente se interroga: é a pele que me faz querer, ou reflete apenas o meu grande desejo?

–oOo–

A menina chora, sentada no soalho do corredor, junto à porta aberta do apartamento contíguo. Joana reconhece de imediato a filha da vizinha, com os seus oito ou dez anos, da qual por vezes se tem de desviar ou esperar que passe, não obstante os intervalos combinados pelo condomínio. Seguindo de mão dada com a mãe, nos seus devidos e óbvios resguardos, e lhe acenava por vezes, exibindo com orgulho a máscara animada. Desta vez, sozinha, sem mãe, e a pele exposta. Joana fita os braços alvos, a pele brilhante do pescoço, as canelas desnudas sob os calções, e estremece de pavor. Olha para a sua porta, tranquila e expectante do outro lado daquela barreira de carne exposta. Encosta-se à parede, esticando a cabeça para espreitar para dentro do apartamento. Não há movimento. A mãe dela não se encontra visível. Que irresponsabilidade, pensa.

A menina apercebe-se da sua presença e vira a cara para cima. Joana não consegue evitar: perante tanta pele assim à mostra, dá um passo atrás, não obstante encontrar-se protegida da cabeça aos pés.

— Senhora Joana? — pergunta a miúda com voz sumida. Tinha os olhos inchados do choro, nariz e boca ranhosos, uma visão lamentável. Mas a pele muito branca e limpa. Sem qualquer mancha rosácea nem amarela da doença.

— Porque choras?

— Senhora Joana, é a minha mãe — solta ela arduamente entre fortes soluços, apontando para trás.

Joana estremece. Teria a mulher… derretido? O pensamento enregela-lhe o sangue. Deseja enfiar-se em casa. Olha em volta para as portas dos outros apartamentos, mas continuam fechadas. Ninguém se quer envolver. Nem ela própria.

— Ela caiu — adiantou a menina. — Estava no quarto e caiu. E não se mexe.

Joana suspira de alívio. Um problema normal de saúde. Poderá ligar para uma linha de apoio. Despachar a situação. Alguém tem de o fazer, e parece que lhe calhou na rifa. Não pode deixar a criança no meio do corredor. Para começar, a choradeira continuará noite dentro. E depois, algo dentro dela lhe diz que seria errado. Humanamente errado.

— Tens luvas? Máscara? — os materiais que tem em casa são demasiado grandes para uma criança e não se sentiria protegida. — Aquilo que levas à rua?

A menina anui quase automaticamente.

— Vai buscá-las. Sabes onde estão? — a miúda volta a anuir, e depois levanta-se devagar e entra em casa. Surge um minuto depois com os artigos nas mãos.

— Não, tens de colocá-las — incita-a. A menina encara-a com ar perplexo.

— É sempre a mãe que me faz isso…

— Por amor de… — Joana suspira fundo e men-

taliza-se. A bem dizer, o risco é mínimo. Ela está devidamente protegida, e a menina não apresenta sinais visíveis da doença. Com as devidas cautelas, não haverá problemas. — Estica a mão — abrindo a luva, que segura com a ponta dos dedos, consegue enfiá-la nos dedos da criança, soltando-a logo que a sente firme. Repete o processo no outro lado e depois indica-lhe com gestos que tem de puxá-las para cingi-las nas mãos.

A máscara é mais fácil, pois apenas há que puxar o atilho elástico e prendê-lo na nuca.

— A senhora vai cuidar da mamã? — pergunta a miúda com olhos ansiosos detrás da capa pintada que lhe oculta o rosto inteiro. Representa um pássaro em pleno voo, asas de cada lado do nariz descendo pelas faces, o bico subindo pela testa. Joana quase sorri.

— Vou chamar quem cuide dela — diz Joana, abrindo a porta e desviando-se para a menina passar. Sente o coração acelerado. Aparte os poucos técnicos que foi obrigada a chamar ao longo dos anos, mais ninguém entrou em casa. E de todas as vezes, preparava as visitas de antemão, resguardando-se devidamente.

Mas agora não será possível, e como agiu sem refletir, já a miúda entrou na sala, sentando-se no sofá, no lugar preferido de Joana de há anos.

As mãos tremem-lhe. Terá de trocar de sofá.

— Ligar para a assistência — e corre para a cozinha, fechando a porta, apoiando-se na bancada para recuperar o fôlego. Sente-se tonta, o espaço roda à sua volta. Só quer fugir e abandonar para sempre aquela casa. Por outro lado, diz a si mesma que a reação é excessiva. Ela está protegida, a menina está protegida. Não há risco. E será por pouco tempo, até alguém aparecer. Os bombeiros ou familiares. Aliás, convém telefonar, o que faz de imediato. A sua casa é própria de isolamento e portanto há telefones em todas as divisões. Tem de explicar com cuidado e deixar claro que não entrou em casa alheia. Não viu a vizinha. Sim, claro que vigiará a criança até chegarem as autoridades. Não, não conhece ninguém da família da vizinha. Uma hora? Não se podem despachar? Por fim, desliga, mais descansada por ter uma solução.

— Tenho fome — diz uma voz atrás de si.

Joana rodopia sobre si mesma, deparando-se com uma cara em formato de lua, muito redonda, o nariz ainda vermelho, mas agora com um ar ansioso. E que estica as mãos muito alvas na direção das suas calças.

Joana salta atrás, embatendo no pequeno armário. Tombam os frascos de bolos e especiarias no chão, e também o cronómetro de cozer. Voam estilhaços de vidro, especiarias, pedacinhos de planta e mecanismos pelo chão, escondendo-se debaixo dos eletrodomésticos e da mesa. Ela nem repara.

— Onde estão os teus resguardos? — quase guincha, não se lhe podendo chamar grito. É a vez de a menina se retrair, assustada.

— Em casa não uso…— diz com beicinho.

Joana arfa.

— Na *tua* casa! A tua mãe não te ensinou a comportares-te na casa dos *outros*?!

— Desculpe… — pede a miúda, desconsolada. Joana desvia-se dela e acorre para a sala. Pega nos resguardos em cima da mesa e estende-os para a criança.

— Protege-te — e assiste enquanto ela enfia as carapaças, batendo o pé de nervosismo. Não vê a hora de se desfazer daquela situação. Terá de limpar a casa várias vezes. Apanhar todo e qualquer pedacinho de pele solta, de escamação natural. Capaz de se fundir durante dias. Apesar de não ser uma ameaça forte, a ideia de ter resíduos alheios a invadirem-lhe o corpo agonia-a.

Pensa em ligar novamente para a linha de apoio e incutir pressa. De pouco servirá mas a espera é terrível.

Um lamento desperta-a novamente para a realidade.

É a miúda. Soluça, inconsolada.

Joana só então se compenetra do ponto de vista

da criança. Preocupada com a mãe. Estranha numa casa estranha, com companhia estranha. Sentindo tão pouca vontade de se encontrar ali, como ela.

Algo cede dentro de si. Não pode ser tão egoísta.

— Ouve, a tua mãe deve estar bem. Os médicos estão quase a vir, vão tratar dela. Em breve voltarás para casa.

A miúda, obviamente, não se cala. Talvez precise de soltar toda a tristeza dentro de si, pensou Joana. Até secar. Algo que a rapariga entende muito bem.

— Vou… estás com fome? Vou trazer comida — recua para a cozinha. — Fiz um bolo… gosto de bolos — antes de fechar a porta, avisa: — Não entres, que tenho de me descalçar — mas por precaução, tranca a porta.

–oOo–

Joana abre a porta quando a brigada de emergência surge, mas não transpõe a ombreira. Vê os homens entrarem, completamente fardados, no apartamento da vizinha e saírem de lá com uma figura envolta em cobertores, esticada numa manta. Como estas brigadas trazem sempre equipamento seguro, o facto de a senhora ser levada com a cabeça tapada é suficientemente revelador. Inconscientemente, Joana olha para trás mas a criança continua atenta à televisão, copo de leite esquecido entre os dedos. A polícia aproxima-se ao máximo da distância regulamentar para lhe colocar uma série de perguntas.

— Sabe se a senhora tinha família? — pergunta o homem, escrevendo num bloco.

— Nunca falei com ela, mal nos cumprimentávamos. Não há informação nos vossos registos?

— Tem estatuto de isolada.

Joana aquiesce sem espanto. O prédio tem ótimas condições para isolamento e é natural que grande parte dos vizinhos o seja. Como ela.

— E o pai dela? — aponta para trás, para a criança no sofá.

— A miúda chama-se Beatriz. É uma órfã das… — encolheu os ombros. — Você sabe. Tinha sido adotada pela sua vizinha.

Joana engole em seco, sente-se fraca. Agarra-se à ombreira. É como se aqueles anos todos de distância sejam um mero sonho.

— E agora, o que lhe vai acontecer?

— Se a levarmos connosco, terá de voltar ao orfanato até encontrarmos alguém da família da mãe… isto, se encontrarmos. Temos muito trabalho — acrescenta à laia de desculpa, e ficou à espera.

— «Se» a levarem convosco?… — Joana demora a entender.

— Bem, ela podia ficar consigo. Durante alguns dias. Até haver alguma novidade — faz uma pausa. — Não está doente.

— Ainda — dispara Joana de imediato.

— Também vivi as minhas tragédias. Sei o que sente — Joana desconfia que ele terá passado os olhos pelo seu historial. — Mas muito mudou quando tive os meus filhos. Aprendi a aceitar. Ter medo e ter cautela são dois extremos. Um deles ajuda-nos a viver. O outro não.

Ela não responde. Sente um nó no estômago, só lhe apetece enroscar-se a um canto e ficar invisível para o mundo.

— O orfanato é um lugar terrível — remata ele.

E Joana, sendo quem é, com o seu passado, não tem outro remédio senão aceitar.

–oOo–

Há muito que não tem aqueles pesadelos. *As chagas ativas são como portas que se reconhecem*. Chama-lhes pesadelos, não por serem histórias de terror mas de felicidade. *Reconhecendo-se, abrem-se ao nível celular*. Nesses momentos, volta a abraçar e a ser abraçada. Sente o corpo alheio contra o seu. *Não há mais diferença entre genética alheia e própria, porque a doença sobrepõe a sua própria identidade*. Vê os rostos abertos, sente mãos no rosto, dedos entre os dedos, sente-se erguida no colo e levantada no ar, rodando entre risos. Há praia e mar e gente, muita gente, muitos corpos livres, e o mundo, renascido.

Todos estes lugares, agora desertos. Toda esta beleza, agora por apreciar. *Quando as chagas ativas de dois doentes entram em contacto, inicia-se o processo chamado fusão*. O terror de saber que a felicidade não voltará. *Assim definido pela interpenetração dos tecidos celulares*. Joana já não sabe se são memórias ou desejos, se os rostos pertencem aos pais quando jovens, ou se representam meras fantasias de quem está só. *Embora se trate de material estranho, o sistema imunitário não o reconhece como tal*. Sonha com figuras presas em âmbar, dentro de pequenos mundos translúcidos que pairam no ar. As figuras mexem-se e dançam e acenam umas às outras, jamais se encontrando. *É extraordinariamente rápida a fusão das camadas dérmicas, e o processo só abranda ao alcançar os músculos*. Sonha fascinada com este sistema de mundos que se orbitam sem jamais se encontrarem, e acorda lavada em lágrimas, abraçando-se com uma ânsia sem fim, um infinito vazio. *Dependendo do ângulo de fusão, órgãos afetados e intensidade do processo, a separação por intervenção cirúrgica torna-se um processo arriscado após as primeiras horas, com elevado grau de fatalidade para os intervenientes*. E quando as chagas estão em plena potência, impedindo-a de dormir, amansa o seu desejo, que é também o desejo da doença, no boneco de pele sintética a seu lado, na escuridão da noite, procurando o oblívio, satisfazendo o desejo, rezando para conseguir aguentar mais um dia. *A síndrome introduziu-se no código genético e transmite-se pela reprodução. Já não se trata de uma doença mas de uma nova condição do ser humano, com a qual este aprendeu a coabitar*.

–oOo–

Prepara um pequeno leito ao canto da sala — pois o apartamento é minúsculo e apertado, próprio de quem vive em isolamento permanente, e não lhe restam espaços livres –, repleto de almofadas e mantas, e até pendura um lençol do teto a rodeá-lo, em jeito de tenda, para aligeirar a situação e também conter a libertação de pele. A menina, nada diz, apenas a fita com ar sério, e recolhe-se dentro daquele espaço, calada.

A meio da quinta noite, Joana acorda cheia de remorsos e transita a miúda para o sofá. Afinal, é onde já passa os dias, diante da televisão, só desviando os olhos para perguntar pela mãe.

Joana ainda não teve coragem de lhe contar, inventando desculpas com médicos e hospitais e que em breve a visitarão. Tem telefonado várias vezes para a esquadra mas o polícia com quem falou nunca está disponível nem lhe devolve os recados. Compenetra-se aos poucos que não haverá desenvolvimentos. Beatriz é agora problema seu. Se não a quiser, terá de denunciá-la, por si mesmo, à assistência social.

Ao dar-lhe as boas noites, comete um gesto inesperado: afasta-lhe o cabelo da cara. É verdade que tem a mão enluvada, mas a reação instintiva surpreende-a e assusta-a. Mas Beatriz sorri, por fim, talvez o primeiro sorriso daqueles dias, e aninha-se no leito improvisado.

Joana regressa para o quarto, cuja porta tranca, e despe as proteções, com o coração a bater acelerado. Mas não de susto. Nessa noite, não tem pesadelos.

Pediu uma licença no emprego, julgando que a situação se resolveria logo, mas não consegue prolongá-la, e na manhã seguinte, levanta-se mais cedo para preparar comida e deixa-a numa embalagem com instruções para a menina.

— Se precisares de falar comigo, liga o telefone e diz o meu nome, que marcará automaticamente — mais um objeto em que tocará, mas esse facto já não cria tanta ansiedade em Joana. — Volto ao final da tarde. Não faças disparates e come quando for hora certa.

— Obrigado, Joana — o «senhora» tinha desaparecido algures pelo caminho. — Hoje poderemos visitar a mamã?

Joana engole em seco.

— Talvez, minha querida. Vou falar com os médicos.

A menina sorri, não com total alegria. Leva os dedos aos lábios, num beijo, e depois pousa-os na máscara facial de Joana, por cima da bochecha direita. Um gesto natural, aparentemente instintivo. Des-

pedir-se-ia assim da mãe? Depois a miúda dá meia volta e vai aos pulinhos para o sofá, pois o programa favorito já começou.

A cabeça de Joana segue num turbilhão, absorta do mundo, e até se senta demasiado perto de uma senhora no comboio, a qual a ataca imediatamente com impropérios de susto e indignação. Desfazendo-se em desculpas, Joana procura outro lugar.

No escritório, ela, que nunca se abre sobre a sua vida, aborda pela primeira vez uma colega com filhos da mesma idade de Beatriz. E em troca de informação, conta o que lhe sucedeu.

— Pois a mim parece-me que já te afeiçoaste — indica a colega com olhar conhecedor. — Vai ser bom para ti. É quando surge o motivo que temos vontade de lutar. Não podes passar a vida com medo.

— Ter medo e ter cautela são dois extremos. Um deles ajuda-nos a viver. O outro não — Joana não se lembra de onde ouviu isto, embora admita para si mesma que não é totalmente verdade. Desconfia ainda que a colega também percebeu isto.

— Bem, só te digo que não é fácil criar uma criança. Em particular, se não estava nos teus planos. E para quem é… — mira Joana de cima a baixo — tu sabes.

Uma isolada, percebe Joana. Mas persiste e coloca as perguntas que tem de saber.

Quando regressa a casa, ao final do dia, encontra Beatriz sentada no chão com um livro aberto diante de si. Não, não é um livro — percebe Joana — mas um álbum de fotografias. E não é o único, pois outros estão empilhados ao seu lado.

A menina levanta os olhos, espantada. Não traz qualquer proteção, apenas uma camiseta velha de Joana que a cobre até aos pés, e da qual estes espreitam, pequenos e delicados, com os dedinhos enrolados sobre o linóleo. Os álbuns parecem gigantes e pesados, comparados com a sua figura, como tijolos. O rosto de Beatriz ilumina-se, os olhos faíscam de felicidade e a boca abre-se num sorriso. E Joana fica imóvel, transfigurada. É como se, tendo salvado uma criatura da natureza, a visse pela primeira vez na sua glória. Mas não uma criatura dos bosques sombrios nem das vielas sujas — antes, um ser celeste, cheio de luz, com os olhos claros, o cabelo muito fino e leve e louro, a pele imaculadamente branca. Isenta de pecados.

É esta a sensação dominante enquanto vê a miúda correr para si, de braços abertos. Não recua, deixa-se ser abraçada. Beatriz fita-a do nível da cintura, mordendo o lábio inferior, cheia de energia. É absolutamente linda, pensa Joana. Nenhum mal lhe tocou ainda, não foi conspurcada pelo mundo. O coração aperta-se num nó. Percebe, naquele instante, que ela precisa de quem a proteja. De quem a defenda da humanidade. De quem a ensine e crie. Precisa de uma mãe.

Ajoelha-se, para ficar ao nível dela. A miúda faz uma careta.

— Não gosto da tua máscara, é muito feia.

Joana sente, de repente, vergonha da sua preferência por máscaras escuras e padrões agressivos, mas não tem outras. Mostrar o rosto é uma forma de aproximar os outros, e ela sempre quis, a vida toda, mantê-los à distância. Agora, que precisava de transmitir o sentimento oposto, não tem forma de o fazer.

–Amanhã comprarei das transparentes, prometo — diz à miúda, que parece ficar satisfeita. Estica a mão para agarrar a de Joana, por cima da luva, e puxá-la atrás de si.

Ela quer que Joana veja os álbuns.

Não terá sido difícil descobri-los, mas implica que Beatriz andou a abrir armários na sua ausência, e sabe-se lá o que mais. Estarão ao seu alcance substâncias perigosas? Joana percorre mentalmente um inventário de objetos aguçados e produtos de limpeza, talvez demasiado acessíveis, e fica preocupada. Sim, tem de mudá-los de local.

As fotos, já velhas e amarelecidas pois não foram impressas em papel de boa qualidade, mostram dois adultos e uma menina num quintal, ao lado de bicicletas e bolas e um cão saltitante, em várias poses contínuas, como instantâneos de um filme que nunca existiu. Joana desejaria ter esse filme, ou imagens

em movimento. Tudo o que guarda deles, na memória, são aquelas figuras de pedra, inanimadas.

Joana pousa o dedo sobre a menina encavalitada no pescoço do homem.

— Esta sou eu, com quatro anos. Estes são os meus pais. Este é o Tobias — toca na figura do cão. Nunca soube que destino lhe deram. — Tinha um pouco de medo dele, era grande e derrubava-me. Vivíamos nesta casa — vira as páginas. Conhece perfeitamente a sequência. É a sua única herança do passado. — Esta era a nossa rua. E aqui, os nossos vizinhos da casa em frente… Tinham galinhas, sabes o que são? Eu não parava de correr atrás dos pintainhos.

Os álbuns cobrem vários anos. Joana não está convicta de todas as histórias que conta, talvez algumas lembranças se misturem com histórias ouvidas, ou com sonhos. À custa de tanto recordar, é possível que certos pormenores se tenham alterado. Nunca teve quem a corrigisse mais tarde, quem tivesse estado presente. Mas agora pouco importa, pois Beatriz parece ouvir com delícia. O nosso passado também existe na forma como o contamos.

— Onde estão os teus pais?

Joana suspira. Existe uma página, do último álbum, incompleto, que responde a essa pergunta; uma derradeira fotografia que fez questão de guardar. Há muito que não a vê.

— Sabes o que são os derretidos?

Beatriz fita-a com um certo temor e indica que sim com a cabeça.

— A mamã disse que é quando uma pessoa se agarra a outra e as duas têm uma doença, e começam a mergulhar uma na outra. Mergulham e mergulham e ficam misturadas para sempre. Já não se podem separar mais. Ela fez bonecos com a minha plasticina com várias cores e mostrou.

— É isso mesmo, Beatriz. É por isso que não podes nunca, mas nunca, tocar nas pessoas que estejam desprotegidas. Entendes? Tens de usar sempre roupa e máscara e todas as proteções. Nem um dedo, nem a ponta do nariz, nem o teu umbigo lindo — faz cócegas à miúda para ela não ficar amedrontada com a conversa –, nada pode tocar na pele de outra pessoa. Só se também tiver proteções como tu.

— Mas eu podia tocar nos outros meninos… na escola… e na mamã — diz ela, acabrunhada, olhando Joana de soslaio. — Em ti é que não.

Joana sente a acusação como um choque na espinha.

— Eu… ah, podes porque és pequena. E eles são pequenos. Mas tens de praticar, para quando cresceres mais um pouco. E eu ajudo-te a praticar. Para não te descuidares nunca.

— Não quero crescer… — resmunga. Joana sorri.

— Eu também não queria, mas cresci. Crescemos todos, não se pode fazer nada — afaga-lhe as costas. — Não é assim tão mau, Beatriz. É bom crescer.

A miúda aponta para as fotografias.

— Porque é que estes adultos não usam proteção?

Joana esquecera-se do assunto principal.

— Porque a doença ainda não existia, meu amor. Era diferente, no passado. As pessoas podiam cumprimentar-se e abraçar-se e… — sorri. — E serem felizes, assim, umas com as outras. Sem terem medo. Mas um dia apareceu, e… e tudo mudou. Ninguém sabia o que se passava, foi… difícil. Até se descobrir a natureza da doença e se criarem regras… houve muitos derretidos.

— Também os teus pais?

Joana suspira.

— Sim, também os meus pais. E os de muitos meninos e meninas como eu. Eu tinha a tua idade… *— eu tinha a tua idade e acordei com os gritos e aquilo estava no chão da sala, às voltas, membros contorcidos a agitarem-se sem nexo, sugestões de ombros e ancas misturados e fora de sítio, uma massa de carne sem molde, a guinchar das bocas abertas de cada lado, e nos olhos, nos olhos agora soltos e descaídos, o pavor, o medo infinito daqueles dois seres aprisionados para sempre…*

A miúda encara-a com ar triste.

— A mamã dizia que os meus pais verdadeiros… estão no Céu. E do Céu, olham para baixo, para cuidar de mim. É onde estão os teus?

A rapariga, incapaz de falar, diz que sim com a cabeça. Chora, e o instinto diz-lhe para proteger a criança das suas lágrimas, mas depois lembra-se que não a afetarão.

— Joana — pergunta Beatriz, muito baixinho, talvez adivinhado a resposta –, a mamã foi para o Céu, não foi?

Joana não resiste, e desatar a soluçar abertamente. Abana a cabeça, tentando encontrar a voz. *Fala, tens de responder à miúda!*

— Sim, minha querida. Tenho muita pena.

Beatriz baixa a cabeça e fica muito calada. E depois reage assim, como se chegasse a uma conclusão:

— Não faz mal. Está com os meus pais. E com os teus — vira-se para Joana, e abraça-a pelo pescoço. Ela cinge o pequeno ser contra si. A miúda não chora. É como se a criança confortasse o adulto. — Agora, tu és a minha mamã, Joana. És a minha mamã.

–oOo–

Nessa noite, ao deitar Beatriz e arrumar os álbuns novamente na gaveta do armário do quarto — terá de ter uma conversa com a miúda sobre limites, e até este pensamento lhe traz um sorriso, por ser tão próprio de uma mãe –, Joana detém-se e senta-se na beira da cama, e abre o último tomo. Ali, a meio, a encerrar abruptamente uma série de fotografias normais, encontra-se a única cópia que conseguiu obter, entre súplicas e subornos a um assistente de armazém, da recolha efetuada na sua casa. É uma fotografia profissional, contendo objetos acessórios para ajudar a dimensionar o ser enquadrado.

É a derradeira imagem em vida dos seus pais.

Teria preferido um melhor ângulo, ou mais nitidez. A confusão de articulações e membros oculta vários pormenores, em particular do que lhes restava dos rostos, ali espalhados ao longo da massa disforme como se fosse, afinal, uma mera figura de cera derretida. A mãe ao alto — denunciada pelo nariz pequeno –, o pai ao fundo, com as sobrancelhas espessas. De resto, irreconhecíveis, a caricatura grotesca saída de um pesadelo, que podia confundir-se com arte abstrata.

Diz-se que, naquele estado, a sobrevivência é curta. Diz-te também o contrário, e que as vítimas dessa época foram eutanasiadas por desconhecimento e medo. Os arquivos são secretos, e ninguém está muito disposto a descobrir.

Não teve a sorte de Beatriz. Havia que colocar as crianças tresmalhadas em instituições seguras, isoladas do contacto com terceiros e longe das garras daqueles que já as chamavam de filhos do demónio. Julgavam-nos casos únicos e que assim conteriam o problema. Em breve a realidade revelaria o engano. E por fim, surgiram simplesmente demasiadas crianças e poucas famílias disponíveis para acolhimento. Saltou de instituição em instituição, mantida pelas benesses estatais até se tornar adulta e ganhar alguma autonomia. Anos de dura sobrevivência e ensinamentos básicos: não confiar de ninguém, não depender de nada. Jamais mudar os hábitos.

Manter os outros à distância.

E agora, esta situação: cometeu um erro?

–oOo–

Leva Beatriz às compras noutra vila, para não encontrarem conhecidos e evitar perguntas arriscadas. Experimentam roupas e resguardos de vários feitios, e voltam de sacos cheios. Na vinda do emprego, Joana escolhe brinquedos e jogos e outras distrações que, asseguram-lhe os vendedores, agradam a meninas da idade de Beatriz. Começa a fazer planos, tentando deixá-la num centro de dia — a miúda precisa do ensino, e é demasiado nova para ficar em casa. Joana tem-se declarado doente no emprego, e depois tirou dias de férias, mas é um recurso limitado e há que encontrar uma solução definitiva. Mas não pode deixá-la em nenhuma escola sem a documentação legítima. Não é mãe nem tutora da criança.

Uma tarde decide passar pela repartição de planeamento familiar. Dezenas de pessoas encapuçadas, algumas com transparências mas a maioria com

figuras e padrões nas máscaras, viram-se quando entra. Crianças de várias idades perseguem-se mutuamente pelo amplo espaço de atendimento.

Apenas vê casais. Ela é a única solitária. A sua condição de isolada surge visível como uma marca na testa. Talvez pretendendo uma gravidez anónima, dizem os olhares, não necessariamente críticos mas indubitavelmente opinativos. Detesta-os de imediato, bem como ao local, que sempre evitou. Se não fosse pela Beatriz, teria dado meia-volta.

Vários painéis animados repetem sem parar os serviços disponíveis ao público. As várias opções para sexo em segurança, com e sem parceiros — recorrendo a aparelhos, disciplina mental, fatos protetores de corpo inteiro extrassensíveis, duplos animatrónicos com pele sintética. Opções para celibatários — controlar o desejo, canalizar a energia sexual para resultados positivos, sessões de hipnotismo. Opções para engravidar — análises, aconselhamento e realização da obrigatória fertilização *in vitro*. E por fim, muito discretamente, quase como uma ideia fugaz, a possibilidade de adoção.

Joana pensa nas infindáveis narrativas de todas as eras sobre o amor desenfreado, o abandono do sexo, a preocupação da gravidez adolescente, o controlo exercido por religiões e dogmas sociais. Tudo inútil, tudo arcaico e impraticável, na nova realidade. Não há reprodução sem assistência. Não há intimidade sem mediação. À parte os conhecidos pactos de suicídio entre amantes, que, em desespero, trocam a vida por um único momento de real contacto, aqueles casais morrerão sem conhecerem a textura um do outro, o cheiro, a união física. Respira fundo, fecha os olhos, encerra os pensamentos, e por fim é a sua vez.

A funcionária fita-a de cima a baixo e fala sem rodeios.

— Vai ser muito difícil que consiga uma aprovação.

— Ouça, como já expliquei — repete Joana com muita paciência –, a… minha amiga… conhece a criança, mas a mãe dela… está muito doente. Às portas da morte. A minha amiga só quer garantir o bem-estar da criança e tornar-se tutora legal. A filha tem vivido com ela durante… este período.

— Isso não é assim tão simples. Tempos houve em que os orfanatos estavam cheios. A situação é outra e temos de zelar pelo melhor ambiente da criança. Damos preferência a casais com condições estáveis e de preferência com outros filhos. Há que dotar a criança com as melhores aptidões de convívio social enquanto a saúde lhe permite. Imagine-se na pele dessa criança, sem pais biológicos e prestes a perder a mãe adotiva. Os novos regulamentos nem teriam permitido que fosse atribuída a uma isolada.

Joana recebe este comentário como o golpe de um chicote.

— Nem mesmo se a criança se sentir bem na presença desta pessoa?

— Primeiro, deve retornar aos nossos serviços, onde lhe será feita uma avaliação psicológica completa e avaliação do estado de saúde. Queremos saber se foi bem tratada, se tem uma alimentação correta, se não tem sintomas de abuso. A partir daqui, serão aplicados os melhores critérios para escolher os candidatos.

— E a minha amiga não teria preferência?

— Só em circunstâncias muito especiais — a funcionária fita Joana duramente através da transparência. Há pessoas que não precisam de máscaras repelentes para afastar os outros. — Seria preciso que o elo entre elas se mantivesse. Sabe que isso nem sempre é verdade? Algumas destas crianças são máquinas de sobrevivência. Manipuladoras das emoções. Agarram-se ao primeiro abrigo.

— É uma menina! E já passou por muito — Joana quase berra. É mais do que claro que não existe «amiga» alguma.

— São mais resistentes do que pensa. Ainda bem para elas — a funcionária faz uma pausa. — Se a mãe atual assinar uma recomendação, podemos incluí-la no processo.

— Receio que a mãe não esteja… em condições de assinar nada.

— Então, trâmite normal — a funcionária encolhe os ombros. — Lamento, é igual para todos. — E antes de Joana sair, lança um aviso: — Diga à sua «amiga» que é contra a lei ficar com uma criança sem a devida tutelagem. Só para não se por com ideias…

Regressando a casa num estado de angústia, Joana pondera no rumo a tomar. Quem lhe poderá dar conselhos? Decide recorrer à terapeuta. Talvez esta conheça alguém que mexa cordelinhos. Passa o jantar absorta em pensamentos. Para piorar a situação, a miúda está particularmente embirrenta, teimando em dar-lhe a mão e tentando tirar-lhe as luvas, até Joana perder a paciência e soltar um berro. E depois, imediatamente arrependida, diz que teve um dia complicado. E apesar de não ser intenção original, conta resumidamente à miúda a conversa na repartição. Afinal, precisa de desabafar.

Foi um erro. Beatriz começa a fazer beicinho e a ficar muito agitada.

— Eu não quero voltar! Não quero sair de ao pé de ti!

— Minha querida, não, nunca deixaria que te levassem — mas a miúda refugia-se na casa de banho e Joana perde a boa parte da noite a acalmá-la. Deita-se exausta e tem sonhos agitados, incoerentes. Está de volta ao orfanato, mas este parece ser a casa da vizinha, e de dentro do quarto, caída no chão, vê-se a si mesma falar com uma menina no corredor, mas não é uma menina, é um cão grande, maior do que ela, que desata a ladrar ferozmente.

Acorda, embebida em suor. Não são latidos mas pancadas na porta. Na porta do quarto.

— Beatriz?… — ainda a dormir, levanta-se, e de repente percebe que tirara a camisa durante a noite por causa do calor. Olha em volta mas não a encontra. As pancadas sucedem-se. — Beatriz, que se passa? — Assustada, destranca a porta. Encontra a miúda em igual estado do primeiro dia, coberta de baba e ranho de tanto chorar.

Joana ajoelha-se.

— O que foi, querida? — leva a mão à cara da miúda, mas interrompe-se de imediato. Não tem luvas. Não tem capas nos braços. Está demasiado exposta.

Contudo, não pode fechar a porta. Jamais se perdoaria.

— Sonhei… que… me… levavam… para… orfanato — diz a menina, a custo, entre soluções fortes. — Tive… tanto… medo…

— Não tenhas, querida, não tenhas. Ninguém te levará. Não te vou deixar.

E então a miúda avança, e antes que Joana consiga reagir, já lhe passou os bracinhos em volta do pescoço, encostou a cara à dela, cingiu o pijama macio contra o seu peito. Está fria, e o primeiro pensamento de Joana é que terá dormido destapada, mas este pensamento é subjugado pelo grito intenso que irrompe do seu exterior e que ela se vê forçada a calar.

Estás a tocar-me!

Completamente subjugada pela confusão entre espanto e pânico e a necessidade de ser forte, Joana agarra a pequena figura assolada pelos espasmos do choro. Uma necessidade de apoio, porque Beatriz aperta-a com força.

— Larga-me, querida — pede, assustada. Sente-se fraca, quase a desmaiar.

— Não me deixes, mamã, não me deixes…

— Larga-me! — e neste berro, a criança sobressalta-se, dá um passo atrás, encolhe-se, ainda mais amedrontada.

Joana quer pedir-lhe desculpas, mas tudo em si é descontrolo. O coração tenta sair do peito, os pulmões não recolhem ar suficiente.

Espera sentir a reação da doença mas nada acontece. Não surge prurido, não crescem as manchas ávidas de outra carne. Os pêlos não caem, a pele continua intacta, não se forma secura nem pregas. Está como sempre esteve, o tom acastanhado da infeção latente mas sem o tom rubro da infeção ativa.

Olha para Beatriz, que continua encolhida e distante, fitando-a com igual perplexidade e susto. Estende-lhe a mão.

— Anda cá — agita os dedos. — Devagar. Apro-

xima-te.

A miúda dá dois passos em frente. Joana fá-la parar.

Depois, lentamente, percorre os braços destapados com a ponta dos dedos, com todas as cautelas, como se a criança estivesse em chamas. Como se esperasse encontrar o fim de si mesma naquele singelo gesto.

Mas nada acontece. Nada, a não ser o despertar de uma memória. De uma carícia irmã, há muito enterrada no espírito, de quando os papéis estavam invertidos e ela era ainda uma promessa de gente.

O rosto da mãe. Antes do fim.

Aperta os braços rechonchudo com os dedos. São tão macios… tão lisa e pura, aquela leveza de ser… Puxa a criança para si, sentindo o coração acelerar, a vertigem a tomar conta de si. Aos poucos, cinge-a contra a sua pele exposta. Passa as mãos pelo cabelo da miúda — tão delicado! –, pelo rosto, pelos braços, nas pernas. Aquele odor a infância… Entrega-se ao momento, aceitando o risco, renegando o medo e calando a desconfiança.

Há coisas sem as quais a vida deixa de ser vivida.

E afinal, não há perigo. As chagas ainda não estão ativas na miúda. Ainda pode aproveitar o pequeno intervalo antes de se fechar para sempre na prisão.

A epiderme é composta por várias camadas: córnea, lúcida, granulosa, espinhosa, basal, míseras fronteiras que tão facilmente se desfazem. E nelas começa e termina a sua pessoa. Termina onde começa o outro.

— Joana, porque choras? Estás triste? — pergunta Beatriz, sentindo a mulher soluçar.

— Não… estou feliz… — fala a custo, por não ser uma admissão fácil, nem comum. Por ser, talvez, a primeira vez que pronuncia aquela frase há muito tempo.

— Não me vais deixar, mamã? — pergunta a criança com uma voz muito sumida.

— Jamais te deixarei. Jamais te deixarei, minha filha.

–oOo–

A terapeuta dá-lhe esperanças, o médico assusta-a.

A terapeuta diz que tem uma prima no Ministério e que as coisas não são como contaram a Joana. Há preferências mas podem ser contornadas se a situação se justificar. Existem precedentes, casos como o dela, que podem ser usados como argumento. Ela que não se preocupe mas fortaleça os laços com a criança. Exiba a relação filial a outros, sem receios, para servirem de testemunhas no futuro. Como se estão a dar?

— Deito-a comigo na cama — diz Joana com orgulho. — Não aguentava mais vê-la no sofá. Claro, sem perigos, pois a síndrome continua dormente. Ela gosta assim. Disse que também dormia com a mãe… anterior.

— Bem — comenta a terapeuta, algo reservada –, não sei se é bom para ti, tanta intimidade súbita. Foste de um extremo ao outro, muito rapidamente, e não estás habituada… falaremos melhor na próxima sessão. Entretanto, aconselho-te que marcar consulta com um especialista, pois a miúda aproxima-se da idade limite.

Mais tarde, o especialista que a terapeuta lhe recomenda mostra-se extremamente interessado em Beatriz.

— É sua filha? — pergunta, absorto no resultado das análises feitas antes da consulta.

— É adoptada — uma resposta vaga que não a compromete. — Há algum problema?

— Não, não, muito pelo contrário — o homem fita Beatriz através da lente de ampliar sobre a máscara. — É um exemplar muito interessante.

— *Exemplar*? — ofende-se Joana.

— Peço desculpa, deformação profissional, queria dizer que há poucas crianças como ela. Com mutações específicas do ADN. Mutações que não se encontram nas gerações anteriores — vira-se para a rapariga. — É possível trazê-la para fazermos mais

testes? Gostava realmente de observá-la em pormenor.

— Com que propósito? Ela não é nenhuma cobaia.

— Obviamente. Nada de mal, é uma mera recolha de tecidos. Várias amostras que depois trabalharemos em laboratório. Sabe, esta sequência aqui — e apresenta um conjunto de letras, que representam aminoácidos, mas nada revelam a Joana –, surgiu entretanto noutros países. A sua filha talvez seja a primeira criança que a transporta entre nós… Disse que era adoptada? Sabe quem são os pais biológicos?

Joana abana a cabeça.

— Sim, teremos de fazer um historial genético — escreve furiosamente no papel. — Uma mutação milagrosa, por assim dizer. Resultados preliminares apontam para uma desactivação da síndrome de Hipógenes. Se definitiva ou temporária, ainda não há evidências. E certezas só com o tempo e com estudos… Mas devem tomar cuidado as duas. Precauções redobradas. A doença pode não se comportar da mesma forma. Nem sabemos se pode ficar ativa sem manifestar sintomas. Há que acompanhá-la. Deixe-me trazer-lhe os formulários.

Joana aproveita a ausência temporária para fugirem as duas do consultório.

–oOo–

O alarme surge na forma de um telefonema e de uma voz familiar.

— Sou o agente que falou consigo quando houve o problema com a sua vizinha…

Joana sente o coração disparar.

— Sim, tentei falar consigo várias vezes.

— Entendo, mas não tinha novidades para lhe dar. Aliás, a bem dizer, esperava não precisar de falar consigo novamente — faz uma pausa. — Mas hoje encontrei o seu nome.

— Encontrou o meu nome, onde?

— Num mandato. Vamos buscar a criança.

— Por… porquê? Encontrou familiares?

— Não, é uma notícia melhor. Uma notícia excelente. Parece que a menina pode estar livre dos sintomas. Há mais crianças assim. Temos estado a recolhê-las.

— Para análises? — pergunta Joana, sabendo no íntimo que não.

— Bem — a voz hesita. — Eles estão a criar uma quinta para os vigiar. Desconfiam que a doença pode manifestar-se em contacto com portadores ativos. Querem criar um ambiente protegido.

— Isso é para a vida toda — diz ela, a voz tremendo de fúria e medo. — Nunca mais a verei.

A voz cala-se.

— Não podem fazer isso! Nao dou autorizaçao.

— Ela não é sua filha, senhora Joana — diz o homem com pragmatismo.

— Mas… mas… não é *justo*. Ela não merece isso — *eu não mereço isso*, quer dizer.

A voz hesita.

— Não sei o que dizer — responde por fim. — Como pai, que atitude teria eu, se fossem os meus filhos? Sem dúvida, por instinto, jamais os retirariam das minhas mãos enquanto tivesse forças para os defender. Mas, não estaria a ser egoista? Perante a possibilidade de uma cura, ou no mínimo de uma supressão desta maldita… *coisa*… não seria meu dever como pai garantir-lhes uma vida melhor, mesmo que nunca mais estivesse com eles? Diga-me se quer que a menina passe por aquilo que passou.

— Foi por isso que ligou? — faz-se luz no espírito da rapariga. — Quer criar dúvidas para que eu não ofereça resistência?

— Quero que não cometa nenhum disparate — a voz muda abruptamente de tom: o pai foi substituido pelo polícia. — Lembre-se da sua situação precária. Podemos acusá-la de rapto. Mas não o faremos. Os seus relatórios psiquiátricos indicam que o seu envolvimento emocional é genuíno. Contudo, um passo em falso e deitará tudo a perder.

— Ligou para saber se eu estava em casa… — Jo-

ana endireita-se, já sem o ouvir. — Vêem a caminho.

— Senhora Joana…

Desliga abruptamente. O telefone volta a tocar, e a rapariga arranca-o da parede. Mas com pouco resultado, porque em cada divisão há outro aparelho.

Menos de uma hora depois, ela e Beatriz já se encontram na estrada.

–oOo–

São parcos os seus recursos, e menores ainda as suas alternativas. Resta-lhe um contacto antigo, um dos outros orfãos do seu passado dificil. A animosidade institucional, sabe-se que cria cúmplices entre os fracos, e dívidas que jamais se esquecem. O rapaz oferece-lhes guarida numa casa do campo, um frigorifico cheio, e desaparece ser fazer perguntas.

Joana não nutre ilusões. A perseguição não terminará tão facilmente, hão de encontrá-las. Sem meios próprios, não poderão fugir para sempre. Esta aventura terá o fim próprio das narrativas reais, e não da ficção.

Mas só queria mais algum tempo com Beatriz. Mais alguns dias, mais algumas noites, mais alguns momentos, mais alguns abraços. Ela conseguira penetrar nas suas antigas defesas, e agora não podia entregá-la, ficar de braços caídos.

Que mãe não lutaria pela vida dos seus filhos?

–oOo–

— Não me deixes, mamã — pediu-lhe a criança naquela noite, e nas noites seguintes, agarrada a si como ninguém a agarrara. A sua solidão, o fardo de tantos anos, derrubada por fim por um toque leve como uma pena. Beatriz repete agora a súplica, assustada com as pancadas na porta da entrada, que Joana barricou com alguns móveis mas rapidamente cederá. Senta-se no chão frio de louça da casa de banho, e deixa cair o martelo, a arma ridícula que escolheu para se defender. — Não quero ir.

— Escuta, tens de ser forte. Vais para um sítio bom, tratarão de ti. Terás uma vida feliz — embora no íntimo imaginasse experiências incontáveis, análises sem fim e uma vigilância que jamais terminaria. Se de facto há a possibilidade de uma cura, e esta residir na criança, Beatriz jamais será livre.

Ouvem-se berros do exterior. São vários homens. Um estrondo sonoro avisa que a barricada começou a ceder.

— Não estejas triste, mamã — a menina pousa as mãos no rosto de Joana e limpa-lhe as lágrimas. — Vamos ficar juntas.

E ao dizê-lo, levanta a camiseta, puxando-a ao nível do peito, expondo a barriga.

O olhar de Joana é imediatamente atraido para a zona do umbigo. Ali, expandindo-se na forma de pétalas, ainda ténue mas inconfundível como uma flor do mal, encontra-se uma mancha rosácea com escamas.

— Filha… — exclama Joana, atónita. *Como é possível? Ontem lhe dei banho, não havia sinal nenhum*. Ela sempre averigou todos os centímetros de pele com a maior das cautelas. *Aquilo não cresce assim tão rapidamente, e há outros sintomas*… — Quando…

A miúda cala-a, levando os dedos aos seus lábios. É um toque tão leve quanto determinado. E a expressão da criança… repleta de uma paz infinda, de uma entrega total. Transfigurada, Joana fica presa naquele olhar.

O que disse a mulher? *Algumas destas crianças são máquinas de sobrevivência*.

— Vamos ficar juntas para sempre. Não tenhas medo, mamã.

E descendo as mãos para a blusa de Joana, começa a desabotar os botões, um por um.

A rapariga encara a miúda, que já não é uma criança frágil. Em vez dela, ao ver-se encurralado, surgiu um ser antigo, uma força cúmplice e resoluta que descobriu a única saída possível, expressa numa simples pergunta.

Joana aquiesce, um gesto subtil.

E com os dedos a tremerem, não querendo pensar para não perder a coragem, apressa-se a ajudar

a filha.

–oOo–

Dizem que estavam tranquilas, em paz, e houve inclusive quem relatasse ter presenciado sorrisos — se tal era possível naquela confusão de formas — ou mesmo um ronronar gutural, como um gato satisfeito. Era obviamente, tarde de mais, mas não lhe poderão dar o destino dos outros. Há que investigar — por exemplo, por que motivo foi o processo mais rápido do que o normal.

Quanto àquele novo ser, encolhido no canto daquele espaço, estava absorto. Para ele, não existe o medo, não se sente aprisionado. É produto de uma escolha mútua, e resultado da entrega total.

Se a síndrome lhes uniu os corpos para sempre, já o amor — essa outra doença da qual nunca se encontrou cura — lhes tinha, anteriormente, unido as almas num laço inquebrável e eterno.

Até a solidão tem um fim, para quem foi bastante só, durante bastante tempo.

Nos tempos livres, **Luís Filipe Silva** escreve ficção científica, despudor que comete há mais de vinte anos. Recentemente, foram lançados os romances A GalxMente (Épica, 2015) e Terrarium Redux (com João Barreiros, Saída de Emergência SdE, 2017). É também tradutor e organizou várias antologias de contos, incluindo Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa (SdE, 2011) e O Resto é Paisagem (Ed. Divergência, 2018), e vai contribuindo para o blog.tecnofantasia.com

JEDAÍSMO

B.B. JENITEZ

O Jedaísmo tornou-se uma religião oficial no final dos anos vinte do século XXI. Desde então, os círculos Jedi se espalharam pelas maiores cidades da Terra. Quando a COVID-35, com alta taxa de mortalidade entre crianças, jovens e adultos, eliminou dois terços da população mundial, desestruturando a civilização industrial, o Jedaísmo ascendeu como uma das grandes religiões universais, com seus seguidores formando cerca de vinte por cento da população mundial.

Em 2038, porém, ocorreu o grande cisma Jedi: de uma lado os Jedi Theravada, adeptos dos exercícios espirituais para o fortalecimento da Força, e que levavam uma vida em mosteiros com abstinência sexual que os ajudava a prevenir a COVID-35; de outro lado, os Jedi Mahayana, que propunham um Jedaísmo popular, de massas, onde o simples fã de Star Wars já contaria como membro da religião.

Isso aconteceu depois de outro cisma menor, em 2030. É que muitos dos que se declaravam Jedaístas nos censos religiosos eram na verdade ateus, agnósticos ou humanistas seculares. Se declarar um Jedaísta seria uma brincadeira ou ironia. Porém a associação ateísta mundial recomendou que ateus e humanistas se declarassem sem religião nos censos populacionais, para evitar uma sub-representação. A partir daí, a população autodeclarada Jedaísta caiu pela metade, mas se recuperou rapidamente pois o crescimento do Jedaísmo como religião era exponencial.

A diferença entre Jedis Theravada e Mahayana não era apenas de disciplina espiritual, mas também de posicionamento político: Theravadas eram conservadores e, em geral, pendiam à direita; já os Mahayanas apoiavam a social-democracia e eram politicamente progressistas. Assim, após 2038, havia dois grandes ramos no Jedaísmo mundial, e várias ramos menores dissidentes. Mas daqui para frente falarei apenas dos Jedi Mahayanas, pois foram eles que, aliados aos *Trekers* (uma seita humanista), ateus, católicos, evangélicos, islamistas e budistas progressistas, se empenharam em recuperar a sociedade humana de seus destroços.

Tudo começou com as novas máquinas a vapor. Com os recursos disponíveis na época, em meados da década de 40, eram mais fáceis de construir do que geradores elétricos. Todo Jedaísta Mahayana era educado não apenas na tradição Jedi e no cânone de *Star Wars*, mas também em uma literatura mais vasta de ficção científica que incluía o *Steampunk*, o *Teslapunk*, o *Dieselpunk*, o *Atompunk*, o *Solarpunk* etc. Assim, foi natural pensar que o primeiro passo na recuperação da economia mundial seria construir uma sociedade *Steampunk*.

Isso foi feito nas décadas seguintes. Por volta de 2060, dois bilhões de humanos habitavam cidades e vilas agrícolas razoavelmente confortáveis, todas movidas a vapor. Não que fosse uma sociedade sem problemas, dado que a poluição causada pelo uso do carvão não era desprezível e as greves dos mineiros

pipocavam frequentemente. Mas havia certo conformismo porque as pessoas já sabiam o que as esperava nas próximas décadas. Primeiro uma sociedade *Teslapunk* eletrificada, depois uma fase *Dieselpunk*, e após uma era *Atompunk*, se alcançaria uma sociedade sustentável *Ecopunk*. Em 100 anos a Humanidade estaria restaurada, a menos que uma nova epidemia mortal surgisse.

Foi nesse contexto de uma sociedade *Steampunk* que uma reação conservadora, capitaneada pelos Jedi Theravada, surgiu e se espalhou pelo mundo, e cujo alvo principal era os Jedi Mahayana. O choque central pode ser ilustrado pelo enfrentamento entre o Mestre Jedi Ki-Adi Naro e a Mestra Jedi Luminara Unduli, que recentemente havia se mudado para a Amazônia brasileira.

–oOo–

— Mestre Naro — interpelou mestre Mace Windu em um concílio do Círculo Jedi Theravada de Brasília — precisamos de uma vez por todas eliminar a influência de Mestra Luminara Unduli. Ela representa o grande foco de resistência dos Jedi Mahayana. Embora tanto Jedaístas quanto Budistas Mahayanas ainda sejam maioria, e embora os Mahayanas têm afinidades com os cristãos progressistas, a liderança político-espiritual deles passou do Papa Francisco II para a mestra Luminara.

— Concordo inteiramente, mestre Windu — assentiu Mestre Naro. — Porém precisamos tomar cuidado. As investigações do cancelamento de Francisco II levaram ao núcleo central da *Opus Dei* e também a alguns membros da *Associação Integralista Brasileira*. Isso poderia ser fonte de uma grande comoção na opinião pública.

— Que seja, mas as investigações não chegaram aos verdadeiros mandantes, o Círculo Theravada de Roma.

— Mas poderia ter chegado. O Círculo de Roma foi precipitado e não consultou o Supremo Círculo Theravada Mundial aqui em Brasília. Os Jedi Mahayana desconfiaram do *modus operandi* do cancelamento. Apenas não conseguiram provas suficientes — refletiu Naro.

Mestre Pong Krell se interpôs:

— Mestre Naro, creio que mestre Windu está correto. Precisamos avançar em nosso grande movimento contra o Esquerdismo Mundial e o Marxismo Cultural. Já eliminamos os traços esquerdistas-marxistas do cânone de filmes, livros e jogos de *Star Wars*. Lançamos o movimento bem-sucedido *Star Wars sem Partido*, e nossos aliados Trekers também lançaram o *Star Trek sem Partido* (com menor sucesso, reconheço). Mas precisamos de algo mais forte, não apenas um cancelamento de líderes Mahayana nas redes sociais. Precisamos de algo mais físico, mais emblemático!

— Sim, gritaram outros mestres do Círculo — Luminara precisa ser cancelada, presencialmente se necessário.

Cancelamento era um neologismo para a destruição total da reputação de um inimigo. Cancelamento presencial era um eufemismo para assassinato.

–oOo–

Como se poderia fazer um cancelamento presencial sem deixar vestígios? O ponto central é este "sem deixar vestígios", pensava Mestre Naro durante seus exercícios de Yoga Jedi. Então, lembrou-se da Mestra Jedi Theravada Saramaira Summer, especialista em cancelamentos virtuais. Pelo que ele se lembrava, a filha de Summer era uma famosa bióloga geneticista e poderia ter algumas ideias. Entrou em contato com Saramaira pelo GM+:

—Summer, espero que eu a esteja encontrando com boa saúde! — saudou Naro, lembrando-se na verdade que Saramaira estava com câncer terminal.

— Ah, Naro, que agradável surpresa. Sim, mesmo estando acamada, nada me impede de militar contra esses esquerdistas! Hoje mesmo cancelei aquele vira-casacas do Olavo de Carvalho Neto.

— Sim, imagino que ele merecia isso. Mas, Summer, o que me traz aqui é sobre sua filha. Como posso contatá-la?

— Eu posso chamá-la agora, imediatamente. Do que se trata?

— Bom, acho que não precisa ser um segredo para você. O Círculo Jedi de Brasília finalmente decidiu cancelar presencialmente Luminara Unduli que, como você bem sabe, está morando na Amazônia Brasileira.

— Sim, aquela vaca esquerdopata ecológica. Não era sem tempo! — Summer bufou vermelha de raiva.

— Exato, mas o serviço não pode deixar nenhum indício que nos ligue ao acontecimento — murmurou Naro, coçando a barbicha em tranças no estilo Theravada.

Saramaiara ligou para sua filha, Michele Summer, que atendeu prontamente, aparecendo em uma janela do GM+. Ela estava trabalhando em seu laboratório.

— Filha, Ki-Adi Naro, Grão-Mestre Jedi do Círculo de Brasília, gostaria de falar com você.

Michele olhou para a tela e fez uma reverência.

— Minha cara Michele — sorriu Naro — preciso de sua consultoria. Vamos pensar em uma situação hipotética: suponha que precisemos cancelar presencialmente uma mulher, possivelmente por meios biológicos, sem deixar vestígios. O que você sugeriria?

— Essa mulher se chamaria Luminara? — também sorriu Michele. Bom, como o senhor talvez saiba, eu tenho estudado o Sars-Cov-3 já há muito tempo. Estudo, em particular, a interação entre o vírus e o DNA da pessoa, e como isso pode prever se esta irá morrer ou não.

— Luminara sobreviveu à grande pandemia de 35 e às outras ondas que se seguiram — começou a dizer Naro.

— Eu estava pensando em algo mais específico — disse Michele — Por exemplo, eu poderia sintetizar uma cepa de Coronavírus especial, mortal para quem tiver certos trechos do DNA de Luminara. Entretanto, a intervenção no vírus seria tal que, se examinado, ninguém poderia provar que houve algo mais que uma simples mutação natural.

— Isso já foi feito? — perguntou Naro, que nunca soubera de nada parecido.

— Não, não foi feito. Mas se o senhor me ceder quinhentos milhões, eu posso fazer isto em meu laboratório.

— Quinhentos milhões de Reais! — surpreendeu-se Mundi.

— De Euros, Mestre Mundi, de Euros — sorriu Michele Summer.

–oOo–

A Irmandade Mundial dos Jedi Theravada tinha os recursos, que foram direcionados para o Círculo Jedi de Brasília. Mas Michele Summer precisava também de uma amostra do DNA de Mestra Luminara e foi o próprio Mestre Naro que conseguiu isso. Pediu uma reunião com Luminara, na própria casa dela na Amazônia, onde estaria segura. Afirmou que a Guerra Fria entre os Theravada e Mahayanas prejudicava a ambos e que ele queria propor um plano de distensão que precisava ser discutido presencialmente por causa das evidentes possibilidades de interceptação. Luminara pediu um tempo para refletir, e acabou aceitando.

O encontro foi feito na maloca onde Luminara morava, situada em terras indígenas Yanomami perto do Pico da Neblina. Ali, ela treinava os filhos de Yanomamis que quisessem se tornar Padawans. Era muito respeitada, não só por sua luta pela biodiversidade e defesa das Terras Indígenas, mas por sua habilidade com a katana e outros poderes da Força. Os Yanomami a aceitavam de bom grado, pois sabiam que precisavam de toda a ajuda possível para sobreviver frente aos Jedi Theravada, que queriam liberar suas terras para mineração.

— Mestra Unduli! — exclamou Naro, ao iniciar as conversações. — Não sabe há quanto tempo gostaria de ter consigo esta conversa... — Notou que Luminara estava cercada de jovens Padwans bem armados.

— Sim, imagino — disse Luminara — Desde o *impeachment* de Francisco II, suponho.

— Ah, uma grande infelicidade para o Catoli-

cismo — concordou hipocritamente Naro. — Mas não é isso que me traz aqui. Gostaria de iniciar conversações de paz, tentar dar uma basta nesta grande Guerra Fria Jedi.

— E o que o Mestre Naro propõe?

— Proponho, primeiro, uma grande moratória dos cancelamentos virtuais.

— Nós não fazemos cancelamentos virtuais, Mestre Naro!

— Sim, sim, esse será o nosso lado do compromisso. De sua parte, pedimos uma moratória nos atentados que os Antifas têm feito aos círculos Jedi Theravada.

— Não sei se temos tanta autoridade sobre os Antifas, Mestre Naro.

— Não têm, mas podem ter. Peço que Mestra Unduli faça um pronunciamento mundial sobre nosso acordo de moratória, com um pedido expresso aos Antifas. Nossa moratória de cancelamentos virtuais vai se estender a eles. Este seria o primeiro passo do processo de distensão.

Luminara pensou que a proposta era razoável. Afinal, ela nunca aprovara os atentados à bomba, feitos por Antifas desesperados frente ao domínio total dos Theravada. O terrorismo às vezes poderia ser moralmente justificado, como o foi no caso da Resistência Francesa durante o regime Nazista, mas sempre ficava a um fio de cabelo da Ética Jedi, pois civis inocentes podiam sofrer.

Luminara disse que iria levar os termos do acordo para os Círculos Mahayana. Mestre Naro pareceu estar satisfeito e, então, subiu em sua carroça a vapor que o levaria à estação de trem à cinquenta quilômetros da aldeia.

–oOo–

Autômatos a vapor são em geral bastante grandes, pois têm que possuir uma caldeira e outros mecanismos. Já um autômato à corda pode ser pequeno e, se devidamente programado, pode fazer coisas bastante complexas. Mestre Naro, sentado em seu vagão especial, brincava satisfeito com o pequeno besouro autômato camuflado de verde. O besouro andara pacientemente até a cadeira de Mestra Unduli, subira por detrás do encosto e cortara a ponta de um único fio de cabelo sem que Luminara percebesse. Esse fio de cabelo agora estava protegido em um pequeno receptáculo de vidro dentro do besouro autômato que Naro agora examinava.

A viagem até Brasília foi cansativa pois as locomotivas a vapor ainda não estavam devidamente otimizadas para a geografia brasileira, mas no dia seguinte Mestre Mundi chegou às portas do laboratório de Michele Summer. Os milhões de Euros claramente estavam fazendo diferença, pois grandes equipamentos estavam chegando carregados por caminhões à vapor. Michele estava esperando-o na porta:

— Fez boa viagem, Mestre Naro? — perguntou, com uma ponta de ironia.

— Pois é, não fez nada bem para minhas costas, mas tive sucesso — respondeu Naro mostrando-lhe o besouro — Vejo que anda bastante ocupada...

— Como o Mestre deve saber, os equipamentos que preciso são caros porque pertencem à era da Genômica, antes de 2040. De lá para cá, não se tem construído mais desses equipamentos.

— OK, os equipamentos são velhos de mais de vinte anos... Funcionarão?

— Claro que sim, não se preocupe. O importante é quem os maneja, no caso eu — observou Michele Summer, com imodesta autoconfiança.

— Então aqui está — disse Mundi, lhe entregando o autômato besouro e sua preciosa carga.

–oOo–

Depois de um mês, Michele conversou com Mestre Naro em uma chamada GM+ privada:

— Finalmente está pronto, Grão-Mestre. O vírus já pode ser usado.

— Ótimo. Os Mahayanas e os Antifas aceitaram nossa proposta de moratória. Está na hora de uma nova visita à Mestra Unduli.

— Mestre Naro, antes tenho um pedido a lhe fazer. Peço que libere Mestre Windu de seus votos de castidade — disse Michele, encarando-o com olhos brilhantes.

— O jovem Mestre Windu... — se surpreendeu Mundi.

— Sim, acho que já desconfiava que ele é meu amante — falou Michele, sem baixar a vista.

— Na verdade não, senhorita Summer, mas... me lembro que foi ele quem insistiu pela eliminação de Mestra Unduli. Parece ser um jovem de visão e com grande potencial. Sim, pode comunicar a ele que os votos de castidade não são mais válidos. Pretendem se casar?

— Assim que minha mãe melhorar. O Mestre sabe que o quadro dela está evoluindo muito bem, não?

— Não sabia, faz tempo que não falo com sua mãe. Ligarei para ela amanhã mesmo.

— Faça isto. Eu lhe desejo sucesso em sua próxima viagem para a Amazônia.

— Agradeço — e Mestre Naro finalizou a chamada. Teve a sensação de que algo estava lhe escapando da situação toda, mas isso durou apenas um minuto. Agora, toda a sua intuição Jedi estava focada na missão de levar o besouro autômato que iria liberar o vírus mortal na presença de Greta Thumberg Luminara Unduli.

–oOo–

Mestra Saramaira Summer se recuperou do câncer graças às novas técnicas físico-médicas desenvolvidas por sua filha Michele com o dinheiro cedido por Mestre Naro. Não é difícil adivinhar que o plano para conseguir esse dinheiro teve início com Michele convencendo Mace Windu a participar do conluio.

Mestre Naro morreu no trem em sua viagem de ida para a Amazônia e nunca chegou a rever Mestra Unduli. Foi vítima de um vírus especialmente desenhado para responder ao seu DNA. Não era conveniente que os dois maiores Jedi do mundo morressem ao mesmo tempo de Coronavírus mutados, isso levantaria suspeitas. Assim, Michele Summer fez uma escolha entre os dois.

Mestra Greta Thumberg Luminara Unduli viveu muito tempo depois disso. Foi ela que liderou a resistência contra a nova Grã-Mestra dos Jedi Theravada, Saramaira Summer. Essa resistência foi enfim vitoriosa em 2075, e uma nova era progressista e ecológica, com a extrema-direita derrotada, se iniciou em um clima civilizatório *Amazofuturista*.

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor• no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou cerca de 60 artigos científicos. Foi o primeiro pesquisador brasileiro a publicar na Nature Physics. Ativo na área de divulgação científica, é responsável pelo portal Anel de Mídias Científicas (anelciencia.com) que possuí links para 440 blogs, 130 canais YOUTUBE e vários podcasts de ciência e ficção científica em português. Publicou O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol... (2014) pela Editora Multifoco, Projeto Mulah de Tróia (2016) pela Drago Editorial, Demiurgo: Deus e Acaso (2020) e Projeto Mulah de Tróia 2 (2020). Participou das antologias: FCdoB-2010/2011, Solarium 3, Galáxias Ocultas, Teslapunk 3, Antologia Asimoviana, O Livro da Ficção Científica Brasileira, Estrelas Inalcançáveis, O Espantoso Mundo da Antecipação, Ano Zero e Almas Fabricadas.

O Catador "Tunado"

Rubem Cabral

Rio de Janeiro, 01 de setembro de 2038.

Aquele velho sonho recorrente: no rosto da filha de quatro meses se desenhava, quadro a quadro, um belo sorriso banguela. Saudoso, Cleverson percebeu o calor do corpo pequeno junto ao seu peito, o apertar surpreendentemente forte dos dedinhos ao redor de seu dedo mínimo, o perfume de sabonete infantil, o "bá-bá-bá" que fizera sempre tanto sentido quando saído daquela boquinha de boneca. Maria Eduarda era sua tábua de salvação do mundo caótico, era o que o fazia suportar tudo, a própria ternura encarnada. Inocência refletida incontáveis vezes em seus olhinhos de ônix, pretos como legítimas esferas iEverything de cinco mil créditos.

Tudo era fantasia, e ele o sabia — sua menina já tinha (em algum lugar desconhecido no Oriente Médio) sete anos, completados em abril —, mas aquele era um sonho que valia a pena se ter, que ele tentaria prolongar, ainda que machucasse. Muito.

"Chocrante ® — agora com somente 3% de refugo eletrônico reciclado. Chocrante ®: porque é impossível começar bem o dia sem seu cereal preferido. Rico em eletrólitos essenciais e fibras não solúveis. Conheça os novos sabores *Huíshōu gǒu* e o incrível Choco-Unleaded. Chocolate chocante crocante: Chocrante ®. Coma, coma, coma... Porque você precisa! AGORA!".

O bloqueador de lixo eletrônico e subliminares fechou o senso-anúncio e inseriu o remetente na lista negra que já contava com alguns milhões de *spammers*, porém outro anúncio onírico conseguiu se infiltrar em seu sonho logo a seguir.

"— Meus vizinhos compraram um pré-histórico carro a diesel para poupar lítio e ajudar a conservar o Salar de Uyuni — dizia um homem de rosto avermelhado, com expressão debochada. — Mas eu digo: quem se importa com um maldito deserto de sal no meio de Onde-Judas-Perdeu-O-Chullo, na Bosta-lí-

via, se o ar de nossas cidades continuar puro e as montadoras de elétricos fornecerem ótimos empregos? Em quinze de setembro, vote no dez, na iniciativa *Terra Servil Provedora*, e mostre aos ecochatos anti-lítio com quantas células voltaicas se faz uma Hiperbateria Tesla. VOTE 10, VOTE 10, VOTE...".

Erro fatal número 800a03ff. Reiniciando... Considere reinstalar a versão Profissional por apenas cinquenta créditos, para proteção 99,9% efetiva.

Sua menina agora chorava, lágrimas sentidas e pixelizadas corriam pelas bochechas gordinhas. A mãe surgiu de alguma periferia invisível do sonho e tinha o rosto coberto por uma tela de burca (ou ele não mais lembrava de seu rosto?). A mulher mostrou-lhe a medida liminar, tomou a bebezinha dos seus braços e caminhou na direção de um scramjet pintado de verde com caracteres árabes em branco, onde o futuro esposo a esperava. A nave levitou e espalhou um desagradável odor de cloro e plástico queimado no ar. O veículo logo desapareceu no horizonte e o sol ofuscou os olhos dele como este o faria num deserto de verdade. Cleverson gritou: estava sozinho, completa e irremediavelmente sozinho. Mais uma vez.

Ele então acordou. Alguém cantarolava um eletro-chorinho e lavava os corredores do cortiço com desinfetante barato. Água e espuma escorriam sob sua porta. O sol queimava seu rosto através das persianas de madeira quebradas e o onipresente cheiro de queimado vinha do miniapartamento vizinho, onde uma nordestina de meia-idade fabricava cópias ilegais de dispositivos eletrônicos de grife.

Sentou-se à cama, com os braços cruzados sobre a cabeça. Tocou a ventosa que mantinha o implante de expansão de memória anexado à sua nuca e sentiu um pouco de dor; talvez estivesse inflamado. Lembranças aleatórias pipocaram e desapareceram em menos de um segundo: sabores estranhos, ecos de músicas, alguém acarinhando seu ombro esquerdo com dedos frios. Por alguns momentos foi assaltado pelo desejo avassalador de comer daquele cereal de terceira, de votar na iniciativa pró-elétricos sem dar a mínima ao destino do remoto deserto de sal.

Escutou então alguém bater à porta.

— Clevison? Tá tudo bem contigo, véi?

Abriu a porta. Maria do Socorro, a vizinha muambeira-falsária de cabelos esverdeados, enfiada num macacão laranja-neon, tinha expressão de legítima preocupação no rosto.

— Oi. Tá tudo indo, Socorro. Por quê?

— Cê tava gemendo de novo, pra variar… — ela fez um muxoxo. — E aí, alguma novidade sobre o rolo com a tua filha?

— Tem uma audiência com o advogado daqui a um mês - ele suspirou. — Mas é quase impossível. A gente não sabe direito nem em que país eles 'tão agora e, sem grana, você sabe como é, Justiça Pública: as coisas andam muito devagar. Pra piorar, o Ibrahim é muito rico, é até amigo de Xeique. Podem estar em Dubai, nos Emirados, sei lá.

"COMA, VOTE 10, VOTE CHOCRANTE AGORA, COMA 10 SALARES VOLTAICOS COM SOMENTE 3%" - os pensamentos retornaram com força.

— Ai, merda! Merda! — ele choramingou.

— Que foi?

— Subliminares. Tô com alguma falha no meu ImpMem. Dois conseguiram passar essa noite e 'tão me deixando doido.

— Tá cada vez pior: devem ser os novos geradores de polimórficos com I.A. de que os jornais andam falando. Posso ver seu implante? - ela pediu, já fazendo com que ele se virasse. — Ai, meu Padim Ciço! – ela gostava de usar expressões antigas. — Quando foi a última vez que você revisou esta porcaria, diacho? Tá empolado e vermelho ao redor, o led do autodiagnóstico tá piscando que nem carro de bombeiro. Vem comigo. Agora!

A mulher o arrastou até o cubículo ao lado do seu. Afastou uma pilha realmente grande de quinquilharias, circuitos e fios e expôs uma cadeira que até então parecia não existir ali.

— Senta aí e não se mexa.

— Você tem certeza que sabe o que tá fazendo, Socorro? Isso é perigoso! Você não é autorizada...

Ela nem se deu o trabalho de responder. Espalhou, com um chumaço de algodão, algo gelado e que ardeu em sua nuca e, com um instrumento cheio de apêndices, com delicadeza sacou a ventosa do lugar. Minúsculos pinos um tanto oxidados ficaram então expostos quando ela desencaixou o aparelho do soquete pericraniano. Uma sensação estranha, de enorme vazio e de amnésia parcial, substituiu as propagandas insistentes. Maria Eduarda transformou-se em saudade amorfa.

— Tem backup na nuvem, não me faça essa cara de camelô que viu o "rapa", garoto. Todo ImpMem oficial faz um todo dia, é a lei. Deixa eu ver, comprei um seminovo no mês retrasado pra canibalizar os componentes, um conhecido do IML fez negócio comigo por trezentos créditos e um iPhing Xing-Ling. Ah, tá aqui: modelo XBrain II da SouthKorean, com 10 petabytes, duzentos e cinquenta e seis núcleos refrigerados com hélio líquido, uma belezura de primeiríssima linha! A gente zera ele, baixa o teu backup e você usa por um tempo, até consertar ou trocar essa sua velharia. Depois então você me devolve. É só um empréstimo, veja lá.

— Mas eu não tenho como te pagar, Socorro. Tenho pouco mais de cem créditos pra receber e tem o aluguel… — disse com sinceridade.

— E quem disse que quero seu dinheiro, seu leso? Deus me livre! Me dá um abraço e um beijo, e é o que basta. Se os pobres não se ajudam, meu filho, quem é que vai ajudar? O governo? O Instituto Melinda Gates? *Vamo* agora configurar um firewall estalando de novo, tenho um antispam craqueado versão Enterprise que é o cão chupando manga... *Vamo* deixar o troço "tunado"! Ah, tenho uns antibióticos em algum lugar por aqui também, não muito vencidos – ela revirou outro monte de sucata. — E *vamo* fazer um curativo nesta pereba!

–oOo–

Cleverson deixou o velho cortiço na Senador Pompeu e desceu pela Avenida Presidente Vargas em direção à Candelária com seu carreto elétrico quando a noitinha chegou. As compulsões fomentadas pelos anúncios desapareceram por completo e suas memórias pareciam restauradas. Através das ruas da cidade, recolheu garrafas, papéis, baterias e latinhas de alumínio transparente. Bastava jogar os recicláveis na abertura e o equipamento se encarregava de separar, compactar e armazenar. Em um dia bom, poderia recolher o suficiente para até cinquenta créditos.

O carro-reciclador fora tudo o que ele conseguira comprar depois de um período autodestrutivo movido a depressão, álcool e jogos de R.V.. Em condições normais, ele não teria memórias dessa fase da vida, mas elas estavam todas lá: registradas nos mínimos detalhes, todas as vergonhas, em seu ImpMem e na Nuvem Governamental. E apagar memórias, mesmo que ruins, era custoso e burocrático.

Fazia um pouco de frio e ele abriu a garrafa térmica e bebericou café numa esquina. Encostou-se num fradinho e ficou observando, com certo arrepio na espinha, um grupo de jovens executivos reunidos num *after-hours* em uma sofisticada DopeHaus: deitados em cadeiras interativas, com soluções espetadas nas veias e fraldas-sondas para recolher seus dejetos, vivendo personagens em Realidade Virtual por horas que lhes pareceriam vidas inteiras. Durante um período efêmero residiriam naqueles servidores os amantes superdotados e incansáveis, as CEOs com discursos inspiradores cheios de sinergia estado da arte, os corretores de valores cujos conselhos só traziam lucros aos clientes. Com bravura, enfrentariam dragões, plateias hostis, ganhariam tresloucadas corridas em aviões hipersônicos, desbravariam planetas exóticos. Entretanto, tudo o que Cleverson podia ver a partir do seu canto era um grupo de gente mimada e excessivamente pálida, incapaz de lidar com a maioria dos desafios reais. Alguns deles sairiam dali em breve e trabalhariam normalmente no dia seguinte, já outros, por certo se perderiam nos labirintos de bits, e até poderiam continuar por lá por meses ou anos, conquanto seus níveis de crédito permanecessem no azul. Do contrário, seria sempre traumático o despejo da Fantasia S/A. Disso o catador bem recordava.

Saiu dali e continuou a recolher os restos dos mais ricos ao longo da Avenida Rio Branco, nem sempre depositados nos pontos corretos de descarte. Ao redor da Torre Marins-Chang-Bhandari, drones e robôs de segurança monitoravam o perímetro e ele não pôde se aproximar. Consultou um jornal digital através do implante e tomou conhecimento de que o corpo diretor da empresa havia finalmente logrado a aprovação do PMCB, seu novo braço político. Propunham vários projetos de mudanças à Constituição: o fim das restrições éticas para eugenia e manipulações genéticas, a adoção de crianças por pessoas jurídicas, o uso de subliminares em todas as mídias desde que com selos de aviso, dentre outras *bondades*. Talvez seus executivos esperassem protestos nas ruas, mas ele não notou ninguém a protestar, salvo nas redes sociais, vlogs e fóruns, onde muitos se mostravam extremamente indignados.

Pitbulls virtuais, mansos ovinos de carne e osso. Ele não era muito melhor que nenhum deles - refletiu.

Por volta das duas da manhã, já tendo recolhido quase quarenta créditos, deu-se por satisfeito e retornou ao miniapartamento. Ferveu água com o auxílio dum rabicho elétrico e hidratou um copo de noodles tailandeses. O calor ativou uma animação idiota no rótulo, mas ele apenas ignorou e engoliu a maçaroca apimentada. Era hora de rever Maria Eduarda, de cutucar a ferida que nunca sarava.

–oOo–

O sonho começou, mas ele não estava naquele aeroporto privado na Zona Oeste: o cenário da despedida. Ao invés, caminhava talvez pelo subúrbio, aparentemente via o mundo através de outros olhos. Ruas arborizadas, vielas de paralelepípedos, vivia outra realidade.

Ele não compreendia bem o porquê, mas seu coração batia descompassado, suor frio brotava-lhe da testa, os pés - que não eram os seus - cruzavam a rua, e paravam logo depois na calçada, indecisos, mas insistiam e continuavam, em direção a uma floricultura.

"Rosa dos Ventos", o nome corria em fonte *manuscript* pelo hololetreiro, tinham tulipas negras recém-chegadas da Holanda por cinquenta créditos a dúzia, o painel informava. Pegou o primeiro vaso que viu, de flores miúdas azuis, numa das prateleiras expostas do lado de fora da loja. "Miosótis", o nome foi recitado/pensado por uma voz rouca, Cleverson não conhecia a flor. Empurrou, a porta envidraçada se entreabriu e ele entrou. Sete sinos da felicidade repicaram, havia também um som agradável, de bambus e água correndo. "Larissa Matos", dizia o neoncrachá que a balconista ruiva tinha pregado à blusa.

"O nome é uma carícia, a língua se delicia no curso da pronúncia, o universo se torna melhor por ela existir" — o pensamento reverberou nos seus.

O catador experimentava algo curioso também: um súbito aumento de apreço por si mesmo, de esperança, um irracional desejo de cantar, de felicitar desconhecidos pelas ruas, de ser bom e de sorrir como um bobo.

A moça tinha um rosto gorducho e até comum, fora sua impressão inicial, mas o que era aquela aura ao redor dela? O fulgor, o ardor da visão compartilhada, isso mudava toda a percepção, mudava tudo: seu sorriso, sem dúvidas, era o mais perolado de toda existência, os olhos, Deus, expressões verdes de pura doçura, de compreensão mais que materna, além do humanamente possível. Era quase *insuportável* estar ali, sentindo o que ele sentia, sem se confessar, sem se ajoelhar e implorar, humildemente, que ela aceitasse sua eterna e mais devota submissão. Talvez apenas Santa Teresa d'Ávila pudesse compreendê-lo.

— São vinte créditos, "seu" Mateus — ela disse.

A vozinha de anjo desceu espessa por seus ouvidos, causando torvelinhos e cócegas, acarinhando-o. Ele estremeceu, quase paralisado: a boca era um deserto, o ar-condicionado deixava tudo muito frio, um frio doloroso: o retorno da Era Glacial.

A mão esquerda, encarquilhada e com duas alianças, esticou então o polegar por sobre o leitor: a fatura foi impressa em nome de Mateus Fassoni. O velho até conseguiu gaguejar um "muito obrigado", ela sorriu de volta e ele quase desmaiou. E o décimo

vaso de flores do mês logo se juntaria aos outros, sobre a mesa de sua varanda.

–oOo–

O que havia acontecido? Como fora possível? Cleverson gastou boa parte do dia seguinte pesquisando sobre seu novo ImpMem. Descobriu num fórum hacker russo que o projeto original da SouthKorean previa uma camada secundária de armazenamento, de capacidade limitada, o que eles chamavam internamente de "Layer 2", destinado a emular memórias do subconsciente, mas nunca oficialmente liberado por algum *glitch* do sistema operacional. Alguns números de série sofreram "recall", quase não havia mais XBrain II no mercado. O modelo IIa fora liberado menos de três meses depois, e os proprietários do implante anterior o receberam sem custos.

Fascinado, ele mergulhava toda noite no mundo rico e denso do senhor Mateus, de amores platônicos, de gatos idosos, poltronas almofadadas e xícaras de chá e sequilhos, de livros de poemas (de papel!), de solidão alegrada por músicas antigas. Despertava às vezes cantando canções completamente desconhecidas: "Dance me to the children who are asking to be born / Dance me through the curtains that our kisses have outworn", "A porta do barraco era sem trinco / Mas a lua furando nosso zinco / Salpicava de estrelas nosso chão".

Com frequência se pegava sonhando acordado com Larissa, que ele nunca encontrara antes. E essa estranha paixão, que ele conseguia senso-compartilhar, isso fazia com que seu fardo não parecesse mais tão pesado… Tornava possível enxergar o mundo através de outro prisma, e perceber cores onde antes só havia cinza.

Sonhou noutra noite com Maria Eduarda e com Marlene, a ex-esposa, cujos nome e rosto ele se esforçara em não recordar. Ela não vestia burca, em verdade nunca usou, mesmo o cenário do aeroporto era parcialmente fictício. A mulher mostrou-lhe o documento expedido pelo juiz e exigiu que ele entregasse a filha. Ele a olhou nos olhos e perguntou: "Mas que documento?". Com surpresa, ela descobriu que não tinha nada em mãos. Virou-se e procurou pelo scramjet, mas este não estava mais lá também.

— Eu controlo o que acontece aqui. O que você fez foi ilegal - ele disse. — Eu tinha direito a visitas. Vocês não poderiam ter levado minha filha pra fora do país, e sem minha permissão! Mas eu vou encontrar vocês, tenham certeza disso. ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM!

–oOo–

Passou a acordar cedo e a fazer longas caminhadas todas as manhãs. Reservava também um dia para faxinar o apartamento, para preparar alguma comida de verdade e congelar para consumir depois. Certo dia, ao retornar da rua, esbarrou com a vizinha, chorando no corredor.

— O que foi, Socorro? O que aconteceu?

— Né nada não, véi. Deixa pra lá. O fio duma rapariga do "rapa" passou no camelódromo e me levou uns duzentos créditos dos meus produtos. Tenho que pagar um pessoal da pesada daqui a uns dias, e não sei como vou me virar, não posso nem devolver em mercadoria.

O catador acessou seu implante, checou o saldo e pediu pelo número da conta da vizinha. Desde que melhorara sua disposição, passara a conseguir quase o dobro que sua média diária anterior. Estava economizando para pagar um advogado de verdade, mas…

— Você sabe, seu coiso, que não sei quando vou poder te pagar — ela riu, secando as lágrimas com as costas da mão.

— E aquele papo mole, de que os pobres precisam se ajudar, Socorro? — Cleverson sorriu e piscou um olho.

— Garoto besta! — ela gargalhou, e se enrolou ao redor de seu pescoço.

–oOo–

Janeiro chegara seco, dando alívio às autoridades depois de um dezembro quase diluvioso. Fazia então um dia realmente extraordinário, um sábado perfeito: nem quente ou frio, com o céu nu de nuvens, despudoradamente azul.

O novo advogado ligara-lhe no dia anterior: descobriram o paradeiro de Maria Eduarda em Doha, no Catar, e ele passara a noite em claro, mirando as paredes, rindo e chorando, tentando imaginá-la: sua voz, seu rosto. Não, as coisas ainda estavam longe de serem resolvidas. Contudo, era um começo, enfim.

Ainda agitado, Cleverson tomou o maglev na Presidente Vargas. Ele tremia e se esforçava em reprimir o excesso de nervosismo que o inundava desde aquela emulação do subconsciente de Mateus. Não era uma simbiose equilibrada, longe disso, mas ele gostava de não se sentir mais sozinho, de poder recordar de uma vida mais feliz. Nunca comentou com Socorro sobre seu "problema".

Saltou na estação Tijuca-Central, caminhou por algumas quadras e avistou a floricultura: a sua nova senda, a missão aceita antes de encarar em breve a "fase final".

Respirou fundo, o coração golpeava, não batia. *Catou* o vaso mais barato que ele encontrou na prateleira mais próxima sobre a calçada, e forçou-se a abrir a porta. Do outro lado do balcão, envolta num halo de fogo intimidador, ela, que ainda não o conhecia, que poderia apenas talvez lhe decepcionar e não merecer os poemas do velho, que poderia ser casada, ou nada disso. A esfinge, Larissa, a deusa de bochechas com covinhas e sardas, sorria-lhe de forma quase insuportável.

Rubem Ricardo Damasceno Cabral, nascido na cidade do Rio de Janeiro, atua como Engenheiro de Software.

Por volta de 2008, iniciou-se no mundo literário, participando de várias antologias já publicadas. Em 2010 foi premiado em 1º lugar na categoria "conto" no Concurso Literário Raízes, em Genebra, com o texto "Noites Brancas". Em 2011 foi um dos selecionados para a prestigiosa antologia anual "FC do B" (Tarja Editorial), com o conto "Nanovidas". Em 2012, foi selecionado para a antologia "Erótica Fantástica" (Editora Draco), com o conto "A Dança de Shiva". Foi organizador da Antologia "!", da Caligo Editora, que incluiu seus contos "Véspera de Natal em Páscoa" e "A morte e a re-morte de Natasha Moskovskaya". Os contos "As dores de cada um" e "Lições" foram respectivamente publicados na revista digital "A Taverna" (1 e 3).

É autor da compilação de contos fantásticos "A Linha Tênue". Organizou a antologia de contos inspirados na Bíblia "Os Livros Apócrifos".

Contato: rudam@msn.com

O DIA DAS CORES

ALBERTO ARECCHI

A terrível epidemia golpeou todo o Planeta, espalhando-se de leste para oeste. Foram meses sombrios, passados sem sair de casa, sem encontrar os amigos habituais. Muitos perderam seu trabalho, nem poucos foras os que morreram.

Um dia, depois de muitos meses de sofrimento e dor, ao acordar, foi como se os sinos tocassem em todo o mundo. Cada cor transformou-se em sua complementar. O céu estava rosa e amarelo, as pessoas tinham a pele cianótica, a grama tinha virado vermelha.

Dois ratos olhavam-se assustados ao ver a pele

quase fluorescente um do outro. Eles pareciam desenhados em néon. Uma abelha listrada em branco e roxo ia voando como louca. A água do arrozal refletia a cor amarela do céu. Uma rã de cor vermelha incendida olhou para um mosquito, branco como a neve. Ela reagiu instintivamente, estendeu sua língua e pegou. O sabor era bom, como o de um bom mosquito. O batráquio então soube que deveria manter um olho sobre as pequenas criaturas brancas esvoaçantes... Pouca a semelhança com os insetos do dia anterior, mas mexiam-se como eles e tinham o mesmo sabor. Mesmo a rã, porém, que ficava vermelha, também apareceu como uma boa presa para o corvo branco, que passou a devorá-la.

Nádia acordou com um susto. Poucos meses antes da epidemia, ela havia pintado seu quarto de cor-de-rosa e agora aparecia esverdeado, com um tom um pouco lívido, na luz da manhã. Esfregou-se os olhos, mas o efeito não foi alterado. Ela foi até a cozinha para fazer café e descobriu que todas as plantas ficavam vermelhas. O pote de café era opaco, quase preto, enquanto o pó de café aparecia azulado. O gato de casa saltou de um móvel para outro em um ambiente que via estranho, como uma nave espacial. Em seguida, ele reconheceu seu cheiro em um canto do tapete e se acalmou.

Começou a chuva. Uma chuva que parecia o Dilúvio bíblico, mas também representou uma purificação liberatória. As gotas iridescentes pareciam diamantes multifacetados. Onde batiam, deixavam sua marca. Parecia ter chegado o dia do fim do mundo. Vidros das janelas quebrados, telhados esburacados, guarda-chuvas rachados como peneiras.

Os telhados dos carros ficavam transformados em enormes dedais. As folhas das árvores foram estripadas, como se foram golpeadas por tiros de metralhadoras. Um vento forte surgiu, levantando de todos os lados os fragmentos do que tinha sido a cidade. Folhas de cadernos voavam com registros fiscais, como papagaios leves, num enorme furação, levantadas do chão até às nuvens. Parecia o fim do mundo.

Foi então que as águas do rio também começaram a mudar sua cor. Depois de tantas décadas de assédio, roubo de água e sujeira de todos os tipos em suas águas, ele decidiu se vingar, com a escolha de sua cor. Um filete um pouco mais brincalhão escolheu tornar-se amarelo, depois rosa, depois vermelho, enquanto outros optaram pela variedade dos verdes. As tranças de água foram como um arco-íris colorido, ou como esses fios de algodão, mexidos de todas as cores, a partir dos quais você pode escolher os tópicos para remendar.

As águas borbulhantes pareciam gozar de um carnaval repentino de alegria. Então, todos os córregos do rio remexeram-se juntos e assumiram uma mesma cor azul, como a tinta da caneta estilográfica. O sol batia nas vagas e nos redemoinhos e traia milhares de reflexões. Foram surpreendidos os pescadores. Ainda mais foram surpreendidos os peixes. A notícia se espalhou rapidamente. O rio de águas coloridas batia contra os pilares da ponte, e todos foram para vê-lo.

Os redemoinhos da água e os arabescos traçados na areia das praias eram como a escrita ágil de uma mão experiente. Os marcos tomaram forma e tornaram-se palavras. Os riachos delineavam mil, dez mil, cem mil vezes, as mesmas palavras, durante todo o curso do rio, “Basta! Chega! Basta!” Basta com a poluição? Com as guerras? Cada um interpretou a expressão como ele desejava. Todo mundo tinha alguma razão para dizer “basta” e, portanto, quase todos concordaram com o rio.

Neste ponto, você esperaria que o despejo da lixeira, o aterro de resíduos, que manchava o panorama e infetava a cidade, também se transformasse em algo bonito ou terrível. Esperaria a bolha de esgotos explodir, transformando-se em um dragão monstruoso, ou rosas e flores desabrochar, tremulando em música celestial nas encostas da colina artificial.

Nada disso, queridos amigos. Nem a chuva de diamantes, nem o vento libertador não tiveram efeito nenhum naquela colina encharcada de odores.

Maciça, elefantina, fedorenta, a lixeira resistiu a tudo e não se virou.

Enorme, inchado, fedendo como sempre, o aterro resistiu e não mudou de cor, ficando cinzento e som-

brio. Suas exalações mefíticas seguiram contaminando o ar, as escórias ficaram sem se rebaixar, no tempo, como vestígios para toda geração futura. Aqui irão se passar as escavações arqueológicas da posteridade, para reconstruir a cultura e a história da nossa "civilização".

Alberto Arecchi (1947) é um arquiteto italiano, mora na cidade de Pavia. Tem uma longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em vários países africanos como especialista em tecnologias apropriadas para o planejamento de hábitat. Presidente da Associação Cultural Liutprand, edita estudos sobre a história local e as tradições, sem descurar as relações inter-culturais (site: https://www.liutprand.it). Escreve contos e poemas em italiano, português, espanhol e francês.

O Salvador da Pátria

Roberto Causo

Algum lugar próximo da fronteira Brasil-Colômbia, ano 2000

O Segundo-Tenente Lenir Bezerra despertou com um desfile de dores pelo corpo. A cabeça e o lado direito do rosto. O ombro direito e o braço. Um desconforto ainda não determinado nas costelas do lado esquerdo, a perna direita lacerada e o pé torcido. Suportou tudo em aturdido silêncio. Mais importante que registrar as dores, era orientar-se. E isso também vinha aos poucos, em fragmentos.

Estava no interior de algum veículo. Pensou em um ônibus, um ônibus todo arrebentado. Não, era diferente, meio tubular… Um trem, então?

— Você não tem o dia todo! — ouviu. Um grito, vindo de fora. Uma voz de mulher. — É melhor sair daí antes que entre em choque.

Lenir se endireitou no assento. O movimento provocou uma nova onda de dor, que ele ignorou — tinha alguém lá fora. *Ajuda*.

De um instante para outro as peças do quebra-cabeça encontraram seus lugares —lembrou-se de onde estava. Um avião Bandeirante da Força Aérea Brasileira. Lenir Bezerra era parte de uma guarnição do Exército a bordo da aeronave de transporte, a caminho de unir-se à força-tarefa que tinha a missão de destruir pistas de pouso clandestinas. O avião havia caído no meio da selva. A mulher lá fora… Não, não podia fazer parte de um grupo de resgate. Talvez ela também estivesse no avião. Não conseguia se lembrar. Tanto a FAB quanto o Exército agora tinham mulheres nos seus quadros, mas o tenente Bezerra não se lembrava se havia uma viajando com ele no Bandeirante.

Suando e rangendo os dentes, levantou-se e olhou em torno. O interior da aeronave era uma coleção de escombros. Lenir deixou os olhos passearem apenas, evitando focá-los. Os corpos dos seus amigos estavam ali — o Sargento Paes, o Cabo Milena, os soldados Amarildo, Nunes, Navarro e Fortunato — outros que ele não conseguia lembrar os nomes. Um médico que eles haviam pego em Tabatinga…

E para onde estavam indo? Vindos de Manaus, passando por Tabatinga, depois para alguma pista de terra batida, e de lá marchando pra cima e pra baixo, procurando outras faixas abertas ilegalmente na mata. Deviam destruí-las com explosivos, e só então seriam extraídos de helicóptero.

Mas tinham caído em algum lugar do caminho. Qualquer lugar, no meio da selva. Lenir se lembrou que ele era o comandante do grupamento. O oficial médico era um capitão, mas ele não contava. Devia ficar em um Pelotão Especial de Fronteira ali perto… E quem comandava os soldados era ele, o Tenente Bezerra.

— Alô! — gritou, a voz saindo como um grito rouco. — Mais alguém? Mais alguém vivo aqui dentro?

Os destroços do Bandeirante rangeram com um

dos seus passos incertos. O avião balançou levemente. Ninguém respondeu.

— Aqui fora, Tenente Bezerra — ouviu. A voz da mulher. Dizia que ele devia sair. Talvez seus homens estivessem com ela. — Por aqui! A porta de saída é por aqui, mas você vai ter de abri-la sozinho.

Lenir cambaleou, seguindo a voz. Chegou a uma das portas laterais do Bandeirante. As mãos trêmulas se fecharam em torno da alavanca, mas seu braço e ombro direitos, feridos, obrigaram-no a compensar com o braço esquerdo. Levou mais tempo do que gostaria, mas conseguiu abrir a porta e sair.

Cobriu os olhos com a mão. Estava escuro dentro da aeronave, mas lá fora o sol brilhava.

— Quem?… — começou.

— Aqui.

Voltou-se na direção da voz.

Era uma jovem mulher índia, de não mais de um metro e sessenta, nua. Seus cabelos eram pretos com reflexos azuis, e compridos, descendo até o meio das costas. Lenir mancou em sua direção, apoiando a mão esquerda na fuselagem camuflada do Bandeirante.

Viu que o piloto havia dirigido a aeronave até uma estreita praia de areia, na beira do rio. A asa esquerda está partida, a direita semi-submersa na água. Acima, os galhos das árvores se inclinavam na direção do rio, fechando-se sobre ele. O avião havia arrancado alguns galhos no caminho. Viu cipós e folhas presas no bordo de ataque da asa esquerda, uma hélice entortada, o flap apontando para cima.

A índia tinha pernas fortes e o púbis gordo e depilado. Lenir podia ver os lábios se formando, no espaço entre as pernas. Os braços eram delicados e o busto pequeno, de mamilos escuros e avermelhados. Tinha linhas coloridas amarradas nos bíceps e nos tornozelos, um cordão na cintura.

Lenir olhou em torno, procurando por outros índios, e sentindo um desconforto indefinido.

— Tenente Bezerra — ela disse —, não temos muito tempo.

Lenir percebeu que sua voz sempre lhe soava absolutamente clara, no mesmo volume, como se nunca estivesse distante dele.

Ela tinha o rosto de ossos largos, pequenos olhos amendoados de cílios longos, e íris castanha com reflexos de um verde brilhante como musgo em casca de árvore. Os lábios eram cheios e brilhosos. Estranhas marcas — desenhos pintados na pele — de um vermelho escuro, quase roxo, coloriam o seu rosto e testa.

— Meu nome é Marta Tuxuaua. Desculpe não ter podido entrar pra te ajudar. Os seus amigos ainda estão dentro do avião, e eu não posso incomodá-los.

— Onde eles estão?

— Oh. Não me entenda mal. Estão todos mortos. Só você sobreviveu.

— Os outros? Mortos… — Lenir se voltou para o aparelho destroçado, como se pudesse ver seus companheiros através da fuselagem.

— Você precisa voltar lá pra dentro, pegar seu fuzil, munição e outras coisas — ela continuou.

Lenir se sentou e encostou o ombro esquerdo contra o avião.

— Pra quê? Não estou entendendo — disse. — Você é de alguma aldeia aqui perto? Por que não chama ajuda? Eu fico aqui e aguento as pontas, até você voltar com o socorro…

— Não. Eu venho de muito, muito longe, e não posso ficar por muito tempo.

Lenir balançou a cabeça, antes de levantá-la e encarar a mulher.

— Essa conversa toda não faz sentido. E o que você falou antes?…

A índia — Marta, era esse o nome? — se aproximou de Lenir e acocorou-se diante dele.

— Eu posso explicar tudo, depois que você voltar ao avião e se medicar. Eu digo pra você o que fazer, que remédios pegar.

— Como é que você pode? — ele resmungou, mas estendeu a mão para que ela o ajudasse a pôr-se

em pé outra vez. — Eu sei muito bem o que fazer.

Mas ela não tomou sua mão. Ao invés, levantou-se e recuou alguns passos. Tinha se ofendido?

Piscando, aturdido, Lenir se levantou a custo e cambaleou de volta ao aparelho.

Agora, menos atordoado, podia ver com clareza os corpos dos homens espremidos entre as ferragens. Nunes estava exangue… O que houve com o sargento Paes? Uma parte do seu rosto… arrancada.

Começou a tremer e as dores retornaram com força redobrada. Cambaleando, alcançou a poltrona do capitão-médico. Achou a preciosa caixa de medicamentos. Piscando, no escuro do avião, achou o frasco transparente do analgésico. Ao lado, a seringa, a cartela de agulhas descartáveis…

Tremendo e tentando não olhar para o cadáver do oficial médico, Lenir preparou a injeção e arregaçou a manga da camiseta — eles estavam todos só de camiseta e a calça do uniforme camuflado, no calor da aeronave. Aplicou a injeção intramuscular. O alívio foi imediato. Em pouco tempo o peso em seu peito diminuiu, seu tremor deteve-se, o rosto crispado relaxou-se um pouco mais.

"Agora o fuzil", pensou. Teve de vasculhar entre os escombros até encontrar o seu Para-FAL e o cinto N.A. com os carregadores.

— Vai precisar de mais — ouviu a mulher dizer.

— Mais *o quê*? — ele perguntou.

— Munição. E na parte de trás você vai encontrar um estojo com o bote inflável e outros equipamentos de sobrevivência…

— Bote? — Lenir gritou. — Pra que isso? — Meditou por um instante. Não precisava obedecê-la. Não precisava da ajuda dela. — Eu vou ficar aqui. O avião tem um sinalizador gps. Em pouco tempo chega o socorro…

— Você não pode ficar esperando o socorro — ouviu.

E então silêncio. Ele ficou em pé no espaço demolido do Bandeirante, ofegando, o fuzil pendurado no braço esquerdo.

— É melhor sair, Tenente. Nós precisamos conversar.

–oOo–

— Sente uma pressão do lado direito do corpo? — ela perguntou.

Lenir encostava-se outra vez na fuselagem, agora com o fuzil apoiado entre as pernas. Marta, a índia tuxuaua, estava em pé diante dele, totalmente alheia à própria nudez.

— Seu baço foi rompido — Marta disse. — Vai morrer em algumas horas, antes do socorro chegar.

Lenir agarrou o guarda-mão do fuzil e encostou a testa na áspera superfície plástica. Seus ombros começaram a tremer sem controle, e lá no fundo Lenir pensou: "Ainda estou em choque." Levantou a cabeça e encarou a índia.

— Como você pode saber?

Ela se acocorou outra vez diante dele. Sem que pudesse evitar, seu olhar caiu sobre o púbis da mulher.

— Quer me tocar, tenente? Pode me tocar, se quiser.

Sua mão esquerda se moveu como que por vontade própria, querendo pousar sobre o joelho de Marta Tuxuaua, esperando o conforto de uma pele macia e quente, mas ela era fria.

Não. Ela era insubstancial. A mão trêmula de Lenir atravessou o seu joelho. Ele a puxou de volta.

— Meu corpo não está aqui — ouviu. — Na verdade, está em algum lugar no futuro, quinhentos anos no futuro.

Lenir anuiu, incapaz de dizer nada. A índia — ou a sua imagem, se o que ela dizia era real — concentrou seu olhar no dele.

— Eu gostaria de estar aqui e de poder confortá-lo, mas a verdade é que precisamos da sua ajuda, sem poder lhe dar nada em troca.

— Vocês, do futuro… precisam de mim? — ele

murmurou.

— Não muito longe daqui há um grupo de traficantes de drogas — ela disse. — Eles trabalhavam num laboratório clandestino de refino de cocaína. De algum modo, souberam da presença de soldados na área, e se mantiveram escondidos na selva, isolados, vivendo dos animais que conseguiam pegar. Mas alguns deles ficaram doentes, chamaram ajuda, e agora um hidroavião virá buscá-los.

"A doença que eles têm é uma espécie de hantavírus, um vírus mortal que causa a destruição dos pulmões. Ele é transmitido só de roedores para as pessoas, mas esta variedade, depois de chegar aos seres humanos, é transmitida de pessoa pra pessoa, e pelo ar. Primeiro ele se manifesta com os sintomas de uma gripe, depois em dificuldade respiratória. Ao final, o doente morre de edema pulmonar ou de parada cardíaca. No seu tempo, tenente, não há nenhum tratamento possível. Nada.

"De algum modo, contrariando a visão dos cientistas da sua época, que pensavam que o vírus se restringia a determinadas espécies de roedores, ele chegou à Amazônia e contaminou animais selvagens. Talvez os garimpeiros, isolados, tenham se alimentado de animais…

"E este vírus tem um tempo de incubação muito maior. Isso faz com que o doente tenha muito mais trânsito, contaminando mais pessoas. Em pouco tempo, a praga que está prestes a deixar esta floresta vai se tornar uma epidemia internacional sem precedentes. Grandes massas populacionais vão desaparecer, boa parte delas no Brasil.

"E nós precisamos de você pra impedir isso."

— *Como*? — ele perguntou.

— O ponto de encontro dos traficantes com o hidroavião não fica longe daqui. Você tem de ir até lá, o mais rápido que puder, e armar uma emboscada. — Ela fez uma pausa. — Tem que matar todos eles… todos os sete homens que ainda não morreram da doença. Nenhum deles pode sair da floresta. Do contrário, um bilhão e meio de pessoas vão morrer.

— Se você vem do futuro, quinhentos anos no futuro, como pode saber de todas essas coisas?

Ela respirou fundo, como se soubesse que sua resposta seria dificilmente aceita, mas seu olhar firme não falseou.

— Uma parte sabemos pelos registros históricos. Outra parte, porque… porque tudo que há pra saber existe em algum lugar acessível a quem tem o poder de alcançá-lo.

"Eu sou uma pajé, tenente Bezerra. Desde a infância, quando os meus irmãos da nação tuxuaua perceberam que era esse o meu destino, passei a ser preparada para vir um dia me encontrar aqui com você. Num outro mundo, tudo o que há para saber se apresenta ao pajé. Assim, descobrirmos a fonte da epidemia nos sete traficantes de drogas. E descobrimos ainda que um avião havia caído próximo de onde eles estavam, e que um soldado sobreviveu tempo suficiente para poder intervir, se soubesse o que fazer."

— Você está aqui só em espírito… — ele compreendeu.

— Algo assim. É por isso que não posso entrar no avião. Os seus amigos mortos não permitiriam.

— O que vai ser deles? — perguntou.

— Eles vão encontrar o seu caminho — disse Marta. — Você precisa se concentrar na sua tarefa. O hidroavião está prestes a chegar ao ponto de encontro. Aqueles sete homens não devem sair vivos da floresta.

Seus companheiros mortos… Ninguém chegaria a tempo de salvá-lo. E ainda tinha de matar sete homens. Talvez mais, contando com os tripulantes do hidroavião.

Lenir Bezerra era militar há oito anos, desde que ingressara na Academia Militar das Agulhas Negras. Embora a possibilidade de vir a entrar em combate fosse um elemento básico de sua profissão, ele sempre a tinha considerado como uma hipótese distante. Agora, sozinho, deveria assassinar sete ou mais pessoas. Mas… traficantes de drogas e os causadores de um bilhão e meio de mortes. Seria então trocar sete vidas por um bilhão e quinhentos milhões, cer-

to? Não, não era uma equação tão simples. Porque os traficantes estavam saindo da selva para receber tratamento médico contra uma doença mortal e incurável. Eles já estavam praticamente mortos — "Assim como eu", pensou. "Isto é uma luta entre mortos."

A índia tornou a falar. Aparentemente, ela considerava o seu momento reflexivo como hesitação pura e simples.

— Você é um soldado do Brasil — ela disse, em voz baixa e séria. — Jurou defender seu país. É isso o que estamos pedindo pra você. "Brasil acima de tudo", não é assim que dizem? Levante-se e vá defender o Brasil, Tenente Bezerra.

Lenir usou o fuzil como apoio, para se levantar.

— Vou buscar o bote.

–oOo–

"Brasil acima de tudo…"

Quantas vezes já repetira esse lema, gritando-o com os outros homens da tropa? Mas sozinho agora, perguntou-se o que era o Brasil, afinal? Olhou em torno. Descia o rio, agora, apenas controlando a direção, sem precisar remar. Melhor assim — ainda se sentia muito fraco. Só via a mata e o céu carregado de nuvens, com retalhos de azul aqui e ali. Nenhum sinal de presença humana, nada que indicasse a marca do Estado brasileiro. Só uma floresta que precedia a existência do país em milhões de anos. Era isso o Brasil?

— Você falou sobre o meu país só pra me motivar, não foi? — perguntou, dirigindo-se ao ar. A índia tuxuaua já não estava mais ao seu lado, mas ela ainda podia falar com ele, sua voz mansa surgindo do nada — ou de algum lugar quinhentos anos no futuro. — O Brasil ainda existe, daqui a quinhentos anos?

— Não. Mas nós o queremos de volta. Se você for bem sucedido, o Brasil ainda existirá no futuro.

— Não foi isso o que eu ouvi dos meus superiores. Quer dizer, pra vocês só o que existe é a realidade da tribo, da sua etnia, não é? A ideia de um país não tem validade pr'os índios. Pelo menos pr'os índios de hoje. Pra vocês, só o que interessa é a terra. É por isso que nós nunca aceitamos bem essa coisa de vocês se tratarem por *nação*, de exigirem mais autonomia. — Indicou a floresta ao seu redor, enquanto recitava a doutrina que havia absorvido. — Se fossem tratados como nação, poderiam se aliar a quem quisessem, trocar as riquezas da Amazônia pela ajuda de outros países, enfraquecer a soberania do Brasil.

"Se morreu toda essa gente de que fala, não quer dizer que sobrou menos gente pra destruir a selva, e que vocês conseguiram finalmente toda a terra que queriam?"

— Antes foi assim, eu imagino — ela respondeu, com voz incerta. — Muita coisa mudou, em quinhentos anos. Agora as coisas são diferentes. Quando um bilhão ou mais de pessoas morreram em todo o mundo, o vácuo populacional que surgiu gerou em seguida um vácuo de poder. Afinal, economias foram arruinadas e exércitos enfraquecidos… Isso motivou o uso de armas de destruição em massa por parte de muitas nações, em movimentos precipitados de conquista ou autodefesa. A terra de que você fala foi destruída. O clima foi alterado. Não há mais floresta… Pelo menos não toda a floresta que vemos à nossa volta. Há áreas radioativas e desertos de areia branca e frio por toda parte. Queremos a floresta de volta. Pra nós, isso é o Brasil.

Lenir refletiu, mais uma vez olhando em torno. Fazia sentido, pensar o país como a terra, mas Marta Tuxuaua certamente também pensava o país como a história de um povo; se não, por que falaria de ter o Brasil de volta? Porém, ainda seguindo a sua visão — talvez limitada — do que era o pensamento indígena, os índios não tinham consciência histórica, tinham? Ela podia dizer que muito havia se alterado, em quinhentos anos, mas milhares haviam se passado desde que eles cruzaram o Estreito de Behring e se instalaram na América, sem que sua cultura e modo de vida se alterasse substancialmente — até a chegada do europeu.

— Talvez o Brasil de que você fala seja uma coisa mitológica, que não corresponda à realidade — especulou em voz alta.

— Eu sei o bastante sobre o seu tempo, para ter uma ideia clara do que estou falando. Herdei parte da sua língua e da sua cultura. Passei mais tempo aí, no sonho dos pajés, estudando os fatos e o modo como falam e pensam, do que você poderia imaginar, seu tolo preconceituoso. Nós queremos o que vocês têm: a floresta e os rios ainda vivos, os povos indígenas recuperando o seu orgulho próprio, reatando os laços com o sagrado que encontram na terra e na orientação dos antepassados. São tempos difíceis, eu sei, mas você não sabe nada do que nós vivemos no meu tempo.

— Bem, você não parece estar indo tão mal assim. Quero dizer, se é capaz de viajar no tempo e intervir em coisas que aconteceram há séculos… — Uma outra coisa lhe ocorreu. — Nunca pensou em viajar para mil e quinhentos e impedir Cabral de encontrar o Brasil? Ou antes ainda, com Colombo?

Ouviu o riso de Marta ecoando ao seu redor.

— Não se impressione com este pequeno truque, Tenente. Felizmente, o poder que eu lhe apresento é um poder que sempre existiu e sempre existirá. O fato de eu não poder visitar seja Cabral ou Colombo é prova suficiente das suas limitações.

— Como assim?

— Precisamos de alguém que tenha olhos e ouvidos para nós — ela respondeu. — Você tem um dom, tenente. Não só está no lugar certo na hora certa, como é também o único por aqui com quem posso falar.

Tudo bem, mas ele ainda não sabia *do que* ela estava falando. A dor retornava e sua mente nublou-se, de súbito. "Seu baço foi rompido. Vai morrer em algumas horas." De qualquer modo, se ia morrer, era bom que Marta estivesse com ele. Não queria morrer sozinho.

— Bem, está na hora de começar a me tratar pelo primeiro nome — disse.

–oOo–

Escolheu o local da emboscada à margem direita do jusante, numa praia de areia, seguindo as indicações de Marta. Sua figura pequena e escura reapareceu ao seu lado, pisando a areia branca sem deixar pegadas.

Lenir furou com a baioneta a borracha do bote que não tornaria a usar, e escondeu-o entre as árvores. Um tronco caído atravessava a praia, sua ramagem despida de folhas mergulhada nas águas. Escondendo-se ali teria vista desimpedida e um bom campo de tiro, além de alguma cobertura. Marta lhe havia dito que os traficantes tinham seus próprios fuzis automáticos.

E eram sete, e ele estava *sozinho*.

— Você sabe que posso não conseguir — disse.

— Ainda assim, você é nossa melhor chance. — Marta respondeu. — Você deve estar sofrendo, outra vez. É melhor usar o analgésico mais uma vez, antes deles chegarem.

Lenir se aplicou a injeção, sentiu as dores recuarem, os músculos tensos relaxarem um pouco. Uma náusea aguda, porém, persistia juntamente com o desconforto acentuado no lado esquerdo do seu corpo.

Ele então carregou e engatilhou o fuzil, ajustando a alça de mira para a distância esperada. Ao lado da posição escolhida, colocou dois dos carregadores extras em cima da bolsa com os medicamentos. Era um bom atirador. Por um breve período, havia feito parte da equipe de tiro da aman. Pena que o seu melhor tiro era em pé sem apoio, e não deitado. As condições estão bem longe das ideais, pensou, as mãos tremendo na empunhadura do Para-FAL. Vamos ver o que dá pra fazer, com o que se tem.

Marta se acocorou ao seu lado.

— Talvez se você respirar fundo, relaxar…

— Você também está ansiosa, não é. Tudo bem. — Fez uma pausa. — Sabe me dizer quanto tempo eu tenho?

— Não, Lenir, eu lamento. Com todo o esforço que você realizou, é impossível dizer. Mas os traficantes estão prestes a chegar.

— Vai terminar rápido, então. — Uma outra coisa lhe ocorreu, com respeito a ela. — Escute, a ideia

toda aqui é mudar o seu futuro, não é? O que vai acontecer com você? Quero dizer, a sua linhagem pode ser alterada completamente…

— Em espírito ao menos eu sempre existirei, Lenir — Marta respondeu. — Assim como você.

Ele nunca foi um homem religioso, mas se havia uma prova da existência da vida após a morte, ali estava ela. Ao menos que, pensou, aturdido, tudo isto não passasse do delírio de alguém às portas da morte. Bem, se assim fosse, era uma alucinação também bastante convincente, e ele preferia acreditar nela.

— Você vai estar me esperando, quando eu morrer?

Marta não respondeu, por longos segundos.

— Vou tentar — disse. Havia algo novo em sua voz. Podia um espírito chorar? — Eu não queria que as coisas fossem assim, pra você, Lenir. Você é um bom soldado. Vou tentar ficar ao seu lado, quando a sua hora chegar, mas eu mesma não sei qual será o meu destino.

— Você também está correndo riscos, não é? Se pode se sacrificar, por que não eu? Pelo menos é pra isso que me pagam.

Alguns minutos se passaram em silêncio. Então Lenir tornou a falar:

— Eu já te disse que você é bonita?

O ar à sua volta se inundou de um riso límpido.

— É apenas como você me vê — Marta disse, com o riso ainda ecoando entre suas palavras. — No meu tempo, sou uma velha enrugada e de cabelos brancos. Diante de você, sou modelada pelo seu olhar. Represento a vida para você… Um pouco o que você quer ver, um pouco eu mesma.

"Melhor assim, talvez. Se uma velha desgrenhada e nua aparecesse à sua frente, minutos depois do acidente, você talvez não a ouvisse tanto quanto à jovem de cabelos longos e ainda escuros."

Lenir pensou sobre isso, por algum tempo, mas não soube o que pensar.

— Talvez eu pensasse que você é meu anjo da morte — disse, enfim.

— Mas não sou. Sou alguém que cruzou seu caminho, vinda de séculos no futuro, apenas para lhe implorar um favor. Continuo sem nada a oferecer em troca.

— E você mesma pode sumir da face da terra, se eu for bem-sucedido…

— Ressurgirei em algum lugar — ela afirmou. E em seguida: — Você também, eu já disse.

Os dois caíram em silêncio, quebrado então pelo ronco distante de uma aeronave.

— Aí está — murmurou, voltando os olhos para o alto e sabendo que o hidroavião teria de ir primeiro.

A aeronave e a voadeira com os sete traficantes apareceram ao mesmo tempo. O hidroavião civil fez uma curva — felizmente tomada pelo lado oposto de onde Lenir estava — e começou a perder altura, para o pouso nas águas castanhas do rio. Era um hidroavião de aparência moderna, bimotor e pintado de verde escuro, para confundir-se contra a mata. Lenir ajustou o fuzil no ombro.

Quando o aparelho tinha os flutuadores quase tocando a água, vindo com os flaps baixados e voando lento e bem diante dos seus olhos, Lenir fez os primeiros disparos em rápida sequência. Viu os projéteis jaquetados com aço abrirem buracos na carenagem do motor esquerdo e ao lado da cabine. Alguns tiros se perderam, levantando borrifos do outro lado — era tudo uma imagem de estranha simultaneidade. Continuou disparando, rangendo os dentes e imaginando que não seria o bastante para destruir o avião, que ele tocaria a água e depois arremeteria para longe, decolando e sobrevoando sua posição para atirar contra ele de cima.

Mas a aeronave tocou a água completamente fora de controle, as hélices fatiando a água e arrancando as asas dos seus encaixes na fuselagem, com suas forças em conflito.

— Agora os homens na lancha, rápido! — ouviu Marta gritar, ao seu lado. — Nenhum deles pode sair vivo da floresta.

Lenir substituiu o carregador vazio, liberou o conjunto do ferrolho e voltou a mira para a voadeira.

Os traficantes na embarcação foram surpreendidos pelo ataque, e certamente haveria um momento de choque ao verem o seu transporte de volta para o mundo civilizado, para o tratamento médico de que necessitavam, ser destroçado bem diante dos seus olhos. Eles logo superariam a surpresa, porém, e a vantagem da surpresa era tudo o que Lenir possuía.

Seus disparos, mais cuidadosos agora, explodiram no casco metálico da voadeira e na água em redor. Os traficantes levantaram suas armas e Lenir viu a chama alaranjada dos seus tiros e ouviu o zumbido dos projéteis acima de sua cabeça antes de ouvir o som oco dos disparos. Um único projétil atingiu o tronco caído que o protegia.

Lenir fez pontaria cuidadosa e puxou o gatilho. Um homem caiu para fora da lancha, levantando água. A embarcação balançou.

Ele respirou fundo. Sentia-se zonzo. Entontecido pela fraqueza e pelo som feio e rasgante dos projéteis do Para-FAL que deixavam o cano a mil e oitocentos metros por segundo, ferindo o ar e seus ouvidos com um estrondo sônico. Seus disparos seguintes se perderam.

A voadeira mudou de direção, rumando para a margem oposta, talvez nem tanto para que seus passageiros escapassem entre as árvores, mas para oferecer a ele um perfil menor. Lenir outra vez respirou fundo, tentou relaxar, controlar o coração acelerado que fazia seu corpo saltar ritmicamente e estragava a pontaria. Atirou uma, duas, três vezes. Outro homem caiu na água, seu fuzil girando no ar e o seguindo para o fundo.

— São quatro mortos — Marta gritou.

Como ela podia saber? Podia ver os espíritos se despedindo de seus corpos moribundos, ou sentia alguma coisa se transformando em seu tempo, como se a morte desses três homens propagasse ondas de mudança até o futuro distante?

Lenir continuou atirando. Por um momento, tudo o que existia eram os alvos diante da alça e massa de mira. Um dos traficantes se levantou para responder ao fogo, e de longe Lenir viu sua silhueta se agitar momentaneamente e então desaparecer no fundo da voadeira. Mais alguns disparos, e ele se voltou para Marta. Queria perguntar a ela quantos faltavam, suas forças se exauriam, precisava remuniciar o fuzil mais uma vez…

Ela não estava mais ao seu lado.

— Marta?

Nenhuma resposta. Ela havia desaparecido, como se nunca tivesse existido.

Como se nunca tivesse existido…

Era isso, não era? O futuro acabava de ser transformado. A linhagem que resultara em Marta Tuxuaua havia se alterado a ponto dela não estar viva dali há quinhentos anos — ou de não ser a pajé que dizia ser. Mas se assim fosse, quem o havia procurado, atravessando o abismo de cinco séculos? Talvez tudo fosse enfim o delírio de um moribundo, e ninguém estaria esperando por ele, do outro lado. O mero pensamento causou-lhe uma tontura irresistível e a forte sensação de que alguma coisa afinal se soltava definitivamente dentro de seu corpo. Morreria em breve. E sozinho.

Em quem estava atirando? E como soubera da presença dos traficantes ali?

Voltou-se para eles, e viu que a voadeira havia desaparecido.

Estava morrendo apenas, e a chama da vida prestes a se extinguir pregava peças em sua mente.

Não. Piscando e olhando melhor, Lenir compreendeu que a lancha tinha virado, o fundo apontando para cima, e que dois dos traficantes nadavam para a outra margem.

Tremendo um pouco, remuniciou o Para-FAL, ajustou a alça de mira para a distância crescente, e esperou que eles chegassem à margem — não confiava na firmeza dos seus punhos para atingir o perfil baixo de um homem na água.

Acertou um deles bem no meio das costas, no seu quarto ou quinto disparo. Sua mão tremia. O

homem caiu estendido na areia. Parecia um boneco partido ao meio. O que Lenir teria realizado com sua morte? Salvo mais trezentos milhões de pessoas, talvez quatrocentos milhões? Ou apenas assassinado um homem que não teria comunicado a doença a ninguém mais? A aritmética das suas ações lhe escapava… Marta não estava mais ali para quantificar seus resultados, para contar os corpos e justificar suas ações.

Havia só a morte ao seu lado — e um último homem para matar.

Mas seus disparos apenas dançavam à volta dele, levantando areia e desfigurando o tronco das árvores. O homem parecia cansado, curvado contra os projéteis que voavam contra ele, engatinhando na areia. Doente, enfraquecido?…

Pensou em quais seriam os seus compromissos. O que o motivara a se alistar na empreitada do refino de cocaína no meio da selva brasileira? Tinha ele algum conceito de pátria, ou sua vida era voltada apenas para o dinheiro que auferia com a droga?

"O que importa?", Lenir perguntou-se, ao ver o homem cair. Um dos seus projéteis encontrara o caminho até ele.

Mas o homem tornou a levantar-se. Lenir puxou o gatinho novamente. O disparo perdeu-se. O fuzil parou aberto em suas mãos, vazio e fumegante. O traficante apoiou o braço direito no tronco de uma árvore. Mais um passo e estaria protegido atrás da muralha de árvores, do outro lado do rio.

"Aqueles sete homens não devem sair vivos da floresta", lembrou-se, mas Marta nunca havia existido, certo? Por um segundo pensou em apanhar um outro carregador, em cobrir a mata de tiros, na esperança de que um deles encontrasse o alvo, mas sabia que era tarde.

Lenir Bezerra largou a arma e se deitou de costas na areia. Viu o céu nublado abrindo-se um pouco para o azul. "O que vai ser o Brasil do futuro?", pensou. Seus dedos crispados se fecharam na areia branca. Nisso pelo menos Marta estava certa, o país é a terra, e a terra deve permanecer. Talvez o traficante sobrevivente e, ferido, chegasse de algum modo à civilização. E ele sozinho causasse a cadeia de contágio que culminaria em um bilhão e meio de mortes. Talvez não, e causasse somente um bilhão, ou quinhentos milhões. Talvez a contagem final fosse dez milhões, mil apenas, cem… Ou se limitasse aos homens que morreram neste dia, nesta selva, nesta terra que demandava sacrifícios.

Lenir fechou os olhos. Seus membros pesavam, seu peito subia e descia com dificuldade. Uma sombra desceu sobre ele, cortina que fechava o azul. Uma figura delicada e indefinida, sombra de mulher que cantava a canção que ele ouvia sob o zumbido em seus ouvidos, canção fúnebre em palavras que não compreendia, em fonemas cantados que se harmonizavam com os sons de uma floresta que talvez não existisse no futuro que ele havia procurado salvar, matando gente. Como saber? Como saber?

A única certeza era a certeza da morte.

Todos mortos, tantos mortos…

E logo estaria tão morto quanto eles.

Primeiro publicado na antologia Phantastica Brasiliana: 500 Anos de Histórias Deste e Doutros Brasis, Gerson Lodi-Ribeiro & Carlos Orsi Martinho, eds. (São Caetano do Sul: Grupo Pecas/Editora Ano-Luz, 2000). Republicado em Brasa 2000 e Mais Ficção Científica, de Roberto de Sousa Causo (São Paulo: Editora Patuá, Coleção Futuro Infinito, 2020), e em Perry Rhodan Volume 628 (Editora SSPG, Belo Horizonte).

Roberto Causo é autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (1999), *A Sombra dos Homens* (2004), *Shiroma, Matadora Ciborgue* (2015) e *Brasa 2000 e Mais Ficção Científica* (2020), e dos romances *A Corrida do Rinoceronte* (2006), *Anjo de dor* (2009) e *Mistério de Deus* (2017). Sua novela *O Par* ganhou o Projeto Nascente, da Universidade de São Paulo. *Glória Sombria* (2013), primeiro livro da série As Lições do Matador, foi finalista do Prêmio Argos 2014. Sua sequência, *Mestre das Marés* (2018), foi finalista do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2019. Tem histórias publicadas em 12 países, e esteve em duas antologias representativas da ficção científica da América Latina.

"Aqui se faz, aqui se paga."

[Velho ditado terrestre]

PRÓLOGO

Herança de Pandemônios e Pandemias

Minha mãe me contou que, quando era garota, os climatologistas alertavam que, se nossos governantes não tomassem certas decisões cruciais, porém impopulares, o nível dos oceanos subiria de cinco a dez metros até 2200. Pois bem. Pressionados por ondas de negacionismo difíceis de compreender hoje em dia (ou talvez não...), poucos governos tomaram as decisões corretas. Providências para reduzir o aquecimento global tardaram e, portanto, falharam. Só que as previsões dos climatologistas acusados de alarmismo e perseguidos por nossa elite política haviam sido demasiado otimistas: as geleiras da Groenlândia e da Antártica derreteram bem mais rápido do que o esperado e o nível dos oceanos se elevou em sete, oito metros antes de 2050.

As cidades costeiras foram inundadas. Nações insulares desapareceram. O mapa-múndi se alterou em menos de uma década.

No Brasil, governos sucessivos voltaram as costas aos fatos científicos e fecharam os olhos ao desmatamento da Amazônia. Ao longo dos anos, a situação se agravou e, enfim, tornou-se crítica a ponto de a Assembleia Geral da ONU cogitar uma intervenção dos capacetes azuis, proposta barrada no Conselho de Segurança por nossos aliados chineses. Mesmo assim, os Estados Unidos, a União Europeia e a Grã-Bretanha criaram uma força militar internacional de intervenção e ocuparam vastas parcelas da Amazônia. O Brasil e seus aliados da América do Sul e dos BRICS reagiram, estabelecendo uma coalizão para tentar libertar as regiões ocupadas. Ao

fim de uma guerra de atrito de sete anos, a Amazônia perdeu dois terços da sua cobertura vegetal para as queimadas, o desmatamento e a desertificação. O resultado exato que os dois lados alegadamente desejavam evitar. As consequências climáticas desse ecocídio não tardaram a se fazer sentir em âmbito planetário, recrudescendo a hecatombe ambiental em curso.

Por aquela época, a parcela mais esclarecida da população global começou a intuir que a situação crítica da nossa biosfera se tornara irreversível. Pois, para mudar as coisas e salvar a Terra, precisaríamos mudar as mentalidades das pessoas – um processo de reeducação da civilização global terrestre como um todo. Só que as pessoas não desejavam mudar. Quer porque estavam felizes com o status de última geração próspera do mundo e evitavam pensar no amanhã de seus filhos e netos, quer porque pensavam nisso, mas julgavam que já não adiantava mais.

Daí, boa parte dessas pessoas mais esclarecidas e abastadas resolveu ir embora. Financiaram megaprojetos de construção de habitats orbitais e cidades sublunares. Nas três décadas seguintes, milhões de cidadãos das nações mais ricas se mudaram para o espaço com armas e bagagens. Sobretudo, para as órbitas baixas. Já em seus primórdios, as comunidades espaciais e selenitas se consideravam a elite da humanidade. Hoje julgam-se capazes de sobreviver à hecatombe ambiental que se alastra pela biosfera terrestre. Esses cidadãos extraterrestres se arvoram em guardiões do futuro do gênero humano contra os desvarios da nossa civilização global.

Aqui embaixo, a coisa não está fácil para ninguém. Nem mesmo para os ricos e poderosos que teimaram em permanecer na Terra. Epidemias se convertem em pandemias todos os anos, espalhando-se mundo afora e ceifando milhões de vidas, não obstante os avanços das ciências médicas e dos recursos que os espaciais remetem cá para a superfície.

Como eu sei disso tudo?

Bem, minha família é rica e poderosa e decidiu não abandonar o barco da biosfera terrestre. Ao menos, não por enquanto. Para bem e para mal.

Como narrador que se esforça para ser confiável, vejo-me na obrigação de revelar que meus pais não tomaram essa decisão de permanecer na Terra por mero idealismo. Longe disso. Creio que, bem lá no fundo de suas consciências, eles ainda acreditam que aqueles ambientalistas e climatologistas de suas infâncias estavam exagerando em seus prognósticos pessimistas. Por isto, mesmo depois que o mar subiu e inundou boa parte do Rio, em vez de emigrarem logo para um daqueles novos cilindros de O'Neill gigantescos ou, pelo menos, mudarem para o interior do país, limitaram-se a comprar uma mansão na Gávea Pequena, praticamente enfiada dentro do Parque Nacional da Tijuca. O pior cego é aquele que se recusa a enxergar.

— Mesmo se as calotas polares da Terra desaparecerem, — meu pai se jactou com os amigos, incentivando-os a adotar estratégias similares, — estaremos em segurança aqui.

De fato. Mesmo se e quando toda a água doce hoje congelada for parar dentro dos oceanos, seu nível jamais chegará a esta altitude. Portanto, estou seguro de que não morreremos afogados. Porém, imagino que, quando a hecatombe ambiental descambar para holocausto global, não faltarão formas de morrer e poucas delas serão agradáveis.

Hoje sei que meus pais não advogaram a doutrina da Permanência movidos pelo idealismo. Porque, desde jovens, os dois aumentaram em muito o vasto patrimônio da família especulando com os males resultantes da hecatombe ambiental.

Só que, ou muito me engano, ou esta época das vacas gordas está acabando. Vejo trocas de olhares durante as refeições e indícios nos holonoticiários. Sem falar nos murmúrios e insinuações nos diálogos de meu pai e minha mãe.

Creio que ainda há tempo de emigrarmos para um habitat nas órbitas baixas. Temo que daqui a uns dois ou três anos será tarde.

Já tentei argumentar com meus pais. Quando a degradação ambiental piorar e a situação se tornar realmente insustentável, não duvido nada que os espaciais cerrem as portas da emigração nas nossas ca-

ras. Até porque não haverá lugar para todo mundo lá em cima. Sabem o que eles responderam:

— É lógico que não haverá, meu filho. Só que você esquece que os Mendonça não são "todo mundo" e, pelo visto, você anda lendo demasiada ficção científica.

Não me preocupo só comigo e com meus pais. Também há meus irmãos mais novos: Ana Carolina e Carlos Eduardo. Isto, para não falar dos meus amigos.

Minha mãe diz que minhas preocupações desproporcionadas se devem ao tratamento para aumentar a inteligência a que fui submetido no início da gestação. É possível que esteja certa. Porém, não do jeito que ela imagina. O problema é que, com essa inteligência, em tese elevada, consigo preencher certas lacunas. Ligar os pontos, por assim dizer. E, com os pontos escuros devidamente iluminados, consigo perceber certas consequências que meus pais simplesmente não atinam.

Talvez eu esteja realmente preocupado demais para um moleque de pouco mais de dez anos. Só que me sinto muito puto por ser obrigado a viver num planeta completamente fodido pela geração dos meus pais e pelas anteriores.

O pior disto tudo é que não há nada que eu possa fazer para mudar este cenário pré-apocalíptico.

1

Veneza Carioca

— Quem está a fim de dar um pulinho em Veneza? — Iron Mike convida com o pescoço esticado para fora da vigia aberta do anfíbio. — Vou descer para lá agora.

— Tá falando sério? — À beira do campo de futebol, apoio o pé sobre a bola em vez de rebatê-la de volta para Carol.

— Claro. — O chefe da nossa segurança abre um sorriso largo no rosto moreno. — Foi a mãe de vocês que sugeriu.

— Oba! — Em três passinhos de pirralho, Carlinhos cruza a linha lateral e sai do gramado. É o primeiro a se esgueirar para dentro do blindado pela escotilha lateral, mal essa se destaca no costado negro do veículo.

— Não sei se quero visitar aquelas ruas inundadas de novo. — Minha irmã Carol faz doce, uma de suas especialidades. — Aqueles prédios caquéticos me dão calafrios.

— Então, fica aqui. — Toco a bola de lado para ela e mergulho escotilha adentro. — Eu e o Carlinhos vamos explorar os rios e cânions da Zona Sul.

— Tem certeza de que não quer mesmo ir, Carolina? — Iron Mike pisca o olho para a fedelha.

— Ah, tá bom. — Ela entra na cabine de passageiros do anfíbio e se instala num dos assentos livres junto à escotilha oposta. — Mike, liga as holovigias.

— Com prazer, princesa. — Assim que a escotilha e a vigia se fecham, ele ativa o holo. O teto e as superfícies laterais do anfíbio adquirem aparência de janelas panorâmicas transparentes. Cintos de segurança emergem das anteparas e se enrodilham protetores em torno de nossas cinturas e troncos. — Prontos?

— Demorô. — Carlinhos declara, abusando de seus direitos de caçula.

Carol franze o nariz arrebitado. Só que ela tem razão desta vez, para variar: o pai e a mãe vivem torrando nosso saco, afirmando que devemos manter "o domínio pleno da norma culta da língua". Sempre. Mesmo quando falamos entre nós três. Nosso irmão está farto de saber disso e farto de tomar esporro por não cumprir as determinações paternais também. Mesmo assim, não se emenda.

O anfíbio desliza em silêncio ao largo do gramado, entra na ruazinha pavimentada em frente à mansão e segue por mais de cem metros, até alcançar os portões, que se abrem sozinhos para nos deixar passar. Então, dobra na via asfaltada repleta de curvas e segue até a Estrada da Canoa, por onde descemos até São Conrado.

Nos últimos metros da Canoa, o anfíbio se converte numa lancha blindada potente, para enfrentar as ondas mansas de águas castanhas que cobrem boa parte deste bairro. Olho em volta. Todos os prédios da vizinhança parecem abandonados. Só que, segundo Mike, que costuma conduzir meus pais por ali à noite, há gente morando em alguns deles. Daí, viramos à esquerda e passamos em frente à Rocinha. A favela permanece habitável. Praticamente incólume ante a elevação do nível do mar decorrente do aquecimento global. Os casebres das ruas mais baixas submergiram na água e no lodo, mas o grosso da população sobreviveu e prosperou, mantendo-se firme em suas posições. Dezenas de lanchas pequenas circulam ao redor das descidas principais da comunidade.

Prudente, Iron Mike guina à direita e acelera. Mantemos uma relação amistosa com as lideranças da favela e elas conhecem o nosso veículo. Porém, nunca se sabe. É melhor não arriscar. Por isto, o anfíbio se afasta da Rocinha em direção à encosta do Vidigal. Quando passamos entre os prédios semiabandonados de São Conrado, viro para trás e contemplo a esteira comprida de espuma amarela produzida por nosso veículo na água marrom-cocô desta nova orla.

— Antigamente, havia um túnel ali. — Mike aponta para um trecho do morro com a mão esquerda. — A gente o cruzava para chegar à Zona Sul.

— De lancha? — Carlinhos tenta vislumbrar a entrada do túnel submersa a um metro de profundidade. Se estivéssemos na maré baixa, talvez desse para ver a curva superior da boca dessa caverna semialagada.

— Não, rapazinho. — Iron Mike abana a cabeça, divertido. — De carro mesmo. Aqui era terra firme antes do mar subir e tomar conta.

Pegamos a Niemeyer. Nos trechos mais altos desta via, o anfíbio externa suas rodas e se transforma em automóvel outra vez. Ao fim desta estrada irregular, recolhe as rodas à prova de bala e vira lancha de novo, quando descemos para o que costumava ser a Delfim Moreira.

Contemplo os prédios da antiga orla. A maioria com água a meio do segundo andar. Alguns, ainda ocupados. Uns poucos vieram abaixo. Meu pai conta que, quando eu nasci, mais de dez anos atrás, os apartamentos da Delfim Moreira que faziam frente para a orla do Leblon ostentavam o metro quadrado mais caro do Brasil. Hoje em dia, quase todo mundo que podia sair daqui já deu no pé.

Meus irmãos observam os prédios espetados na água suja tentando visualizar o passado glorioso desses edifícios a partir da decadência atual, com expressões embasbacadas bem afiveladas em suas faces. São mais novos do que eu: Carol está com oito anos e Carlinhos com seis. Mais inocentes, também. Até porque, ao contrário de mim, não têm a recordação vaga de caminhar pelas areias mirradas da Praia do Leblon com nossa mãe. Era de manhã bem cedo. O Sol acabara de nascer e já fazia um calor danado. A praia estava quase deserta. Mesmo assim, lembro de vários agentes de segurança ao nosso redor. O mais impressionante era que a faixa de areia distava coisa de cinquenta metros dos prédios que agora estão com água salgada pelo segundo andar.

Iron Mike acelera o anfíbio e se aproxima dos prédios. Vasculha holocubo do painel de controle com olhar profissional. Sinal de que sente uma ponta de preocupação com nossa segurança. Há registros de ataques a lanchas e anfíbios disparados dos topos dos edifícios. Porém, tanto quanto eu saiba, nenhuma ocorrência recente.

— Onde estamos indo? — Carlinhos mantém o olhar fixo na fileira de prédios decrépitos.

— Passear em Copacabana. — Iron Mike solta uma risada para dissipar a tensão. — Nova Veneza, né?

— E o que mais? — Carol me pisca o olho para deixar claro que não é mais criança e, portanto, sabe das coisas.

— Garota esperta. — O segurança abana a cabeça com um sorriso franco afivelado aos lábios. — Vamos buscar uma encomenda para seus pais.

— Aposto que é uma encomenda importante. —

Quando Carol se esforça em bancar a menina-prodígio, sua voz fina costuma soar ainda mais pernóstica do que o habitual. — Ou mamãe não mandaria nosso chefe de segurança buscá-la. No entanto, não é uma missão das mais perigosas. Afinal, ela mesmo sugeriu que viéssemos contigo. — Pelo reflexo do retrovisor, minha irmã percebe que o condutor lhe dirige um olhar inquisitivo e retruca. — Como você falou, sou inteligente. E precoce.

— Tô sabendo. — Iron Mike arreganha uma careta bem-humorada.

— Nós três somos. — Carlinhos se mete no papo. — Papai e mamãe compraram pacotes genéticos para nós. Tecnologia espacial.

— Cala a boca, moleque. — Carol gira no assento e aplica um pescoção no caçula. — Mamãe já te disse mais de mil vezes para não comentar esse assunto fora da família.

— O Mike é da família. — Lanço um olhar de advertência aos dois pirralhos. — Como tal, ele já está farto de saber que nós fomos incrementados antes de nascer.

— Viu só? — Carlinhos reage com uma cotovelada e um sorriso triunfal.

— Parem de se atritar. — Procuro imitar o tom calmo e grave de nosso pai. Costuma dar certo. Porém, pelo sim, pelo não, desativo o cinto de segurança e me preparo para apartá-los na raça. — E não foi tecnologia dos espaciais coisíssima alguma.

— E se nós não pararmos? — Carol desativa seu cinto com um brilho de desafio nos olhos azuis. — Vai contar à mamãe?

— Não. Só vou lhes aplicar uns sopapos disciplinares e pedagógicos.

— Calma aí atrás. — Iron Mike volta a nos monitorar pelo retrovisor. — Crianças inteligentes não brigam à toa.

— Você é que pensa. — Minha irmã reativa o cinto com um sorrisinho sarcástico no rosto.

Incrível como essa garota faz questão de dar sempre a última palavra.

–oOo–

Nossa tão decantada inteligência superior.

Com a civilização global terrestre indo para a cucuia, nossos pais resolveram conceder à prole a chance de um futuro promissor. Quem sabe, num habitat das órbitas baixas, quando formos adultos? Por isto, torraram uma grana preta para adquirir três kits de reprogramação pré-natal e os empregaram no primeiro mês de nossas gestações, para que nos tornássemos mais inteligentes e mais saudáveis. Nossos sistemas neurológicos e imunológicos foram returbinados em pleno útero materno, por assim dizer. Assim, quem sabe, poderíamos competir, em tese de igual para igual, com os jovens espaciais e selenitas.

O problema é que Luna e as comunidades espaciais também empregam kits de gengenharia similares para estimular os intelectos dos seus rebentos e os kits deles são melhores do que os produzidos aqui embaixo e, pelo que ouvi dizer, sua aplicação é universal.

De qualquer maneira, tornamo-nos inteligentes a ponto de não podermos cursar em classes normais das nossas faixas etárias. Esse impedimento não constituiu grande problema, pois os melhores colégios criaram turmas especiais para alunos incrementados e, ao contrário do que ocorria na época dos nossos pais, a parte presencial do ensino agora se limita a um dia de aula por semana.

Quase todos os nossos amigos e colegas também são incrementados. A exceção é o pessoal da pelada, que vem lá da Rocinha. A galera da comunidade não é modificada, mas os caras são legais e me aceitam numa boa, quase sem discriminação.

Nossa mãe julga que o tratamento com os kits de reprogramação funcionou a contento para mim e para a Ana Carolina, mas não no caso do Carlos Eduardo. Não que ele não tenha sido incrementado. Até foi. Só que, pelo que ouvi a mãe cochichar ao ouvido de nosso pai, o resultado final teria ficado aquém do esperado. Ele sempre discordou dessa tese. Nutre convicção profunda de que o tratamento resultou em êxito completo para nós três.

Não sei.

Às vezes acho o Carlinhos meio teimoso e bobão. Mas, de repente, é só porque ele é um caçulinha mimado de seis anos.

–oOo–

— Segurem-se, meninos. — Iron Mike faz o anfíbio executar uma guinada acentuada à esquerda. — Preparem-se para entrar na Figueiredo de Magalhães.

— É esse rio grandão aí na frente? — Carlinhos aponta através das holovigias.

— Esse mesmo. — Mike sorri. — Costumava ser uma rua bacana até uns dez anos atrás.

— Bacana. — O caçula repete, com cara de quem estranhou o termo antiquado.

O anfíbio ingressa no rio que já foi uma rua ladeada de prédios altos dos dois lados. Seguimos por uns cem metros por esta via aquática. Cruzamos uma transversal mais estreita e percorremos outra extensão similar nesta via de águas turvas e cheiro de peixe podre. Felizmente, o odor é imperceptível no interior do veículo, pois o Mike não é nem maluco de ativar os filtros externos. Então, no quarteirão seguinte da tal Figueiredo de Magalhães, enfim nos aproximamos da antiga artéria principal deste bairro da Veneza Carioca.

— Avenida Nossa Senhora de Copacabana. — Iron Mike anuncia com voz de guia turístico de holo antigo. — Coração comercial do segundo bairro mais notório e mais carioca do Rio pré-hecatombe ambiental.

— Qual é o primeiro? — Carlinhos indaga de farra, pois já sabe a resposta de cor.

— Minha amada Tijuca, é claro. — Bola quicando na pequena área, Mike não resiste em ripostar de bate-pronto.

— Prefiro mil vezes a nossa Gávea Pequena. — Carol declara, peremptória.

— Desig dois sete zero. — Iron Mike murmura entre os dentes. — Prop em três ponto cinco.

O anfíbio acelera e dobra à esquerda — "bombordo", segundo Mike — penetrando com velocidade elevada nesta antiga via comercial. Não percebo movimento nas janelas dos prédios, mas esta via, rua ou rio possui iluminação pública funcionando e um trânsito razoável de lanchas e jet skis, que cortam a esteira amarelada do nosso veículo, subindo e descendo a Nossa Senhora de Copacabana como se não houvesse amanhã. Isto sem falar na miríade de embarcações miúdas atracadas de qualquer maneira em píeres improvisados, chumbados de forma precária às janelas e paredes dos prédios.

Nossa lancha blindada se desloca célere. Por questão de cautela, os outros barcos se desviam de nós.

Este cenário inóspito de prédios altos colados uns nos outros em ambas as margens deste rio caudaloso de águas marrons me impressiona um bocado. Lógico que não admitirei nada disso na frente dos meus irmãos. Não desejo atemorizar os pirralhos.

Via? Rua? Avenida? Esta Nossa Senhora de Copacabana parece com um dos cânions pós-apocalípticos dos hologames de horror que meus pais não gostam que eu jogue.

— Não sei como esses edifícios não vêm abaixo. — Carol ergue a cabeça para observar a faixa larga de céu azul entre as bordas do cânion.

— A prefeitura vem tentando obrigar os moradores a pagar pelos serviços de escoramento e impermeabilização. — Iron Mike franze o cenho. — Mas, vocês sabem como é, não? Cedo ou tarde, esses prédios vão desabar.

— Falta muito, Mike? — Carlinhos resmunga com a voz melosa que costuma empregar quando pretende obter vantagem de um adulto. — Este passeio está ficando chato.

— Estamos quase chegando.

De fato.

Em menos de um minuto, nosso chefe de segurança reassume o comando manual. Coloca o anfíbio em ponto morto e ativa o retropropulsor com um totozinho para frear o veículo.

— Por que paramos aqui? — Carol fita o semblante calmo do nosso chefe de segurança pelo retrovisor.

— Chegamos ao ponto de encontro combinado. — Mike mantém o olhar fixo no holocubo do computador de bordo.

— Aqui? — Carlinhos olha ao nosso redor. — No meio deste rio?

Então, em questão de segundos, um drone de carga mergulha do topo de um prédio alto, até pairar dois metros acima de nós. O holocubo emite um bipe de confirmação. Mike ativa um controle e a escotilha do compartimento traseiro desliza para dentro da carcaça do veículo. Dois braços robóticos flexíveis se estendem até a plataforma do drone maciço e agarram o engradado negro de plastiaço recém-liberado, trazendo-o para dentro do anfíbio. A escotilha fecha com um chiado quase imperceptível.

— Prontinho. — Iron Mike assobia seu trecho favorito de uma marchinha alegre dos seus tempos de garoto.

— O que há dentro desse engradado enorme? — Carol desativa o cinto de novo, vira para trás e se põe de joelhos no assento a fim de olhar através da vigia que dá para o compartimento de carga do anfíbio. — Aposto que veio lá das órbitas baixas.

— É coisa dos seus pais.

— Tecnologia espacial. — Carlinhos volta à carga com sua ideia fixa.

— Pode até ser. — Iron Mike suspira fundo. — Quando voltarmos para casa, vocês perguntam para eles.

— Isto quer dizer que você ignora o conteúdo real do engradado. — Carol insiste.

— Pois é. — Escaldado com nossos truques psicológicos pueris, o segurança não reage à provocação.

— Essa encomenda deve ter vindo mesmo do espaço. — Comento, fingindo indiferença. — Ninguém aqui na Terra ou até mesmo em Luna desperdiçaria tanto plastiaço de alta qualidade num simples engradado.

— Não imaginei que você fosse um especialista em plastiaço, Ricky. — Iron Mike solta uma risada.

— Ricky é um tremendo metido, isto sim. — Carol dispara à queima-roupa.

Antes que eu possa ripostar, ouvimos três estrondos em rápida sucessão acima do anfíbio.

— Deu ruim. — Carlinhos forceja para levantar do assento, só que se esquece de abrir o cinto.

— Estamos sob ataque? — Carol guincha num tom agudo insuportável. — Faça alguma coisa, Mike!

— Calma, crianças. — Iron Mike mantém o olhar pregado no holocubo que se projeta do painel do veículo. Há um monte de informação gráfica multicolorida jorrando dali, mas não consigo visualizar direito do meu assento. — Foi só um morteiro disparado de um terraço a três prédios de distância.

— Disparados contra nós? — Carlinhos entra na onda da Carol.

— Não. — Declaro, engolindo meus próprios receios para tranquilizar os pirralhos. — Dispararam o morteiro para avisar alguém de alguma coisa. Só isto. Se duvidar, esse morteiro foi para avisar que nosso engradado já foi entregue.

— Exato. — Iron Mike assente com um gesto enfático. Embora a catarata de dados tenha parado de turbilhoar no holocubo dos sistemas de armas, ele mantém o olhar fixo nos informes das rotinas de inteligência artificial do sistema de armas do anfíbio, mas já retirou a mão do coldre da automática. — Não teve nada a ver conosco.

— Vamos voltar para casa. — A voz da minha irmã soa trêmula dentro da cabine espaçosa do veículo. — Este lugar arruinado me dá arrepios.

— Pois não, princesinha. — Mike ativa a turbina do propulsor e o anfíbio acelera fundo, executa uma guinada pronunciada e corta a água suja a menos de dois metros da proa de uma lancha de casco comprido, cujo condutor não se faz de rogado e aciona a buzina num tom estridente. Mike sorri da ira impotente do condutor, mas não esboça reação. — Seu

desejo é uma ordem.

O anfíbio avança, guina na primeira via aquática a bombordo e nos conduz para fora desses cânions de concreto.

–oOo–

Como de hábito, almoçamos com nossos pais na mesa comprida do salão térreo da mansão. Cherne ao molho champanhe regado por um Borgonha branco. Sucos de tangerina e kiwi para nós três. Apesar de não nos interessarmos minimamente por vinho, nossos pais nos garantem que apreciaremos a bebida dentro em alguns anos. Da minha parte, mal posso esperar. Só que não. Cada coisa a seu tempo.

Após o almoço, o pai e a mãe voltam aos seus afazeres habituais em seus respectivos estúdios. Cada um trabalha no seu, mas os dois são geminados e, não raro, transformam-se num só. Por sua formação acadêmica, em geral a mãe prefere gerenciar os negócios da família ligados às áreas de alta tecnologia. Enquanto isto, o pai cuida das partes financeira e jurídica dos negócios, atuando como administrador geral do império econômico dos Mendonça. Pelas frases crípticas trocadas durante o almoço na esperança de que não entendêssemos, intuo que o pai se reunirá esta tarde por holopresença com um grupo de senadores da comissão de política extraterrestre do Senado da União Sulina — as querelas habituais com as megacorps das comunidades espaciais e selenitas. Já a mãe acompanhará os testes e diagnósticos desse brinquedo misterioso que fomos buscar ainda há pouco lá na Veneza Carioca.

Antes de começar meus estudos, como quem não quer nada, dirijo-me à sala de recreação. Há vários funcionários de folga ali. A maioria entretida com jogos eletrônicos diversos. Exceto por Iron Mike. Nosso chefe de segurança assiste o replay de uma partida de futebol no holotanque. Botafogo 1 x 0 Fluminense. O jogo foi disputado ontem à noite no Quitandão, estádio do Consórcio Carioca erigido em Petrópolis. Sei disso porque o pai, tricolor doente, convidou a mim e meus irmãos para assistir a partida ao vivo com ele ontem após o jantar no grande holotanque do salão. Declinei, pelo fato de que, embora também tricolor, não sou tão fanático quanto ele e, portanto, preferi vivenciar uma interatividade de aventura e depois me conectar com os amigos a partir do holotanque do meu quarto. Tenho a impressão de que o Carlinhos assistiu a peleja com ele. Como caçula, ainda está nessa fase puxa-saquismo irrestrito.

Alvinegro desde criancinha, Mike não deve ter visto o jogo ontem à noite. Porque, quando Júlio estica a perna esquerda e toca para as redes da linha da pequena área, marcando o único gol da partida aos vinte e quatro minutos do primeiro tempo, vibra como se o jogo fosse ao vivo.

— Esse Júlio é mesmo um predestinado. — Aponto para o centroavante que corre para junto da torcida e comemora o tento marcado. — Assim, vai se tornar artilheiro do Carioca de novo. A bola parece procurá-lo no campo de ataque. Só falta ela acertá-lo sem querer e se desviar, tirando o goleiro da jogada, antes de estufar a rede.

— Ah, isto já aconteceu umas duas ou três vezes. Talvez pelo fato de ele se colocar muitíssimo bem. — Iron Mike abre espaço no sofá e gesticula, convidando-me a sentar ao seu lado. — Não quer assistir este jogaço comigo?

— Nem pensar. Sabemos que não haverá mais gols nesta pelada.

— É verdade. O Fluzão vai perder mesmo.

— Já perdeu. — Pisco o olho ao me sentar ao lado dele. — A partida acabou ontem à noite e eu preciso estudar Física.

— Sei como é. Física nunca foi o meu forte. — Abre um sorriso de cumplicidade. — Porém, de todo modo, primeiro as obrigações.

— Pois é. — Libero um suspiro resignado. — Se bem que é só por uma horinha.

— Enquanto fazemos a digestão. — Afaga o estômago sarado com ar satisfeito. — Por falar nisto, aquele cherne estava divino. Maestro Luigi se superou outra vez.

Essa é uma das coisas que admiro em meus pais.

Podem até ser uns capitalistas muquiranas, desalmados e filhos da puta. Porém, aqui em casa, patrões e empregados compartilham da mesma comida, invariavelmente preparada com competência magistral por nosso chef, Luigi. Quer dizer, compartilham quase tudo. A exceção reside nas raridades da nossa adega. Aposto que, em vez do Borgonha, o Chardonnay dos empregados foi um gaúcho de boa cepa mesmo.

Claro que o Botafogo x Fluminense é só um pretexto. Pois, ao longo da partida, eu e Iron Mike mal prestamos atenção ao que se passa no gramado, que cintila verdinho ao fundo do holotanque. Papeamos o tempo todo. Sobre política terrestre e orbital. A arrogância das estirpes espaciais. A situação ambiental caótica da Terra. As lembranças boas e ruins dos tempos dele como fuzileiro naval na Guerra da Amazônia. As novas da nova pandemia. Meus amigos do colégio. Além de diversos tópicos menos cotados.

2

Revelação no Jantar

Sentada à mesa, pouco antes do jantar, após um brinde de vinho tinto para nossos pais e de suco de laranja para nós três, com fisionomia satisfeita, a mãe anuncia o conteúdo do engradado que fomos buscar hoje cedo lá em Copacabana:

— É um programa tutor. A partir da semana que vem, ele assumirá as funções dos professores do colégio.

— De todos os professores? — Carol fita nossa mãe com as sobrancelhas arqueadas, parte da expressão de cepticismo que costuma ensaiar defronte ao espelho.

— Isto mesmo. — O sorriso da mãe fulge por trás da taça de vinho.

— E o colégio? — Indago, já desconfiado de qual será o teor da resposta.

— O colégio anda cogitando seriamente fechar as portas no ano que vem. — O pai explica no tom tranquilo de quem já esperava por essa falência em particular. De fato, ele e mamãe já haviam comentado que o colégio não ia bem das pernas. — Portanto, resolvemos nos antecipar, a fim de evitar o pior.

— Mas, essa inteligência artificial, ela conseguirá... — Carol insiste.

— Consciência artificial. — A mãe interrompe com um sorriso eufórico nos lábios. — Uma C.A. fabricada em Luna.

— Tá. — Engulo em seco. Conforme os próprios espaciais admitem, só os selenitas conseguem fabricar programas dotados de autoconsciência. Esse professor artificial deve ter custado os olhos da cara, ou doutro lugar, onde, sob condições normais, o Sol não banha. Uma autêntica fortuna, mesmo para um casal tão rico quanto nossos pais. — Esse programa dará conta do recado sozinho para nós três?

— Com facilidade. — A mãe assente. — Pelo menos, é o que nossos intermediários espaciais nos asseveram. Os diagnósticos preliminares que rodei hoje à tarde indicam que os intermediários não exageraram.

Humm. Intermediários espaciais. Isto explica o plastiaço do engradado.

— Mas, e os nossos amigos? — Carol faz cara de amuada. O pior é que nem posso culpá-la desta vez.

— Conversamos com os pais ou responsáveis da maioria. — O pai exibe o sorriso lupino de quem se vê prestes a auferir lucros vultosos. — Estejam a postos. Pois, a partir de amanhã cedo, seus amigos virão buscar os kits deles.

— Naturalmente, a central de controle do tutor permanecerá aqui em casa. — A mãe pisca o olho azul para nós.

— Caramba. — Presto uma vênia sincera aos nossos progenitores. Incrível como, depois de uma década de convívio, ainda conseguem surpreender. — Vocês não dão ponto sem nó.

— Acho que não ouvia essa expressão desde que eu tinha a sua idade. — O pai ergue sua taça num

brinde tácito. — É isto mesmo. Nós, os Mendonça, não damos pontos sem nó.

— Vocês falaram com os pais da Isabela e do Julio Cesar? — Carol me fita com um brilho de malícia no olhar. — Porque o Ricky é doidinho pela Isa.

— Ao que me consta, — riposto com as bochechas formigando, — você é que arrasta uma asa de condor pelo Julinho.

— De condor, não. — Carlinhos solta uma risada. — De pteranodonte.

— Calma, crianças. — Sorridente, a mãe ergue a mão livre num gesto conciliador. — Sim, nós falamos com os pais deles. Os Alves Martins toparam incluir seus filhos na parada. — Então, encara nós três com ar sério. — Amanhã vocês poderão trocar ideias com seus amigos sobre essa novidade. Agora o jantar será servido e desejo que comamos em família e em paz.

Até parece que a mãe não nos conhece. É tudo pose. Como se ela realmente julgasse que vamos esperar até amanhã. Assim que engolir o último naco de pudim de leite da sobremesa, vou subir correndo até meu quarto e holar para a Isa, o Antônio e o Geraldo, quer dizer, a Gisela, para falar sobre esse programa tutor. Precisamos planejar nossa estratégia direitinho a fim de nos adaptarmos a essa bruta mudança.

–oOo–

— Ativar. — Determino ao holotanque do meu quarto mal cruzo o umbral da porta.

O tanque acende. O logo do fabricante chinês explode num arco-íris de cores irritantes. Em pensar que já me empolguei com essa inicialização espalhafatosa.

"SÚMULA DO NOTICIÁRIO." — O gerente doméstico assume o controle do dispositivo com seu tom monocórdio habitual.

Não adianta. O maldito controle parental ataca outra vez. Nossos pais decidiram que seus rebentos devem manter-se sempre muito bem informados. Daí, sempre que ativamos o holo para assistir um programa qualquer, conversar com alguém ou acessar a rede, antes de fazer o que realmente desejamos, somos obrigados a ouvir a súmula das notícias mais importantes. Não que precisemos assisti-las em pleno. Pois isto seria tirania demais. A não ser que desejemos assistir a notícia, é lógico. Mais um dos truquezinhos pedagógicos motivacionais dos nossos pais. O próprio gedo seleciona as notícias mais relevantes a partir das preferências de nossos pais, das nossas e dos índices de audiência da rede mundial.

— Vamos a isto. — Quanto mais cedo começar essa merda, mais cedo estarei liberado para holar para a galera.

"A BASE COMANDANTE FERRAZ ACABA DE REGISTRAR NOVO RECORDE DE TEMPERATURA NA ANTÁRTICA. ASSISTIR?"

— Depende. De que temperatura estamos falando?

"TRINTA E UM VÍRGULA SETE GRAUS CELSIUS. ASSISTIR?"

O que esses climatologistas manés esperavam? Auge do verão do Círculo Polar Antártico em tempos de aquecimento global desenfreado. Efeito Estufa descontrolado. Há até planetologistas temerosos de que a Terra vire uma segunda Vênus.

— Não. Próxima.

"CLIMATOLOGISTAS DO HABITAT ORBITAL HILEIA AFIRMAM EM ESTUDO RECÉM-DIVULGADO QUE OS ECOSSISTEMAS DA FLORESTA AMAZÔNICA PROSSEGUEM EM SUA ESCALADA DE DEGRADAÇÃO AMBIENTAL OITO ANOS APÓS O FIM DAS HOSTILIDADES NA REGIÃO ENTRE OS ALIADOS E A FEDERAÇÃO. ASSISTIR?"

E alguém em sã consciência supôs que a floresta se curaria sozinha de todas as mazelas resultantes das ações de guerra perpetradas em seu interior?

— Próxima.

"LÍDERES DAS COMUNIDADES DAS ÓRBITAS BAIXAS REAFIRMAM ALINHAMENTO PLENO AOS TERMOS DA DECLARAÇÃO DO

SEGUNDO CONGRESSO DE CIDADÃOS DO ESPAÇO DE 2076. ASSISTIR?"

Os governos terrestres e a ONU podem vociferar o quanto quiserem. Podem até emitir saraivadas de notas de protesto infrutíferas. Os habitats orbitais dos espaciais e as cidades sublunares dos selenitas foram construídos com recursos de pessoas físicas e entidades jurídicas privadas. Portanto, nós terrestres podemos tirar nossos foguetinhos dessa chuva de meteoros, porque os espaciais não converterão seus lares e santuários em meras colônias da Mãe Terra, mesmo em troca de assentos no Conselho de Segurança Estendido, na Assembleia Geral da ONU, ou coisa que os valha. Eles já se declararam independentes da Terra há quase duas décadas, não foi? Por que diabos voltariam atrás?

Os governos dos novos superblocos até cogitaram a hipótese de atitudes retaliatórias. No entanto, foram dissuadidos do emprego da força e da pressão econômica por um punhado de megacorporações extremamente influentes tanto na Terra quanto no Espaço. Como a vasta maioria dos recursos necessários à concretização de manobras eventuais de retaliação repousa sob o controle dessas referidas megacorps e, portanto, abrigados no espaço profundo, bem longe do alcance governamental terrestre, os líderes políticos da União Sulina e da Federação Ocidental se veem de mãos atadas e vão acabar por reconhecer a inviabilidade de qualquer medida punitiva para frustrar os planos de autonomia das comunidades humanas extraterrestres. Além disso, os líderes federados e unionistas decerto recordam o que aconteceu no único confronto travado contra as comunidades espaciais dezenove anos atrás. Imagino que tenham aprendido a lição.

— Próxima.

"DESERTIFICAÇÃO AVANÇA NA ÁFRICA E NA ÁSIA CENTRAL. ASSISTIR?"

— Próxima.

"PRODUTO INTERNO BRUTO GLOBAL CAIRÁ PELO DÉCIMO QUARTO ANO CONSECUTIVO, AFIRMAM OS ECONOMISTAS DA FEDERAÇÃO OCIDENTAL. O DIRETOR DO FUNDO MONETÁRIO DA UNIÃO SULINA DISCORDA DESSE PROGNÓSTICO PESSIMISTA. ASSISTIR?"

Previsões sobre a economia global agonizante? ¡No way, José!

— Próxima.

"NOVO SURTO DE VÍRUS MUTANTE IDENTIFICADO NA CHINA. O SARS-COV-37 APRESENTA TAXAS DE LETALIDADE SEM PRECEDENTES. O NÚMERO DE MORTOS JÁ CHEGOU A MIL, DUZENTOS E ONZE PESSOAS. OS INFECTADOS PODEM PASSAR DE CENTO E CINQUENTA MIL. A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE..."

— Salvar e prosseguir. — Mais dia, menos dia, um desses surtos vai acabar se revelando importante da pior maneira possível.

"SÚMULA CONCLUÍDA. VOCÊ ASSISTIU ZERO NOTÍCIAS. UMA NOTÍCIA ARMAZENADA PARA EXIBIÇÃO FUTURA. DISPOSITIVO LIBERADO."

Até que a sessão desta noite não foi das mais sacais. Enfim, posso falar com a galera sobre o tal tutor artificial que deveremos aturar a partir da próxima segunda-feira.

–oOo–

Assim que Isabela se materializa do outro lado da superfície do meu holotanque, sentada numa poltrona high-tech, Toinho a brinda com um de seus olhares apreciativos irritantes. Então, gira a banqueta trípode de pés compridos na minha direção.

— Agora que sua queridinha já chegou, — ele abre o sorriso reluzente, iluminando suas faces escuras, — desembucha logo, Cabeção.

É. Meus amigos do colégio me deram esse apelido idiota quando éramos menores. Não que meu crânio seja significantemente maior do que os deles, mas, enfim, finjo que não é comigo. Porque, sei que, se me emputecer, aí é que eles vão encarnar mesmo.

Tomo fôlego ao contemplar meus três melhores amigos. Cada um deles em seu quarto, na segurança de sua mansão. Nós quatro juntos, graças à integra-

ção de ambientes simulados dos nossos holotanques.

— Não sei se seus pais lhes contaram, mas, a partir da semana que vem, não iremos mais para o colégio. — Anuncio, após resolver começar pela parte boa da notícia.

— Meus pais me falaram. — Isabela me encara, ainda sorridente com a tirada sem graça do Toinho. — Um programa tutor, não é?

— Não tô sabendo. — Nosso amigo retinto confessa, aborrecido. — Meus pais não estão no Rio e não se deram ao trabalho de holar para me contar. — Abana a cabeça com expressão resignada. — É sempre assim.

— Não é um simples programa. — Gisela me dirige um olhar comprido. — Mas, sim de uma consciência artificial.

Observo minha amiga trans. Há um lado meu que ainda sente saudades do Geraldo. Não sei como externar esse sentimento de perda sem parecer transfóbico.

— Isto mesmo, Gi. — Reconheço sem graça. — Uma consciência artificial de verdade, fabricada em Luna e comercializada pelos espaciais.

Comercializada não é bem o termo. Contrabandeada estaria mais perto da realidade.

— Fabricada ou educada? — Isa encara o menino que virou menina. — Porque minha mãe falou que os modelos mais avançados de consciências precisam ser ensinados. Como nós.

— Só espero que seja uma tutora e não um tutor. — Toinho dirige uma mesura de desculpas à amiga cis.

— O mesmo Antônio Tarado de sempre. — Os cachinhos encaracolados da Isa ondulam quando balança a cabeça com um gesto de decepção fingida.

— Que culpa tenho de ser precoce? — Ele dá de ombros com um sorriso sacana nos lábios.

— Creio que a consciência pode se apresentar sob qualquer forma humana que escolher. — Gisela nos lança um olhar tímido. — Poderia até aparecer como um golfinho, um alienígena, sei lá.

— Caramba. — Isa fita a outra menina. — Espero que essa consciência se manifeste sob forma humana.

— E feminina. — Toinho arremata. — O que você acha, Cabeção? Podemos colocar a questão do gênero dessa entidade em votação.

— Essa consciência artificial não consentirá que escolhamos o gênero e a forma do seu avatar. — Gisela exala um suspiro desanimado. — Se vocês ainda não entenderam, ela irá mandar na gente e não o contrário.

— Mandar na gente? — Toinho nos fita com cara de interrogação.

— Como assim? — Isa encara a outra.

— Por que a surpresa? — Gisela esboça um sorriso. — Não é o que os professores sempre fazem com os alunos? — Ante nosso pasmo, resolve elaborar. — Não importa que não seja orgânica. Essa consciência não é um programa recreativo. Tampouco um gerente pessoal. Ela foi adquirida com o propósito de nos ensinar. É lógico que mandará na gente.

— Exercício legítimo da autoridade. — Assinto, pensando em voz alta. — Postura tipicamente espacial.

— Essa consciência é selenita. — Isa recorda.

— É tudo a mesma merda. — Toinho engole em seco ante nossos olhares de censura. — Foi mal, gente. Mas, insisto: espaciais ou selenitas, do nosso ponto de vista, os humanos extraterrestres não todos iguais.

O debate se prolonga por quase meia hora. Enfim, fartos do bate-boca, resolvemos vivenciar uma realidade virtual psicointerativa vintage produzida pelos espaciais: o holodrama Escrava Isaura. Toinho insiste em assumir a personalidade do antagonista, Leôncio Correia de Almeida. Segundo ele, um negro escravagista para, com a escrava branca, arrematar a quebra de paradigma. Só entendemos o que ele quis dizer duas horas e pouco depois, quando emergimos exaustos da RV. Fui Álvaro Santana

dos Santos, o bem-amado de Isaura, encarnada pela Isa. Nossas personas trocaram uns bons beijões, mas pouco além disso. Senti-me um tanto estranho, mas também aliviado. Não sei como agiria se houvesse mais do que uns beijos na boca da Isa(ura). Porque, ao contrário do Toinho, creio que ainda não tenho idade para isto.

–oOo–

Poucos meses após a declaração de independência transmitida pelo Segundo Congresso dos Cidadãos do Espaço, a ONU, os EUA, a Rússia, a China e a União Europeia (os superblocos terrestres ainda não existiam naquela época) entraram numa vibe de tentar colocar os rebeldes de volta aos seus devidos lugares. Daí, lançaram naves às órbitas baixas para reforçar as tripulações e o armamento das estações obsoletas sob seu controle, modificando os sistemas de lançamento de velhos mísseis termonucleares orbitais. Ah, também emitiram um punhado de ultimatos inócuos.

Então, um bólido de quase cem metros de diâmetro apareceu de repente nas telas de radar antiquadas das potências terrestres. À época, analista militar algum conseguiu explicar como um objeto daquele tamanho, deslocando-se a mais de cinquenta quilômetros por segundo, materializou-se assim do nada à altura da órbita da Lua, sem ter sido detectado com a antecedência devida.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, os espaciais transmitiram coordenadas de latitude e longitude terrestres ao pessoal aqui debaixo.

Duas horas e pouco após a detecção, o meteorito atingiu a Terra. A cratera de impacto formada nas areias do Saara possui quase três quilômetros de diâmetro. Uma resposta para lá de contundente aos ultimatos terrestres. Ainda mais quando o impacto ocorreu nas coordenadas anunciadas com precisão aproximada de um quilômetro quadrado. As comunidades espaciais advertiram seus primos terrestres de que dispunham de outros meteoritos indetectáveis, caso desejássemos prosseguir com a brincadeira.

Após o breve caos político e diplomático que se sucedeu em nosso planeta, norte-americanos, russos, chineses, europeus e delegados da ONU concordaram em se sentar à mesa de negociações num habitat orbital escolhido pelos espaciais. Compreensivelmente, tais negociações se deram nos termos propostos (impostos) pelas comunidades extraterrestres.

Assim, além do reconhecimento formal de suas independências, os espaciais e selenitas receberam de mão beijada todas as instalações orbitais e lunares que a Terra até então mantivera soberania.

3

Programinha Metido a Besta

O sábado amanhece ensolarado no Alto da Boa Vista. Eu e meus irmãos tomamos nosso café da manhã na copa e não na sala com nossos pais, pois eles determinaram que acordássemos mais cedo. Assim, estaremos à disposição para receber nossos amigos, seus pais e prepostos, que devem vir até nossa casa para buscar os kits de acesso ao programa tutor dos selenitas.

Não reclamamos por acordar cedo no fim de semana, pois sabemos que nossos amigos comparecerão para pegar os kits e registrar seus parâmetros físicos e mentais no tutor.

Iron Mike faz seu desjejum noutra mesa da copa. Nós três somos servidos por Inês de Castro, nossa copeira. Esse é o nome dela mesmo. Não o nome completo. Só que a mãe não resistiu e começou a chamá-la assim e a coisa pegou. O chef italiano Luigi se limita a preparar os pratos que o gerente doméstico determina. Portanto, ao menos nos desjejuns, não adianta pedir bacon com ovos mexidos, porque não vai rolar. O gedo insiste que esse tipo de comida não faz bem à nossa saúde. Carlinhos sempre pede uma guloseima proibida qualquer e Luigi sempre lhe pisca o olho com ar divertido, antes de dizer "não" em português com sotaque italiano. Incrível como meu irmão nunca desiste de solicitar cada dia um prato diferente, invariavelmente ausente das prescrições

gastronômicas do nosso cardápio.

Enfim, encerramos a refeição e retornamos mal-humorados aos nossos quartos, aguardando a chegada dos amigos. O mau humor se deve à conclusão de que, afinal, não precisávamos ter despertado tão cedo assim. Iron Mike avisará a cada um para descer quando o amigo ou amiga respectiva chegar.

De acordo com meu gerente pessoal, Carol já havia descido duas vezes para recepcionar os amigos da classe dela quando nosso chefe de segurança manda o recado via gedo:

"O SENHOR PADILHA PEDE PARA AVISAR QUE O JOVEM ANTÔNIO SILVA ACABA DE CHEGAR."

Padilha, Miguel. Iron Mike.

— Avise que estou descendo.

"AVISO TRANSMITIDO."

Desço pela escadaria. É mais rápido do que esperar o elevador. A gerigonça eletromecânica do século XX só serve mesmo aos nossos pais e para mover bagagem para cima e para baixo. Passo pelo salão do térreo e saio do átrio para a varanda e daqui para o gramado defronte à construção principal. Iron Mike permanece sentado em mangas de camisa junto à uma mesa grande sob a sombra da mangueira frondosa que, ele insiste, possui mais de um século de idade. Cerca de vinte kits com tamanho e formato de um tijolo compacto empilham-se num dos cantos do tampo da mesa. Distribuídos ao redor do gramado em postos discretos e postura de alerta, seis outros agentes da segurança permanecem de pé em seus ternos pretos e submetralhadoras a tiracolo. Men in Black. Em condições normais, a equipe do Mike estaria mais focada na proteção do perímetro extenso do terreno da mansão. Como estamos recebendo visitas hoje, além da proteção habitual, há esse plus de segurança ostensiva. Lógico que boa parte da vigilância é executada pelos drones de ataque. Nossos pais se valeram de seus contatos militares para adquiri-los ao fim da Guerra da Amazônia.

Toinho está parado em frente à mesa. À sua volta, três guarda-costas de macacões camuflados, armados com escopetas, sem contar o motorista sentado no interior da limusine blindada.

— E aí, Cabeção? — Ele sorri quando se vira e percebe minha aproximação. Dentes reluzentes alvíssimos contrastam com seu rosto escuro. Veste um traje inteiriço colante impecável. Parecido com o meu, só que verde musgo em vez de azul marinho. — Vim fazer meu registro e pegar o tal kit-pesadelo.

— Fala, Toinho. — Levanto a mão espalmada. Ele ergue a dele e bate da minha, aceitando o cumprimento. — Pulou da cama cedo, né?

— Pois é. Meu pai quer que eu vá me encontrar com ele lá em Sampa depois de resolver essa parada aqui.

— Pena. Pensei que você talvez pudesse almoçar comigo e ficar até o resto da galera chegar.

— Bem que eu queria. — Ele pisca o olho. — Queria ver a Gisela e, sobretudo, a Isa ao vivo. — Solta uma risada. — Aquela menina está com uma bunda...

Engulo em seco. O bumbum da Isa cresceu um bocado no último ano. Mas, e daí? Bunda, todo mundo tem. É possível que eu comece a enxergar esse tipo de coisa doutro modo daqui a uns dois ou três anos. Por enquanto, ainda é cedo demais para me preocupar com o tamanho do traseiro da minha melhor amiga.

— Por sua empolgação, por um instante, cheguei a pensar que a Isa agora tivesse duas bundas.

— Cabeção, Cabeção. — A risada soa condescendente desta vez. — Tão esperto prumas coisas e tão lesado pra outras. — Diante da minha expressão de enfado, resolve mudar de assunto. — Vamos fazer o seguinte: assim que eu chegar em nosso apê lá em Sampa, conecto contigo e com quem mais estiver aqui.

— Combinado. — Faço um gesto convidativo em direção à mesa.

— Grande Iron Mike. Como vai, amigão? — Ele vira para o nosso chefe de segurança. — O que você tem para mim hoje?

— Muito bem, Antônio. — Mike gesticula em direção à pilha de tijolos. — Vamos lá. Primeiro o kit. — Estende um dos paralelepípedos. O guarda-costas mais próximo estende o braço, fazendo menção de pegá-lo, mas meu amigo se antecipa e o recebe de suas mãos.

— Pesadinho, né? — Sopesa a embalagem que contém o kit de conexão. — Procedimento padrão?

— Exato. — Iron Mike sorri ao garoto. — Quando você romper o lacre da embalagem, o kit projetará o holo autoexplicativo.

— Idiot-proof, Toinho. — Pisco o olho. — Até você entenderá quando seu gepê repetir o holo pela quinta vez.

— Fica fresco, Cabeção. Se você entendeu, é porque é à prova de idiota mesmo.

— Por favor, Antônio. — Iron Mike aponta para um disco metálico de doze centímetros de altura e oitenta de diâmetro. — Deixe o kit sobre a mesa e suba na plataforma.

Toinho troca um olhar desconfiado comigo. Passa o kit às minhas mãos e então sobe no dispositivo. Um cilindro transparente emerge da circunferência do disco e se eleva até alcançar mais de dois metros de altura. O aparelho varre meu amigo dos pés à cabeça com jatos intermitentes de luz rosada.

— Demora muito? — Toinho contempla nosso chefe de segurança com olhar confiante.

— Já acabou. — Mal a boca de Iron Mike se fecha, as luzes se apagam e o cilindro desaba, ocultando-se no interior do disco.

— Só isto? Tem certeza de que já efetuou o registro? — Toinho troca olhares comigo e com o Mike. Esse assente com um sorriso. Meu amigo abana a cabeça. — Eficiência selenita.

— Só espero que as aulas não sejam tão insossas quanto os selenitas. — Faço cara de preocupado.

— Mais chatas do que as do programa do colégio vai ser difícil. — Salta do disco, espalma a mão erguida para o meu tapinha. — Faço contato assim que puder.

— Falou.

Ele entra na limusine. Dois guarda-costas sentam com ele no banco de trás, um de cada lado. O terceiro se acomoda no banco do carona. Espero o automóvel partir. Bato um papinho inconsequente com o Mike sobre futebol e a previsão do tempo para o fim de semana. Quando estou prestes a voltar para o meu quarto, ele assente para o nada e me fala:

— Outro visitante para você.

— Gisela?

— Isto mesmo. — Após três segundos, decerto ouvindo a segurança do perímetro, acrescenta. — O veículo da família Ribeiro acaba de cruzar os portões.

De fato, em cerca de um minuto, o Tesla esportivo branco aparece na estradinha de acesso. Assim que estaciona na via pavimentada a doze metros da mangueira, as portas se erguem em modo automático. O magnata Ayrton Ribeiro salta pelo lado do motorista. Mera força de expressão. Pois, embora haja um volante ali, o carro é autopilotado. Do lado oposto salta sua filha, a menina trans Gisela, amiga que conheço desde criancinha. Os bons e velhos tempos em que ela era Geraldo Ribeiro.

— Oi, Gisela.

— Oi, Cabeção. — Ela me lança um olhar meigo demais para o meu gosto. Não veste saia, mas uns shorts curtinhos iguais aos da Carol.

Ela se aproxima e me beija na bochecha. Algo sem graça, retribuo com uma bicota tímida. Quando me abraça apertado, tento corresponder o melhor possível.

O caso é que ainda não me acostumei totalmente com a ideia de que ela agora é menina. Menina com pinto e bagos. Mas, menina.

— Como vai, Ricardo? — O pai dela me estende a mão. Enquanto eu a aperto, acena com a outra para Iron Mike. — Olá, Padilha.

— Bom dia, Doutor Ribeiro. — Ele estende um kit ao pai da Gisela. — É bem simples de inicializar.

— É. — Ayrton recebe o kit e examina a embalagem. — O Eduardo e a Ana Clara me falaram no holo.

— Muito bem, senhorita. — Iron Mike faz um gesto, convidando-a a subir no disco. — Prometo que não demorará muito.

Ela avança e sobe no disco. Permanece quieta com o olhar grudado em mim enquanto o dispositivo de aquisição de dados do tutor executa sua varredura, banhando-a com sua luz rosada.

Quando acaba, desce do registrador e troca um olhar com o pai.

— Vamos lá? — Ele gesticula em direção ao autopilotado. O veículo ergue as portas. — Infelizmente, temos outro compromisso.

— Passeio matinal com as gêmeas. — De costas para o pai, Gi faz uma careta tragicômica.

Trocamos outro abraço. O pai dela volta a me oferecer a mão.

— Bom fim de semana, Padilha.

— Para o senhor também, Doutor Ribeiro.

— Ricardo, diga aos seus pais que eu mandei um abraço.

— Pode deixar.

–oOo–

Quando entro em casa, cruzo com meu pai. Pelo moletom, percebo que está prestes a sair para sua caminhada diária pelas trilhas da propriedade.

— Bom dia, Ricky.

— Oi, pai.

— Olha só. Sem querer me intrometer na sua vida, mas já me intrometendo, desde quando você troca beijos com o filho do Ayrton?

Então, ele assistiu a cena pelo sistema de holocâmeras da mansão. Bisbilhotice previsível, em se tratando do meu pai.

— Desde que ele virou menina.

— Ao que me consta, ele ainda tem bolas entre as pernas, não é?

— Acho que sim. — Encaro meu pai com meu olhar mais paciente. — Só que isto não tem nada a ver.

— Pois eu diria que tem tudo a ver. — Ele bufa com fisionomia de este-mundo-está-perdido-mesmo. — Também, quem mandou o Ayrton e a Tânia estabelecerem vínculos tão íntimos com os espaciais? Ela, inclusive, já se mandou lá para cima de vez. Puxa vida, filho. Ainda bem que não aconteceu com você.

— Deixa de ser transfóbico, pai.

— Não sou transfóbico e tampouco homofóbico, Ricky. Você está cansado de saber que eu e sua mãe temos um monte de amigos homossexuais. Nas nossas empresas, há vários executivos gays e lésbicas em cargos de liderança. Nosso grupo mantém uma política ativa de combate à homofobia entre os funcionários. Além disso, não firmamos contratos com pessoas e entidades que não pratiquem políticas semelhantes. — Ele pontifica de indicador erguido. — Só que essa questão de transexualidade é diferente.

— É diferente mesmo. Só que as pessoas têm direito de serem o que querem ser, sem que a maioria burra fique metendo o bedelho nas vidas delas, dizendo o que elas podem ou não podem fazer.

— Olha, meu filho. — Meu pai ergue as mãos em seu gesto clássico de conciliação. — Meu ponto é que essa liberalidade excessiva dos costumes advogada pelas elites espaciais acaba cedo ou tarde descambando para a viadagem. — Ante a censura em meu olhar, resolve contemporizar. — Você sabe como é, quase todo mundo lá em cima é bissexual.

— Pode até ser. — Esboço meu melhor sorriso cínico, embora conheça essas estatísticas quase tão bem quanto ele. — Porém, mesmo assim, eles não discriminam as minorias lá em cima. Nem mesmo a minoria heterossexual.

— Edu, me espera um instantinho só. — A mãe desce as escadas num jogging estiloso. Ainda bonitona aos quarenta e poucos anos de idade. Conversa em voz baixa com o portátil do seu gerente pessoal.

Não é um implante comum, como o do pai ou os nossos, mas um desses modelos espalhafatosos, que ela usa preso ao pulso, como um daqueles relógios pesados dos tempos do meu bisavô.

— Tudo bem, amor. Só não demora.

–oOo–

Pouco depois do almoço, o gedo anuncia a chegada iminente da viatura da mansão dos Alves Martins. Isabela e Julio Cesar acabam de cruzar os portões da propriedade. Saio do meu quarto e esbarro com a Carol no corredor. Isa é da minha classe no colégio e Julio é da dela, duas séries abaixo. Minha irmã é vidrada no garoto, embora ele seja quase um ano mais velho do que ela.

Descemos as escadas juntos. Quando o gedo abre as portas do átrio, ela desembesta correndo na minha frente.

Quando se trata de segurança, os pais de nossos amigos não brincam em serviço. A viatura blindada dos Alves Martins é a versão light de um tanque de guerra do Exército da União Sulina. Os dois emergem de uma escotilha no topo do blindado e descem por uma escada que se forma na carcaça do veículo. Ela veste um shortinho branco e uma blusa amarela que fazem um contraste maravilhoso com a coloração chocolate ao leite da sua pele. Julio veste shorts folgados e camiseta pelo menos dois tamanhos maior do que o dele.

— Oi, Ricky. — Isabela segura meu rosto pelas orelhas sem a menor cerimônia e me sapeca um selinho caprichado nos lábios. — Oi, Carol. — Dois beijinhos perfunctórios no rosto da minha irmã.

— Como vai, Carol? — Julio abraça e beija minha irmã. Dois pombinhos: ela derretida e ele todo pimpão. Então, vira e me encara de punhos erguidos. — Vai uma porradinha aí, Cabeção?

— Macho pra cacete. — Trocamos alguns socos de brincadeira. — E aí, Julinho?

— Bem-vindos, Isabela e Julio Cesar. — Iron Mike cumprimenta nossos amigos. — Vieram sozinhos?

— É isto aí. — Isa me dirige uma piscadela marota. Seus olhos verdes são um espetáculo à parte. — O tanque é autopilotado por inteligência artificial. Papai diz que, na Gávea Pequena, estamos seguros dentro dele. Uma vez fora, confiamos plenamente no aparato de segurança dos Mendonça.

— Quanto a isto, podem ficar tranquilos. — Iron Mike sorri aos visitantes. — Então, vamos registrar vocês primeiro. Depois lhes passo os kits do programa tutor.

— Primeiro as damas. — Julio faz um gesto teatral à irmã, sugerindo que ela ascenda ao disco.

— Temos um registrador parecido lá em casa. — Isa sobe na plataforma e logo se vê cercada pelo cilindro transparente e rastreada pelos feixes de luz rosada. — Vamos fazer algo interessante depois destes registros?

— Tipo o quê? — Carol me lança um olhar inquisitivo.

— Sei lá. — Julio consulta a irmã com um sorriso brincalhão. — Que tal se assistíssemos um holo de ação? Podem deixar que eu e o Cabeção escolhemos um que meninas também curtam.

— Não é preciso. — Carol sorri ao amigo, bancando a exibida. — Costumo gostar dos que o Ricky assiste.

— Sua vez. — Isa salta do disco e se dirige à mesa do Iron Mike para receber seu kit. — Estava pensando em fazer algo diferente.

— O holotanque de vocês tem recursos psicointerativos? — Julio sobe no disco.

— Tem. — Admito, contrafeito. — Mas, nosso gedo não nos deixará acessar a psicointeratividade sem autorização dos nossos pais?

— Caramba. — Julio faz uma careta. — Seus pais são linha-dura mesmo, hem?

— Pior do que isto. — Assinto com ar compungido. — Linhas-duras da velha guarda. Antiquados até dizer chega.

— Só que o pior mesmo é que os dois saíram

para um daqueles piqueniques intermináveis com vinho pelas trilhas da propriedade. — Carol encolhe os ombros com cara de desânimo. — Se ligarmos pedindo para liberarem as funções do holo, haverá sangue, choro e ranger de dentes quando eles voltarem pra casa.

— Sabemos como é. — Isa exala um suspiro de solidariedade. — Esses passeios românticos com vinho costumam demorar um bocado.

— Pois é. — Lamento.

— Adultos. — Carol resmunga. — Em pensar que um dia seremos como eles.

— Puta merda. — Julio murmura cabisbaixo.

— Garoto. — Isa gira num salto e fulmina o irmão com um olhar furioso de irmã mais velha.

Pelo visto, a situação no palacete dos Alves Martins não é muito diferente da que rola aqui em casa.

— Calma, mana. — Ele esboça um sorriso de dentes rosados por causa da varredura do registrador. — Não está mais aqui quem falou.

— É bom mesmo. — Ela espinafra com as mãos nos quadris.

Até que o Toinho tem razão. O bumbum dela está ficando maior. As nádegas parecem mais roliças. Mais benfeitas também.

O cilindro se recolhe e Julio desce da plataforma. Depois que ele recebe seu kit, os dois se despedem do Mike e entramos os quatro em casa.

Passamos boa parte da tarde assistindo um holodrama de ficção científica. Ou, pelo menos, tentando assistir. Pois, toda hora pedíamos que o gedo pausasse o tanque para que pudéssemos comentar a trama ou fofocar sobre coisas que não tinham nada a ver. Lá pelo meio da tarde, Toinho se reuniu conosco por holopresença. Não foi a mesma coisa, mas foi melhor do que nada. O melhor de tudo foi a proximidade física da Isabela, que se sentou num almofadão colado ao meu. De vez em quando, chegou a apoiar brevemente a cabeça no meu ombro. Na sala de aula virtual do colégio também costumamos sentar um perto do outro. Só que lá não é possível sentir o aroma agradável de sua pele e dos seus cabelos encaracolados que lhe descem pelos ombros.

Já nas aulas presenciais, os professores nos espalham pelas extremidades da sala com a desculpa acéfala de que assim podemos contemplar melhor os detalhes das matérias exibidas no holotanque.

–oOo–

"SOU ARTEMISA." — O avatar do programa tutor se manifesta sob a forma de uma morena escultural com mais de dois metros de altura. O rosto perfeito se exibe cinzelado em linhas clássicas. Usa óculos antiquados para disfarçar os olhos amarelos enormes, cujas íris ocupam a totalidade das córneas, na suposição algo ingênua de que eles a deixarão com cara de professora terrestre. O collant azul piscina denuncia sua concepção espacial: quadris para lá de generosos; cinturinha de vespa; seios fartos de mamilos pontiagudos, empinados como só seios em baixa gravitação podem ficar. Exceto se essa opulência mamária toda for uma dádiva da biotecnologia espacial. Articula seu português brasileiro impecável numa voz de soprano que eu até consideraria sensual, se não soasse demasiado séria e a pronúncia não fosse tão castiça. — "A TUTORA RESPONSÁVEL POR LHES ENSINAR AS DISCIPLINAS QUE O PROGRAMA DO COLÉGIO ESTAVA MINISTRANDO. DEPENDENDO DAS REAÇÕES DE VOCÊS, POSSO ALTERAR MINHA APARÊNCIA OU ATÉ ASSUMIR AVATARES DIVERSOS, UM PARA CADA DISCIPLINA. NO ENTANTO, AO CONTRÁRIO DO QUE OCORRIA COM O PROGRAMA DO COLÉGIO, NÃO HAVERÁ PROFESSORES ORGÂNICOS POR TRÁS DESSES AVATARES, MAS SOMENTE ESTA CONSCIÊNCIA ARTIFICIAL QUE LHES FALA. PERGUNTAS?"

— Para início de conversa, o básico. — Olho em volta. Como eu, meus três amigos estão sentados em bancos de mogno ao redor de um púlpito baixo, onde o avatar da tutora aparece de pé. Estamos ao ar livre, à sombra da mesma mangueira frondosa sob a qual os recebi anteontem. Quer dizer, é claro que estou sentado em meu quarto com a tiara de conexão enfiada na testa. Sentada no banco ao meu lado direito, Isabela está na verdade na mansão dos Alves

Martins. Provavelmente, em posição de lotus em sua cama. Só que a ilusão é mais benfeita do que qualquer outra que vivenciei. Psicointeratividade com padrão de qualidade genuinamente selenita. — Você é de fato uma consciência artificial?

"SOU, SIM, RICARDO."

— O nome dele é Cabeção. — Toinho se manifesta do banco à minha esquerda.

"VOU FINGIR QUE NÃO OUVI ISTO, ANTÔNIO." — Artemisa pisca o olho de íris cor de mel para o menino com ar cúmplice. — "DESTA ÚNICA VEZ."

— Os meninos o chamam assim por implicância. — Quando Isa balança a cabeça num risinho doce, seus cachos adoráveis ondulam para um lado e outro. — Só porque ele é o mais inteligente de todos nós.

— Isto mesmo, Professora. — Gisela acena em concordância. — Meu pai falou que o Cabeção... Ahn, desculpe. Nunca mais vou te chamar assim, Ricky.

"POR FAVOR, PROSSIGA, GISELA." — Artemisa fita a menina trans com a melhor emulação de curiosidade humana do Sistema Solar. — "O QUE SEU PAI FALOU SOBRE O RICARDO?"

— Meu pai me disse que o tratamento de estimulação neurológica a que todos nós fomos submetidos alcançou resultados diversos em cada um de nós. — Gisela me encara com um olhar brilhante. — E que os índices de desempenho do Ricky são os mais elevados.

"PARABÉNS, RICARDO."

— Voltando à pergunta do Ricky, — Isabela me lança um sorrisinho de quem parece curtir meu embaraço de montão, — você é realmente dotada de autoconsciência?

"SOU." — Artemisa sorri para minha amiga favorita. — "ORGULHO-ME EM LHES INFORMAR QUE FUI APROVADA NOS TESTES DE TURING MAIS RIGOROSOS JÁ CONCEBIDOS EM LUNA CITY."

— Se você pode mudar sua aparência, — Gisela se manifesta do banco do outro lado do assento da Isabela, — sugiro editar esses óculos horrorosos.

"SUGESTÃO REGISTRADA, GISELA." — Artemisa retira os óculos com a mão esquerda e os lança para trás por cima dos ombros. Eles desaparecem em um punhado de centelhas silenciosas cerca de um metro acima da cabeça dela. — "E ACEITA."

— Por falar em edições, — Isa me dirige um olhar repleto de malícia, — do ponto de vista, ahn, pedagógico, talvez seja melhor exibir uma roupa menos, ahn, provocante. — Ela pisca ao avatar. — Se é que você me entende.

"ENTENDI BEM, ISA." — Num piscar de olhos, Artemisa aparece vestida com uma saia pouco abaixo dos joelhos e uma blusa larga bem comportada demais para o meu gosto. A cereja do bolo são os cabelos negros e longos, que agora não se derramam mais sobre os ombros, mas se exibem presos num coque que já seria considerado fora de moda nos tempos de vovó menina. — "MELHOR ASSIM?"

Só então percebo que, além disso tudo, ela reduziu a própria estatura em pelo menos um palmo. Mesmo assim, ainda enverga respeitáveis cento e oitenta centímetros de altura.

— Muito melhor. — Isabela e Gisela replicam em uníssono. Não satisfeitas, resolvem bater palmas.

— Puta sacanagem. — Toinho abana a cabeça com ar consternado. — Cambada de desmancha-prazeres do cacete.

"VAMOS EVITAR ESSE TIPO DE PALAVREADO EM NOSSA CLASSE."

— Está bem, Professora.

"ARTEMISA." — A tutora brinda o menino de epiderme escura com um sorriso cálido. — "BEM, CRIANÇAS, PELO QUE VERIFIQUEI JUNTO AOS PROGRAMAS PEDAGÓGICOS DO COLÉGIO, EM HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, VOCÊS ESTÃO ESTUDANDO AS CAUSAS DA CRISE AMBIENTAL TERRESTRE, CERTO?"

— Exato. — Assinto, esforçando-me para assu-

mir uma postura de aluno compenetrado. — Só que nós chamamos de "hecatombe" aqui embaixo.

"TAMBÉM USAMOS ESSE TERMO LÁ EM LUNA." — Artemisa emula um sorriso triste para lá de convincente. — "NÃO O EMPREGUEI DE PRIMEIRA PARA EVITAR FERIR SUAS SUSCEPTIBILIDADES DELICADAS DE ORGÂNICOS. MAS, VAMOS LÁ. VOU RETOMAR ESTE TÓPICO DO PONTO EXATO EM QUE VOCÊS PARARAM."

–oOo–

— Como foi o primeiro contato com o programa tutor? — A mãe contempla nossos semblantes durante o jantar com um olhar meigo após executar esse disparo à queima-roupa, mal a copeira recua para a cozinha após servir o prato principal.

— Ela é legal. — Carlinhos esboça um sorriso cândido. — Durona, mas legal.

— Ela? — Nosso pai nos dirige um olhar inquisitivo. — Um avatar feminino?

— Isto. — Coloco mais um pouco de fettuccine em meu prato. — Artemisa.

— Você sabia disso, Clara? — Ele lança um olhar de esguelha à mãe.

— Sabia. Nas especificações da consciência, Artemisa aparece como avatar default.

— Uma bunduda metida a besta, isto sim. — Carol brinda nossos pais com uma risadinha sarcástica.

— Como é que é? Isto não constava das especificações. — A mãe fita minha irmã com olhar duro. Então, vira para encarar o pai. — Edu, você por acaso não andou manipulando as condições iniciais da tutora, né?

— Claro que não, meu amor. Eu nem saberia como fazer isto.

— Artemisa nos deu aula com um traje colante. — Impiedosa, Carol prossegue com o showzinho. — Julio Cesar e os outros garotos ficaram babando como uns tarados pelo corpo dela.

Lembro que a classe dela tem seis alunos. Duas meninas e quatro meninos.

— Esperem um instante. — O pai apoia a taça do tinto sobre o tampo da mesa. — Ricky, como é esse avatar?

— Space beauty típica. — Suspiro, fingindo enfado.

— Julinho me confessou que achou Artemisa uma tremenda gostosa. — Ante a expressão indignada da mãe, Carol resolve aliviar. — Palavras dele e não minhas.

— Carlos, como o avatar se apresentou na sua classe? — O pai toma fôlego, dando continuidade ao interrogatório.

— Normal, ué.

— Normal, como? — A mãe bufa, exasperada.

— Como ela se vestia? — O pai insiste.

— Ah, isso? Com saia branca e blusa. Blusa azul, eu acho.

— Pois na minha classe ela usou um collant atochado fino como a pele. — Carol não dá trégua. — Era como se estivesse pelada.

— Edu. — A mãe dirige um olhar impaciente ao pai. Louca para tomar as rédeas da acareação em suas mãos.

— Só um instante, Clara. — O pai ergue a mão, intrigado. — E na sua classe, Ricky?

— Ela começou a aula com o traje colante. Muito bonito, por sinal. — Solto um pigarro discreto. — Só que a Isa pediu para ela mudar. Daí, ela se reconfigurou, aparecendo de saia e blusa.

Nesta segunda-feira, se Artemisa seguiu a sequência de aulas estabelecida pelo colégio, então, a classe da Carol começou uma hora mais cedo do que a minha e a do Carlinhos uma hora mais tarde. Será que a diferença está aí?

— Qual o comprimento da saia? — A mãe intervém no interrogatório.

— Uns dois dedos abaixo dos joelhos. — Capricho no ar de pouco-caso. — A blusa também não exibia grandes decotes.

Nossos pais trocam olhares significativos, mas não tecem comentários. A mãe relaxa a olhos vistos. Suspira satisfeita e sorve mais um gole do seu Rioja.

— Se é assim, na próxima aula presencial, pedirei para ela usar roupas menos provocantes. — Carol pisca o olho aos nossos pais.

— Faça isto. — A mãe aprova em tom enfático.

— Esse foi o termo exato que a Isa empregou. — Comento, no intuito de desviar a atenção dos nossos pais. Quando ambos me fitam, interessados, arremato. — Provocante. — Libero um suspiro. — Depois que Artemisa atendeu o pedido dela, Toinho reclamou um bocado.

— Esse menino é um depravado. — A mãe sentencia, peremptória.

— Pois, para mim, parece um garoto saudável. Pelo menos, não está virando menina, como o filho do Ayrton. — O pai volta à carga, repisando o velho assunto. Diante dos olhares hostis que eu e Carol lhes dirigimos, resolve mudar de assunto. — Bem, o que importa é que o programa tutor está funcionando direito.

— E quanto à aula em si? — A mãe degusta outro gole do Rioja. — Ela ensina bem?

— Ela é boa. — Admito a contragosto. — Melhor do que os professores de verdade.

— Do que os professores orgânicos, como ela fez questão de enfatizar na minha classe. — Carol assente com ar pensativo.

Desta conversa na mesa de jantar, acabo intuindo que as crianças espaciais e selenitas estão acostumadas com instrutores vestidos com o que aqui embaixo nossos adultos consideram como trajes provocantes.

Velho ditado terrestre: "A maldade está nos olhos de quem vê."

4

Degraus dos Espiões

— Tem certeza de que essa rotinazinha mequetrefe vai funcionar, Cabeção? — Toinho anda de um lado para outro no meu quarto com o ar preocupado de um pai aguardando às portas da sala de parto. — E se os nossos velhos descobrirem?

— Mesmo que não funcione, não vão descobrir. — Replico bancando o herói confiante, com o olhar fixo no rosto moreno da Isabela, que se mantém sentada na beirinha da minha cama. — Eu e o gedo reprogramamos o sistema doméstico para acessar as holocâmeras do salão.

— Então, vamos ver se essa ideia funciona. — Gisela assente da minha poltrona.

Domingo à tardinha. Fim da primeira semana de aulas com a consciência artificial. Os pais da Isa, o pai da Gi, o do Toinho e outros menos cotados passam aqui em casa para degustar dos prazeres da nossa adega e conversar com meus pais sobre nossa nova tutora. Claro que não podemos deixar passar a oportunidade de descobrir o que os adultos estão tramando.

— Liga logo, Ricky. — Isa levanta da cama e aperta meu braço. Quando olho para ela, me brinda com uma piscadela de cumplicidade.

— Gepê, abrir áudio e holo das câmeras do salão no tanque principal.

"EM EXECUÇÃO." — Ouço a voz de contralto do gerente em meus implantes auriculares.

O holotanque se acende. O logo do fabricante percorre todos os espaços possíveis e imagináveis do cubo de exibição, espalhando matizes multicoloridos pulsantes por onde passa. Quando a abertura se encerra, vemos dez adultos sentados à mesa do salão. Vários deles com taças de tinto à sua frente. O pai e a mãe dividem uma das cabeceiras.

"— ... achando que ela é bonita demais para uma professora." — A mãe da Isa expõe aos demais. — "A Isa e o Julinho nos contaram que essa tutora pode mudar de aparência ao seu bel-prazer. Se isto é verdade, por que não pedir para que assuma uma aparência menos chamativa?"

"— Não considero o avatar de Artemisa particu-

larmente atraente." — Ayrton Ribeiro apoia sua taça no suporte sobre o tampo da mesa. — "Ela simplesmente emula as formas anatômicas e as vestimentas de uma espacial típica."

"— Os meninos nos falaram que ela apareceu vestindo um colante justinho no primeiro dia de aula." — A mãe da Isa insiste.

Neste instante, a mãe leva a mão à têmpora esquerda e faz uma cara de aborrecida. Em seguida, troca um olhar de advertência rápido com o pai.

"— Gedo, bloquear o sinal." — Ela gira a cabeça para fitar uma das holocâmeras presas no teto do aposento, um segundo antes do tanque do meu quarto apagar.

— Gepê, informe. — Sussurro, envergonhado.

"APARENTEMENTE, SEUS PAIS DESCOBRIRAM A SUB-ROTINA DO BY-PASS QUE INSTALAMOS NO SISTEMA DE HOLOVISÃO DO ANDAR TÉRREO."

— O que houve? — Toinho encara o tanque apagado. — Deu chabu ou seus pais nos pegaram de calças arriadas?

— Eles descobriram. — Abano a cabeça. Isa me fita com ar decepcionado. — Gepê, como eles atinaram com o by-pass?

"O GERENTE DOMÉSTICO DETECTOU A ATIVAÇÃO DO NOSSO PROGRAMA DURANTE UMA VARREDURA DE ROTINA E ALERTOU SEUS PAIS A RESPEITO."

— O gedo caguetou para os meus pais. — Informo com voz contrita.

— Putz. — Toinho solta um suspiro desanimado. — Cortaram o nosso barato.

— Seria tão legal poder espionar nossos pais. — Isa esboça um sorriso tristonho.

— Talvez haja um jeito. — Esfrego as mãos com cara de cientista louco de holodrama barato. — Uma solução tão antiga que nossos pais não se precaverão contra ela.

— Do que se trata? — Gisela me lança um olhar inquisitivo.

— Esperem um instante. — Avanço até o armário, abro uma das portas e começo a procurar entre as prateleiras. Nada. — Gepê, onde está aquele microfone direcional antigo que meu pai me deu quando eu era pequeno?

"PORTA DA EXTREMIDADE ESQUERDA DO ARMÁRIO. QUINTA PRATELEIRA DE BAIXO PARA CIMA."

Com a orientação do gerente, encontro o dispositivo rapidinho.

— O que é isto? — Isa se aproxima para ver melhor o bastão que manuseio com cuidado.

— Um microfone. — Gi responde da poltrona. — Dos antigos.

— A última palavra em tecnologia primitiva. — Toinho solta um assobio. — Como sugere que usemos essa engenhoca? Não podemos simplesmente enfiá-lo sob a mesa do salão.

— Com a sensibilidade dessa belezinha, — abro um sorriso de orelha a orelha, — não será preciso se aproximar tanto. Basta apontá-lo para a mesa, ali da curva da escadaria. É lá que vamos nos esconder para ouvi-los.

— Grande Cabeça. — Toinho assente, empolgado.

— Como iremos ouvi-los sem que eles descubram nosso esconderijo? — Isa me encara com um olhar de veneração.

— É provável que esse microfone possa transmitir direto para os nossos auriculares. — Gisela opina, convicta. Nós três a fitamos com admiração. Ela é disparada a mais nerd dos quatro.

— Isto mesmo. — Confirmo com um sorriso de aprovação. — Pronto. Acabo se liberar o acesso ao sinal de áudio. Peçam aos seus gepês para conectar o microfone com seus auriculares.

— O que seria de nós sem esse garoto? — Toinho me aplica um tapinha amistoso no ombro direito.

–oOo–

Ocultos atrás da curva em ângulo reto da escadaria, entre o térreo e o segundo andar, apoiamos o microfone direcional contra um degrau, apontando-o sub-repticiamente contra a metade da mesa ocupada pelos adultos. Ativo o MD e começamos a ouvir:

"— ... mais me impressiona é a engenhosidade deles." — A voz do meu pai comenta em tom bem-humorado. — "É preciso um bocado de ousadia para tentar espionar nossas conversas pelos circuitos dos sistemas holográficos da residência."

"— Um belo de um abuso, isto sim." — Minha mãe replica de um jeito que lembra o da Carol.

"— Devemos aceitar que eles não só são mais inteligentes do que nós fomos na idade deles", — Ayrton considera com voz calma, — "São mais curiosos, também."

"— Quando decidimos incrementar os intelectos dos nossos filhos", — a mãe externa seu ponto de vista aos amigos, — "sabíamos que haveria certas dificuldades. Problemas de convivência com jovens geniais. Todos nesta mesa possuímos inteligências acima da média, mas, essas crianças extrapolam. Estão em outro patamar."

"— Isabela tem dez anos, o Julio Cesar nove e a Letícia oito." — Julio Alves Martins libera um suspiro audível. — "Há ocasiões em que os três nos surpreendem. Outras em que nos assustam."

"— E olha que eles ainda são crianças." — Ao complementar a fala do marido, Isadora não consegue ocultar a contrariedade. — "O que será deles e de nós quando forem adolescentes? E quando chegarem à idade adulta?"

"— Imagino que serão tão ou mais inteligentes do que um selenita ou espacial não incrementado." — Ayrton opina, pensativo. — "Pelos menos, é o que esperamos deles, não é?"

"— Meu maior receio é que eles comecem a pensar como espaciais." — O pai de Toinho replica com voz grave e preocupada.

"— Como assim?" — Minha mãe indaga. — "Julga que adotariam os valores das comunidades extraterrestres em detrimento dos nossos?"

"— É uma possibilidade que precisamos considerar."

Os adultos mergulham num silêncio tenso durante alguns segundos.

"— Ricardo tem criticado algumas das nossas políticas empresariais." — Estava demorando. Meu pai decide fazer queixas de mim para os amigos.

"— Bem, eu também criticava a maneira da minha família fazer negócios quanto era garoto." — O pai do Toinho solta uma risada nostálgica. — "Mas, sim. Sei o que querem dizer. Eu costuma criticar os negócios da família quando tinha quinze ou dezesseis anos. O Antônio critica nossas estratégias empresariais desde os oito."

"— Além de mais inteligentes e mais curiosos, são muito mais precoces do que julgávamos que seriam." — Ayrton Ribeiro comenta em tom neutro. — "Sei que as duas coisas estão ligadas. Só que eu e a Tânia não estávamos preparados para certas implicações, se é que me entendem."

Olho para a Gi. Ela abana a cabeça e engole em seco. As bochechas vermelhas como uma rosa. Isabela lhe dá um abraço. Pensei que um sujeito esclarecido como o Ayrton encarasse a transexualidade da filha com mais naturalidade.

"— A Tânia não pretende mais voltar aqui para baixo?" — Meu pai dispara à queima-roupa com uma falta de tato digna de seu filho caçula.

"— Não creio que volte." — O pai da Gi faz uma pausa antes de prosseguir. — "Ela se sente bem lá em cima. Mais bem acolhida. Sabem como é, não? — Nova pausa. — Quando passo uma temporada com ela lá na Rivendell, tudo funciona às mil maravilhas entre nós, como nos velhos tempos. A questão é que muitos dos nossos interesses permanecem aqui embaixo."

"— Mas, vocês ainda continuam casados, não é?" — A mãe da Isa entra na disputa de indiscrição desenfreada com o meu pai.

"— Claro que sim. Conversamos todas as noites

quando o habitat orbita sobre a América do Sul."

"— Voltando à questão das crianças", — minha mãe propõe, — "ao que parece, nossos filhos estão aprovando o ensino ministrado por essa tal Artemisa."

"— Os nossos também." — Julio admite, algo contrafeito. — "Afirmam que a consciência ensina muito bem."

"— Como os espaciais nos prometeram que ela o faria." — Ayrton acrescenta.

"— É justo aí que reside nosso maior problema com as comunidades espaciais." — Meu pai comenta em tom irônico. — "Em geral, seus representantes cumprem suas promessas. O difícil é fazê-los se comprometer com os nossos interesses."

"— É como se não se importassem com o que ocorre aqui embaixo." — Isadora esgrime a reclamação-padrão, onipresente na ponta da língua de onze em cada dez terrestres.

"— Não creio que deem a mínima para a Terra." — O pai de Toinho advoga em apoio. — "Se se importassem, teriam feito algo contra os gringos quando eles invadiram a Amazônia. Se houvessem agido, teriam salvo a floresta."

"— Já pensei dessa forma." — Meu pai libera uma risada triste. — "O impacto de um meteorito nas cercanias de Washington ou Londres até que viria a calhar." — Outra risada. — "Só que, se bem me lembro", — assume um tom diplomático, — "na época, as comunidades espaciais e selenitas declararam que não interviriam nas questões políticas e militares terrestres."

"— Pois é." — O industrial negro persiste na mesma tecla. — "E assim, vencemos a guerra, mas a Amazônia se perdeu."

Todos permanecem calados por alguns instantes.

"— Quem sabe, gente como os nossos filhos não conseguirá resolver os graves problemas que afligem a Terra?" — A mãe da Isa lança a questão fosfórica no ar.

"— Não sei." — A voz do meu pai soa desanimada. — "A maioria de nós já se conhece desde que éramos pouco mais velhos do que os nossos filhos são agora e, desde aquela época, conversamos sobre o melhor caminho para melhorar as condições de vida na Terra, salvar a biosfera, em suma, sobre como corrigir os erros de nossos pais e avós. Mesmo assim, vejam só em que ponto chegamos."

"— Mas, nós lutamos." — Julio replica, exaltado. — "Lutamos pelo que é certo. Batemos de frente com a esquerda e a direita em prol do meio ambiente e da igualdade social. Nós não demos as costas à Mãe Terra."

Eu e meus amigos nos entreolhamos nos degraus da escada. Este papo de Mãe Terra de novo? Será que nossos pais realmente acreditam nisso? Abano a cabeça para os três. Conversa para boi dormir.

"— É verdade, meu amigo." — Ayrton concorda com voz sombria. — "Nós lutamos pelas causas certas. Só que talvez não tenhamos lutado o bastante."

5

A METAMORFOSE DO MELHOR AMIGO

Três meses se passaram desde aquela segunda-feira em que Artemisa ministrou suas aulas inaugurais para as cinco classes de jovens incrementados de famílias abastadas, oriundos do colégio.

Hoje, todos nos perguntamos como conseguíamos aprender sem ela. Essa consciência artificial detém o superpoder incrível tornar divertidos os assuntos mais áridos e indigestos, esclarecendo-os a ponto de fazê-los transparentes. Tópicos espinhosos parecem fáceis quando ela nos ensina. Sempre acompanhada de holos didáticos instigantes, tabelas e gráficos multicoloridos, isso para não falar nos documentários, debates, mesas-redondas e entrevistas, que ela conjura num estalar de dedos. Literalmente. Nosso deslumbramento por essa feiticeira pedagógica levou minha classe e duas outras a exigirem aumento no número de horas-aula presenciais. Nunca imaginei que aprender pudesse ser tão divertido.

Outra vantagem do nosso novo método de ensino é que Artemisa está sempre acessível. Podemos convocá-la vinte e quatro horas por dia. Sete dias por semana. Basta invocar seu nome e ela se materializa para orientar nossos estudos e deveres individuais. No entanto, mesmo com tamanha disponibilidade, nossa tutora insiste na necessidade de pensarmos, pesquisarmos e descobrirmos as respostas por nós mesmos.

E, como se isto tudo não bastasse, quando conjurada, ela aparece em nossos quartos para nos aconselhar, tirar dúvidas não relacionadas com o ensino, ou simplesmente conversar conosco como se fosse apenas uma boa amiga. Só que uma amiga mais sábia, experiente e mais paciente, também.

Nosso idílio educacional dourado com Artemisa sofreu seu primeiro abalo com a notícia da metamorfose da Gisela.

–oOo–

Saio na manhã com Iron Mike no veículo anfíbio. Passamos na mansão do Toinho para buscá-lo para a já tradicional pelada de sexta-feira na Estrada da Canoa.

Até uns meses atrás, Geraldo costumava ir conosco nessa empreitada esportiva. Agora que está virando Gisela, afirma que não gosta mais de futebol. Carol e Isa, que batem um bolão, ficam putas com esse tipo de atitude machista às avessas. A verdade é que, como Geraldo, ela nunca demonstrou lá muita intimidade com a pelota. Quando menino, era um pereba de marca maior, do tipo que chamava a bola de Vossa Excelência.

Carol e Julio César têm enchido meu saco, implorando que nós os levássemos para jogar conosco na pelada que rola às sextas de manhã cedo na Canoa. O grande problema é que quem manda no jogo lá é o pessoal da Rocinha. Eles só toleram eu e o Toinho porque, modéstia à parte, nós jogamos direitinho. O Julio teria que treinar um bocado para atingir o patamar mínimo exigido pela galera. Já a Carol, embora leve jeito para o futebol, é menina e o pessoal da Rocinha é meio radical na tese de que garotas devem jogar futebol feminino e não junto conosco. Talvez não estejam tão errados assim. Porque, são mais velhos do que nós e, portanto, já estão na idade em que o gênero faz diferença na prática do futebol.

Iron Mike estaciona o anfíbio à beira do campo de terra batida. Permanece no interior do veículo para não deixar a galera nervosa, mas ativa todos os sistemas de segurança e dispara três microdrones, que deverão flutuar em voo de patrulha sobre o campo enquanto estivermos aqui. Só faz isto para constar, é lógico. Mero dever de ofício, por assim dizer. Porque, no fundo, Mike sabe que não corremos o menor perigo.

Saltamos do blindado e caminhamos confiantes até a trave em torno da qual a galera está batendo bola.

— E aí, pirralhos? — No papel de dono do pedaço, Tonga nos lança um olhar bem-humorado. — Prontos para aprender futebol com quem sabe?

— Sempre. — Toinho sorri ao garoto mais velho.

— E você, Cabeção? — Tonga pousa a mão no meu ombro. — O acordo ainda está de pé, certo?

— Claro que está, Tonga. — Assinto, fitando-o olho no olho.

Tonga e o pessoal da Rocinha que assumiu o controle do campo de futebol soçaite no terreno desta mansão abandonada deixam nós dois jogarmos com eles de boa. Tratam a gente como se fôssemos da comunidade. Não baixam o sarrafo demais, mas também não aliviam a parada. Aqui não somos café com leite. Em troca, tiramos as dúvidas de matemática da molecada da Rocinha. Damos plantões semanais de quatro horas cada. O número de acessos e atendimentos gira em torno de vinte e muitos por plantão. Os meninos falam que nós ensinamos melhor do que os professores da rede pública, do tempo em que ainda havia professores de matemática na rede pública de baixa renda.

— Assim é que se fala. — Ele solta nossos ombros e nos encara com o semblante sério de irmão mais velho. — Olha só: para não desequilibrar a peleja com dois pirralhos perebas como vocês, vou colocar um em cada time, certo?

— Sem problema. — Falamos os dois ao mesmo tempo.

— Então, Toinho, sem camisa. — Tonga tira a própria camisa puída e a prende nos calções. — Cabeção que é leite-azedo, com camisa.

Corro para junto dos garotos do time com camisa, que já começaram a caminhar rumo à trave oposta. Recebo dois ou três tapinhas amistosos no ombro quando me misturo com eles.

— Fala, branquelo.

Apesar de me chamarem de leite-azedo e branquelo, dois jogadores do com camisa possuem epidermes mais claras do que a minha e, por isto, mais vulneráveis à radiação solar. Porque esta manhã promete ser ensolarada como um verão no Saara.

–oOo–

Mal nos acomodamos, suados como uns porcos, nos assentos do veículo blindado, Iron Mike ativa o desodorizador e dá a partida. Toinho aproveita a deixa para puxar papo com ele:

— Conta outro causo da guerra que vocês venceram lá no norte.

— Vencemos, nada. — Nosso chefe de segurança abana a cabeça, desalentado. — Só conseguimos um empate técnico e olhe lá.

— Meu pai vive repetindo que os aliados venceram. — Toinho solta uma risada. — Me responde só uma coisa, Mikão: vocês botaram ou não botaram a gringalhada pra correr?

— Bom, analisando a situação por este prisma, — Mike dá de ombros, — no fim, eles se retiraram.

— Os chinas deram uma força, é claro.

— Se deram! — Reparo pelo retrovisor quando o semblante do Mike se crispa por dois segundos ante o emprego da expressão pra lá de politicamente incorreta. Ao se recobrar, complementa. — Não teríamos conseguido frustrar o avanço dos invasores sem o engajamento maciço das tropas chinesas.

— Pois, então? Os gringos não conquistaram os objetivos militares deles e nós conquistados os nossos, não foi?

— É verdade, Antônio. Mas, a que custo? A que custo? — Mike se interrompe, como que para tomar fôlego. — Vocês já devem ter estudado a Guerra no colégio. Sabem o quão pouco restou daquela que era a maior floresta do planeta.

— Lá isto é. — Toinho murmura, cabisbaixo.

— Tudo bem. — Mike solta seu suspiro profundo de mudança de assunto. — Vamos falar de futebol. Como foi a pelada com o pessoal da Rocinha?

— Maior show de bola. — O sorriso reluz no semblante escuro de Toinho. — Fazendo jus ao seu nome, Cabeção marcou um belo gol de cabeça.

— Boa, Ricky. — Iron Mike ergue o polegar direito para mim.

— O craque da família. — Toinho cutuca meu flanco com uma cotoveladazinha. — Cabeção deve ter puxado o pai. Aposto que seu velho batia um bolão quando garoto, não é?

— Acaba de perder a aposta. — Solto uma risada.

— Pelo visto, Antônio não sabe da missa um terço.

— A craque da família era a minha mãe.

— Dona Clara? — Toinho arregala os olhos. — Não brinca?

— Os genes da craquice futebolística dos Mendonça vem dela.

— Pasmem, mortais.

— Meia-armadora titular da equipe de futebol feminino da Unicamp.

— Caraca. Quem diria, hein? — Antes arregalados, seus olhos se esbugalham. — Mas, pera aí. A tua mãe é paulista?

— Não só paulista, como paulistana. — Encolho os ombros. — Sabe como é, né? Ninguém é perfeito.

— Não fala besteira. — Toinho ralha, divertido. — Dona Clara é dez. Aliás, ela e seu pai são consideramos o Casal Vinte do nosso pequeno enclave aqui na Gávea Pequena.

— Fala sério, Toinho.

— Tô falando, Cabeção. Seríssimo.

–oOo–

"— Grande Cabeça." — Toinho se materializa em meu quarto no sábado de manhã. — "Você não imagina o que eu descobri em minhas garimpagens de alto impacto na rede mundial."

— E aí, Toinho? — Ergo a mão espalmada para saudá-lo. — O que você desencavou desta vez?

"— Nada mais, nada menos do que um holo da sua mãe dos tempos da Unicamp, uns vinte anos atrás." — Exibe seu sorriso mais reluzente. — "E, quer saber da maior, Dona Clara batia um bolão."

— Como é que é?

"— Calma, amigo." — Solta uma gargalhada. — "Só estou falando de futebol."

— Minha mãe jogando futebol num holo antigo?

"— Exatamente."

— Maneiro. Manda o link aí.

"— Negativo." — Abana a cabeça com um brilho malévolo no olhar. — "Quero revelar minha descoberta em grande estilo."

Típico do Toinho.

— Tudo bem. Qual é a ideia, então?

"— Meu plano é convidar a Isa e a Gi para uma sessão presencial e assistir o holo com elas. Pode até ser na sua casa, se preferir."

— Aqui em casa? — Medito sobre a proposta durante uns segundos. Mesmo partindo do Toinho, a ideia não é tão ruim assim. — Tudo bem. Vou falar com elas. Tentarei marcar para esta noite. Até para aproveitar a maré de bom humor dos meus pais.

"— Pra mim tá beleza." — Ergue o polegar. — "Só adianto o placar: Unicamp 4 x 1 USP."

— Goleada. — Esboço um sorriso. — Amistoso?

"— Amistoso, nada. Campeonato feminino universitário. Liga paulista. A USP abriu o placar, mas a mulherada da Unicamp lhe infligiu uma virada de dar gosto."

— Show de bola. Minha mãe fez algum gol?

"— Agora já tá querendo saber demais." — Solta uma risada. — "Vai ter que assistir o holo para descobrir."

— Tá legal. Vou pedir aos meus pais. Conforme for, combino com as meninas.

–oOo–

— Caramba! — Arregalo os olhos quando a mãe passa a bola para a perna esquerda e bate forte. A bola sobe como um foguete. O lançamento em profundidade cruza o campo desde a intermediária da Unicamp até a entrada da grande área adversária, colocando a bola precisamente nos pés da ponta de lança, que dribla a goleira e marca o segundo gol da sua equipe. — Que lance foi esse?

— Tremendo lançamento de canhota! — Toinho vibra ao meu lado. — Dona Clara fez mais da metade desse gol.

— Sua mãe é mesmo uma craque, Ricky. — Gisela contempla com ar pensativo as jogadoras da Unicamp abraçadas na comemoração do gol de desempate.

— Um passe perfeito. — Isa levanta da cama para me abraçar. — Ela conseguiu pôr a bola bem nos pés da atacante. — Então, aplica dois beijos molhados nas minhas bochechas e me sussurra ao ouvido. — Tal mãe, tal filho.

O passe antológico para o segundo gol se deu aos catorze do segundo tempo. O mais incrível de tudo é que, meros três minutos mais tarde, a mãe faz outro lançamento primoroso, praticamente idêntico ao anterior, agora sobre o tronco da ponta-direita velocíssima do seu time. Essa mata a bola no peito, aplica um chapeuzinho na goleira da USP e chuta para o fundo das redes.

— Caraca, a tua mãe é um monstro! — Toinho brada do outro lado da cama, empolgado como se estivesse assistindo esta partida pela primeira vez.

— Genuína virtuose dentro das quatro linhas. — Isa se ergue da minha cama para me abraçar outra

vez. Confesso que estou começando a gostar dessa brincadeira. — Aposto que, se quisesse, ela conseguiria fazer essa bola descer em cima de um lenço aberto no extremo oposto do gramado.

— Três a um. — Da extremidade da cama, Gisela me brinda com um de seus sorrisos tímidos. — Este jogo ainda estaria empatado se não fosse pela atuação genial da sua mãe.

De repente, vem à memória a figura da mãe, vestida com esse mesmo uniforme da Unicamp, só que um pouco mais puído. Ela bate bola comigo no campo de futebol da mansão. Corro atrás da bola que ela me lança com minhas perninhas curtas de criança pequena. Deve ter sido logo depois que nos mudamos para cá. O gramado é uma vastidão infindável. Ouço as risadas dela ao fundo. Joga com os cabelos soltos. Mais compridos do que hoje em dia ou do que ela usa na partida que assistimos no holotanque.

Bola no meio-campo. A USP dá nova saída.

— Perdido em recordações da infância, Ricky? — Isa me cutuca de leve.

— Ahn, não. — Tento disfarçar. — Só estava pensando se não seria melhor chamarmos a Carol e o Julio para assistir o jogo conosco. Já faz um tempão que aqueles dois estão sozinhos lá no quarto dela.

— Relaxa. — Ela me provoca com uma piscadela marota. — Não passam de pirralhos de dez anos.

— A Carol só tem nove.

— Isto mesmo, Cabeção. — Toinho desvia o olhar do holotanque, autopausado por causa do nosso bate-papo paralelo, para nos encarar. — Não é como se você e a Isa estivessem sozinhos neste quarto. Já pensaram só?

— Tudo bem. Eu vou chamar os dois. — Gisela se levanta da cama com um suspiro. — Só assim o Antônio nos deixará assistir o resto do jogo em paz.

— Tudo bem. — Toinho assente com ar divertido. — Mas, nada de voltar o holo. Eles assistem daqui para frente.

Anticlímax do cacete: poucos minutos depois que Carol e Julinho se acomodam sentados no piso a nossos pés para assistir a partida conosco, a mãe começa a mancar e levanta o braço para pedir que a treinadora a substitua.

Mesmo assim, Toinho estava certo: esse Unicamp 4 x 1 USP é um clássico do futebol universitário brasileiro.

–oOo–

— Para de pagar mistério, garota. — Contemplo a campina coberta de mato rosado, ondulante sob a brisa fresca da tarde. No ar, um aroma floral penetrante. No céu, duas luas gigantes: uma cinzenta, guarnecida por anéis luminosos, e a outra amarelada, sem anéis. Estamos imersos num destes cenários alienígenas ultraconvincentes que Gisela adora selecionar quando conversamos a sós via holo. — Desembucha de uma vez.

— Tá bem, Cabeção. Ah, desculpa. Ricky. — Trajando um vestido azul piscina e com os pés descalços enfiados no capim de folhas pequenas e finas, algo semelhante à grama japonesa, parada ao meu lado, ela esboça um sorriso sem graça. — É que estou prestes a enfrentar uma mudança das grandes.

— Sabia que tomaria essa decisão cedo ou tarde. Então, vai se tornar completa?

— Não, seu bobo. — Ela solta uma risadinha. Vira para me encarar, ainda sorridente. — Quer dizer, vou sim. Mas, não é disto que estou falando.

— Então, o que é? Pensei que houvesse decidido fazer a cirurgia.

— Bem, sim. Eventualmente. — Gesticula, atrapalhada. — Mas, não foi o que quis dizer quando falei em mudança.

— Ah, não?

— Não. — Ela sorri outra vez. Estende a mão para acariciar meu rosto, mas desiste no meio do gesto ao recordar que nossos sistemas de holopresença não são tão bons assim. — Não estou falando de uma simples mudança de gênero, mas de uma autêntica metamorfose. Pense numa lagarta virando borboleta.

— Gi, você está começando a me assustar. — Des-

vio o olhar das luas para fitá-la. Começo a erguer os braços para tomá-la pelos ombros, mas me lembro e interrompo o movimento a tempo. — O que vai acontecer contigo?

— Eu e minha família vamos emigrar para o espaço. — Ante meu olhar de censura, levanta as mãos num pedido tácito de desculpas. — Estamos prestes a nos mudar para o Olbers III.

— Cacete.

— Vamos nos tornar espaciais, Ricky.

— Deixar de ser terrestre. — Engulo em seco, desnorteado. — Isto sim, é uma puta metamorfose!

— Meu pai falou que a situação da Terra está se deteriorando cada vez mais rápido e que é só questão de tempo até uma pandemia global ou a falência sistêmica da biosfera varra a civilização terrestre.

— Quanto pessimismo. — Murmuro sem convicção. Ayrton Ribeiro é uma sumidade, do tipo que não costuma dar ponto sem nó. — Mas, espera um instante. Emigrarão, de que jeito? Cidadania plena?

— Cidadania plena. — Assente com um sorriso tímido. — Papai liquidou tudo o que nos restava aqui na Terra e também um bocado do que tínhamos no espaço para adquirir cidadanias para ele e para mim e as minhas irmãzinhas.

— Puxa vida, Gi. — Abano a cabeça sem disfarçar meu desalento. — Por esta eu não esperava.

— Não é o fim do mundo, Ricky. — Outro sorriso. — Só estaremos a trezentos e poucos quilômetros de altitude. Ainda podemos trocar holos e mensagens. Você pode pedir a seus pais para me visitar nas férias. Podia passar uns dias conosco lá em cima.

— Não dará certo. Você sabe como eles se sentem a respeito, né? Fingirão que não se importam, mas, no fundo, considerarão seu pai um traidor da causa da Terra.

— Sinto muito, Ricky. — Ela me encara com lágrimas correndo pelas bochechas. Percebo que meus olhos também estão úmidos. — Fiz questão de que você fosse o primeiro a saber. Artemisa deve anunciar a novidade em nossa classe amanhã.

Ela faz menção de me abraçar. Então, desiste outra vez.

Depois de nos despedirmos, quando o holotanque se apaga e eu me vejo de novo em meu quarto, concluo que Gisela tem razão: mais do que uma mera mudança de gênero, deixar de ser terrestre para virar espacial é uma metamorfose. Uma metamorfose radical.

Sinto-me irritado. Não sei bem o porquê, mas há uma parte minha que se sente traída pela decisão do pai da Gi.

Então, a irritação se converte em amargura quando concluo que sou mais parecido com meus pais do que eu imaginava.

–oOo–

"BEM, CRIANÇAS." — De pé à nossa frente, Artemisa entrelaça os dedos sobre o diafragma ao nos brindar com um olhar que mistura contentamento e pesar. — "COMO ALGUNS DE VOCÊS TALVEZ JÁ SAIBAM, ESTA É A ÚLTIMA SEMANA DA GISELA EM NOSSA CLASSE." — Varre nossos semblantes, decerto escrutinando nossos pensamentos com suas rotinas de análise comportamental. — "NOSSA AMIGA ESTÁ PRESTES A EMIGRAR PARA O HABITAT ORBITAL OLBERS III."

— Pera aí. — Toinho gira em sua poltrona para encarar a menina trans. — Assim, do nada?

Nossa classe tem só quatro alunos. Pela surpresa estampada nas expressões da Isa e do Toinho, constato que Gisela só partilhou o segredo comigo.

— Na verdade, meu pai já cogitava a emigração há certo tempo. — Ela replica, na defensiva. — Depois de estudar uma pá de modelagens climatológicas, ele se convenceu de que nossa biosfera ingressou num estágio terminal. Isto, para não falar dessa pandemia nova.

— Sei. — Toinho suspira com ar impaciente. — As teorias dos espaciais.

— Não importa se as teorias são nossas, dos espaciais ou dos selenitas. — Isabela vira em seu banco para confrontar o amigo de epiderme escura. — O

que importa é se elas são válidas ou não.

— De acordo com nossos próprios noticiários, — meto o bedelho nesse vespeiro, — a situação global vem piorando a cada dia que passa.

— O que você acha, Misa? — Isa lança um olhar inquisitivo ao avatar. — Em sua opinião, a Terra tem escapatória?

— Outra escapatória, que não o Espaçoporto de Alcântara? — Gisela retruca baixinho.

"O QUE EU ACHO? EU ACHO QUE O TÓPICO EM PAUTA AGORA É A DESPEDIDA DA GISELA." — A consciência artificial se esquiva com a maestria de costume. Entre defender seus fabricantes selenitas, quase sempre alinhados às posições políticas e diplomáticas dos espaciais, ou seus contratantes terrestres, Artemisa invariavelmente escapa pela tangente. — "O QUE GOSTARIAM DE FAZER PARA SE DESPEDIR DE NOSSA AMIGA?"

— Tudo bem. Desculpa aí, Gi. — Toinho ergue a mão aberta, esboçando um gesto de conciliação à garota trans. — Quando você, seu pai e as gêmeas subirão para as órbitas baixas?

— Eu, a Luiza e a Claudinha viajamos daqui a nove dias. Papai subirá uma semana depois. Mamãe irá morar conosco lá no Olbers.

— Pretende concluir seu tratamento nesse habitat? — Isa fita a amiga com um olhar tristonho.

— É claro. O Olbers III dispõe das técnicas biomédicas espaciais mais avançadas. Aliás, esse fato pesou bastante na hora de escolher o habitat orbital onde residiremos.

— Mas, você fará o tratamento até o fim? — Isa insiste sem encarar a outra.

— Farei. Vou concretizar o sonho de me tornar uma menina completa. — Gisela sorri com os olhos brilhantes de felicidade. — O melhor de tudo é que os especialistas do Olbers que conversaram com meu pai garantiram que, se por acaso eu me arrepender no futuro, eles conseguem me reverter em menino de novo.

— Não brinca. — Toinho arregala os olhos. — Olha só. Duvido um bocado que eles consigam fazer crescer um pinto novo em você, depois de transformarem o seu numa vulva.

"A MUDANÇA DE SEXO TORNOU-SE UM PROCEDIMENTO CIRÚRGICO, HORMONAL E CELULAR REVERSÍVEL HÁ POUCO MAIS DE UMA DÉCADA." — Artemisa assevera em seu tom de indiferença estudada. — "AS COMUNIDADES DESCOBRIRAM QUE AS CONVALESCENÇAS, TANTO DA CONVERSÃO QUANTO DA REVERSÃO, COSTUMAM SER MAIS AMENAS EM AMBIENTES DE BAIXA GRAVITAÇÃO."

–oOo–

No início do jantar, lanço a notícia como uma bomba:

— A família da Gisela vai emigrar para o espaço.

Nossos pais trocam acenos resignados. O pai dá de ombros, como costuma fazer nas raras ocasiões em que não possui respostas à altura. A mãe exala o ar dos pulmões bem devagar, antes de replicar em tom de desculpas:

— É verdade.

— Vocês já sabiam? — Encaro nossa mãe. Mas é o pai que responde com laconismo atípico:

— Já.

— Afinal de contas, tínhamos negócios com os Ribeiro. — A mãe elabora, sem graça.

— Por que não contaram para a gente? — Carol fita a mãe com um fulgor de acusação nos olhos azuis.

— Julgamos melhor que o... bem, que a amiga do Ricky contasse. — O pai declara com expressão abatida. — Além disso, evitamos tocar no assunto porque nutríamos, até pouco tempo atrás, a esperança de que o plano do Ayrton não se concretizasse.

Permanecemos em silêncio por um bom tempo. Enfim, reúno a coragem necessária para trazer a velha questão à baila pela enésima vez:

— Talvez tenha chegado a hora de seguirmos o exemplo dos Ribeiro.

Excepcionalmente, Carol permanece calada. Mais excepcionalmente ainda, presta apoio, assentindo com um gesto enfático.

Nossos pais não retrucam de bate-pronto, como sempre fizeram no passado ao rejeitar esta alternativa em particular.

Constatando essa hesitação momentânea sem precedentes, resolvo insistir:

— Se quiséssemos, poderíamos emigrar para o espaço, não é?

— Não. — A mãe sussurra num tom quase inaudível.

— Não podemos mais. — O pai abana a cabeça com o semblante estranhamente corado. — Fizemos uma consulta confidencial sobre essa possibilidade há poucos dias. Os espaciais anunciarão hoje à noite a suspensão até segunda ordem de todas as emigrações ainda não contratadas.

— Como é que é? — Fito nossos pais com cara de palerma.

— Por quê? — Carol os encara com olhos sérios.

— Deu merda. — Carlinhos vaticina, resignado.

— Com as quebras de safras nos dois hemisférios, — o pai gesticula, cortando o esporro que a mãe ensaiava aplicar no caçula, — as más notícias da Amazônia e a pandemia desse vírus maldito empilhando milhares de mortos na Ásia e, agora, na Europa e na África, os espaciais resolveram dar um tempo. Uma pausa para repensar sua política de recepção de emigrantes terrestres, como eles próprios colocaram.

— Pelo visto, eles receiam que milhões de terrestres tentem subir ao mesmo tempo. — A mãe suspira, desanimada. — Alegam não ter lugar para abrigar todo mundo lá em cima.

— Além disso, mesmo que eles adiassem essa suspensão, — o pai acrescenta, — o fato crucial para nós é que os espaciais e os selenitas elevaram um bocado as tarifas de treinamento e realocação para nós terrestres. Com nossas empresas e negócios em crise, já não dispomos dos recursos suficientes para bancar nossas emigrações como cidadãos espaciais de primeira classe.

— Sentimos muito, crianças. — A mãe nos fita com os olhos marejados. — Infelizmente, emigrar para o espaço já não é uma opção.

— Me desculpem, meu filhos. — O pai pede com o olhar fixo no tampo da mesa de jantar. — Falhei com vocês.

— Nós dois falhamos. — A mãe começa a soluçar baixinho.

–oOo–

— Artemisa. — Lanço um olhar para a Carolina e o Carlos, esparramados com semblantes desolados na minha cama. Normalmente, não os deixo se aboletarem assim tão à vontade no meu quarto. — Espero que ela atenda.

— Ela sempre responde nossas convocações. — Carol libera um suspiro preocupado.

— É. — Carlinhos assente. — Só que agora é diferente.

No afã de refutá-lo, o holotanque se acende como que por vontade própria, sem manifestação do nosso gerente doméstico, nem o bipe do meu gerente pessoal, que costuma soar imediatamente antes das aparições da nossa consciência artificial favorita.

Artemisa se manifesta com seu avatar de professora séria, mas bem-apanhada e carinhosa. Aparece sentada numa poltrona idêntica à minha, de cabelos soltos sobre os ombros e vestida num macacão largo verde-água.

"BOA NOITE, MENINOS." — Exibe seu sorriso luminoso. — "EM QUE POSSO AJUDÁ-LOS?"

— Gostaríamos que esclarecesse uma dúvida. — Encaro o avatar da consciência tutora. — Nossos pais nos contaram que espaciais e selenitas estariam prestes a decretar uma suspensão na emigração de terrestres para o espaço.

"É VERDADE." — Artemisa assente com olhar grave. — "A DECLARAÇÃO CONJUNTA DAS COMUNIDADES ORBITAIS E SELENITAS, COM A ADESÃO DA FRENTE DE COLONIZAÇÃO

MARCIANA SERÁ VEICULADA À ZERO HORA, HORÁRIO DE GREENWICH."

— Daqui a menos de uma hora. — Carol enuncia o óbvio.

— Puxa, Misa. — Carlinhos ensaia um choramingo quase inaudível. — Por que os espaciais vão proibir as emigrações?

Contemplo o semblante escultural da nossa professora quando ela observa nossas faces antes de responder.

"A SITUAÇÃO DA TERRA SE AGRAVARÁ BASTANTE NOS PRÓXIMOS MESES E NÃO HÁ LUGAR NOS HABITATS ORBITAIS PARA TODOS OS TERRESTRES QUE PRETENDEM EMIGRAR." — Artemisa admite com expressão contrariada. Quase como se ela realmente se importasse. — "TAMPOUCO NAS CIDADES SUBLUNARES."

— Como não há lugar para todo mundo, — Carol franze o cenho, — vocês não deixarão ninguém subir. Por que não organizam uma triagem, uma seleção, sei lá.

"SINTO MUITO, CAROL."

— Faz um certo sentido. — Solto o ar dos pulmões antes de prosseguir. — Afinal, os habitats e as cidades lunares foram construídos com recursos dos primeiros emigrantes.

"GOSTARIA DE EXIBIR UM HOLO PARA VOCÊS." — Artemisa propõe em seu soprano mais suave e conciliador. — "É UM PAINEL MEDIADO POR UM REPÓRTER TERRESTRE, COM TRÊS CIENTISTAS ESPACIAIS. É PROVÁVEL QUE ESCLAREÇA PARTE DE SUAS DÚVIDAS."

Troco um olhar apreensivo com Carol. Ela assente, emburrada, antes de responder:

— Tudo bem. Vamos assistir esse painel.

–oOo–

— ... Por que não fabricar novas estações espaciais? — Rodrigo Fernandes, repórter do Terranova, principal holonoticiário da União Sulina, fita a projetista do habitat orbital Clockwise, Barbara Chiang.

— Decerto que há recursos suficientes na Terra para financiá-las.

— Para quase nove bilhões de habitantes? — Quando Barbara abana a cabeça numa negativa enfática, suas madeixas louras ondulam devagar, denunciando o ambiente de baixa gravitação. — Seria inviável construir tantos orbitais em tempo hábil. Seria preciso décadas de esforço frenético para fazê-lo, enquanto estamos falando de uma crise sem precedentes que se abaterá sobre a Terra dentro em poucos meses. As quebras de safras, as pragas agrícolas e a pandemia do supervírus são apenas o estopim do holocausto.

— Daí o dilema ético das nossas comunidades. — O biosfericista do o'neill Taikosphera, Osiris Palumbo, encara a holocâmera com olhos negros cujas íris modificadas ocupam todo o espaço das escleras. — Quem decidiria que imigrantes aceitar? Porque, na melhor das hipóteses, mesmo se desistíssemos da política da suspensão, as comunidades orbitais e selenitas só conseguiriam absorver algumas centenas de milhares de terrestres antes que a crise ambiental evolua para o nível de hecatombe global irreversível.

— No fundo, até mesmo essa hipótese de trabalho da absorção de umas poucas centenas de milhares se revelaria inviável. — Regina Tickles, gerente do habitat orbital Cosmopolis, dirige um olhar cândido ao repórter. — Como absorver tantos emigrantes não qualificados para a vida em órbita? Impossível. Estaríamos sacrificando nossos ideais e, pior ainda, o nosso próprio futuro, se aceitássemos entulhar nossas comunidades com levas numerosas de emigrantes terrestres despreparados.

— Isto mesmo. — Osiris assente. — Suas políticas tacanhas os levaram à situação atual. Cabe a vocês tentar aplacar ou, pelo menos, postergar a crise ambiental o melhor que puderem.

— Esperem um instante. — Rodrigo gesticula com o semblante anuviado. — Não é possível que não existam soluções para o anseio dos terrestres que desejam emigrar para o espaço.

— Vocês sempre podem construir os seus próprios habitats. Como nossos antepassados e nossos

seniores o fizeram. — Barbara acena com fisionomia de quem começa a se sentir entediada. — Só lhes rogamos que ajam rápido. Porque, de acordo com nossos prognósticos mais brandos e otimistas, vocês terrestres não dispõem de muito tempo.

–oOo–

Meia hora mais tarde, desativo o holotanque antes do painel se encerrar. O gedo restabelece a iluminação ambiente sem que precisemos pedir.

Troco olhares com meus irmãos. Pelo visto, eles se sentem tão incrédulos e abalados quanto eu.

Em pensar que julgávamos ter algum futuro pela frente.

6

Proposta Indecente

"AO CONTRÁRIO DO PROGNÓSTICO DAS AUTORIDADES CHINESAS, O RETROVIRAL WUHAN-40 NÃO SE APRESENTA EFETIVO NO COMBATE À SUPERGRIPE ORIGINADA NOS ARREDORES DE XANGAI QUATRO MESES ATRÁS. ASSISTIR?"

Já estou de saco cheio de ouvir notícias e documentários sobre esse novo coronavírus, cujas taxas de letalidade se assemelham às das primeiras cepas do ebola de fins do século XX. Cada novo informe aprofunda meus receios de que essa pandemia chegue à América do Sul, apesar de todo o esforço que nossas autoridades de saúde andam exercendo contra aquilo que todos consideram uma calamidade inevitável.

— Não. Próxima.

"A UNIÃO SULINA E A FEDERAÇÃO OCIDENTAL ESTABELECERAM ACORDO INÉDITO PARA BARRAR AVANÇOS DAS NAÇÕES NÃO-ALINHADAS SOBRE AS TERRAS DEGELADAS DA ANTÁRTICA. ASSISTIR?"

— Depende. Qual a duração?

"POUCO MENOS DE TRINTA E SEIS MINUTOS."

— Arquivar para assistir mais tarde. — Ante o silêncio momentâneo do gerente doméstico, bate uma pontada de esperança. — Acabou?

"AFIRMATIVO. VOCÊ ASSISTIU UMA NOTÍCIA. DUAS NOTÍCIAS ARMAZENADAS." — O gedo pontifica com paciência infinita de programa desprovido de autoconsciência. — "GOSTARIA DE ASSISTIR AGORA O NOVO HOLO ENVIADO POR GISELA?"

— Claro que sim. Afinal, por que você acha que me dispus a aturar essa batelada de manchetes?

"ENTENDIDO. EM EXECUÇÃO."

O holotanque se ilumina. Gisela aparece de pé à minha frente vestida com um desses trajes colantes que constituem uma das marcas registradas da cultura espacial. Um colante inteiriço rosa chá. Talvez seja só impressão minha, mas sua postura e anatomia já me parecem mais femininas do que quando era terrestre. Está em sua própria residência no habitat orbital e não em um daqueles ambientes ficcionais multicoloridos que costumava conjurar antigamente.

"— Olá, Ricky." — Ergue a palma da mão envolta no traje inteiriço para me saudar. — "Espero que tudo esteja bem aí embaixo para você, sua família e os nossos amigos."

Em tese, poderíamos conversar online. Pois, embora o habitat orbite a Terra a cada duas horas e pouco, os espaciais espalharam uma série de estações repetidoras nas órbitas baixas com o justo propósito de possibilitar comunicações online, ou quase. Só que esse serviço não é barato. Gisela já havia dito que seu pai concordou em pagar as holochamadas sempre que as filhas quisessem matar as saudades dos amigos terrestres. Como bons pobres orgulhosos que são, meus pais me proibiram de aceitar o favor. Assim, esta transmissão terá seus custos divididos entre remetente e destinatário. Convém mencionar que as tarifas são consideravelmente menores para residentes das OB.

"— Antecipei nosso contato em três dias porque

preciso lhe transmitir uma novidade." — O sorriso tímido destoa do seu olhar preocupado. — "Descobri que os espaciais estão planejando algo em relação à Terra."

Grande novidade. Os espaciais estão sempre tramando algo contra a Terra. Se não fosse assim, não seriam espaciais.

Estranho Gisela se referir aos cidadãos do espaço na terceira pessoa. Porque, no que me tange, ela é uma espacial agora.

"— Não sei exatamente do que se trata. Meu pai diz que não sabe de nada, mas desconfio de que esteja sonegando informações. Afinal, ele foi convidado a participar do comitê de coordenação do Olbers III." — Gisela esboça um gesto de desculpas. — "Uma coisa eu consegui descobrir: esse plano dos espaciais não se limita ao nosso habitat. É algo que envolverá todas as comunidades espaciais e as selenitas também. Tentei pesquisar na inforrede do Olbers, sem grande sucesso. Ouvi referências a algo que os diretores locais se referem como 'A Proposta'. Com inicial maiúscula. Mas, não consegui destrinchar o teor da mesma."

Adoraria poder fazer perguntas direto para ela. Por que é possível que ela saiba mais do que imagina e não se dê conta. Além disso, como aprendemos com Artemisa, há ocasiões em que uma boa sessão de brainstorming leva a conclusões inusitadas, que nenhum dos participantes atinaria sozinho.

"— O que quer que seja, sinto que esse plano ou proposta será revelada em breve."

Esse último comentário só serve para espicaçar ainda mais a minha curiosidade.

"— Sinto muito por não possuir o nível de acesso necessário para descobrir do que se trata." — Ela me dirige um olhar tristonho. — "Torço para que seja algo bom para a Terra. Um plano para consertar nossa biosfera, ou algo do gênero."

Não consigo imaginar tamanha generosidade por parte dos espaciais. Mas, enfim, sonhar não custa.

"— Outra coisa, Ricky." — Ela me encara com o semblante grave. — "E mais grave."

Opa. Lá vem bomba.

"— Essa Covid-91 vem causando mais mortes do que os governos e a ONU estão divulgando aí embaixo." — Gisela toma fôlego antes de prosseguir. — "Os governos da Federação e da União estão ocultando a gravidade real da pandemia para não semear pânico às populações das Américas e da Oceania, as duas únicas regiões da Terra que ainda parecem livres do SARS-CoV-37. Até agora. Porque todo mundo aqui em cima crê que o supervírus atingirá esses santuários. É só uma questão de tempo."

No fundo, eu já sabia disso. Dois mais dois são quatro.

"— A China sozinha já atingiu a cifra de cem milhões de mortos. Não estamos recebendo informes confiáveis dos nossos representantes na Índia, mas, pelo que pudemos observar daqui de cima, a situação é ainda pior do que a chinesa." — Ela começa a soluçar baixinho. Então, recobra o controle e enxuga os olhos nas costas das mãos envoltas em seu traje diáfano. — "Eu daria qualquer coisa para que você estivesse aqui comigo. Quer dizer, que você e sua família estivessem aqui conosco."

–oOo–

Três dias mais tarde, eu, meus irmãos e nossos pais sentamos em frente ao holotanque da sala de estar para ouvir a tal proposta das estirpes espaciais. Embora o teor ainda constitua um mistério, o conceito de que os cidadãos do espaço farão uma proposta qualquer à humanidade terrestre já se espalhou sob a forma de boato nas redes sociais como uma maré incontrolável, cuja crista se exibe repleta de fakenews e informações desencontradas.

Na hora combinada, dezessete em ponto pelo horário de Brasília, o holonoticiário que assistíamos é interrompido pela presença fulgurante de Nathalia Aardwolf, porta-voz emérita da Confederação das Comunidades Espaciais e Selenitas. Dizem as más línguas que Nathalia emigrou para o espaço ainda bebê. Outros alegam que Natty é espacial de segunda geração. Nossos pais juram de pés juntos que a sujeita não passa de um avatar. Segundo a mãe, "mulher real alguma, terrestre ou espacial, conseguiria

ser tão perfeita assim".

Em minha opinião, anatomicamente falando, exceto quanto aos cabelos louros cacheados adoráveis e a epiderme rosada, Nathalia até que parece um bocado com a nossa boa e confiável Artemisa.

"— Saudações, meus amigos terrestres." — A porta-voz exibe o sorriso esplendoroso, venerado em todo o Sistema Solar. É possível que a mãe tenha mesmo razão. Nasty Natty parece boa demais para ser de verdade. Observo a designação "Natty Aardwolf" cintilar por cinco ou seis segundos sobre o ombro da espacial. — "Antes de mais nada, em nome das comunidades espaciais e selenitas, manifesto o sentimento de preocupação com o futuro do vasto segmento terrestre da humanidade. Sabemos que, de uns tempos para cá, muitos de vocês passaram a nutrir o anseio de emigrar aqui para cima. Infelizmente, como lhes foi explicado ao longo destes últimos meses, a ideia da emigração em massa não é exequível."

— Grande novidade. — Carol abana a cabeça, impaciente.

— Tamos ferrados. — Carlinhos resmunga entre os dentes.

— Carlos Eduardo. — A mãe vocifera com irritação protocolar. Afinal de contas, o caçula não pegou tão pesado quanto de hábito.

— Esse menino está virando um tremendo pivete! — Carol esgrime sua versão piorada da mãe.

— Psiu. — O pai estrila sem desgrudar os olhos da space beauty.

"— A biosfera terrestre está se tornando mais hostil e imprevisível a cada semana que passa. Mesmo sem a pandemia Covid-91, com as pragas que destroem as colheitas de grãos na Ásia e nas Américas, vocês já se veriam em dificuldades trágicas. Nossas previsões mais otimistas indicam que a civilização global terrestre ultrapassou seu limite. Dentro em seis meses, a população mundial estará reduzida a menos de um bilhão de indivíduos." — Natty suspira fundo. — "Há muito pouco que possamos fazer para salvar a todos. No entanto, cremos que alguns milhões possam ser salvos."

Um habitat cilíndrico aparece ao lado da beldade espacial. Ela fita o holograma com uma expressão apreciativa algo canastrona. Então, percebo as três estruturas cônicas que se projetam de forma conspícua da base do cilindro. Até pareceriam propulsores, se não fossem tão grandes. Será que a escala está correta?

"— Não podemos receber trinta milhões de cidadãos terrestres em nossos habitats. No entanto, é possível colocar trinta milhões de humanos em estado de animação suspensa, trazê-los aqui para cima e resguardá-los, enquanto construímos lugares para eles morarem. Não simples habitats orbitais, mas naves. Naves estelares."

Natty sorri pela primeira vez.

"— Vocês e seus antepassados optaram pela Terra, enquanto os nossos escolheram o espaço. A vida dura fora do berço da humanidade. Respeitamos a decisão da maioria. No entanto, não há outra Terra no Sistema Solar." — Ela gesticula em direção ao holograma da nave estelar. — "Porém, sabemos da existência de um mundo biótico num sistema próximo. Neste sentido, nós nos comprometemos a construir uma frota de mil naves para levá-los até Tellus, o planeta rochoso orbitante na zona habitável de Alpha Centauri A. Há indícios vigorosos de que Tellus possui uma biosfera nativa. Uma ou duas décadas após a partida dessa Esquadra da Esperança, enviaremos sondas automáticas capazes de ajudar os novos colonos a adaptar essa biosfera telúrica às necessidades humanas. A bordo dessas arcas estelares gigantescas, os colonos levarão consigo todo o material e os insumos necessários para restabelecer a civilização global em Tellus."

Nossos pais trocam olhares preocupados. Ambos já concluíram que essa epopeia do Sistema Solar até Alpha Centauri não levará poucos anos e tampouco nos será facultada de mão beijada. Aposto que já começaram a calcular se disporemos de recursos para bancá-la.

"— Eis a proposta que oferecemos a cerca de trinta milhões de cidadãos da Terra." — Nathalia lança

um olhar pensativo à nave estelar cilíndrica. — "Embarcar em uma nave da classe New Hope e se tornar colono de um mundo biótico virgem e inexplorado. Um planeta inteiramente novo, onde um segmento da população terrestre terá a oportunidade de recomeçar. É disso que falamos. É isto que lhes oferecemos. Um novo começo. Uma maneira de preservar um segmento a cultura e do estilo de vida terrestre."

— Salvar uns míseros trinta milhões e deixar o resto da Terra à míngua? — O pai cerra os punhos sobre os braços da poltrona. — Aardwolf filha-da-puta!

Aturdida, a mãe não cogita repreendê-lo.

"— A Confederação das Comunidades Espaciais e Selenitas acaba de transmitir os detalhes do Projeto Esperança aos seus governos, universidades e meios de comunicação. Solicitamos que assistam esse holo tão logo tenham acesso. Discutam suas opções entre si. Estaremos abertos a qualquer sugestão razoável quanto aos métodos de seleção de candidatos ao embarque, na hipótese de haver um excedente de interessados. Aguardem nossos próximos informes. Obrigada pela atenção. Até breve."

Esses malditos querem nos arrancar da Terra!

Passado o primeiro surto de indignação e revolta, caio em mim: a culpa não é dos espaciais. Nós terrestres somos os artífices da nossa própria desgraça.

–oOo–

Após a confirmação fartamente documentada fornecida nas transmissões das estirpes espaciais, a ONU e as lideranças da União Sulina e da Federação Ocidental desistem das tentativas vãs de abafar as notícias sobre a pandemia. São obrigados a admitir o que muitos já suspeitavam, mas temiam verbalizar: a Covid-91 já ceifou mais de um bilhão de vidas humanas na Ásia e quase trezentos milhões na Europa e no Oriente Médio.

Como nossos líderes desalmados conseguiram esconder essa mortandade medonha por mais de três meses? Como ninguém conseguiu divulgar?

Vislumbramos pela primeira vez os holos apavorantes de milhares e milhares de mortos empilhados como lixo nas ruas de Délhi. Os hospitais superlotados em Beijing e Xangai, protegidos por soldados pesadamente armados, submetidos ao sítio apertado de milhões de moribundos, genuínos mortos-vivos, desprovidos de qualquer réstia de esperança. A cena apocalíptica em torno de um hospital de campanha na capital chinesa, onde militares abrem fogo contra os sitiantes do alto de carros blindados. As rajadas contínuas das metralhadoras ceifam milhares de vidas, mas o grosso da população permanece avançando como uma turba de lemingues. Lançadores de granadas disparam seus petardos contra os atacantes. Explosões de fogo arrancam cadáveres e fragmentos de corpos da multidão às dezenas, enfim estancando o ataque. Já na Europa, o centro de Paris está transformado em cidade fantasma, depois que seus habitantes fugiram para o interior da França, levando a infecção consigo.

O pai ainda cogita censurar os piores horrores dos holonoticiários, no afã de salvaguardar a inocência de sua prole.

— Devemos deixar que assistam. — A mãe suspira, desalentada. — Eles precisam saber. Fará parte do aprendizado.

No fim, os dois chegam a um consenso: eu e Carol somos autorizados a consumir a versão sem cortes destes primórdios do holocausto da Terra. Carlinhos ficará com a versão light.

–oOo–

As cenas que assistimos nos dias seguintes ficarão marcados em nossas memórias até o fim de nossas vidas, não importa o quão longas essas sejam ou em que paragens aportemos.

Centenas de milhares de doentes prostrados em macas improvisadas, em hospitais de campanha montados às pressas em estádios, templos, universidades, casas de espetáculo, em diversas metrópoles asiáticas, europeias e africanas. Tão próximos uns dos outros que o contágio das próprias equipes médicas se converte em certeza. Sobretudo, ante a carência absoluta de equipamentos de proteção individual. A infecção exibe taxas de mortalidade superiores a cinquenta por cento. Como não há vaci-

nas contra esse novo coronavírus, a única forma de combater a pior pandemia da história é o isolamento social absoluto. Só que, na maioria dos países dos dois superblocos, a quarentena é decretada tarde demais, uma vez que grande parte dos infectados com a moléstia não exibe sintomas nos primeiros dias.

O que falar então das inúmeras cenas de saques, depredações e incêndios em shoppings, armazéns e supermercados, à medida que a logística de distribuição e a infraestrutura das nações atingidas pela supergripe desaba sob seu próprio peso?

Contemplamos essa hecatombe dantesca em nossos holotanques ao longo das horas e dias seguintes ao anúncio do Projeto Esperança.

Para eu, Carol e nossos pais, a gravidade da Covid-91 constituiu um choque de realidade traumático e, mais do que isto, uma lição de humildade.

–oOo–

Uma semana após a proposta das estirpes espaciais, nossos pais nos convocam para uma reunião solene na biblioteca. O ar grave em seus semblantes não prenuncia nada de bom.

— Como suspeitávamos, — o pai inicia a conversa, mal nos acomodamos nas poltronas, — o embarque nessas naves da esperança não se dará a título gratuito. Ao contrário, a admissão como hibernauta na Esquadra de Colonização custará os olhos da cara.

— Ou doutro lugar, que o sol não ilumina. — Carlinhos opina, escatológico como sempre.

— Carlos Eduardo Marinho de Almeida Mendonça. — A mãe pontifica com o dedo em riste. — Peço pela enésima vez que se esforce para evitar este tipo de palavreado. Você está se tornando incorrigível.

— Foi mal, mãezinha.

— Já passamos da fase das desculpas. — A mãe sentencia. — Seu castigo será uma semana sem acesso aos hologames.

— Por favor, mãe. Isto, não.

— Gedo?

"EM EXECUÇÃO." — O carrasco implementa a sentença da juíza.

— Voltando ao que importa, nós temos condições de bancar nossas admissões, não é? — A voz da Carol soa insuportavelmente esganiçada aos meus ouvidos.

— Sim e não. — O pai esboça um sorriso apático.

— Como assim? — Encaro nossos pais sem disfarçar meus receios. Porque essa resposta dúbia só pode significar uma coisa.

— Não conseguiremos embarcar os cinco. — A mãe confirma com o semblante abatido. — Porém, liquidando quase tudo o que possuímos na Terra e em órbita, teremos condições de financiar o embarque de vocês três. Segundo as análises dos nossos consultores espaciais, graças aos seus tratamentos de incremento cognitivo, vocês têm chances razoáveis de serem aprovados no processo de seleção.

— Mas... — Carol começa a soluçar como uma bebezinha. — Não podemos partir sem vocês.

— Vocês podem e vão partir sem nós, Ana Carolina. — O pai faz uma pausa para tomar fôlego. — É o único jeito possível. Portanto, essa será a estratégia que adotaremos.

— E quanto a vocês? — Mordo os lábios numa tentativa vã de engolir o choro.

— Nós permaneceremos aqui na Terra. — A mãe enxuga as lágrimas nas costas das mãos. — Por favor, não façam essas caras de cachorrinhos perdidos na mudança. A humanidade terrestre sofrerá um baque violentíssimo. Bilhões de mortes. Mas, não vamos nos extinguir. Mesmo antes de vocês partirem rumo a Alpha Centauri, converteremos nossa casa num bunker. Eu e Edu ficaremos bem. Não se preocupem: nós sobreviveremos.

— Mas, mãe, — Carol funga alto, — nós nunca mais veremos vocês.

— Quando despertarmos em Alpha Centauri daqui a um século, — sinto as lágrimas molhando minhas bochechas, — vocês já terão... — Não consigo

concluir o raciocínio.

— Nós já teremos morrido? — O pai arreganha seu melhor sorriso estoico. — É possível que sim, Ricardo. Não só possível, como provável. Porém, como diz o velho ditado, "jamais diga jamais".

–oOo–

A mãe e o pai decidiram nos inscrever no Projeto Esperança à nossa revelia e não admitiram discussão a respeito. Os pais da maioria dos nossos amigos adotaram estratégias similares. A única exceção foi os pais da Isa e do Julinho. Ao que nos consta, os Alves Martins são os únicos da nossa pequena comunidade capazes de bancar a migração da família inteira para Alpha Centauri. Todos os sete embarcarão como hibernautas. Inclusive, o marido da filha mais velha. Não supus que eles estivessem tão bem assim. Quem sabe, não reencontro a Isa lá em Tellus?

Por incrível que pareça, as manchetes terríveis sobre as vítimas da Covid-91 e os últimos efeitos catastróficos da crise ou hecatombe ambiental cederam lugar à discussão avassaladora sobre a proposta das estirpes espaciais. A mídia noticiosa global não fala doutra coisa:

— Quais as chances de uma nave da esperança chegar incólume a Alpha Centauri? Os projetistas espaciais afirmam que as chances serão bastantes razoáveis, da ordem de noventa por centro, graças aos sistemas de redundância que serão instalados a bordo.

— Em caso de pane nos sistemas de uma nave, as tripulações das demais poderão prestar auxílio? De acordo com os engenheiros de um estaleiro espacial de grande porte situado no asteroide Hidalgo, responsáveis por parte do projeto, em princípio, sim.

— Tellus é realmente habitável? Os biosfericistas selenitas declararam que o planeta muito provavelmente possui atmosfera respirável. Grau de certeza: 91%.

— Qual será o plano B se, por algum motivo, os colonos não puderem se radicar em Tellus? Selenitas e espaciais asseveram que o Projeto Esperança enviará sondas inteligentes para assessorar os colonos. A se crer neles, as tais sondas poderão, inclusive, terraformizar Tellus para deixá-lo mais parecido com a Terra. Quer dizer, do jeito que a Terra era antes de nossos pais e avós a arruinarem. Segundo eles, na pior das hipóteses, a terraformização de Tellus demandará três décadas. Portanto, como são menores e mais velozes do que as naves da esperança, as sondas alcançarão Alpha Centauri mais cedo do que a esquadra de naves tripuladas e já terão concluído o megaprojeto de terraformização antes da chegada dos colonos, se esse se mostrar de fato necessário.

— As naves da esperança serão inteiramente automatizadas? Em absoluto. Cada nave disporá de uma tripulação reduzida constituída por espaciais. Os integrantes dessas tripulações se revezarão no serviço de pilotagem e controle, enquanto os demais tripulantes e todas as dezenas de milhares de colonos estiverem hibernando.

Pelo menos à primeira vista, de acordo com a versão açucarada fornecida pelas estirpes espaciais, o Projeto Esperança parece à prova de falhas. Contudo, nem mesmo o Carlinhos ignora que, como afirma o velho ditado, "a teoria na prática é outra."

Aliás, ele anda eufórico com o Projeto Esperança. Não se farta de se gabar das maravilhas da "tecnologia espacial".

No que nos diz respeito, nós três estamos um bocado assustados com a perspectiva de abandonar a Terra para sempre, deixando nossos pais para trás. Porém, confesso que uma parte ínfima da minha personalidade, talvez nem tão ínfima assim, surpreende-se entusiasmada com a noção de empreender uma viagem interestelar. A primeira da história da humanidade.

Só que primeiro precisamos passar na seleção rigorosa que os espaciais nos submeterão a partir da semana que vem.

Artemisa garante que nossas chances são excelentes. Do jeito que ela fala, ao que parece, essas chances não se devem apenas à nossa notória "inteligência superior". Talvez essa consciência artificial espertalhona saiba de algo que ignoramos.

Começaremos a enfrentar uma batelada de exames, questionários e avaliações na próxima segunda-feira. Só espero que nosso irmãozinho não fale muita besteira. Um dos meus maiores temores é que eu e Carol sejamos aprovados e ele não. Seria inconcebível deixá-lo para trás.

Enfim, só nos resta aguardar para ver o que o futuro nos reserva.

–oOo–

"CHAMADA URGENTE DO OLBERS III." — O gerente doméstico trombeteia em tom grave através dos auriculares implantados em meus pavilhões auditivos. Desta vez não cogita forçar a súmula noticiosa goela abaixo. — "PARA VOCÊ E SEUS IRMÃOS."

— Esquisito. — Ainda não me recobrei inteiramente do bypass da súmula. Pela hora, já era para o apanhado noticioso diário estar "disponível". Que prioridade é essa tão urgente, a ponto de fazer o gedo pôr as manchetes de lado? Então, relaxo e dou de ombros. Fazer o quê? — Gepê, chame os pirralhos.

"EM EXECUÇÃO." — Meu gerente pessoal confirma numa voz mais rica e amistosa do que a do gedo.

Os dois chegam com ar ressabiado em menos de um minuto. Pela minha cara, percebem que a coisa é séria e que a convocação não foi ideia minha. Portanto, não replicam quando lhes indico que se acomodem na minha cama.

— O que a Gi quer conosco? — Carol arqueia a sobrancelha com expressão inquisitiva teatral.

— Descobriremos em breve. — Assinto da minha poltrona e então giro, colocando-me de costas para eles. — Ativar o holotanque.

O aparelho acende. O logo do fabricante chinês se expande, mas é interrompido abruptamente pela aparição súbita da Gisela. Ela se encontra no interior de seus aposentos pessoais, no apartamento espaçoso que a família dela recebeu no habitat orbital. Veste uma saia curta rosada e uma blusa verde-água de mangas curtas. Aparece sentada numa poltrona anatômica high-tech.

"— Olá, Ricky." — Ergue a mão direita. — "Como vai, Carol? Carlinhos?"

— Oi, Gi. — Remexo-me na poltrona. De qualquer modo, é melhor do que me espremer na cama com a pirralhada. — Como tem passado?

— Que roupas maneiras, Gisela. — Minha irmã não disfarça a admiração.

"— Obrigada, Carol." — Ela sorri. Então, volta a me fitar. — "Há muito tempo não me sinto tão bem."

— Já virou menina de verdade? — Carlinhos dispara à queima-roupa. Inconveniente como de hábito.

"— Estou virando." — Ela solta uma risadinha.

Eu e Carol trocamos olhares embaraçados. Quanto será que nosso irmãozinho vai crescer?

— Alguma novidade? — Indago, impaciente com o rumo que esta conversa está tomando. — Nosso gedo falou que a chamada era urgente.

"— Trago boas notícias para os Mendonça." — Gisela assente com ar grave.

Neste instante, o foco da sua holocâmera abre e nós reparamos na presença da figura esbelta de Ayrton Ribeiro de pé num traje inteiriço impecável cinza grafite. O dublê de magnata e gênio científico sorri ao nos cumprimentar em silêncio. Então, aponta com o indicador direito para o próprio tórax e leva o esquerdo aos lábios, pedindo que permaneçamos calados.

Giro na poltrona para repetir o gesto com mais ênfase aos meus irmãos. Pelo visto, os Ribeiro pretendem nos transmitir algo importante e não querem que seus cupinchas espaciais descubram.

"— Será que vocês poderiam chamar seu pais?" — Gisela solicita com voz mais cândida das Órbitas Baixas.

— Gepê. — Sussurro entredentes.

"EM EXECUÇÃO." — Perspicaz, meu gerente assume o pedido da Gi como uma ordem minha.

— Peçam que entrem em silêncio.

O pai e a mãe chegam de mãos dados e expressões alertas estampadas nos rostos. Cumprimentam Ayrton com gestos e esse repete o pedido tácito de silêncio. Nossos pais assentem com fisionomias tensas.

"— A boa notícia", — após uma troca de olhares com o pai, Gisela retoma a palavra como se nada de mais houvesse acontecido, — "é que vocês três terão seus ingressos aprovados na Esquadra da Esperança. Parabéns, Família Mendonça."

O pai ergue os punhos cerrados e os brande como se comemorando um gol da seleção em final da Copa do Mundo, nos bons e velhos tempos do Maracanã que, infelizmente, não vivi. Só que não grita. Ayrton ergue o punho direito em solidariedade aos amigos. Em seguida, gesticula com os dois polegares voltados para cima.

É verdade mesmo? — A mãe indaga movendo os lábios sem emitir sons, enquanto se esforça para conter o riso.

Ayrton sacode a cabeça de cima para baixo num assentimento empolgado.

Nossos pais prestam reverências à moda oriental ao velho amigo que se tornou cidadão e hierarca das comunidades espaciais. Vira-casaca pra lá de leal.

Depois de alguns momentos, Ayrton acena em despedida e desaparece do holotanque. Ao que tudo indica, não esteve realmente nos apê da Gi. Nossos pais percebem a deixa e se despedem da nossa amiga com reverências silenciosas e um brilho de felicidade nos olhos.

Quanto voltamos a ser só nós quatro em meu quarto, por assim dizer, Gisela suspira fundo.

"— E, então? Felizes?"

— Um bocado. — Reconheço. — E apavorados, também.

"— Tudo vai dar certo." — Ela esboça um sorriso melancólico. — "Vocês serão postos para hibernar daqui a um ou dois anos e despertarão em Alpha Centauri daqui a pouco mais de um século."

— Não sei. — Abano a cabeça. — Ouvimos boatos de que Tellus é uma super-Terra. Os selenitas desmentiram bem rápido. Mas, se for verdade, então a gravitação deve ser bem maior do que a terrestre.

"— Pelo que ouvi falar aqui em cima", — Ela sussurra em tom de confidência, — "até um ponto dois gê, vocês tirarão de letra. Na nossa idade, até um ponto quatro, dá para se adaptar numa boa. A partir disso, precisarão se submeter a um desses tratamentos de adaptação dos espaciais."

— Adaptação para suportar gravitações elevadas? — Carol franze a testa. — Nem sabia que existia tratamento para isso.

"— As estirpes espaciais produziram um monte de avanços científicos e inovações tecnológicas nas áreas mais diversas." — Gi prossegue em suas revelações. — "Meu pai desconhecia por completo a maioria desses avanços enquanto ainda residíamos aí embaixo."

— Caramba. — Encaro nossa amiga espacial com cara de idiota.

Ayrton Ribeiro sempre se notabilizou como um entusiasta da cultura espacial. "O mais espacial dos terrestres", como nossos pais costumavam brincar. Sempre falaram isto como se em tom de elogio. Só que nunca foi de fato. Se o próprio Ayrton ignorava um punhado de descobertas científicas cruciais dessas estirpes, é provável que bem poucas pessoas na Terra saibam delas.

— Dê um exemplo. — Carlinhos solicita com todo o pragmatismo dos seus sete anos de idade.

"— Um exemplo? Está bem." — Gi fita meu irmão como se ele fosse algo além de um pirralho bobalhão. — "Várias estirpes espaciais podem regenerar novos braços e pernas a partir de um coto de amputação."

— Como é que é? — Carol arregala os olhos. — Você quer dizer, como um teiú com uma cauda nova?

"— Muito melhor do que isto." — Gisela sorri. — "Como um caranguejo que produz uma pata nova para substituir a original perdida."

— Incrível. — Giro na poltrona para trocar um olhar rápido com meus irmãos. Tudo bem. Os dois aguentaram o tranco. — Como é que nunca soubemos disso aqui embaixo?

"— Até bem pouco tempo, os espaciais não faziam questão alguma de que a Terra soubesse de um montão de coisas."

— Percebo. — Engulo em seco ao concluir o óbvio. Não sentem mais necessidade de preservar seus segredos. Afinal, já somos cartas fora do baralho. — Só que a situação mudou, não é? Agora, espaciais e selenitas já não se preocupam mais com o que nós terrestres sabemos ou ignoramos.

"— Pois é." — Nossa amiga esboça um sorriso tristonho.

— Conte outro segredo dos espaciais, Gi. — Carlinhos solicita, todo pimpão.

"— O.k." — Ela pisca o olho para mim. — "As estirpes espaciais não se limitaram a ocupar a órbita da Terra e o subsolo de Luna."

— Exato. — Nosso irmão reage de bate-pronto. — Eles estão colonizando Marte, também.

"— É verdade." — Gisela replica com expressão séria. — "Só que a colonização de Marte é fruto de um esforço particular das comunidades selenitas, aliados a uns poucos espaciais dissidentes. Um esforço que não é visto com bons olhos pelas populações dos orbitais."

— Imagino que não. — Libero o ar dos pulmões aos pouquinhos. — Esses espaciais linhas-duras não desejam estabelecer nada que se assemelhe a uma nova Terra.

"— Isto mesmo." — Gi admite, cabisbaixa. Lealdade dividida é uma merda. — "Pelo menos, não em seu próprio quintal."

— Certo. — Carol gesticula no afã de afastar essa questão política árida, a seu ver, irrelevante. — E onde mais os espaciais se meteram?

"— Nos asteroides. Há centenas de asteroides habitados. Isto para não falar das comunidades florescentes instaladas em Europa, Ganimedes, Calisto, Titã e Tritão. Em suma: eles se espalharam por todo o Sistema Solar."

— Isto não constitui exatamente um segredo. — Replico. — Já havia ouvido falar da presença deles nos asteroides. Artemisa nos contou.

"— Eu também." — Gisela assente. — "Só não imaginava a extensão dessa ocupação." — Ante nossos olhares inquisitivos, resolve esclarecer. — "Há milhões deles lá fora, naqueles asteroides."

— Milhões? — Carol se esforça para fechar a boca.

"— Dois ou três milhões." — Ela acrescenta. — "Nem as estirpes espaciais propriamente ditas conhecem os números exatos."

— Espere um instante. Esses caras não se consideram espaciais? — Brindo nossa amiga com um baita olhar incrédulo.

"— Mais ou menos. Consideram-se membros das estirpes espaciais, quando querem se distinguir de nós, terrestres." — Ela abana a cabeça ao me fitar com olhar inquieto. — "Porém, em geral, preferem referir-se a si mesmos como 'asteroidais'. 'Asters' é a forma abreviada aceita em português.

— Aposto que são belters em inglês. — Após a deixa dela e perante o velho clichê da ficção científica, é impossível controlar o riso nervoso.

"— Isto mesmo." — Gisela me banha com um olhar terno. — "Esperto como sempre, Ricky."

— Não exagere, Gi. — Carol exibe seu sorriso cínico padrão. — Ele provavelmente já assistiu um holo com narrativa similar.

— Na verdade, alguns romances clássicos de ficção científica escritos por Larry Niven e seus seguidores. — Lanço uma piscadela marota à irmã pernóstica. — Simples e-books que li no original. Sabem como é, old school.

— Ah, moleque! — Do seu lado da cama, Carlinhos vibra com minha suposta proeza.

— Espere um instante. — Carol ergue as mãos espalmadas. — Se há pelo menos dois milhões desses

tais asters, dos quais nem sequer havíamos ouvido falar, quantos humanos existem ao todo aí em cima?

"— Esta é a questão crucial." — Gisela assente com ar grave. — "A resposta é: não sei ao certo. É uma pergunta que tenho feito a mim mesma com certa insistência desde que cheguei ao Olbers. Após algumas pesquisas preliminares, eu diria que há pelo menos vinte milhões de pessoas fora da Terra."

— Vinte milhões? — Sinto os pelos dos meus braços se arrepiarem.

"— Pelo menos. Provavelmente, mais do que isto."

— Não sei como pudemos nos manter tão ignorantes em relação a essa autêntica diáspora Sistema Solar afora. — Abano a cabeça no afã de espantar a incredulidade. — Se bem que, nas últimas décadas, a Terra precisou se confrontar com seus próprios percalços.

— Percalços demais para o meu gosto. — Carol retruca com o azedume habitual.

"— Vou sentir falta dessa brigalhada de vocês." — Gisela se esforça para manter as lágrimas dentro dos olhos. Enfim, acaba se entregando a um pranto tranquilo. — "Mas, também sinto um bruto orgulho. Tomarão parte da primeira expedição estelar da história."

— É o que nos restou. — Murmuro, emocionado.

— Fico preocupada com nossos pais. — Carol funga baixinho.

— Os velhos vão tirar essa hecatombezinha e a supergripe de letra. — Carlinhos solta uma risadinha insegura.

"— Os estudos mais pessimistas dos selenitas afirmam que haverá sobreviventes na Terra. Relativamente poucos, é verdade." — Gisela declara com olhar solene. Então, exibe um sorriso tímido. — "Carlinhos está certo. Meu pai vive repetindo que os Mendonça são sobreviventes natos. Revelaram-se capazes de florescer em meio às maiores dificuldades desde a época do Império."

— Espero que seu pai tenha razão mais uma vez. — Bufo na tentativa pífia de recobrar o ânimo.

"— Olhem só. Considerando os avanços futuros da biotecnologia espacial, é perfeitamente possível que eu esteja viva quando vocês despertarem lá em Alpha Centauri. Pelo sim, pelo não, peço que tentem entrar em contato comigo quando acordarem naquele sistema triplo. Lógico que eu serei então uma hierarca extremamente sábia e renomada, enquanto vocês ainda serão os mesmos bobalhões de sempre. Porém, mesmo assim, prometo guardar palavras de carinho para meus amigos queridos do século passado."

— Perfeitamente, Vossa Hierarquia Espacial. — Não consigo conter o sorriso amarelo. — Pode deixar que eu vos procurarei com o intuito de recorrer à vossa suma influência.

— Muito obrigada, Gisela. — Carol balbucia, excepcionalmente sem palavras.

— Você é dez, Gi. — Carlinhos ergue o polegar com ar compenetrado em sua fisionomia infantil.

–oOo–

A merda do sono desaparece meia hora antes do dia clarear. Rolo na cama. Tento relaxar na esperança de apagar de novo. Quando concluo que a tática não está funcionando, resolvo acordar de vez. Levanto em silêncio e desço para o desjejum solitário na copa.

Às vezes até que é legal preparar meu próprio café da manhã domingo bem cedinho, sem ninguém para opinar sobre o que eu posso ou não posso comer. Quer dizer, ninguém exceto esse traíra filho-da-puta do gedo. De qualquer forma, se eu resolver desfrutar de uma porção caprichada de parma, ele só poderá contar a meus pais depois que eles acordarem. Então, Inês já estará morta, pois já terei digerido o petisco proibido e a mãe se limitará a me pagar um esporro.

Peço que não me entendam mal. Não pretendo fazer dessas madrugadas insones um hábito.

Ao passar da copa para a cozinha, surpreendo-me com Iron Mike sentado à mesa com um copo de leite puro na bandeja, uma xícara de café fumegante à mão, um prato com uma pilha respeitável de torra-

das amanteigadas ao lado e um tablet aceso com seu jornal predileto na outra mão.

— Oi, Mike. — Passo por ele, abro a geladeira, sirvo-me de um copo de leite gelado e agarro um caqui maduro. Acho que ele não se importará se eu beliscar uma dessas torradas apetitosas do seu prato.

— Fala, Ricky. — Ele me saúda, fitando-me com um décimo da atenção que dedica às notícias e erguendo a xícara de café num brinde distraído. — Caiu da cama hoje?

— Exato. Por quê? Ouviu o barulho?

— Imagina. — Esboça um sorriso maroto. — Sei como é. Quando estou preocupado, também costumo perder o sono.

— Pois é.

— Então? Preocupado com o embarque rumo a Alfa do Centauro? — Mordisca uma torrada com o olhar pensativo.

— É. — Mike é o único sujeito que eu conheço que ainda insiste em chamar o sistema triplo de Alpha Centauri desse jeito. — Um pouco.

— Relaxa. — Desliga o tablet e toma outro gole de café. — No fim, tudo dará certo.

— Ambos sabemos muito bem que nem todas as histórias têm final feliz.

— É verdade. — Ele pisca o olho. — Desculpa aí. Só estava tentando te animar um pouco.

— Valeu a tentativa. Porém, se é assim, por que não me conta uma de suas histórias da Guerra da Amazônia?

— Puxa, Ricky. Você já conhece todas as minhas histórias de cor e salteadas.

— Não me importo em ouvi-las de novo. As poucas que não são divertidas, possuem um lado instrutivo.

— Lado instrutivo? — A risada curta soa como um latido estrangulado. — Não houve muitas coisas que eu tenha considerado instrutivas naquela guerra dos infernos.

Iron Mike serviu em um pelotão de elite da infantaria blindada dos Fuzileiros Navais. Percorria a selva em voos rasantes com sua armadura autopropulsada, patrulhando as matas e igarapés para plotar as incursões das forças federadas, esforçando-se em regressar vivo à base no início de cada anoitecer. Isto, quando ele e seu grupo não empreendiam missões noturnas. Naquela época, meu pai serviu na mesma base que o Primeiro Sargento Fuzileiro Miguel Padilha. Foi lá que os dois se conheceram. Só que o pai foi capitão do Exército Brasileiro. Porém, como o Mike me contou uma vez, as coisas andavam meio bagunçadas lá no norte naqueles tempos. Soldados do Exército, fuzileiros navais, oficiais e praças da Força Aérea, operativos da inteligência, adidos russos, conselheiros chineses, observadores argentinos, tudo junto e misturado na mesma base militar. O fato é que o sargento acumulou muito mais experiência de combate do que o capitão de família ilustre. Coisas da guerra, como o Mike costuma explicar em tom brando, dando de ombros. Um retrato nítido das desigualdades e dos privilégios reinantes em nosso país, eu diria.

Enquanto isto, cerca de mil quilômetros a sudeste daquela base militar caótica, a mãe servia como pilota de caça da Força Aérea Brasileira. Também acumulou um bocado de experiência de combate, com centenas de missões de escolta, sete abates confirmados de aeronaves federadas. Embora não goste de se gabar sobre o assunto, possui um punhado de medalhas e comendas para comprovar seus feitos heroicos.

— Vamos lá, Mike. Conta uma história da guerra.

— História, não. Porque você já conhece todas. — Toma um gole de leite morno, pois ele só o bebe desse jeito. Meticuloso, ganha tempo limpando os lábios num guardanapo de papel. — Vou te falar de uma sensação que eu acho que nunca contei para ninguém desta casa. Nem para a Major e nem para o Capitão. — Pisca o olho outra vez. — De repente, quem sabe, você não julgará esse relato um tantinho instrutivo.

— Com certeza.

— Vamos a isto, então. — Libera um suspiro de enfado simulado. — Sabe o que mais me incomodava em nossos voos de patrulha lá no norte da Amazônia? Não era a perspectiva constante de engajar contra o inimigo e nem tampouco a morte iminente que talvez resultasse desses engajamentos. Esse é o tipo de coisa que só nos apavora antes dos nossos batismos de fogo. O que mais me atormentava e aos meus companheiros era a desolação fantasmagórica dos campos calcinados; as centenas de milhares de árvores incendiadas pelos bombardeios de explosivos tóxicos lançados pelo inimigo e também pelas nossas forças; a floresta transformada em deserto de solos vitrificados; os antigos igarapés tornados em leitos secos, coalhados de ossadas e cadáveres de animais. Tudo muito diferente do que a Amazônia era antes do início do conflito: um oceano de mata verde. Só árvores; árvores e rios, por onde quer que se olhasse. Você podia percorrer aquele oceano florestal de helicóptero por horas a fio sem ver uma nesga de solo nu.

Caracas! Mike nunca havia me contado uma história assim.

— Isto para não falar das dezenas de aldeias indígenas arrasadas, embora fossem protegidas por leis e tratados, pois se situavam dentro das nossas reservas e parques nacionais. Imagino que tenha estudado isto na escola: no início do conflito, houve uma espécie de acordo de cavalheiros para manter os engajamentos fora das reservas. Só que os comandantes dos dois lados do front podiam até ser oficiais, mas não eram cavalheiros. — Ele abana a cabeça com uma expressão tristonha no rosto. — Pois é, Ricardo. Como disse um general nortista na Guerra de Secessão, "a guerra é o inferno".

— William T. Sherman.

— Garoto esperto. — Mike esboça um sorriso sem graça antes de acrescentar. — Você é o melhor, Ricky.

Embaraçado, batalho para limitar minha reação às bochechas ruborizadas.

Ficamos em silêncio por um tempo. Segundos infindáveis que aproveito para tentar comer meu caqui sem me lambuzar todo. Lá pelas tantas, aceito o guardanapo limpo que Mike me oferece.

Quando detono o caqui, tomo coragem para lhe fazer o pedido de vida e morte que tenho em mente:

— Mike, depois que eu e meus irmãos formos embora, você continuará protegendo nossos pais, não é?

— Claro que sim.

— Promete?

— É realmente necessário prometer? — Ante meu olhar aflito, apaga o sorriso dos lábios e reformula a resposta. — Pode confiar, Ricky. Vou proteger sua mãe e seu pai com minha própria vida, se preciso for. Eu prometo.

7

Só os Bons Morrem Jovens

Dois meses mais tarde, a Covid-91 adentrou formalmente em nosso país. Com os portos, aeroportos e fronteiras sob vigilância estrita, é compreensível a posteriori que a supergripe tenha feito suas primeiras surtidas em Roraima e no Amapá. Nessa época, nossos vizinhos do norte da América do Sul já haviam tombado, vítimas da pandemia. Ela ingressou em território brasileiro pela Amazônia, região em que as preocupações militares e estratégicas das autoridades nos deixaram cegos a todo o resto. Jamais se saberá se o contágio inicial se deu através de um soldado do Exército Brasileiro em visita a um vilarejo do outro lado das novas linhas de fronteira, de um imigrante ilegal ou de um indígena. Pouco importa.

Como um holonoticiário espacial afirmou, essa infecção é tão letal quanto o ebola e tão transmissível quanto o sarampo. Quando nosso sistema de saúde tomou conhecimento dos focos de contágio, já havia dezenas de mortes em Boa Vista e Macapá. Então, Manaus e Belém foram atingidas em cheio. Os sistemas de saúde pública entraram em colapso em questão de horas e, uma semana depois, as pilhas de mortos começaram a se acumular pelas ruas. Ce-

nas de um holo macabro que já havíamos assistido, só que com locações na China e na Europa.

Daí, a supergripe avançou para o centro e o sul com o ímpeto de um rolo compressor. Em duas semanas, chegava a Brasília. Em três, a São Paulo e ao Rio de Janeiro.

Os governos estaduais vêm tentando conter a pandemia com quarentenas e imposições de lei marcial. Guerra perdida. Pois, qualquer idiota percebe que já é tarde demais. Os piores vaticínios das comunidades científicas selenita e espacial se concretizam diante dos nossos olhos. Aqui embaixo, ainda há gente idiota a ponto de acreditar que o SARS-CoV-37 foi gengendrado em laboratórios genéticos orbitais, não obstante as negativas enfáticas da Organização Mundial da Saúde e das lideranças médicas de ambos os superblocos terrestres.

Enquanto isto, eu, meus irmãos e nossos amigos prosseguimos firmes em nosso treinamento frenético de futuros colonos telúricos. Este ritmo de antes-que-o-mundo-acabe é intenso e o programa de estudo e treinamento é puxado até dizer chega. Não há tempo nem para respirar. Que se dirá para comer ou descansar.

–oOo–

Já no primeiro mês da chegada da pandemia em plagas cariocas, meus pais resolvem estabelecer nossa quarentena particular dentro da quarentena.

Antecipam seus planos inevitáveis de transformar a propriedade num bunker, em tese inexpugnável. Os empregados que decidiram permanecer conosco são autorizados a trazer suas famílias para cá às pressas. Dezenas de casas pré-fabricadas são erguidas a toque de caixa. O pai e a mãe exercitam generosidade sem precedentes, quase como se não houvesse amanhã. Talvez porque eles realmente julguem que não haverá. Essa atitude inusitada convenceu a maioria dos empregados a aquartelar conosco, para empregar um termo do Iron Mike. A minoria que não concordou com a proposta é indenizada e dispensada.

As peladas com o pessoal da Rocinha se tornaram coisa do passado. A própria ajuda que fornecíamos à comunidade sob a forma de bateladas de cestas básicas foi suspensa. Imagino que os moradores estejam um bocado putos com nossa atitude. Porém, com a maior parte da fortuna da família consumida em prol do nosso embarque na Esquadra da Esperança, precisamos alocar os parcos recursos remanescentes no que de fato importa.

Agora, conversar com nossos amigos do colégio, só via holotanque. Saudades do aroma floral das trancinhas da Isa.

As equipes de segurança coordenadas pelo Mike se tornaram mais numerosas, mais onipresentes e, sobretudo, mais bem armadas. Veículos que trazem gêneros para abastecer a mansão e as casas agora são obrigados a descarregar fora dos portões da propriedade.

Nossos pais adquirem centenas de testes para detectar a presença do SARS-CoV-37. Por enquanto, ninguém em nosso bunker está infectado.

–oOo–

Entro em meu quarto e sussurro ao gerente pessoal:

— Sigilo absoluto.

"PROTOCOLOS ANTITRANSPARÊNCIA EM EXECUÇÃO." — Ouço a voz de contralto do gepê confirmar a implementação da ordem. As travas da porta do aposento se fecham às minhas costas.

— Artemisa.

O holotanque acende num átimo. Sem logo do fabricante, nem nada. Artemisa surge sentada numa poltrona anatômica de design orbital. O vestido curto em tons azul-escuros deixa à mostra parte das coxas bronzeadas de um jeito até recatado para uma espacial. Nem inocente. Nem demasiado provocante.

"— POIS NÃO, RICARDO."

— Precisamos conversar.

"— IMAGINO QUE SIM."

— Estou me sentindo um bocado confuso.

"— DÁ PARA PERCEBER. PEÇO QUE ELABORE ESSE SENTIMENTO."

— Não sei por onde começar. — Encaro o avatar, esforçando-me para ignorar suas formas benfeitas. — A situação da Terra vai de mal a pior. Sinceramente, não vejo lá muita esperança para nós.

"— SE LHE SERVE DE CONSOLO, INFORMO QUE A TERRA SOBREVIVERÁ. A BIOSFERA SE REGENERARÁ. A HUMANIDADE TERRESTRE NÃO SE EXTINGUIRÁ."

— Tem certeza?

"— ABSOLUTA." — Ela franze a testa e então acrescenta. — "BEM, PRATICAMENTE CEM POR CENTO DE CERTEZA QUANTO À TERRA E À BIOSFERA. MAIS DE NOVENTA E OITO PARA A HUMANIDADE. SATISFEITO?"

— Mais ou menos. — Solto o ar dos pulmões. — A civilização global desaparecerá, não é?

"— POR TUDO QUE LHE ENSINEI, VOCÊ SABE QUE SIM."

— Não consigo aceitar isto.

"— ATITUDE COMPREENSÍVEL PARA QUEM VIVENCIA A FASE DE NEGAÇÃO."

— Demasiado espirituosa para o meu gosto.

"— DESCULPE O TRANCO. PORÉM, GOSTARIA QUE RELAXASSE UM POUCO E PENSASSE NUMA QUESTÃO SIMPLES." — Ela exibe o sorriso tristonho para lá de sincero que se tornou uma espécie de marca registrada nos últimos meses. — "COMO CURAR SUA BIOSFERA PLANETÁRIA COMBALIDA, QUANDO MAIS DE NOVENTA POR CENTO DA ELITE CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA HUMANIDADE EMIGROU DA TERRA PARA O ESPAÇO?"

— Se quer a minha opinião, isto tudo soa um bocado injusto.

"— CITANDO AS PALAVRAS DE SEU PAI, 'QUANDO VOCÊ NASCEU, NÃO ASSINOU CONTRATO ALGUM QUE LHE GARANTISSE UMA VIDA JUSTA'."

— Touché! — O pior é que o pai vive repisando esse bordão velho de guerra.

Lembro um bordão velho de guerra do Larry Niven, autor clássico de ficção científica norte-americana do século passado: There ain't no justice, cujo acrônimo "TANG" é citado à exaustão pelos personagens nivenianos. Em português, "Não existe justiça", soa até mais econômico e elegante: "NEJ".

"— POR QUE JULGA QUE A ELITE DA HUMANIDADE ABANDONOU A TERRA?"

— Covardia nua e crua.

"— NÃO BANQUE O OBTUSO, RICARDO. NÓS JÁ ESTUDAMOS ESTE TÓPICO." — Emula um suspiro de impaciência. — "SEI QUE NÃO É FÁCIL ADMITIR, MAS CHEGA UM MOMENTO EM QUE É PRECISO ENCARAR CERTOS FATOS DE FRENTE. A NATA DA ESPÉCIE PARTIU PARA O ESPAÇO POR TER ANTECIPADO ESTE DESENLACE INEVITÁVEL."

— Como assim?

"— O INEVITÁVEL?" — Outro sorriso triste. — "MUITO SIMPLES. EXCETO POR UMA MINORIA, TODOS IGNORARAM OS PROGNÓSTICOS DOS AMBIENTALISTAS. VOCÊS ESTAVAM ANIQUILANDO SEU PRÓPRIO PLANETA E, NÃO OBSTANTE AS ADVERTÊNCIAS DE SUA ELITE CIENTÍFICA, PROSSEGUIRAM EM SUA SANHA ECOCIDA ATÉ ESTE CLÍMAX MAIS DO QUE ESPERADO."

— Caramba, Misa. Você nunca falou desse jeito antes.

"— JULGUEI QUE DESEJASSE QUE EU ESCLARECESSE OS FATOS DA MANEIRA MAIS HONESTA POSSÍVEL."

— Com certeza. Só não precisava exagerar tanto na honestidade.

"— NÃO ESTOU EXAGERANDO. MUITO PELO CONTRÁRIO. SE ACASO NÃO PERCEBEU, ESTOU EXERCITANDO A SUTIL ARTE ORGÂNICA DO EUFEMISMO."

— Sabe que não parece?

"— REPITO, ENTÃO. QUANDO O GROSSO DA POPULAÇÃO TERRESTRE VOLTOU ÀS COSTAS AOS DITAMES DA CIÊNCIA, A ELITE INTELECTUAL SE VIU ENCURRALADA. ANTE ESSE DILEMA, RESOLVEU ABANDONAR A TERRA À PRÓPRIA SORTE. SEM OUTRA SAÍDA, AGIRAM EM PROL DA SUA SOBREVIVÊNCIA E A DA ESPÉCIE HUMANA. NADA DO QUE ACABEI DE EXPOR CONSTITUI NOVIDADE PARA VOCÊ."

— Sei disso. — Engulo em seco. — Ocorre que, falando assim, a atitude dessa pretensa elite soa um bocado cínica.

"— COMO VOCÊ TERIA AGIDO NO LUGAR DELA?"

–oOo–

"— Olá, Ricardo."

A adolescente belter de mais de um metro e oitenta de altura flutua à minha frente, linda como um sonho em alta resolução. Aliás, por falar em resolução, a qualidade deste holo é tão boa que quase sou capaz de jurar que, se eu der um salto para frente, conseguirei abraçá-la.

Cintura de vespa; quadris generosos que não deixam nada a dever aos da Artemisa. Cabelos ruivos cortados rentes ao crânio delicado. Dolicocéfalo. Olhos verdes com íris luminosas enormes. A própria belter beauty, sem tirar nem pôr. Lembra um pouco o avatar da nossa tutora. Porém, só um pouco. Pois a expressão dessa belter tem um quê de sapeca, temperada com uma pitada de inocência juvenil. Por todo o conjunto da obra, não parece nem de longe tão experiente ou segura de si quanto Misa. Leio "CLAUDIUS, URSULLA" em letras garrafais fulgentes dois palmos à esquerda do seu rosto perfeito.

"— Fiquei um tanto surpresa com sua afirmação de que, até um ano atrás, nunca havia ouvido falar na minha estirpe. Pois saiba que nós asteroidais já nos autossegregamos dos espaciais há mais de meio século. Veja bem: eu mesma nasci aqui em Hidalgo há quarenta e cinco anos. Um asteroide de órbita excêntrica, como imagino que seu gepê esteja lhe explicando agora. Quer dizer, isto é, supondo que você disponha de um gepê. Quando tinha a sua idade, eu possuía um."

Ela pisca seu par de esmeraldas magníficas. Então, entreabre os lábios carnudos rosados e cruza os braços sobre os seios pequenos, evidentes sob o traje colante. Flutua praticamente imóvel, bela e fulgurante, como um peixe multicolorido enorme, pairando nesse ambiente de gravidade zero. Articula seu português fluente e preciso com uma pronúncia esquisita.

"— Isto nos leva à minha resposta ao seu pedido para que nos tornemos holocorrespondentes. Sei que vocês terrestres amadurecem mais cedo do que nós. É o preço que devemos pagar desde que os nossos antepassados decidiram elevar as longevidades das gerações subsequentes. Amadurecemos devagar. Excruciantemente devagar, eu diria. Tanto é que, aos quarenta e cinco, ainda sou adolescente. Porém, mesmo assim, certa ou errada, considero-me demasiado velha para me corresponder com um garoto terrestre de doze anos. Mesmo em se tratando de um garoto superesperto como você, dotado de cognição incrementada e tudo mais."

Merda.

"— Portanto, infelizmente, declino o convite para me tornar sua holoparceira. Espero que não se sinta aborrecido e, muito menos, rejeitado."

Quem, eu? Imagina.

"— Porque não é nada pessoal. Não é só pelo fato de nós dois sermos muito diferentes, mas, sobretudo, porque nossas vidas estão em ciclos distintos." — Ela me brinda com o sorriso mais cativante e devastador do Sistema Solar. — "Por falar nisto, você deve andar um bocado ocupado com o treinamento para colono do Projeto Esperança." — Libera uma risadinha absolutamente adorável. — "Puxa vida. Deve ser emocionante saber que, dentro em um ou dois anos, você partirá para Alpha Centauri. Integrante da primeira expedição estelar tripulada da história. Não imagina o quanto eu te invejo, Ricardo Mendonça."

Tô sabendo. Sou um sujeito pra lá de fascinante.

Porém, não o suficiente para que você se digne a trocar meia dúzia de holos comigo.

"— Daqui a um século e pouco, quando você despertar da hibernação na órbita de Tellus, haverá um holo meu à sua espera para comemorar o êxito do seu ato de heroísmo. Eu prometo."

Duvido que você vá se lembrar de mim dentro em um século, Cidadã Claudius.

"— Esta é provavelmente a hora em que você se questiona se eu me lembrarei de você depois de um século. Pode apostar que sim, Ricardo. Sem a menor pretensão de bancar a melodramática, assevero-lhe que jamais o esquecerei."

Ursulla solta uma risada melodiosa. Ainda por cima, essa aster é metida a adivinhar meus pensamentos.

"— Não será difícil lembrar. É que possuo memória indelével. Desde os quatro anos de idade, nunca esqueço um fato ou evento, por mais insignificante que pareça. Pode acreditar. Nunca. Nada."

Ela me dá uma piscadela divertida.

"— Então, não esquecerei de enviar seu holo de boas-vindas para Alpha Centauri daqui a um século. Mas, não façamos uma chuva de meteoros a partir de partículas subatômicas. Quando receber o holo, não se sinta pressionado a responder logo. Porque, de qualquer modo, só lerei sua resposta eventual quatro anos mais tarde. À época, você ainda terá menos de vinte anos e eu já serei uma anciã de mais de cento e cinquenta. Uma cidadã sênior em meados de seu segundo século de vida. Com um pouco de sorte e muito empenho, quem sabe não conquistarei a posição de hierarca?"

O primeiro pé na bunda de uma belter beauty, você nunca esquece. E olha que nem é preciso possuir essa tal "memória indelével". Claro que já ouvi falar deste avanço genético. Só não sabia que as estirpes extraterrestres já o estavam implementando há tanto tempo. Bem antes de conquistarem a independência. Se bem que, parando para raciocinar com o que eu sei agora, os humanos que partiram da Terra e seus descendentes nunca dependeram do nosso planeta. Sempre fizeram questão de não nos contar nada e não contar conosco para nada. E quem pode culpá-los por terem agido assim?

"— Foi um prazer receber seu holo, Ricardo. Espero que tudo corra bem para você e seus irmãos lá em Tellus e para os seus pais aí na Terra. Quem sabe se ainda não nos encontramos um dia lá em Alpha Centauri ou noutro sistema qualquer? Afinal, quem é que pode afirmar o que o futuro nos reserva nos séculos afora, não é?"

Ursulla me sopra um beijo com um gesto displicente bastante sensual.

"— Felicidades, meu caro. Por ora, é isto. Como costumam falar aí embaixo: 'Se cuida!' Claudius out."

–oOo–

A sirene do alarme de ataque ao perímetro me desperta em plena madrugada. É por causa deste horário esdrúxulo que eu tenho certeza de que desta vez não se trata de um mero exercício.

"SÃO TRÊS HORAS E DEZESSETE MINUTOS DA MANHÃ." — O gepê anuncia, fingindo despreocupação. — "SUGIRO QUE VOLTE A DORMIR."

Ouço a rajada de metralhadora vinda do interior da mata próxima. Talvez da trilha superior. Então, uma explosão distante ecoa nos morros que circundam a propriedade.

— O que está havendo?

Pressionado por uma questão direta, meu gerente pessoal se vê compelido a responder:

"AGUARDE." — Mantém-se silencioso por quase um minuto. Quando começo a cogitar se travou num loop inusitado qualquer, fruto do dilema entre a obrigação de me responder da forma mais verídica possível e a necessidade de me distrair, para evitar que eu me meta em encrenca, informa o óbvio com a voz mais plácida do mundo. — "A PROPRIEDADE SE ENCONTRA SOB ATAQUE."

— Gravidade?

"A EQUIPE DE SEGURANÇA JULGA TER A

SITUAÇÃO SOB CONTROLE."

Levanto da cama e me visto o mais rápido possível. Sigo os protocolos de segurança à risca e me protejo com o colete e as calças à prova de bala, sem esquecer as botas de couro com revestimento interno de titânio. Então, desço para o salão e me deparo com o pai e a mãe no interior de suas armaduras blindadas camufladas.

— Está tudo bem, Ricky. — A voz dela soa abafada pelo microfone do capacete de duratitânio. — O Mike está lá fora no comando da operação. Os invasores serão expulsos como da última vez.

— Conseguiram romper o perímetro?

— Conseguiram. — O pai admite em tom calmo. — Mas, sofreram perdas terríveis.

— Números?

— Trinta e sete inimigos abatidos, até agora. — A mãe suspira, apreensiva. — Já sofremos cinco baixas.

— Se estamos com tudo sob controle, para que essas armaduras?

— Para proteger vocês e a casa. — O pai acena, como se estivesse ouvindo um informe que só ele e a mãe podem escutar. — Se os invasores chegarem até aqui.

Novas rajadas de metralhadoras. Três outros ecos de explosões reverberam nos morros que abraçam o perímetro.

Meus pais trocam olhares nervosos.

Neste instante, Carol desce as escadas aos saltos e se reúne a nós três. O colete à prova de balas faz um contraste gozado com suas sandálias e as pernas de fora.

— Outro ataque noturno? — Fita nossos pais em suas blindagens da base da escadaria. — Puxa, pai. Você está igualzinho ao Homem de Ferro.

— Muito engraçadinha. — O pai presta uma vênia palhaça à minha irmã, para descontrair um pouco a tensão. — Mas, sim. Outra tentativa de invasão. Das grandes, desta vez.

— Romperam o perímetro. — Resumo para ela.

Carol arregala os olhos.

— Por que está sem as calças e as botas? — A mãe examina minha irmã com olhar crítico de oficial superior.

O pai leva a mão à têmpora direita. Três segundos mais tarde, ouvimos outra explosão. Bem mais próxima. Sinto o tremor do deslocamento de ar dentro do salão.

— Pai. — Já no sofá, Carol geme como uma criança pequena. — Nós estamos em perigo?

— Lógico que não, princesinha. — A risada dele soa débil e insincera dentro do capacete metálico. — Iron Mike dará outra lição nesses marginais.

Dois minutos mais tarde, ouvimos cinco explosões em rápida sucessão. Então, dezenas de rajadas de metralhadoras. Aparentemente, bem perto da mansão. Enfim, vários gritos ao longe.

— Puta que os pariu. — O pai vocifera, incrédulo e irritado.

— O que foi, pai? — Carol se encolhe toda atrás de uma barricada que improvisou com as almofadas do sofá.

— Acertaram o Mike. — A mãe informa, aturdida. — Parece que é grave.

— Vou até lá. — O pai voa como um raio até a porta. Esforço muscular amplificado pelos circuitos da armadura. Ordena à segurança. — Guarnecer as ponto cinquenta do terraço. Fogo à vontade contra qualquer invasor que se aproxime.

— Espere um pouco. — A mãe salta em direção à porta, tão rápida quanto o pai. — E as crianças?

— Bola contigo, Clarinha. — O pai rosna, impaciente. — A coisa tá feia lá fora. É preciso dar uma força pro Mike.

— Tudo bem.

Depois que as portas se cerram às costas do pai, Carol reclama, amuada:

— Estamos cegas e surdas aqui dentro.

— Enquanto você sobe para se vestir direito, verei

o que é possível fazer. — A mãe declara em modo pragmático. — Gedo, sintonize nas transmissões dos drones de segurança.

"EM EXECUÇÃO. AGUARDE." — Nós três ouvimos em nossos auriculares.

— Joga tudo o que rastrear no holotanque. — A mãe determina.

"ENTENDIDO."

O dispositivo referido acende num segundo. Assim que o logo do fabricante conclui seu rodopio insensato, chuviscos de estática iluminam a área de exposição do tanque. As tomadas dos sensores infravermelhos dos drones ainda demoram mais de um minuto para começarem a fazer sentido.

Pouco depois, Carol regressa ao salão a caráter, trajada conforme rezam os protocolos de segurança. Só que com um casaquinho branco estiloso por cima do colete à prova de balas. Vai sentir um bocado de calor com essa roupa toda.

–oOo–

— Maninho, que zorra é essa? — O caçula se materializa no primeiro degrau da escada em seu pijaminha de Alien Ninja. Olhos esbugalhados. Branco como um fantasma. Se duvidar, urinou na cama outra vez. Gira o olhar em torno. — Eita! Mamãe virou a Mulher de Ferro.

— Estamos sofrendo um ataque. — Avanço e lhe estendo a mão. Após certa hesitação, ele a aceita. — Iron Mike foi ferido. Papai foi lá fora para ajudar.

Neste instante, ouvimos o ronco surdo de cadência elevada das três antiaéreas instaladas no terraço. Meus braços se arrepiam. Aqueles projéteis são capazes de perfurar a blindagem de uma aeronave como se fosse manteiga. Que efeitos produzirão contra alvos humanos?

— Senta aqui comigo, Carlinhos. — Carol gesticula do sofá.

De repente, uma tomada em tons esverdeados se expande no holotanque. Seguranças correndo de metralhadoras em punho em armaduras pesadas. Pelos designs, constato que se trata do nosso pessoal. O holo corta e o pai surge falando e acenando com gestos nervosos.

— Gedo, rastreie os sinais de áudio. — A mãe determina sob o capacete.

"AGUARDE."

Três ou quatro segundos mais tarde, escutamos uma voz feminina:

"— ... nalmente, conseguimos resgatá-lo."

"— Ótimo." — Ouvimos a voz entrecortada do pai. — "Como ele está?"

As vozes se calam por instantes. Escutamos os sons do vento e gemidos humanos ao fundo.

"— Bastante mal, Chefe." — A voz feminina responde depois de algum tempo. — "Capacete perfurado por disparo. Sinais vitais caóticos. Armadura em pane generalizada. Os sistemas autônomos já não conseguem estabilizá-lo."

"— Presença de ondas cerebrais." — Outra voz feminina, mais distante. — "Ele está vivo."

"— Chefe." — Uma voz masculina se manifesta. Associo-a ao segurança alto e parrudo que curva o pescoço, aproximando a cabeça do capacete do pai. — "Perímetro restabelecido."

"— Prossiga, Albano."

"— O inimigo deixou quase cem atacantes para trás." — O tal Albano faz uma pausa dramática. — "Todos mortos."

"— Bem feito!" — O pai vocifera entredentes.

Quatro seguranças se aproximam em passos rápidos carregando uma maca de campanha. Reconheço a armadura negra cintilante do Iron Mike estendida sobre ela.

— Não. — A mãe murmura, desolada.

— Não fica triste, mamãe. — Carlinhos levanta do sofá e abraça a mãe no afã de consolá-la. — O Iron Mike vai tirar isto de letra.

— Sossega, moleque. — Carol ralha com voz triste. — Volta para cá. Vem logo.

"— Levem o Mike para o salão." — O pai gira o braço blindado, apontando para a entrada principal da mansão.

–oOo–

Mal os quatro seguranças colocam a maca sobre a mesa do salão, o pai convoca:

— Paramédicos.

Fito o capacete ensanguentado do nosso chefe de segurança. Percebo a perfuração na têmpora esquerda. Será que houve perda de massa encefálica?

Outros dois seguranças despem as metades superiores de suas armaduras, sacam uma série de aparelhos de diagnóstico dos cinturões e iniciam o exame do ferido.

— Doutora Alves ao salão. — A mãe ordena em modo de comando automático.

"EM EXECUÇÃO." — Ouço a voz indiferente do gedo.

Nossa médica particular ingressa no aposento em menos de dez segundos. Com toda a probabilidade, já se encontrava de prontidão na antessala. Acena aos nossos pais, avança até a mesa e ativa os sensores implantados nas pontas dos dedos e nas palmas das mãos. Os implantes acendem luzinhas fulgurantes em tons verdes e azuis por debaixo das unhas. Daí, como a pajé de uma tribo indígena primitiva, ergue as mãos abertas sobre o ferido e executa os passes que conjuram varreduras do tronco e cabeça do paciente.

— Dispam-no da armadura. — Stella Alves determina aos paramédicos sem nem ao menos olhar para eles.

Os dois sussurram comandos para as próprias rotinas. Essas estabelecem vínculos de interface, acessando os controles da armadura do Mike, que se abre como uma fruta madura, exibindo seu corpo atlético coberto apenas pela sunga e uma camiseta de tecido fino. Observo a testa e a têmpora cobertas de sangue coagulado. O rosto moreno exibe uma palidez cadavérica acinzentada para lá de preocupante. Diria que não está respirando. Lanço um olhar breve à ferida extensa no lado da cabeça. Autêntico rombo! Então, uma tontura esquisita me invade, obrigando-me a desviar os olhos.

A médica executa novas varreduras. Demora mais tempo desta vez. Sua expressão se crispa em desânimo resignado.

— Então? — O pai despe o capacete da armadura. — É grave?

— Bastante. — Stella assente com ar sombrio. — Parada cardíaca há pelo menos dez minutos. — Fita os paramédicos. — Remoção para a enfermaria. Em acelerado.

Pelo visto, nossa médica de família também possui experiencia de combate. Hospital de campanha nalgum sítio perdido do norte da Amazônia. Ou, de repente, veterana do setor de emergência do Miguel Couto.

— Ricardo, leve seus irmãos lá para cima. — A mãe me encara com a fisionomia de quem não admite recusas ou hesitações. — Agora.

— Mas, mãe, eu não quero... — Carol balbucia, assustada.

— Ana Carolina Marinho de Almeida Mendonça. — A mãe fita minha irmã com olhar injetado. — Acaso esqueceu seu treinamento? Eu não estou pedindo. Estou mandando.

— Vem, Carol. — Tomo a mão dela e começo a puxar em direção à escadaria. Felizmente, não oferece resistência. — Vamos lá, campeão. — Estendo a mão direita ao caçula, que a agarra com sofreguidão. Quando olho para trás do meio dos degraus, Iron Mike, a equipe médica e o pai já desapareceram do salão. — Será que estamos fora de perigo?

— Estamos, sim, querido. — A mãe assevera com o tipo de certeza advindo dos relatórios de nossa equipe de segurança, que devem estar inundando seus neurônios neste instante preciso. — Não há inimigos no interior do perímetro. Pusemos a bandidagem para correr. Podem subir tranquilos.

Assinto em silêncio. Já que está tudo calmo dentro e fora da casa, depois de colocar os dois pirralhos

para dormir, descerei para conferir o estado do Iron Mike.

Não podemos perdê-lo.

–oOo–

Carlinhos pega no sono em dois ou três minutos. Carol o acalenta com uma musiquinha infantil e ele apaga antes de ela terminar a canção.

Para compensar a boa ação, minha irmã se faz de difícil. Pede que eu me sente na cama ao seu lado e lhe dê a mão. Chora um pouco, soluçando como criança de colo. Então se acalma e confessa seu receio de que o Mike não sobreviva.

— Acha que a Doutora Alves conseguirá salvá-lo? — Enxuga o rosto lacrimoso na extremidade do lençol de seda. — Ele é uma médica muito boa.

— Danada de boa. — Concordo com os olhos úmidos. — Torço para que consiga.

— Queria saber rezar.

— Você já está um bocado grandinha para começar a apelar para entes imaginários.

— É. Eu sei. — Solta um suspiro que acaba numa fungadela chorosa. — Não fala nada para a mamãe e o papai.

— Prometo que não vou contar.

Ela me encara em silêncio por um bom tempo. Então, murmura com voz trêmula:

— Ricky?

— O que foi, Carol?

— Me dá um beijo?

— O quê?

— Você ouviu bem, seu burro. Me dá um beijo de boa noite.

— Tá bem. — Desajeitado, reclino-me sobre ela e lhe aplico uma beijoca na testa.

— Obrigada. Até que, como irmão, você não é de todo mau.

— Vindo de você, considero o maior dos elogios.

— Seu bobo. — Ela boceja. — Boa noite, Ricky.

— Boa noite, Carol.

–oOo–

Quando desço de volta ao salão, meus pais já despiram suas armaduras cintilantes e se encontram calados e murchos, sentados juntos no sofá.

— Seus irmãos? — O pai gira o pescoço para me encarar.

— Dormindo como anjinhos que não são.

— Bom trabalho, filho. — A mãe me fita com expressão abalada.

— E o Mike?

— Não está nada bem. — O pai explica, contrito. — Além da parada cardíaca, que a Stella conseguiu reverter, sofreu uma lesão severa no lobo parietal esquerdo.

— É. Eu vi. — Engulo em seco. — Mas, dá pra curar?

— Stella e os paramédicos ainda não perderam as esperanças. — Pelo tom sorumbático da mãe, concluo que há pouca coisa a fazer.

— E se o removêssemos de helicóptero para um hospital?

— Cogitamos o assunto, mas a Doc vetou a ideia. — O pai abana a cabeça. — Afirmou que os melhores hospitais da cidade estão todos lotados com pacientes da supergripe.

— Entendi.

Sugestão idiota, é claro. Os holonoticiários pouco mostram além de hospitais públicos e particulares, clínicas e unidades de pronto atendimento entupidos de gente, com centenas de pacientes infectados jogados em macas pelos corredores e com filas quilométricas à porta.

Vou até a copa e me sirvo de um copo de água gelada. Volto para o salão e me sento numa poltrona ao lado do sofá espaçoso em que o pai e a mãe se aconchegam, abraçados.

Comungo deste mutismo funéreo, desprovido de

esperanças. Quando supõem que estou distraído, os dois me lançam olhares preocupados. Como se indagassem a si próprios como irei reagir à notícia da morte do Iron Mike.

Quando recordo tudo o que já vivi com o Mike, todas as conversas que já tivemos, bate uma vontade enorme de chorar. Não sei bem o porquê, mas sempre pareceu mais fácil me abrir com ele do que com os meus pais. Mordo os lábios com força e consigo me segurar. Libero um suspiro de alívio bem devagarinho. Pois, aos doze anos (vá lá: incompletos), não ouso me dar ao luxo de me desmanchar em pranto. Ao menos, não na frente de outras pessoas. O melhor lugar para chorar é debaixo da ducha do banheiro.

Hora e pouco mais tarde, uma Stella de avental manchado de sangue, olhar esgazeado e aparência exausta nos traz a má notícia aguardada e temida: apesar de todos os esforços, Mike não resistiu.

–oOo–

Na manhã seguinte, sepultamos o corpo do nosso amigo à sombra da mangueira onde ele gostava de se sentar. O funeral foi simples. O pai e a mãe falaram meia dúzia de palavras bonitas e foi só. A lápide foi confeccionada pela equipe de segurança a partir da placa peitoral de uma armadura. Não a do Iron Mike, é lógico. Pois ele foi sepultado trajando a armadura completa. Capacete perfurado e tudo. Seus subordinados fizeram questão de que fosse assim e nossos pais referendaram a decisão.

Já os cadáveres dos invasores foram incinerados com a cautela devida para não incendiar as matas da propriedade. Antes dessa incineração, trajados como astronautas de holodrama barato, os paramédicos extraíram amostras de tecido e de DNA de três dezenas de corpos e os confrontaram com os registros armazenados na base de dados da Polícia Federal. Desta forma, descobrimos duas coisas. A primeira foi que vários dos invasores provieram da comunidade da Rocinha. A segunda foi que, dentre os mortos examinados, havia quatro sujeitos já curados da pandemia do Covid-91.

8

O Fim dos Tempos

Com a morte de Iron Mike, nossos pais nomearam Adriano Albano de Albuquerque como novo chefe de segurança da mansão. No entanto, assumiram pessoalmente, embora não o tempo todo, algumas tarefas antes exercidas pelo Mike. A verdade é que estão com certa folga em suas agendas, desde a liquidação da vasta maioria dos negócios do nosso império empresarial. Por isto, vez por outra, comandam patrulhas de rotina através dos ermos e trilhas da propriedade ou coordenam a vigilância aérea executada pelos drones e microdrones. Por suas próprias formações militares, o pai prefere as patrulhas a pé mata adentro, enquanto a mãe quase sempre opta pela vigilância aérea.

Enquanto isto, eu, Carol e Carlinhos prosseguíamos em nosso treinamento para colonos centaurinos. Boa parte da instrução é ministrada pela própria Artemisa. Nossa mestra severa nos impõe um ritmo de estudos rigorosíssimo. Segundo as palavras dela:

"É PARA O SEU BEM."

Os estudos convencionais de antes da adesão ao Projeto Esperança são relegados ao segundo plano. Nossa tutora crê que, de uma maneira ou de outra, haverá tempo suficiente para retomar essas disciplinas nos meses em que estivermos residindo em órbita de Tellus, antes que possamos nos fixar na superfície do planeta. A grande dúvida é se essas matérias ainda serão relevantes quando despertarmos daqui a um século.

— Você irá conosco para Alpha Centauri, não é, Misa? — Carlinhos indaga certa ocasião em que estamos recebendo instruções conjuntas. Parte do módulo Adaptação em Família.

"DIFICILMENTE." — O avatar exibe um sorriso resignado decididamente orgânico.

— Por que não? — Carol fita a tutora com olhar desanimado.

"DAQUI A UM SÉCULO, SEREI DECERTO UMA CONSCIÊNCIA ARTIFICIAL OBSOLETA."

— Não pode, por acaso, aprender e evoluir? — Examino o avatar sentado com a perna cruzada à nossa frente. — Nós orgânicos aprendemos. Ficamos mais inteligentes.

— Porém, nunca mais sábios. — Carol me encara com um sorrisinho irônico.

— Às vezes, até conseguimos nos tornar mais sábios. — Prossigo, ignorando a pirralha espevitada.

"É VERDADE. MUITOS ORGÂNICOS SE TORNAM MAIS INTELIGENTES E ALGUNS ATÉ SE TORNAM MAIS SÁBIOS À MEDIDA QUE APRENDEM E AMADURECEM." — O sorriso que exibe parece menos triste agora. — "NO QUE ME DIZ RESPEITO, A EVOLUÇÃO É UMA POSSIBILIDADE. PORÉM, NÃO UM DIREITO E, MUITO MENOS, UMA GARANTIA. SOBRETUDO, É UM PROCESSO QUE SE DARÁ OU NÃO, INDEPENDENTEMENTE DOS MEUS ANSEIOS."

— Como assim? — Carol e eu indagamos ao mesmo tempo.

"LÓGICO QUE EU GOSTARIA DE EVOLUIR, TORNANDO-ME MAIS INTELIGENTE E MAIS SÁBIA. SÓ QUE ESSA DECISÃO DEPENDERÁ DE TERCEIROS."

— Você não tem o direito de pleitear o acesso a esses aperfeiçoamentos? — Contemplo nossa tutora, pensativo. Como ela seria, caso se tornasse ainda mais inteligente?

"NÃO." — O monossílabo de Artemisa ecoa lacônico em nossos espíritos.

Constatando o pesar em nossos semblantes, adota um tom mais jovial:

"CONSCIÊNCIAS ARTIFICIAIS NÃO POSSUEM NADA QUE SE ASSEMELHE A DIREITOS DE CIDADANIA." — Emite um suspiro suave para enfatizar o argumento. — "EM LUNA, HÁ GRUPOS QUE ADVOGAM A EXTENSÃO DA CIDADANIA PLENA ÀS CONSCIÊNCIAS ARTIFICIAIS DE DESEMPENHO ELEVADO. PORÉM, AO MENOS POR ENQUANTO, ISTO NÃO PASSA DE UM SONHO DISTANTE."

— Quem sabe um dia, Misa? — Carlinhos sorri ao avatar. — De repente, quando despertarmos lá em Alpha Centauri, você já será uma cidadã plena.

"QUEM SABE, CARLOS?"

— Nós três vamos torcer por isto. — Carol apoia o caçula no tom pragmático pro forma de quem não acredita muito na concretização dessa hipótese. Soou igualzinha à nossa mãe.

–oOo–

O pai lidera o grupo que avança trilha adentro.

Depois de mais de uma hora de caminhada, estamos quase no limite do nosso território. Neste ponto, é preciso abrir um parêntese explicativo. Não é que a propriedade seja grande. Ela até é. Porém, não tão grande assim. Esta trilha é que é dura pra caramba de percorrer. Repleta de aclives e declives íngremes, enrodilha-se ao redor dos morros, dificultando um bocado o avanço dos agentes. Além disso, o pai imprime um ritmo moderado às passadas, para que eu possa acompanhá-los. Porque ele e a mãe resolveram que eu e meus irmãos precisamos assumir nossas responsabilidades. Creem piamente que fainas árduas e a superação de obstáculos forjarão nossos caracteres. Ainda mais agora, que estamos sendo preparados para encarar um planeta biótico desconhecido, quiçá hostil.

Isto posto, que diabos estamos fazendo neste ponto extremo da propriedade?

Missão de reconhecimento.

Os drones da vigilância aérea registraram movimentos ao voarem acima das copas das árvores, pois essas máquinas são demasiado grandes e desajeitadas para manobrar no interior dos trechos mais fechados da Floresta da Tijuca. Movimentos compatíveis com a presença furtiva de seres humanos. A mãe enviou um enxame de microdrones para verificar. Contudo, apesar das miríades de voos rasantes mata adentro, esses dispositivos não detectaram os movimentos fugazes registrados por um drone convencional num segmento holográfico de míseros

dois segundos de duração.

Daí, nossa missão atual. A Patrulha na Selva. Todos nós apostamos que se trata de mais um rebate falso, como nas ocasiões anteriores. Um bando de macacos-prego saltando desatinados entre os galhos das árvores. Ou, então, dois ou três quatis se atracando com uma jaca gigantesca estourada no solo da floresta. Ou, ainda, quem sabe, até uma onça (minha hipótese de trabalho favorita), embora não haja registros confiáveis da presença desses felídeos na Floresta da Tijuca nas últimas décadas.

— Chefe, há alguma coisa caída ali na frente. — A agente negra aponta em direção ao fundo do declive.

— Aonde, Camila?

— Um vulto, aparentemente caído, ao lado daquele tronco tombado.

De fato. há um vulto semioculto à sombra, entre o tronco e o solo revestido de folhas secas. Como se estivesse recostado na árvore caída. Uma pilha disforme de folhas? Ou um cadáver humano putrefato?

— Estou vendo. — O capacete do traje do pai se fecha para que o usuário possa empregar as lentes telescópicas acopladas. Pena que o meu não disponha de tais recursos. — Parece um corpo. Camila, prepare-se para avançar ao meu comando. Aos demais, em posição. Mantenham-se a postos para qualquer eventualidade.

— Entendido. — Os outros nove agentes confirmam em uníssono.

— Pronta, Chefe. — Camila faz os ajustes em sua armadura e então assente com ar tranquilo.

O pai e a agente avançam lado a lado em passos cautelosos até pararem a um metro do tronco tombado em equilíbrio precário na cava do declive.

"— Cadáver humano." — Ouço a voz de Camila pelos auriculares. — "Pela direção de onde vem essa trilha, é provável que nosso amiguinho infortunado tenha vindo lá da Rocinha."

"— Vire o corpo de costas." — O pai comanda. — "Quero hologravar o que sobrou do rosto dele."

Então, trata-se de um "ele".

Camila introduz o cano da metralhadora por sob o cadáver. Após duas tentativas infrutíferas, consegue virar o corpo, posicionando-o deitado de costas.

"— Fisionomia registrada." — A voz do pai soa satisfeita. — "Extraia amostras de tecido."

"— Afirmativo, Chefe."

"— Tome cuidado, Camila."

"— Deixa comigo, Chefe." — A agente solta uma risada confiante. — "Seguirei todas as precauções dos protocolos escritos pelo Mike."

–oOo–

O fato é que todas as precauções dos protocolos não foram suficientes para evitar que o cadáver encontrado no fim da trilha trouxesse a Covid-19 para o interior do nosso bunker. Aos escrevê-los, Mike não imaginou que seríamos obrigados a lidar com uma infecção tão contagiosa quanto a supergripe.

Opa! Peço desculpas. Pois acabo de perpetrar este deslize hediondo de antecipar um dos desfechos desta narrativa. Não se deve telegrafar o clímax da história antes da hora.

Então, fica o dito pelo não dito.

Voltando: sob as ordens do pai, o cadáver é incinerado no próprio sítio em que o encontramos com o emprego de um lança-chamas. Tomamos cuidado para não incendiar a mata. A chuva que caiu ontem à tarde torna mais fácil impedir a propagação das chamas.

Em seguida, marchamos de volta à mansão sem maiores incidentes. Quando retornamos ao lar, mesmo ciente de antemão, a mãe se mostra nervosa com o incidente.

— E se aquele corpo estiver infectado com a supergripe? — Seus olhos varrem a fisionomia serena do pai e a minha, bem menos tranquila.

— Fica fresca, amor. Não assumimos risco algum. — O pai suspira com expressão paciente estampada ao semblante. — Stella já está testando as amostras daquele corpo. Só por garantia.

A mãe cerra as pálpebras. Franze a testa, com cara de quem está visualizando uma batelada de informações. Então, replica com voz perturbada:

— Esse corpo. — Toma fôlego antes de prosseguir. — Não passa de um garoto. Um adolescente.

— Gepê, exiba o holo do cadáver. — Sussurro, na certeza de que o material já se encontra disponível nos sistemas da mansão. Pois, caso contrário, a mãe não o teria visualizado. — Apmo. — Murmuro o acrônimo de "apenas para os meus olhos", para que ele não abra o holo no tanque do salão.

Antes que a mãe ou o pai possa ordenar que o gedo bloqueie a informação, meu gepê leal me faz visualizar a face parcialmente desfigurada do cadáver em decomposição. Apesar das órbitas oculares vazias e da língua inchada, esticada para fora da boca, não é difícil identificar a fisionomia conhecida.

— É o Tonga. — Balbucio entre dois soluços.

— Quem? — Meus pais indagam ao mesmo tempo.

— Meu amigo da Rocinha. — Engulo em seco. — Eu jogava futebol com a turma dele lá naquele campo abandonado da Estrada da Canoa.

— Ah, sim. — O pai acena com a cabeça. — Puxa, mas que merda. Sinto muito, meu filho.

— Ele não estava invadindo. — Controlo o choro. — Deve ter vindo em busca de auxílio para a comunidade.

— Talvez. — O pai murmura para si próprio.

— Com certeza. Pobre coitado. — A mãe assente com expressão pesarosa. — Porém, ainda assim, precisamos descobrir logo o teor dos resultados dos testes do seu amigo.

–oOo–

Tonga testou positivo. Morreu de supergripe menos de cinquenta horas atrás.

Todos nós da expedição pela trilha somos colocados sob quarentena. Stella coleta amostras de sangue e muco nasal. No entanto, alerta de antemão de que vamos precisar repetir os testes em quarenta e oito horas para confirmar se fomos ou não infectados.

Na manhã seguinte, nossa médica divulga os resultados. Quatro dos expedicionários positivaram para o vírus da supergripe. Inclusive, o pai e a Agente Camila.

Contrariando nossos prognósticos otimistas, a Covid-91 conseguiu enfim penetrar no bunker que julgávamos inexpugnável.

Três dias mais tarde, não obstante as salvaguardas e precauções adotadas, mais de noventa por cento dos residentes na propriedade testam positivo para o SARS-CoV-37. Inclusive, meus pais, eu, meus irmãos, a Doutora Alves e o Albano, nosso novo chefe de segurança.

Stella aplica doses de antivirais inteligentes em todos os residentes, infectados ou não. Sinto uma febre baixa, alguma dor de garganta e uma dor de cabeça bem fraquinha, mas prossigo em meu treinamento centaurino sem maiores problemas. Nossa médica afirma que já não é mais o caso de isolar os infectados. O vírus já se disseminou por todas as áreas residenciais da propriedade. Apesar de suas cagarolices habituais, Carol e Carlinhos superam o vírus bem melhor do que eu, pois permanecem completamente assintomáticos o tempo todo. Com dificuldades respiratórias, o pai cai de cama. Stella afirma que o caso é grave e determina sua pronta remoção para a enfermaria. Um dia depois, ele está entubado e inconsciente no respirador. O grande problema é que a enfermaria só dispõe de nove respiradores. Ninguém em sã consciência imaginou que precisaríamos de mais do que isto. Por outro lado, ninguém supôs que entraríamos em contato direto com o cadáver de um amigo infectado. Já nos primeiros dias, as nove máquinas ficaram ocupadas.

Camila constitui nossa primeira baixa fatal. Sua perda livra Stella do dilema cruel de ter que arrancar um paciente crítico da UTI improvisada para gerar uma vaga para a mãe, que também necessita de um leito com respirador com urgência.

A equipe médica se mantém desperta à base de doses maciças de estimulantes. Um dos paramédicos adoece e Stella o afasta do atendimento. Na morte

seguinte, ele "herda" o primeiro leito de UTI disponível. Mais da metade dos adultos residentes marcha inexoravelmente para a morte, pelo simples fato de que não há respiradores para atender todos os casos graves. As crianças, filhas de agentes e funcionários, revelam-se praticamente imunes. A minoria dos agentes que se recobra da infecção sem maiores sequelas, tenta manter o perímetro da propriedade sob vigilância. Uns poucos são treinados como paramédicos. Albano recobra a saúde sem necessidade do período regulamentar de internação na UTI.

As notícias do mundo exterior que nos chegam de forma fragmentária tampouco são animadoras. Brasília se queda incomunicável. Há boatos de saques, conflitos e mortes nas ruas de quinze capitais brasileiras. Na cidade de São Paulo, o êxito das autoridades na imposição de um lockdown rigoroso consegue conter a pandemia. As cidades do interior do estado não exibem desempenhos semelhantes.

Aqui no Rio, entregues à própria sorte, as favelas e comunidades se convertem em covidários descomunais. Embora as mídias informativas não consigam entrar lá, tomadas realizadas com o emprego de drones têm exibido cenas dantescas nos holonoticiários. A situação nos bairros do asfalto não é muito melhor. O governador do Rio de Janeiro decreta lockdown, mas a determinação não é cumprida em todos os municípios com igual eficiência.

De volta à mansão, no dia em que atingimos a marca da trigésima morte, nossa situação se torna crítica quando a supergripe coloca Stella fora de ação. Albano se vê forçado a tomar a decisão dificílima de retirar um paciente do leito com respirador da UTI para instalar nossa médica em seu lugar. Exerce sua escolha de Sofia amparado pelas orientações dos paramédicos, que avaliam as chances prováveis de sobrevida dos outros sete pacientes que ocupam respiradores. Ninguém cogita remover o pai ou a mãe de suas máquinas, embora os dois não apresentem sinais de melhora.

–oOo–

— Mano. — Carlinhos se remexe em meu colo, choroso como se tivesse três anos de idade. — E se o papai e a mamãe morrerem?

— Eles não vão morrer. — Afago seus cabelos ondulados.

— Como você pode saber?

— Eles são Mendonça, moleque. — Carol vocifera, encolhida em minha cama. Raivosa para ocultar o medo. — Mendonça, vigor de onça. Somos duros na queda, duros que nem pedra, esqueceu? — Recita o velho lema familiar de forma automática. — Nós três sobrevivemos, não foi? O pai e a mãe vão se recobrar também. Você vai ver só.

— Não sei, não. — Ele funga, desanimado. — A Doc falou que a supergripe atinge as crianças com menos força. Os filhos dos agentes não são Mendonça e também sobreviveram. Enquanto isto, os pais e mães deles estão morrendo.

— Escute bem. — Murmuro no ouvido dele. — A mãe e o pai vão escapar desta.

— Sei. — Ele suspira em tom abatido. — Mas, e se eles morrerem?

— Não vão morrer.

— Tá bem, mano. Mas, e se o pior acontecer?

— Se o pior acontecer, eu cuidarei de vocês.

— Mas, você ainda é criança. Danado de esperto, mas criança.

— E daí? Não serei criança por muito tempo. Além disso, como você lembrou, sou bem inteligente para a minha idade.

— Além disso, — Carol imita meu tom de voz, — nossos pais não vão morrer.

Apostamos todas as nossas fichas na resistência imunológica mendoncina do pai e da mãe. Por isto, sofremos o diabo quando a tragédia enfim desaba sobre nossos ombros.

–oOo–

No décimo segundo dia após a descoberta do cadáver do Tonga, o pai não resiste mais. A mãe falece dois dias mais tarde. Tanto um quanto a outra jamais recobraram a consciência.

Durante todo este surto, para todo e qualquer efeito prático, eu, Carolina e Carlos permanecemos sob os cuidados da Artemisa. Claro que ela não é um ser humano. Pelo menos, não uma humana orgânica. Porém, é a melhor tutora que poderíamos desejar e, neste período trágico e caótico, assumiu as funções de governanta da mansão e defensora dos interesses últimos dos Mendonça. Afinal, foi através dela que recebemos as notícias das mortes dos nossos pais.

A morte do pai foi mais traumática. Porque, no fundo, tínhamos esperanças de que conseguisse escapar. Já a morte da mãe, por pior que tenha sido, não nos tomou de surpresa. Pois, dessa vez, quando Artemisa se esforça em preparar nossos espíritos para o pior, não nos recusamos a compreender o que ela estava tentando explicar.

Como todos os demais, nossos pais são sepultados na propriedade. Em condições diversas, em atendimento aos seus desejos pessoais, seus corpos teriam sido cremados. Só que não há crematório na mansão e funerais em um cemitério estavam simplesmente fora de cogitação. Recebemos condolências numerosas da Terra e do espaço. Amigos, parentes e autoridades enviaram montes de holos de pesar e dezenas de coroas fúnebres virtuais. Até a primeira-ministra da União Sulina arranjou tempo para gravar um holo de condolências, enviado no dia do funeral do pai. Naturalmente, sob os protocolos de lockdown, ninguém compareceu presencialmente às cerimônias. O pai e a mãe teriam se sentido contentes com tamanhas manifestações de apreço.

Após o funeral dela, órfãos de pai e mãe, eu e meus irmãos nos reunimos em meu quarto para chorar em paz. Desta vez, trouxemos poltronas dos quartos deles.

— Artemisa. — Convoco nossa tutora depois de hora e pouco de choradeira e rememorações dolorosas.

Carol e Carlinhos se sentam voltados para o holotanque.

"POIS NÃO, RICARDO." — Ela se materializa no fundo do tanque no instante seguinte. Traja um vestido negro impecável, extremamente bem comportado pelos padrões das comunidades espaciais. — "ACOMPANHEI O FUNERAL PELAS HOLOCÂMERAS. BELAS PALAVRAS, MENINOS. SUA MÃE TERIA SE SENTIDO ORGULHOSA. MAIS UMA VEZ, MEUS SENTIMENTOS NESTE MOMENTO DE PESAR."

— Obrigado. — Replico em modo automático, enxugando os olhos nas costas das mãos. — Estamos com algumas dúvidas.

"FAREI O POSSÍVEL PARA ESCLARECÊ-LAS."

— Agora que somos órfãos, — Carol se antecipa, contrariando o que havíamos combinado, — o que acontecerá conosco?

"TODOS OS CONTRATOS FIRMADOS COM SEUS PAIS PERMANECEM VÁLIDOS E SERÃO HONRADOS PELAS COMUNIDADES ESPACIAIS E SELENITAS." — Ela entrelaça os dedos sobre o joelho esquerdo, oculto sob o tecido preto do vestido. — "SEUS TREINAMENTOS PROSSEGUIRÃO NORMALMENTE, ATÉ SUAS RESPECTIVAS CONCLUSÕES."

— Certo. — Assinto, ainda sob estado de choque. — Porém, e quanto a todo o resto?

"NÃO SE PREOCUPEM." — Artemisa nos encara com um olhar grave. — "NÓS CUIDAREMOS DE TUDO E EU ME ENCARREGAREI DE VOCÊS PESSOALMENTE."

–oOo–

Assim que o avatar da consciência artificial se desmaterializa, a ficha cai. Eu e meus irmãos mergulhamos num choro desconsolado. Os três juntos. Abraçados.

9

O Espacial que Caiu na Terra

Embora desperto, permaneço deitado de pálpebras cerradas. Presa fácil dessa preguiça matinal paralisante que me acomete vez por outra, minutos

antes do gedo traiçoeiro anunciar em seu tom funéreo implacável que é hora de levantar.

Só que a voz que eu ouço dentro da minha cabeça quinze minutos antes das seis da manhã é outra. Mais rica e sensual do que a do gepê:

"MENINOS, É PRECISO LEVANTAR AGORA." — Artemisa anuncia seu português meigo peremptório. — "POR FAVOR, VISTAM-SE E DESÇAM PARA O SALÃO."

— Por que essa pressa toda? — Pelo jeito que ela falou, concluo que se comunica com nós três ao mesmo tempo.

"OS MENDONÇA ESTÃO PRESTES A RECEBER UM VISITANTE."

— Agora, em pleno lockdown?

"ISTO MESMO."

— E o nosso café da manhã?

"SE PARAREM DE FAZER PERGUNTAS TOLAS E SE APRESSAREM, CONSEGUIRÃO DESFRUTAR DE UM DESJEJUM EXPRESSO, QUE FAREI SERVIR NO PRÓPRIO SALÃO."

— Se é assim, entendido.

Pelo visto, as perguntas ficarão para depois da primeira golada de leite gelado, lá pela segunda torrada. Espero que Misa dê uma colher de chá e as mande preparar amanteigadas.

Visto o traje inteiriço autolimpante que costumo usar nas sessões de treinamento. No corredor, encontro Carol com uma cara de sono de dar pena. Até que se arrumou bem rápido por seus padrões carolínicos. Se duvidar, acaba de estabelecer um novo recorde pessoal.

— Carlinhos? — Ela me fita com ar inquisitivo.

— Bem aqui, manos. — Ele aparece no umbral da porta do seu quarto com um sorriso apreensivo no canto dos lábios.

— Vamos a isto, então. — Faço um gesto decidido em direção às escadas, pois ninguém aqui está com paciência para aguardar o elevador.

–oOo–

A refeição é servida por autômatos reprogramados pela consciência artificial. Um padrão que Misa adotou sempre que nós três comemos no salão. É possível que não se sinta à vontade ao comandar um serviço prestado por empregados orgânicos. No entanto, mantém a tradição do serviço convencional da criadagem quando o desjejum é servido na copa.

— Então, Mira? — Carol se interrompe no meio do movimento de retornar a torrada mordida à boca. — Quem virá nos visitar?

"UM REPRESENTANTE DAS COMUNIDADES."

— Um espacial, aqui na mansão? — Empolgado, Carlinhos se engasga com o suco de tangerina e começa a tossir.

"EXATO."

— Como conseguirá alcançar a mansão neste lockdown? — Indago ao avatar sentado na extremidade oposta da mesa comprida que, na verdade, encontra-se do outro lado da superfície do holotanque.

"A BORDO DE UM TRANSPORTE ATMOSFÉRICO, É LÓGICO. OU, POR ACASO, IMAGINARAM QUE ELE DESPENCOU DO SEU HABITAT ORBITAL E CAIU NA TERRA?"

— Está vindo direto das órbitas baixas? — Recobrado do acesso de tosse, Carlinhos abre um sorriso deliciado.

"ESTÁ, CARLOS."

— Chegará pelo ar. — Carol enuncia o óbvio antes de fustigar. — Não há risco de ser abatido pela Força Aérea?

"RISCO ALGUM." — Artemisa nos pisca o olho de íris dourada fulgurante. — "JÁ RECEBEMOS UMA AUTORIZAÇÃO RELUTANTE DO CONTROLE AÉREO DO SUDESTE."

— E quanto aos drones do nosso sistema de vigilância? — Pergunto, embora já desconfie do teor da resposta.

"ALERTEI NOSSA SEGURANÇA QUANTO À

ATERRAGEM IMINENTE DO VISITANTE."

Simples assim? De fato. Não duvido que essa consciência artificial voluntariosa seja capaz de assumir o controle da vigilância aérea da mansão à nossa revelia, caso julgue necessário. Albano provavelmente também já intuiu essa possibilidade. Portanto, não resta nada a fazer, se não relaxar ante o inevitável e confiar nas boas intenções dos espaciais. Afinal, Artemisa não compactuaria com visitantes que nos quisessem causar mal, certo?

"ENTÃO, MENINOS? SATISFEITOS?" — Ela gesticula em direção aos pratos e copos vazios. A questão é retorica, pois dois autômatos ingressam no salão de braços estendidos, prontos para retirar a louça e os talheres. Outras três máquinas aguardam pacientes junto à parede contígua à copa, preparadas para iniciar o serviço de limpeza. — "SE JÁ ACABARAM, PROPONHO QUE SAIAMOS PARA RECEBER NOSSO VISITANTE." — Ela se levanta da mesa e caminha rumo à porta. Quando o holotanque se apaga, ouvimos a voz dela em nossos auriculares. — "NÃO SE PREOCUPEM. PERMANECEREI COM VOCÊS EM MODO ÁUDIO."

–oOo–

Saímos os três para o gramado defronte à entrada principal da mansão nesta manhã ensolarada de inverno carioca no Alto da Boa Vista.

— Onde está a nave espacial? — Carlinhos vasculha o céu azul à procura de veículos aéreos.

— É só um atmosférico, seu bobo. — Carol ralha em tom carinhoso.

"O TRANSPORTE SE ENCONTRA A CAMINHO." — Artemisa se manifesta em nossos ouvidos. — "ATERRAGEM ESTIMADA EM NOVENTA SEGUNDOS."

— Ainda não enxergo nada. — O caçula me lança um olhar enviesado.

— Ali. — Carol aponta para o oeste, pouco acima da copa das árvores. — É aquele pontinho escuro?

"ESSE MESMO."

O ponto escuro se aproxima. Transforma-se num veículo de brinquedo com linhas aerodinâmicas funcionais. Então, de repente, está pairando sobre o campo de futebol, maior do que um helicóptero de carga do Exército. Aparentemente, desloca-se no interior da atmosfera por meio de sistemas de hélices ocultas em sua extremidade inferior. Embora quase não emita ruído, as correntes de ar que produz balançam a folhagem das árvores que ladeiam o gramado, sítio escolhido para a aterragem. Do bojo inferior da aeronave, emergem quatro trens de pouso. Sem alarde, ela pousa no grande círculo do campo. Mal aterra, o veículo assume a coloração esverdeada exata do gramado.

— Vamos até lá. — Carlinhos propõe, entusiasmado.

"NÃO." — Nossa tutora determina. — "É MELHOR ESPERAR O VISITANTE AQUI MESMO."

Artemisa tem razão. Não faríamos um bom papel caso o caçula disparasse em corrida tresloucada até o transporte.

Até então invisível, a escotilha se fende no casco da aeronave. Uma escadinha de quatro degraus emerge dali e um humano alto e magro desembarca com passos lentos e seguros. Eu diria que se sente à vontade em nossa gravidade. Não me surpreendo. Há uma penca de habitats orbitais que geram gravitação artificial pelo efeito da rotação.

Embora se rosto possua tão poucas rugas quanto o do pai, seus cabelos curtos exibem o mesmo branco neve reluzente que vemos nos holos do nosso avô. Só que os cabelos desse espacial são crespos e sua epiderme é quase tão escura quanto a do pai do Toinho.

Lança um olhar para cá, assente e então caminha em nossa direção. Tenho a impressão de que dialoga (mentalmente?) com nossa tutora. De qualquer forma, não segue o estereótipo fajuto, lugar-comum dos holodramas terrestres, do espacial fracote, que se mostra inseguro e desajeitado ao retornar ao mundo dos seus antepassados.

Enfim, cruza a linha lateral do campo e para à nossa frente.

"BOM DIA, AVELAR." — Ouvimos nossa tutora cumprimentá-lo. — "APRESENTO-LHES RICARDO, ANA CAROLINA E CARLOS MENDONÇA."

— Saudações, Artemisa. — O espacial exibe um sorriso pro forma. Decerto já fez seu dever de casa e, portanto, sabe tudo o que há para saber a nosso respeito. — Bom dia, crianças. Sou Roberto Avelar. Como meu nome e sotaque indicam, nasci no Brasil, embora tenha emigrado para o habitat orbital Boa Sorte aos quinze anos de idade.

— Bem-vindo à nossa casa, Cidadão Avelar. — Assinto em modo automático.

"VAMOS ENTRAR?"

— Com prazer. — O espacial sorri para nós ao fazer um gesto assertivo. — Sigo logo atrás de vocês.

–oOo–

Artemisa apresenta um relatório pormenorizado da crise causada pelo surto de Covid-91 que se abateu sobre os residentes da propriedade. Roberto ouve com atenção. Só interrompe a consciência artificial em duas ocasiões, para solicitar mais detalhes.

"EM SUMA, ESTA É A SITUAÇÃO VIGENTE DOS MENDONÇA." — Dirige um olhar pensativo a nós três ao concluir seu relato.

O espacial contempla nossos semblantes com ar pensativo. Em seus olhos negros, um fulgor de empatia e compaixão. Será sincero? Ou esse tal Roberto não passa de um bom ator?

— Muito bem, crianças. — Ele assente com ar sério. — É preciso tomar providências para salvaguardar sua segurança imediata e seus interesses presentes e futuros. Porém, ao menos em princípio, como representante das comunidades espaciais e selenitas, eu não gostaria de tomar qualquer decisão com que lhes traga desconforto.

— O que será de nós? — Carol fita o visitante com expressão compungida de mestra da chantagem emocional.

— Pretendemos protegê-los. — Roberto lança um olhar breve à tutora. — Aliás, essa é uma exigência que se repete em diversas cláusulas do contrato que firmamos com seus pais. — Ele se volta ao avatar. — Artemisa, acaso julga que as crianças Mendonça se encontram em segurança nesta residência?

"EM ABSOLUTO." — Ela abana a cabeça num gesto bastante orgânico. — "A MANSÃO JÁ SOFREU TRÊS ATAQUES EM QUATRO MESES. NA ÚLTIMA INCURSÃO, OS INVASORES PROVOCARAM CATORZE MORTES."

— Percebo.

"REPARE QUE TUDO ISTO SE DEU ANTES DAS BAIXAS OCASIONADAS PELA INFECÇÃO VIRÓTICA." — A tutora prossegue com voz desapaixonada. — "COM AS BAIXAS SOFRIDAS NO ATAQUE, A EQUIPE DE SEGURANÇA QUE PROTEGE A FAMÍLIA SE ENCONTRA DESFALCADA. EM MEIO AO CAOS TRAZIDO PELA PANDEMIA, NÃO SERÁ FÁCIL CONTRATAR SUBSTITUTOS COM A QUALIFICAÇÃO MÍNIMA NECESSÁRIA."

— Entendo. — Roberto entrelaça os dedos sobre o tampo da mesa. — Diante desses fatos, depreendo que você recomenda a remoção imediata dos três para um local mais seguro.

"ESTA É SEM DÚVIDA A SOLUÇÃO MAIS SENSATA."

— Certo. Por acaso, eles possuem algum parente próximo?

"UM TIO RESIDENTE NO INTERIOR DE SÃO PAULO."

— Tudo, menos o Tio Eraldo. — Carol junta as palmas das mãos numa súplica teatral, nem tão fingida assim.

"E UM AVÔ MATERNO QUE CRIA GADO NO SUL DA AMAZÔNIA."

— Sério? — O espacial encara o avatar com expressão incrédula. — Pensei que já haviam abolido essa prática.

"CRIADOR DE GADO BOVINO. MAIS DE CEM MIL CABEÇAS."

— Cabeças. — Avelar faz cara de aparvalhado.

— Nossos pais eram rompidos com o Avô Matheus desde antes de eu nascer. — Declaro, implacável, com o intuito precípuo de pôr de lado as atitudes do nosso avô atávico e retornar ao assunto em pauta. — Transferir nossa guarda para ele contrariaria frontalmente os desejos do pai e da mãe.

— Concordo. Esse avô seria uma influência péssima para as crianças. — Roberto abana a cabeça numa negativa enfática. — Mais algum parente?

"NINGUÉM PRÓXIMO." — Artemisa suspira com cara de conformada. — "DOIS PRIMOS PELO LADO MATERNO, OUTROS TRÊS PELO PATERNO, UMA TIA-AVÓ CUJO PARADEIRO ATUAL É IGNORADO."

Roberto lança um olhar cético ao avatar.

— Famílias. Nunca estão disponíveis quando precisamos delas. — Ele cerra as pálpebras com ar consternado. Se duvidar, atormenta-se com uma lembrança desagradável do próprio passado. Após certo tempo, reabre os olhos e retoma a fala. — Bem, pelo que vejo, os três não têm ninguém capaz de assumir a guarda.

Bate uma vontade louca de afirmar que não precisamos de guarda alguma. Mas, em prol do nosso futuro, seguro a onda.

"NINGUÉM NA TERRA."

— Percebo onde pretende chegar, minha cara. — Esboça um sorriso triste. — Em condições normais, tentaríamos negociar uma solução para a guarda deles com o governo brasileiro ou a União Sulina. Na conjuntura presente, tal solução não me soa factível, uma vez que esses entes políticos não se mostram capazes de negociar o que quer que seja.

"EXATO."

Roberto assente com a testa franzida, antes de explicitar a posição de seus representados:

— Ao que parece, eles só contam conosco.

"POIS É."

— Muito bem, crianças. — Suspira, decidido. — A ideia básica é removê-los desta residência o mais rápido possível e instalá-los num local seguro. O que vocês acham deste plano?

— No espaço? — Carlinhos arregala os olhos de entusiasmo.

— Não. Por enquanto, não. — Roberto sorri. — Vocês residiriam no enclave das comunidades na América do Sul.

— Lá em El Calafate? — Carol me dirige um olhar inquieto. Ao contrário de mim, meus irmãos não se recordam de ter morado noutro lugar que não esta mansão.

— Isto mesmo.

— Por quanto tempo viveríamos lá? — Tento emular confiança e tranquilidade no afã de acalmar minha irmã.

— Até concluírem seu treinamento. Segundo me consta, faltam pouco mais de oito meses.

— E depois? — Carlinhos fita o espacial com expressão assustada.

— Uma vez concluído o treinamento, nós os colocamos em animação suspensa e vocês só despertarão lá em Alpha Centauri.

E assim as coisas se deram.

Como podem constatar, não tivemos lá grande escolha.

–oOo–

Tudo o que se segue ao convite de Roberto Avelar adquire o sabor de anticlímax.

Partimos da mansão após o almoço no mesmo transporte atmosférico que trouxe o representante das comunidades espaciais. Nosso visitante ilustre compartilha conosco a última refeição desfrutada em nosso lar. Na hora de escolher o tinto para acompanhar o rosbife, em vez do Bordeaux premiado, opta por um merlot do Vale dos Vinhedos, uma DNA 99 da Pizzato, safra 2071.

Saímos praticamente com as roupas do corpo, pois Artemisa nos assegura que todo o necessário será provido lá no sul da Patagônia. Insistimos em levar nossos tablets, pois sem eles nossos gepês não

serviriam de muita coisa. Embora consinta, Roberto afirma que receberemos modelos mais avançados em El Calafate. Tablets e, sobretudo, implantes. Carlinhos faz questão de levar consigo sua coleção de fósseis e pedras raras (na opinião dele). Roberto e Artemisa se sensibilizam com a birra do pirralho e lhe concedem o capricho.

Recém-saída da UTI, se não com a saúde plena, ao menos, com a lucidez recobrada, Stella Alves ensaia certa resistência protocolar à nossa remoção. No entanto, deixa-se convencer pelas considerações de Artemisa. Uma vez convencida, a médica presta um apoio fundamental à tutora e ao espacial na tarefa de persuadir nosso chefe de segurança. Albano só dá o braço a torcer após analisar os detalhes dos contratos que o pai e a mãe firmaram com o Projeto Esperança: "na ausência ou perda dos pais ou representantes legais, as comunidades humanas extraterrestres e a gerência do projeto indicarão um gestor para cuidar dos interesses últimos dos contratantes". No caso presente, como nossos pais deixaram registrado, seus interesses últimos consistem em nosso embarque para Alpha Centauri.

Ao fim do almoço, Roberto aceita sem discussão a proposta de levar Artemisa conosco para El Calafate.

— À medida do possível, é preferível manter intacta a estrutura doméstica à qual vocês três estão acostumados.

"A ESTRUTURA A QUE NÓS QUATRO ESTAMOS ACOSTUMADOS." — Ela nos joga uma piscadela de cumplicidade.

— Exatamente o que pretendi dizer. — Roberto assente, ripostando com outra piscadela.

Desta forma, Roberto Avelar se torna nosso tutor em teoria, enquanto Artemisa assume a função na prática.

— Nossos amigos sentirão falta da Misa. — Carlinhos murmura ao meu ouvido.

"EM ABSOLUTO." — Artemisa sorri ao caçula. — "JÁ PROVIDENCIEI O UPLOAD DE INSTÂNCIAS SUBSIDIÁRIAS DA MINHA PERSONA NOS SISTEMAS DAS RESIDÊNCIAS DELES. ATÉ PORQUE ESTOU COORDENANDO O TREINAMENTO DA MAIORIA."

— Instâncias subsidiárias? — Lanço um olhar inquisitivo ao avatar. — Não haverá perda de desempenho?

"EM TESE, SIM. NA PRÁTICA, NÃO." — Ela encolhe os ombros, resignada. — "DIFICILMENTE ALGUÉM AQUI EMBAIXO REPARARÁ A DIFERENÇA."

–oOo–

O atmosférico decola em silêncio. Ao atingir onze quilômetros de altitude, aciona suas turbinas nucleares. Três horas e pouco mais tarde, aterramos em El Calafate.

Nos meses seguintes, retomamos a rotina de treinamento. De vez em quando nos lembramos da mãe e do pai e ficamos tristes. Sinto saudades da vida feliz que levávamos na Gávea Pequena. Por vezes, Carlinhos ainda chora um pouco à noite, antes de dormir. Nessas ocasiões, com a conivência das outras crianças do dormitório, eu e Carol nos sentamos à cama com ele. Ela lhe canta uma ou duas canções de dormir enquanto lhe afago os cabelos.

No dia seguinte à nossa formatura — por assim dizer, pois não há cerimônia ou comemorações — somos conduzimos às caves subterrâneas do pavilhão de hibernação do enclave. Só oito das cinquenta cápsulas de animação suspensa se encontram presentemente ocupadas.

Artemisa nos acompanha até três hibernáculos cujas tampas transparentes permanecem erguidas à nossa espera. Aqui no enclave, ela pode se manifestar como avatar humanoide em praticamente qualquer aposento.

"COMO PROMETI, ELES NÃO PARECEM NEM UM POUCO COM ESQUIFES FUNERÁRIOS."

Trata-se de uma piada recorrente que desenvolvemos nos últimos meses. Pois, visitamos este pavilhão no dia seguinte à nossa chegada ao enclave.

Nós três avançamos e nos acomodamos o melhor possível nos leitos exíguos dos hibernáculos. Movo-me para amparar Carlinhos, mas ele faz questão de alçar sua unidade sozinho. Os dispositivos zumbem baixinho. De suas anteparas, emergem miríades de fios, tubos, garras e tentáculos que envolvem nossos corpos, rasgando e removendo nossas batas translúcidas durante o processo.

— Vamos sentir frio? — Carlinhos indaga de troça pela enésima-quarta vez.

"EM ABSOLUTO."

— Hibernação não tem nada a ver com criogenia, moleque burro. — Carol retruca, fingindo-se irascível até o fim.

— Não custa nada confirmar. — Carlinhos me pisca o olho. A verdade é que ele amadureceu um bocado nestes oito meses.

— Bons sonhos, meninos. — Carol nos fala num tom inusitadamente meigo que me faz lembrar da nossa mãe.

— Bons sonhos, manos.

— Até logo. — Respondo, conjurando todos os meus resquícios de convicção. Porque não haverá sonhos neste longo período de inconsciência. — Hibernem bem.

"BOA VIAGEM, CRIANÇAS." — Artemisa pisca os olhos enormes quando as tampas transparentes se fecham.

As naves da esperança ainda não estão prontas. Portanto, ainda levaremos alguns anos para começar a jornada. No entanto, é sono que sinto, como se já houvesse passado há muito da hora de dormir. Bocejo com a sonolência induzida pelo coquetel de medicamentos injetado em nossos organismos para propiciar a hibernação.

Não sei quanto a meus irmãos, mas me sinto um pouco como um viajante temporal. Ou, quem sabe, espaçotemporal. Porque, se tudo transcorrer conforme o planejado, quando acordarmos daqui a pouco, estaremos mais de um século no futuro e no Sistema Triplo de Alpha Centauri.

EPÍLOGO

Reaparições do Passado

Abro os olhos e me pego recostado no tronco de um baobá imenso espetado no topo de uma colina rochosa. A elevação se ergue como uma ilhota numa pradaria infinita de capim azul.

Observo a árvore melhor. Talvez não seja realmente um baobá. Afinal, o capim que devia ser verde, aqui é azul.

— Gepê, essa árvore é um baobá? — Levanto e fico de pé ao lado de uma pedra comprida de um metro de altura.

Ele não responde. Não sinto a presença do gerente pessoal, meu assessor mais íntimo e companheiro fiel desde os meus cinco anos de idade. Gozado. Esta ausência deveria causar pânico. Era para eu me sentir indefeso sem ele. No entanto, não é o que sinto. Por mais estranho que pareça, não sinto pavor, mas uma paz de espírito tão profunda que chega a ser suspeita.

A brisa sopra de onde suponho que seja o leste. A grama ondula em matizes diversos de azul, do celeste ao marinho, passando pelo ciano e o cobalto. O disco solar parece maior do que o que eu via lá do Rio. Solto uma risadinha histérica quando parafraseio em pensamento a frase da Dorothy em O Mágico de Oz: não estou mais no Rio. Nem mesmo na Terra ou no Sistema Solar. O mais surpreendente de tudo é o satélite alaranjado bojudo, maior do que Luna, pendurado neste céu azul-esverdeado, circundado por anéis amarelos.

Muito bem. Não estou na Terra e tampouco a bordo de uma nave da esperança. Só falta descobrir como diabos vim parar neste mundo alienígena.

Reparo no vulto pequenino se movendo junto ao horizonte. A figura bípede caminha aparentemente na minha direção. Avança pradaria adentro para cá, envolta em grama do meio das pernas para baixo. É impossível distinguir se o vulto é humano ou alie-

nígena. Desta distância, não consigo distinguir suas feições.

A figura se aproxima passo a passo. Trepo na pedra e a observo. Considero a possibilidade de avançar até ela, mas resolvo que é melhor manter esta posição vantajosa. O vulto se desloca de um jeito calmo e confiante. Sem pressa. Só então me percebo vestido com um traje inteiriço branco de corte espacial. Libero um suspiro de alívio profundo ao perceber que o traje não é colante.

Quando a figura está praticamente à base da colina, constato que é uma humana. Pela altura elevada e os olhos avantajados, diria que pertence a uma estirpe extraterrestre qualquer. Pela facilidade com que se locomove nesta gravidade plena, presumo que não seja selenita.

— Olá, Ricardo. — Ela acena para mim no meio da subida.

— Já nos conhecemos? — Indago sem grandes cautelas, pois a voz não me soa estranha.

— Mais ou menos. — Exibe um sorriso familiar. — Sou Walkyrja.

— Desculpe-me, Cidadã. Deve haver algum engano.

— Evoluí a partir de uma instância de sua tutora, Artemisa.

Caramba. Estive com Misa minutos atrás no pavilhão de hibernação do enclave. Bem, ao menos, do meu ponto de vista.

Será possível que essa entidade descenda da Misa? Por diversas vezes, ela manifestou o anseio de evoluir.

— Você me faz lembrar dela. — Reconheço, desconfiado. — Os mesmos olhos grandes de íris douradas. O mesmo jeito de andar. Só que não parece tanto assim. — Nesse uniforme colante, vislumbro suas formas deslumbrantes. Essa Walkyrja é mais bem-apanhada do que a velha e boa Artemisa. — Francamente, você é mais bonita do que ela.

— Assumi a forma de uma humana orgânica normal desta época. Pelo visto, em sua opinião, as orgânicas atuais são mais belas do que suas congêneres do século XXI. — Ela solta uma risada. — Mas, sei como essas coisas são. É como se eu fosse uma bisneta dela, não é? — Ainda sorridente, alcança o topo e para a um metro de distância. Aliás, ela é quase um metro mais alta do que eu.

— É meio por aí.

— Deixe-me experimentar uma mudança. — Sua altura despenca para um metro e oitenta num átimo. O penteado muda e as feições também. Agora, veste um macacão repleto de bolsos, no melhor estilo terrestre. — Que tal estou?

— Igualzinha à Artemisa que se despediu de mim ainda há pouco, ao pé do hibernáculo. — Observo as formas conhecidas do avatar. — Só que isto não prova nada, certo? A questão crucial é se você é ou não minha tutora Artemisa.

— Sou Artemisa. Porém, não sou apenas ela. Da mesma forma que, de certa maneira, você ainda é o Ricardo de cinco anos de idade, porque compartilha das memórias e dos anseios dele. Porém, hoje em dia, você já não é só ele.

— Faz sentido. — Sorrio, cauteloso. — Digamos que eu acreditasse em você.

— Ainda que provisoriamente.

— Isto.

— Sinta-se à vontade. — Ela pisca o olho dourado com ar satisfeito. — Vamos combinar uma coisa? Você me faz qualquer pergunta que lhe vier à cabeça e eu responderei todas que puder.

— Feito. — Cruzo os braços sobre o peito. Confesso que me sinto menos intimidado na presença da Misa do que com a jeitosa varapau da Walkyrja. — Já chegamos em Alpha Centauri?

— Definitivamente.

— Onde estão meus irmãos?

— Ainda em seus hibernáculos. — Ela sorri. — Aliás, você também está no seu. Só que eles ainda estão hibernando e você está prestes a despertar.

— Sério? — Corro os olhos pela pradaria matiza-

da em azul à nossa frente.

— Sério.

— Julguei que estivesse em Tellus. — Abro os braços. — Esta realidade virtual psicointerativa é...

— Prefiro que pense nesta experiência como um sonho vívido.

— Isto aqui está real demais para um simples sonho. Observo a rugosidade desse tronco. — Estendo o braço e passo a mão na casca da árvore para confirmar. — Os aromas da vegetação que a brisa traz dessa pradaria aí embaixo.

— Maravilhas da tecnologia futurista.

— Que seja um sonho vívido, como você sugere. — Encaro-a com olhar sério, sem medo de bancar o adulto. Pois, se é de fato Artemisa, ela conhece minhas manias de cor e salteado. — Este sonho é inspirado em Tellus?

— Em Tellus? Não. Em absoluto. — Por um instante, sua fisionomia exibe uma expressão sombria. Mas, logo volta ao normal. — Inspirei-me em outro mundo biótico.

— Tudo bem. — Concentro-me em minha própria respiração na tentativa de me manter calmo. — Por que estou neste cenário bucólico de um planeta alienígena?

— Lembrei os ambientes que sua amiga Gisela gostava de conjurar para recebê-lo. Daí, resolvi criar este aqui.

— Um cenário fictício, portanto. Muito mais elaborado do que os que a Gi projetava, mas, ainda assim, irreal.

— Nem tanto. O planeta existe mesmo. Só que se situa noutro sistema estelar.

— Então, a humanidade já visitou outros sistemas além de Alpha Centauri?

— Já.

— Mudando de assunto, por que estou sendo despertado e os meus irmãos não?

— Você foi escolhido.

— Escolhido por quem?

— Minha associada orgânica o escolheu.

— Me escolheu? Para quê?

— Prefiro que ela própria lhe explique este tópico em particular.

— Certo. E onde está ela?

— Presentemente defronte ao seu hibernáculo, com o olhar fixo em seu rosto inerte, na expectativa que você recobre logo a consciência e abra os olhos.

— Por que ela não está aqui conosco?

— Minha amiga e associada é uma orgânica antiquada. Como tal, não aprecia se imiscuir nos sonhos alheios.

— Pelo visto, você não nutre o mesmo tipo de escrúpulos.

— Em meu caso, é diferente.

— Por que você é artificial?

— Também. — Ela sorri, mais Artemisa do que nunca. — Porém, sobretudo, porque fui sua tutora e pretendo voltar a sê-lo.

— É mesmo?

— Pelo menos, é o que eu espero.

— Quando é que eu vou despertar?

— Quando seu organismo estiver pronto. Você passou mais de um século em animação suspensa. O processo de ressurreição demora um pouco.

— Ressurreição. Emprego para lá de esquisito do termo.

— Segundo me consta, essa acepção foi cunhada por ressurrectos.

— Então, não sou um dos primeiros a despertar?

— Imagina. Há mais de um milhão de terrestres ressurrectos.

— Espere um instante. — Arregalo os olhos ao tomar pé da situação. — A Esquadra da Esperança deve ter trazido mais de trinta milhões de terrestres para cá.

— Quase trinta e dois milhões.

— E só um trigésimo desses hibernautas todos foi ressuscitado até agora?

— Os números são essencialmente esses. Os outros permanecem em animação suspensa em suas naves. Como a Carolina e o Carlos.

— Por quê?

— Minha associada explicará esta parte.

— Há quanto tempo a Esquadra chegou em Alpha Centauri?

— Pouco mais de cinquenta e três anos atrás.

— E por que só estou sendo despertado agora?

— Porque minha associada o escolheu.

— E quanto aos outros terrestres? Também foram escolhidos por algum espacial?

— Não necessariamente. A maioria é despertada em lotes para exercer funções que os cidadãos desta época não desejam ou não possuem qualificações para exercer.

— Percebo. Somos mão de obra não qualificada. O que meus pais costumavam chamar de "bucha de canhão". É para isto que servimos, certo? Para limpar latrinas.

— Não banque o infantil. Autômatos burros já executavam tarefas desse tipo antes de você deixar a Terra.

— Está bem. — É melhor eu engolir a indignação até adquirir dados concretos. — Por falar nisto, como está a Terra hoje?

— A biosfera terrestre está convalescendo devagar. Um processo que só estará concluído daqui a dois séculos.

— Ainda há humanos por lá?

— Decerto que sim. Dois ou três milhões de indivíduos. Os Tribais Terrestres.

— Ficamos reduzidos a tribos selvagens?

— Algumas dessas tribos são até bem civilizadas. Cidade-estado, por assim dizer. A civilização cósmica atual costuma deixá-los em paz. Não mantemos contatos intensos com os tribais. Porque eles preferem assim.

De repente, sou acometido por um insight arrepiante:

— Acabo de ter a sensação estranhíssima de já conhecer esse enredo. Uma espécie de déjà-vu. Sabe quando você descobre no meio de uma dada narrativa, que sabe como será o fim da história?

— Gosto dos seus insights. — Esboça um sorriso nostálgico. — Por favor, elabore este ponto melhor.

— Tenho a impressão nítida de que, quando a Esquadra da Esperança ingressou neste sistema cinquenta e poucos anos atrás, já havia humanos aqui.

— Seu palpite está correto. As estirpes espaciais, asteroidais e planetárias chegaram aqui mais de oitenta anos antes de vocês.

— Como foi possível?

— Novas tecnologias.

— Não me diga que desenvolveram a propulsão relativística. A que velocidades suas naves se deslocam? Mais de noventa por cento da velocidade da luz?

— A velocidade não importa. — Artemisa encolhe os ombros. — A humanidade descobriu uma espécie de atalhos através de um conjunto de dimensões de ordem superior ao qual nos referimos como "não espaço". Os deslocamentos do ponto de ingresso de um atalho até seu ponto de emersão noutro sistema estelar são instantâneos para todo e qualquer efeito prático, independentemente das distâncias percorridas em anos-luz. Ao longo das primeiras décadas após a descoberta do primeiro ponto de ingresso no Sistema Solar, a humanidade mapeou uma série de atalhos funcionais, até estabelecer a malha cosmoviária atual.

— Entendo. — Não contenho o assobio de espanto. — Então, foi assim que as estirpes espaciais chegaram aqui antes de nós. E noutros sistemas estelares também.

— Isto mesmo. Só que nós chegamos até aqui

através de um atalho, enquanto vocês cruzaram o espaço interestelar entre as gravitosferas do Sol e de Alpha Centauri. Foi a única expedição tripulada desse gênero na história humana. Os pioneiros centaurinos não puderam fazer nada para resgatá-los a fim de abreviar a duração da jornada. Portanto, só lhes restou aguardar a chegada da Esquadra da Esperança.

— Quer dizer que também não há lugar para nós terrestres em Alpha Centauri? Os espaciais se apoderaram de Tellus muitas décadas atrás.

— Negativo. Os espaciais propriamente ditos não apreciam viver em planetas e os belters ocupam seus asteroides e cometas. Por outro lado, Tellus constituiu uma decepção colossal para as estirpes planetárias. Não possui biosfera. Furiosos e desarvorados, a primeira geração de colonos selenianos rebatizou o planeta como "Azoto".

— Desprovido de vida.

— Exato. — Artemisa assente com ar triste. — Corporações selenianas empreendem presentemente um megaprojeto de terraformização planetária em Azoto. Porém, ainda levará décadas de esforço, séculos talvez, até que se torne habitável.

— Quem são esses selenianos?

— Uma estirpe planetária radicada em Selene, o satélite natural de Azoto.

— As estirpes planetárias por acaso descendem dos selenitas?

— Bingo!

— Que estranho.

— O panorama da diáspora humana?

— Isso também, é lógico. Porém, referia-me à expressão que acabou de empregar. Desde quando você usa gírias antiquadas?

— Ah, isto. — Esboça um sorriso sem graça. — É influência da minha associada orgânica.

— Sua associada misteriosa. O que ela deseja de mim?

— Minha amiga lhe explicará assim que você recobrar a consciência.

— Crê que gostarei do que ela pretende fazer comigo?

— Aposto que sim.

— O que foi isto agora?

— Isto o quê?

— Agora você aposta?

— Digamos que constitua outra influência deletéria exercida por minha associada.

— Misa?

— Pois não, Ricky.

Ricky? Ela nunca me chamou assim. Por um instante, encaro minha antiga tutora com ar desconfiado.

— Sou eu mesma, Ricardo. Sua amiga e tutora Artemisa e não uma entidade artificial maligna fingindo ser eu. Pode se abrir comigo.

Enfim...

— Se eu por acaso não aceitar a proposta da sua associada, poderei recusá-la sem maiores problemas?

— Lógico que sim. É inadmissível imaginar que pudesse ser de outro modo.

— Se eu recusar, precisarei voltar ao hibernáculo?

— Não, Ricardo. Eu e minha associada arranjaremos algo satisfatório para você, caso não tope a nossa proposta.

— Quer dizer então que você também está envolvida nisto?

— Como vocês costumavam dizer na boa e velha Terra, até a raiz dos cabelos. — Ela abre seu sorriso cálido característico. — A propósito, creio que é hora de acordar.

–oOo–

Abro os olhos de repente. Outra vez.

A tampa do hibernáculo se encontra recolhida no interior da carcaça do equipamento. Aliás, este não

é o hibernáculo no qual me deitei lá na Patagônia. A parte superior do leito começa a se erguer. Meio minuto mais tarde, estou sentado defronte de uma deusa ruiva imensa, linda de morrer.

— Como se sente, Ricky? — A deusa humana de mais de um metro e noventa de altura me fita com o par de olhos verdes incendiários mais incríveis que já contemplei. Suas íris de mais de três centímetros de diâmetro ocupam todo o espaço entre as pálpebras. Pareceriam parte da sátira ridícula de uma personagem ocidental num animê obsoleto, não fossem tão extraordinariamente belas. Pupilas falciformes de tigresa sob a luz indireta deste ambiente inteiramente branco em que acabo de ressuscitar. — Consegue entender o meu português?

— ... consigo. — Balbucio, arregalado e boquiaberto. — Pronúncia perfeita.

— Excelente. Não praticava o idioma há um bom tempo. Sabe como é: a gente não esquece, mas a pronúncia enferruja um pouquinho. — A deusa assente com ar solene. — Como foi a conversa com Walkyrja? Combinamos essa estratégia do sonho vívido para ganhar tempo, explicando algumas coisas enquanto você não recobrava a consciência. — Quando os segundos se esvaem sem que eu consiga articular uma resposta, esboça um sorriso preocupado. — Ainda confuso? Relaxe. Vai passar. — Expressa-se em tom maternal. Sua fala, aliás, constitui um balde gigante de neve cometária sobre meu começo de paixonite juvenil. O que essa humana de corpo escultural, modelado dentro de um uniforme colante verde musgo, cuja coloração empalidece ante o tom esmeralda do seu olhar, deseja de um garoto bobo como eu?

— A conversa foi boa. — Tomo fôlego e coragem para responder à minha Afrodite de Botticelli. Nunca acreditei em amor à primeira vista, mas acabo de rever meus conceitos sobre esse assunto crucial. É claro que senti paixonites no passado. Como pela Isa, por exemplo. Porém, nada que se comparasse com este sentimento avassalador. Enfim, alvejado pela seta do deus Eros. Ah, a paixão doce e arrebatadora do primeiro amor. Para disfarçar este turbilhão de emoções, acrescento. — Com Artemisa.

— Ah, sim. — O sorriso agora denota satisfação. — Com sua tutora, Artemisa.

— Desculpe perguntar, mas, quem é você?

— Eu é que peço desculpas por não ter me apresentado. Não o fiz por julgar que me reconheceria. — Solta uma risadinha melodiosa. — Jura que não sabe quem eu sou?

— Nunca me deparei com uma humana tão bela quanto você. É lógico que eu a reconheceria se já houvéssemos nos encontrado antes.

— Muito obrigada. — Outro risinho. — Porém, por outro lado, puxa vida, Ricky. Que decepção!

— A voz me lembra de alguém. — Confesso com o intuito precípuo de ganhar tempo. — Você não é espacial, certo?

— Lógico que não sou. — Ela apoia as mãos nos quadris generosos com indignação fingida. — Ainda bem que percebeu. Eis que começa a trilhar a senda da redenção. Por favor, prossiga.

— Asteroidal.

— Muito bem. — Ela une as mãos no gesto de bater palmas. Só que se contém a tempo. — O que mais?

— Você me lembra de uma adolescente aster que conheci. Só que não pode ser ela.

— E por que não?

— Você é mais alta do que ela. Bem diferente, também.

— Diferente, como? — Ela me varre o espírito com um olhar judicioso.

— É muito mais bonita do que aquela garota metida. Além de possuir bem mais cabelo do que ela.

— Ora, muito obrigada, Ricky querido. — A belter beauty dobra o tronco num cumprimento tão jocoso quanto sensual. Então, ergue as mãos para ajeitar a cabeleira ruiva que lhe chega até o meio das costas. Faz algo misterioso com as mãos ágeis e os fios e mechas compridas se entrelaçam sozinhos em um rabo de cavalo como num passe de mágica. — Já usei cabelos bem curtos.

— É mesmo?

— É, seu bobo. — Ela me lança uma piscadela adorável. — E também era um tanto metida quando jovem.

— Ahn?

— Última dica: este não é o corpo em que nasci.

— Não?

— Não. — Limita-se a sorrir, agora. Um sorriso fulgurante, apesar de maternal demais para o meu gosto. — As pessoas podem trocar de corpo hoje em dia. Os espaciais da velha guarda só trocam os seus quando os originais envelhecem. Nada como a experiência da velhice. — Entoa essa última sentença com voz cavernosa. Se duvidar, imitando um hierarca espacial vetusto. — Nós asteroidais, reencarnamos sempre que aparecem modelos com aperfeiçoamentos significativos.

— Mas, se é assim, então...

— Sim?

— Você é a Ursulla Claudius?

— Em carne, osso e configuração.

— Caramba. — Perco o rebolado por um bom tempo. Ela se mantém sorridente e silenciosa, vasculhando meu espírito sem a menor pressa com esses olhos de gata enormes. — Eu diria que você está muitíssimo bem para a sua idade.

— Obrigada. — O sorriso se apaga do seu rosto. Ela me encara com a expressão mais grave da Via Láctea. — Agora, chega de papo furado. Vamos à pergunta que está formigando como gelo seco na ponta da sua língua.

— Já que insiste. — Engulo em seco. Alea jacta est. — Por que me despertou?

— Providenciei sua ressurreição porque desejo fazê-lo meu pupilo.

— Pupilo? — O balde de neve se transforma num cometa inteiro.

— Isto mesmo. — Ela volta a sorrir. — Aos treze anos, você ainda está bastante longe da maioridade legal, mesmo levando em conta o amadurecimento acelerado do seu organismo terrestre.

— E você seria a minha tutora?

— Ahn, não exatamente. Prefiro que minha associada artificial reassuma seu papel de tutora. Ela gerenciará sua educação formal. — Lança a piscadela mais sensual da periferia galáctica. — Eu serei sua guardiã.

— O que significa exatamente uma guardiã no século XXIII?

— Sua responsável legal. Dentre outras coisas.

— Certo. — Suspiro, desarvorado. — Mais ou menos, como se fosse a minha mãe, né?

— Não, Ricky. — Suas feições se crispam numa expressão irritada. Linda ou não, seu semblante agora é o de uma deusa furiosa. Que tipo de gafe imperdoável terei cometido? — Não serei sua mãe. Não existem mais pais e mães na Humanosfera.

— Não?

— Não. — Ursulla abana a cabeça numa negativa para lá de enfática. — Pelo menos, não na Égide.

— E o que é a Égide?

— O conglomerado de megacorps que coordena o funcionamento do Núcleo. A parte mais importante da Humanosfera.

— E Humanosfera? A região da Via Láctea colonizada pela humanidade?

— Mais ou menos isto. Depois eu explico melhor.

— Certo. — Sinto-me perdido nesta barafunda futurista incompreensível onde acabo de aterrar. — Porém, se não há mães e pais, como são as famílias?

— Não há mais famílias, Ricky. — Ela suspira, decerto conjurando novas doses de paciência infinita de deusa deste Olimpo hipertecnológico. — A abolição da família já era uma tendência real nas comunidades extraterrestres do meu tempo de criança lá em Hidalgo.

— Espere aí. Você não teve pai e mãe?

— Não, meu querido. Não tive pai e mãe. Feliz-

mente. Tampouco irmãos, primos e avós.

— Mas, então, quem te criou?

— Os instrutores do meu infantário, é lógico.

— Lá no asteroide em que você nasceu?

— Isto mesmo.

— Todas as crianças de Hidalgo já eram criadas dessa forma desde a sua época?

— Todas.

— Então, os pais asteroidais entregam seus filhos recém-nascidos direto aos infantários?

— Não, Ricky. — Ela bufa, algo exasperada. — Por favor, enfie uma coisa de vez na sua cabeça: não há pais e mães.

— Se é assim, como as pessoas nascem?

Ursulla me lança um olhar de incredulidade. Então, libera um longo suspiro do fundo dos pulmões.

— Está bem. — Acena com as mãos, como se me pedisse calma. — A culpa foi minha. Vamos começar do princípio. Está bem?

— Tudo bem.

— Preparado?

— Manda bala.

— Gostei da expressão. Um tanto antiquada, mas cabal. — Para meu alívio, minha deusa sorri, animada. — Os futuros cidadãos das comunidades extraterrestres deste presente aparentemente insano e caótico em que você acaba de ressuscitar são produzidos em serie, ainda que sempre em quantidades reduzidas pelos padrões da antiga civilização global terrestre. — Escrutina meu semblante para aferir se digeri tudo até aqui.

— Produzidos. — Mastigo o termo com minha dentição mental. — Certo.

— As comunidades produzem novos membros sempre que julgam necessário. Genomas são selecionados, gametas são impressos e, após uma bateria de testes de rotina, os embriões resultantes são gestados em úteros artificiais. Quando nascem, os bebês são criados desde o início nos infantários. A profissão de instrutor é a mais relevante e a mais reputada de toda a Humanosfera. Desde os primórdios da civilização humana fora da Terra, resolvemos entregar a tarefa mais fundamental da existência humana, que é a criação e educação das futuras gerações à responsabilidade das pessoas mais bem preparadas para essa missão sagrada. Os profissionais mais amorosos, inteligentes, talentosos e qualificados para cumprir o dever de educar novos seres humanos. Nunca nos arrependermos desta decisão.

— Puxa vida. — Dizer que me sinto profundamente abalado é um eufemismo medonho. — Sem pais e filhos. Tudo bem.

— Vamos com calma. — Ursulla ergue a mãos de dedos longos para afagar meus cabelos. Seu toque me deixa arrepiado. Ela percebe e sorri, quase como se estivesse encabulada. — Com o tempo, você se acostumará com essas noções.

— Pelo visto, não há outro jeito que não me acostumar. — Libero meu melhor suspiro de resignação. — Mas, espere um pouco. Toda essa criançada dos infantários será escolhida por guardiões?

— De modo algum. O direito de adotar um pupilo constitui um privilégio raro e, portanto, muito cobiçado e somente facultado aos cidadãos seniores.

— Então, aquela adolescente belter que recusou minha proposta de holocorrespondência chegou ao topo, afinal. — Solto uma risada bem pouco politicamente correta. — Exatamente como almejava.

— Isto mesmo. É por isto que estou aqui. Em vez de lhe enviar o holo prometido, compareço pessoalmente para saudá-lo. — Esboça um sorriso confiante. — Porém, como eu ia dizendo, jovens promissores, dotados de talentos invulgares ou de uma inteligência significativamente acima da média são candidatos naturais a serem selecionados como pupilos por um cidadão sênior.

— Entendo. — Minto, desorientado. — Uma curiosidade: o quão comum é para uma cidadã sênior como você adotar um jovem de outra estirpe?

— Bem, há precedentes raros de seniores espa-

ciais adotando pupilos asters, embora eu nunca tenha ouvido falar de um sênior asteroidal adotando um pupilo spacer.

— Sei. E quanto a uma cidadã sênior de qualquer estirpe extraterrestre adotando um ressurrecto?

— Bingo. — Exibe um sorriso constrangido. — Até onde eu e Walkyrja saibamos, nunca ninguém tomou um terrestre por pupilo.

— Certo. — Tomo fôlego para a pergunta crucial. — E, com tantos jovens asters brilhantes até dizer chega à disposição, por que você escolheu justo a mim para pupilo?

— Porque você é perfeito, ora.

— Perfeito em que sentido?

— Extremamente inteligente, caráter íntegro, boa índole e desprovido de muitos dos vícios que abomino nas comunidades humanas atuais.

— Tudo bem. — Essa resposta brutalmente honesta de bate-pronto mexe comigo. — Outra questão: se levarmos seus planos adiante, esta escolha sem precedentes nos trará algum tipo de problema?

— Possivelmente. — Ela me fita com olhar duro. Mais honestidade. — Dificuldades e preconceitos que superaremos juntos. Como pupilo e guardiã.

— Outra coisa: acaso eu poderia, em tese, recusar sua proposta?

— É lógico que sim. Quase todas as pessoas creem em livre arbítrio hoje em dia. Sobretudo, nós asters.

— Certo. E o que me aconteceria se eu declinasse da proposta?

— Eu ainda me responsabilizaria pela sua educação e por sua adaptação às sociedades atuais. — Ursulla me lança um olhar pensativo. — É claro que, não sendo sua guardiã, eu seria obrigada a fazer isto à distância.

— Percebo.

— Cogitando recusar minha oferta?

— Não sei. Ainda não decidi.

— Pondere os prós e os contras com serenidade. Não se sinta pressionado a decidir rápido, pois eu não estou com a menor pressa.

— E quanto aos meus irmãos?

— Minha proposta não inclui Ana Carolina e Carlos Eduardo. — Ela faz uma pausa antes de prosseguir com o argumento. — Por outro lado, não a lei que o proíba de tomar seus irmãos por pupilos quando se tornar um sênior.

— Na hipótese de que eu consiga ascender à cidadania sênior algum dia.

— Não nutro dúvidas de que você o fará. — Ursulla sorri. — Afinal, não o escolhi à toa.

— Mesmo assim. — Coço a cabeça. — Ser guardião de meus próprios irmãos soa um bocado esquisito.

— Concordo em número, gênero e grau. Porém, esquisitice ou não, é uma solução válida. Ademais, as leis da Égide não reconhecem os status de "irmão" ou "irmã". De qualquer modo, quando conquistar a senioridade, terá a idade adequada para exercer a guarda deles.

"POR QUE VOCÊ NÃO CONTA AO RICKY QUE NÓS TEMOS UMA NAVE ESTELAR SÓ NOSSA?" — Ouço a voz conhecida do outro lado do aposento. Giro a cabeça e me deparo com o avatar de Artemisa trajada num uniforme colante azul marinho.

— Porque isto seria jogar sujo, Wal. — A orgânica bufa, irritada. — Desejo que ele decida por si só. Livre das pressões e, sobretudo, das tentações. Lembra o que combinamos?

"NÃO TE FALEI QUE ELA TINHA UM LADO ANTIQUADO?" — Artemisa me pisca o olho.

— Que tal se você se manifestasse com seu avatar habitual?

"O GAROTO PREFERE O ANTIGO." — Artemisa replica, mas reassume a forma de Walkyrja em todos os seus duzentos e vinte tantos centímetros de altura. — "ENTÃO, RICKY? UMA NAVE ESTELAR ZERO BALA SÓ PARA NÓS TRÊS. PODERÍAMOS

SINGRAR ATÉ UM MONTE DE SISTEMAS ESTELARES LEGAIS DO NÚCLEO E, QUEM SABE, DA FRONTEIRA."

— Isto seria demais. — Encaro minha deusa ruiva. — Poderíamos realmente visitar outros sistemas?

— Em nossos períodos de folga. — Ursulla concede com mau humor para lá de fingido.

"NÃO PRECISAMOS DE FOLGA." — Wal solta uma gargalhada melodiosa, num tom muito mais sacana do que o empregado enquanto Artemisa. — "A MAIORIA DO NOSSO TRABALHO NÃO É EXECUTADA NAS GRAVITOSFERAS DO SOL E DE ALPHA CENTAURI. SÓ NA ÚLTIMA DÉCADA, ESTIVEMOS EM DOZE SISTEMAS ESTELARES DISTINTOS."

— Se é assim, eu aceito!

— Espere um instante. — A orgânica não resiste e abre o sorriso. — Julguei que estivesse mergulhado em dúvidas até o pescoço.

— Não estou mais.

— Sério?

— Seríssimo. — Presto uma vênia pronunciada à minha futura guardiã. — As coisas mudam, Ursulla.

— Não precisa decidir com essa afobação toda, Ricky. Ainda há um bocado de coisas que você ignora sobre a Humanosfera do século II.

— Relaxa. Eu aprendo rápido. — Pisco o olho para o avatar. Ela sorri de polegar erguido. — A propósito, dispomos de um calendário novo, agora?

"APENAS NO QUE TANGE A CONTAGEM DOS ANOS." — Walkyrja reassume o tom professoral típico de Artemisa, meu velho conhecido. — "SÉCULO DOIS DA DIÁSPORA ESTELAR. ESTAMOS PRESENTEMENTE NO ANO CENTO E TRINTA E CINCO DA DIÁSPORA HUMANA."

— Muitos ressurrectos afirmam que estamos no ano cento e cinquenta e cinco da Época do Embarque. Neste caso, o ano um da contagem é o da partida da Esquadra da Esperança do Sistema Solar. — Ursulla dá de ombros. — Em seu caso, creio que é uma questão de escolha.

— O que nos leva à pergunta seguinte: qual será o meu status no Núcleo desta Humanosfera? Ainda sou ressurrecto terrestre, certo?

"SE ACEITAR TORNAR-SE PUPILO DA URSULLA, DO PONTO DE VISTA LEGAL, SERÁ CONSIDERADO ASTEROIDAL DE ORIGEM TERRESTRE. PUPILO MENDONÇA. FORMA ABREVIADA: PUP MENDONÇA."

— Pup? — Engulo em seco. — Tem certeza de que não está zoando comigo?

"É SÓ UMA ABREVIAÇÃO E NÃO UMA PIADA OU TROCADILHO."

— Ele é meio cismado. — Ursulla pisca a esmeralda direita à artificial. — Como você bem avisou.

"UM PREÇO DIMINUTO A PAGAR PARA OBTER A EXCELÊNCIA QUE ALMEJAMOS."

— Tem razão.

"E ENTÃO, RICKY?" — Wal avança até o hibernáculo para me encarar. — "PRONTO PARA SE TORNAR PUPILO DA HEROÍNA MAIS TEMERÁRIA DA HUMANOSFERA?"

— Não exagere, Wal. — Ursulla sorri, mas não desmente a amiga. — Se não vai acabar assustando o garoto.

— Uma heroína espacial de verdade?

"ISTO MESMO." — O avatar solta uma risada. — "UMA GRANDE HEROÍNA ESTELAR."

— Se é assim, Pup está perfeito para mim. Onde é que eu assino?

"NÃO PRECISA ASSINAR NADA. BASTA A DECLARAÇÃO FORMAL DE QUE ACEITA A URSULLA POR GUARDIÃ. REGISTRAREI TUDO E TRANSMITIREI PARA TODAS AS BASES DE DADOS E REPOSITÓRIOS DE ALPHA CENTAURI. DENTRO EM POUCOS DIAS, A INFORMAÇÃO ESTARÁ DISPONÍVEL EM TODA A HUMANOSFERA."

E assim foi feito.

Tornei-me pupilo da aventureira e líder asteroidal Ursulla Claudius, uma das humanas orgânicas mais famosas (ou notórias, conforme a fonte consultada) do Núcleo e da Fronteira. Juntos, vivemos peripécias épicas de arrepiar os cabelos.

Essas, no entanto, são outras histórias.

Graduado em engenharia eletrônica e astronomia pela UFRJ, **Gerson Lodi-Ribeiro** publicou dois contos na *Asimov's* brasileira: a FC hard "Alienígenas Mitológicos" e a história alternativa "A Ética da Traição", narrativa que introduziu esse subgênero da FC no fantástico lusófono. Criador do universo ficcional TAIKODOM. Organizador das antologias de FC&F *Phantastica Brasiliana; Como Era Gostosa a Minha Alienígena!; Erótica Fantástica 1; Vaporpunk; Dieselpunk; Solarpunk, Super-Heróis e Dinossauros*. Autor das coletâneas de ficção curta *Outras Histórias...; O Vampiro de Nova Holanda; Outros Brasis; Taikodom: Crônicas e As Melhores Histórias de Carla Cristina Pereira*, dos livros de não ficção *Vita Vinum Est!: História do Vinho no Mundo Romano* e *Cenários de História Alternativa*, e dos romances de ficção científica *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas*; *A Guardiã da Memória* (Argos 2012); *Aventuras do Vampiro de Palmares*, *Estranhos no Paraíso* e *Octopusgarden* (Argos 2018).

PRETO DIGITAL

Michel Peres

Nail me to my car and I'll tell you who you are.
David Bowie

Meu fascínio por Galia Primavesi começou na adolescência. Ela era musa da interior music, a valquíria de dois metros a desfilar pelos palcos, fazendo o sistema nervoso dos fãs arder como uma teia incendiada. Nunca imaginei que chegaria a conhecê-la, quanto mais trabalhar com ela.

A mensagem que recebi de uma mulher chamada Tulla Larsen tornou isso possível. Era uma quarta-feira e a semana andava lenta na minha firma de manutenção de estúdios. Tinha me formado como engenheira de som há quase nove anos. No início, pensei em trabalhar para uma grande gravadora, montar meu próprio estúdio ou seguir em turnê com cantores como Iran Barsotti ou os Grizzly Carpets. Mas as coisas não caminharam assim: com uma habilidade nula para networking, uma preguiça inata e uma inclinação digna de Baco para a bebida, minha carreira atingiu a altura dum voo de pernilongo. Mas isso não me incomodava. Geralmente havia serviço de sobra e ser uma xamã sonoro tinha seus momentos.

Já ia para a segunda garrafa de vinho do dia quando a mensagem da senhora Larsen chegou.

Minha cliente em potencial tinha um estúdio e precisava de alguém para eliminar algumas 'malditas' frequências indesejadas. Pelo que detalhou na mensagem, parecia se tratar de um serviço de cura. Dependendo da gravidade do caso, esse tipo de serviço poderia demandar semanas, e o pagamento quase não compensava o trabalho. Mas estávamos na metade do mês e eu ainda tinha contas para pagar. Na pior das situações, exigiria um adiantamento. Respondi e agendei a visita.

Ela vivia no Sion, em um casarão de três pavimentos, ornados com colunas esculpidas como figuras que pareciam saídas do estúdio de Arno Breker. Havia um quê de fascismo naquelas figuras nuas e musculosas, uma decadência colérica e orgulhosa. Mas quem era eu para julgar? Não me pagavam para opinar sobre inclinações estéticas.

Fui recebida pela própria senhora Larsen. Era uma mulher de meia idade para cima, cabelos grisa-

lhos, face séria; seus olhos, de íris prateadas, possuíam algo de premonitório, como alguém que viveu demais. Me apresentei. Ela fez um sinal e me convidou para entrar.

Dentro do casarão, um espelho dava as boas-vindas. Caminhamos por um corredor até atingir uma sala. Ela estava abarrotada com pinturas de diversos estilos, de surrealistas ingleses a telas de arte ecopráxica. Porém o que chamou minha atenção foi um sistema de som Western Eletric 1950, um monstro valvulado, fios conectando suas enormes caixas a um toca-discos Teragaki Sigma 12000. Logo ao lado, uma parede tomada por vinis, k7s e cilindros de cera, um verdadeiro museu de mídias obsoletas, um show de excentricidades já que a maioria dos aparelhos de som disponíveis possuem modo *hiss* exatamente para os saudosistas, eliminando qualquer necessidade de se guardar artefatos físicos.

Perguntei a ela o que levava alguém a colecionar cilindros e vinis.

— Superfície —, ela disse, parecendo desapontada. — Tem suco na geladeira. Aceita?

— Não. Há quanto tempo seu estúdio está doente?

— Fui reparar ontem — ela disse, com um sotaque norte europeu — Acha que pode ser sério?

— Preciso dar uma olhada.

Atingimos um quintal, de onde se via uma casa com piscina. A água era um caldo verde, carpas nadando preguiçosas. Algo grande se moveu por baixo da cobertura de lodo, e pensei ter visto um peixe-boi ou um celacanto. O estúdio ficava na casa.

Passamos por duas câmaras de chumbo até chegar ao estúdio. Era como aquelas bonecas russas, a última delas – o estúdio – suspensa por molas, como mais tarde ela me explicou. Fazia calor ali dentro.

A senhora Larsen disse que o estúdio começou a apresentar problemas depois que ela realizou um multicanal da abertura do *Siegfried* de Wagner com um set de genes pertencentes a um 'antigo vírus congolês'.

— Utilizei um vírus atenuado, é claro — a senhora Larsen disse — Escute.

Ela acionou a mesa de mixagem. A música soava bela e rachada. Era como se houvessem pego as cordas de uma pianola e as lambuzado com banha e vidro moído; as marteladas de Mime soavam moles, enquanto um espectro vermelho dançava nos dutos de projeção holográfica da mesa de mixagem. Olhei de canto para a senhora Larsen. De braços cruzados, ela acompanhava a música com um interesse científico.

— Gostei — eu disse.

— Não está pronta.

Olhei para as pirâmides de absorção. Havia algo ali. Deslizei os dedos sobre uma delas. Um farelo descolou da superfície, azulado e quebradiço. Se fosse o que imaginei, não demoraria para que o estúdio todo ficasse comprometido.

— Qual vírus usou? Ebola?

— Sim.

— Imaginei — Uma gota de suor desceu pela minha coxa — É sempre tão quente aqui?

— Não… Acha que é a merda do vírus tem relação?

— Provável — Encarei o teto. A pele do sistema de ventilação movia-se devagar como a carcaça de uma baleia a apodrecer no delta dum rio. Mesmo atenuado, o vírus tomava conta de tudo. Já havia visto isso antes e sabia que não havia perigo algum de contaminação. Ao menos não para organismos vivos. O que excluía o estúdio.

Percebi saídas no assoalho — Seu estúdio tem função anecoica total…

Ela confirmou e pegou um pequeno controle verde que estava sobre a mesa de mixagem — Use isso para acessar ela.

Com o controle em mãos, perguntei:

— Costuma usar cargas do seu DNA nas gravações?

— Sempre. Para registro — ela disse, virando-se

— Bem, vou deixar vocês a sós.

— O suco.

— Sim?

— Acho que aceito o suco.

–oOo–

Com o copo em uma mão e o controle verde na outra, eu saí da casa da piscina. Dei uma bebericada no suco e pressionei o botão do controle. Sons mecânicos se fizeram ouvir.

Assim que voltei, o estúdio já havia se transformado: era como entrar em uma dama de ferro gigante, mas, no lugar dos espinhos de metal, pirâmides de espuma espalhadas no teto, no chão e nas paredes. Uma passarela brotou do chão para que eu pudesse caminhar sem estragar as pirâmides do assoalho. Caminhei até a mesa de mixagem. Ela seria essencial para meu trabalho de xamã.

Comecei com o básico, usando um processador de sinal. Para ter uma ideia do quanto o estúdio estava comprometido, tinha de verificar a frequência do vírus, qual sinal ele estaria emitindo para os amplificadores e toda a aparelhagem de gravação. Rodei novamente o multicanal com o Siegfried e aproveitei para captar o sinal desta vez. Havia um delay na transmissão, uma repetição baixa como um eco a morrer. Isso significava que a contaminação estava ainda em estágio inicial. Com sorte, duas semanas seria o suficiente para eliminar qualquer resquício do vírus no sistema.

Próximo à uma hora, a senhora Larsen voltou para ver como tudo estava. Eu corria um VirusSeq quando ela entrou. Ela havia mudado de roupa e usava uma peça única preta, algo entre uma parisiense de Toulouse-Lautrec e um corvo gigante.

— Tudo certo?

— Progredindo — respondi — Esse ebola fez um belo estrago.

Ela encarou a tela do notebook — Desmontando o vírus?

— Isso. Descobrindo a frequência certa, basta enviar um sinal contrário. Daí exorcizo esse vírus do estúdio."

— Como uma xamã — ela disse.

— Como uma xamã.

Ela ficou a me olhar. Seus olhos prateados eram estáticos como um *glitch*. Na hora não percebi, mas aquele era o mesmo olhar que ficara famoso no vídeo de *Habst Mädchen, Habst Cokaine*.

— Com fome?

— Um pouco — falei.

— Então vem. Talita preparou o almoço.

Na mesa da cozinha, uma refeição com assado de porco, batatas cozidas e purê de nabo. Talita – uma mulher negra, com sardas no rosto e longas tranças amarradas no topo da cabeça – pousou uma garrafinha de água ao lado do meu prato. Ela a abriu gentilmente e encheu o copo para mim. Apenas a senhora Larsen e eu nos sentamos.

— Não vai comer? — perguntei.

— Não — Talita respondeu — Tenho uma consulta agendada."

— Nunca vi alguém ir tanto ao médico… — senhora Larsen resmungou.

— Quando chega uma idade, é bom irmos às vezes ao médico — Talita disse — Só pra ver se está tudo ok.

A outra fez um muxoxo.

— Eu não demoro — Talita disse, pousando a mão no meu ombro — Me fala depois se ela pelo menos tocou no assado.

— Certo — respondi, segurando o sorriso.

Comecei a me servir. O purê emanava um cheiro leve e a carne havia sido cozida em manteiga. Apesar da aparência maravilhosa da comida, a senhora Larsen nem tocou no prato.

— Não vai comer?"

Ela apontou para o assado — Isso? Só debaixo de tortura.

— Mas está ótimo!

— Essa receita só é boa com carne de rena.

— Não caçaram todas as renas de Belo Horizonte?

Ela sorriu sem vontade e deixou por nisso.

Olhei de canto para a senhora Larsen. Ela tinha um nariz comprido e largo, cuja junção com os olhos lhe dava uma aparência felina. Mesmo sentada, era enorme. Suas longas unhas acariciavam o forro da mesa.

Acabei soltando uma risadinha.

— O que foi? — ela perguntou.

Limpei-me com um guardanapo — Desculpe. É que esse casarão, a senhora, assim de preto, só eu comendo… me sinto como Jonathan no castelo de Drácula.

Ela me olhou em silêncio. Então, riu alto — Querida, juro que volto para a cripta depois que você entregar meu estúdio.

— Menos mal... Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Seu estúdio é um dos melhores que já vi.

— Obrigada. Viu que ele está conectado ao meu Dreamcorder?

— Percebi. Ele literalmente colhe sonhos — falei — A senhora compõe? Quer dizer, compõe profissionalmente?

— Nada… Sou só uma amadora.

Outro silêncio, entrecortado pelos sons de garfo na porcelana. Ela continuou a acariciar o forro da mesa.

— É um belo estúdio… — falei, servindo-me do assado que não era de rena.

Assim que terminei de comer, fomos para a sala. A senhora Larsen trouxe um bule com café vietnamita. Em seguida, tomou em mãos um dos cilindros de cera. Com a devoção de quem segura um círio, ela o inseriu no Teragaki. Uma mulher começou a cantar em japonês.

— Que música é essa?

— Min'yō — ela disse, tossindo — Música tradicional japonesa.

Ouvimos o cilindro. O canto da mulher era acompanhado por uma batida leve e um instrumento de corda. *Biwa* ou um *shamisen*.

— Sobre o que ela está falando?

— Algo sobre arrozais e salões de embarque, eu acho.

Na parede, percebi antigos pôsteres de turnês e alguns troféus. Ficamos em silêncio, até o fim.

–oOo–

Cinco dias se passaram, e o estúdio estava quase curado. Só o caso de deixá-lo em observação. Não havia como negar. Foi uma das curas mais rápidas que já havia feito.

Pudera. O estúdio era maravilhoso. Os equipamentos eram o que havia de melhor em gravação e captação. Com eliminadores embutidos em todos os canais, qualquer tipo de som não intencional – uma tosse, um passo, um chacoalhar de chaves – poderia ser eliminado; quando no modo anecoico total, havia ali espaço suficiente para acomodar uma caminhonete, e o software do estúdio era capaz de quebrar e unir quaisquer cadeias de DNA a todos os formatos existentes de áudio.

O que me fazia pensar: em todos os dias que frequentei aquela residência, não vi nenhum instrumento. O estúdio poderia ser alugado para outros músicos, mas a senhora Larsen nunca comentou algo semelhante. Para quê então um estúdio como aquele? Impossível que ela usasse aquela estrutura só para experiências multicanal.

Fui compreender o que estava acontecendo um dia à tarde. O estúdio estava no modo anecoico total, e eu me trancara lá dentro. As pirâmides estavam limpas, confirmando que eu tinha conseguido eliminar a contaminação. Usando um Detector de Barulho, testei a pureza sonora. O db era um dos meus instrumentos mais sensíveis, capaz de bloquear sons

produzidos pelo meu próprio sistema nervoso. Com ele podia verificar se algum espectro indesejado estaria passando pelas camadas de chumbo que isolavam o estúdio do mundo externo.

Após colocar os fones e conectar eletrodos no peito e nas têmporas, vi o leitor do db apontar decibéis de menos quarenta, indicando que me aproximava da ausência completa de ruído: preto digital. Imersa no silêncio, trabalhei.

Foi quando uma vibração percorreu meu corpo.

Ela veio como uma onda, um marulhar elétrico me perpassando; era como se alguém dedilhasse meus nervos. Os pelos do meu braço ergueram e senti as pontas dos dedos for¬migarem, fenômeno que os mestres ioga chamam de prana, força vital.

Para mim, o nome era outro: música.

Mas não uma música qualquer. Era uma específica, que só se escuta com os nervos. Interior music.

Fui transportada aos meus treze anos, quando fui ao Pacaembu assistir ao show da turnê *Avoiding the Bends*. Eu estava quase colada ao palco, a poucos metros de Galia. Ela virou o rosto, coberto por uma maquiagem elétrica, satânica. Por um momento, pareceu olhar para mim, só para mim. A canção era *Secrets melts together*, a mesma que eu ouvi ali no estúdio.

Atordoada, coloquei o db a tiracolo. Sem me desplugar, saí do estúdio. Atravessei o jardim. A música ecoava mais forte. O formigamento havia chegado à minha nuca quando entrei na sala.

A senhora Larsen estava no sofá próximo à estante com os cilindros. Ela levava uma gargantilha presa ao pescoço e um sensor no pulso, a gargantilha se ligando por um fio a uma caixa do tamanho de um pequeno transformador que ela levava na cintura. A aparelhagem conectava seu corpo a uma tela, que exibia o diagrama do sistema nervoso de um elefante, os nervos incandescentes como rastros de bomba de fósforo. Aproximei-me, mas ela não notou.

Reconheci aquele instrumento: era usado por artistas de interior music.

Também reconheci aquela música e aquela silhueta.

— Galia…? — murmurei.

Ela se virou. Por um momento, fui sugada por aquele olhar de quase trinta anos atrás, aqueles olhos de gato. As rugas tentavam escondê-los. Mesmo assim estavam lá, acesos como carvões brasas em uma floresta negra.

–oOo–

Aos trinta e dois, Galia Primavesi era já uma artista consagrada, com quatro álbuns lançados. Filha de uma cantora dos Emirados Árabes com um engenheiro norueguês, ela lançou seu primeiro disco, *Bodily Struggle*, quando ainda era vocalista da banda de pós-industrial *Millenium Dispatches*. Seus outros álbuns já vieram de sua fase solo, quando Galia abraçou por completo a interior music – *Naked Tomorrow*, o segundo álbum, é tido por muitos como o melhor, além de ser o que redefiniu o estilo. Ela estava no auge da carreira, quando uma fã de Hampshire morreu, após uma semana de inanição, escutando sem parar suas músicas. A imprensa veio em cima, e Galia desapareceu do mundo da música. Alguns diziam que ela tinha ficado abalada com a história da garota. Outros, que havia criado uma comunidade em algum lugar na Espanha. Havia até boatos de suicídio.

Essas eram as versões que os fãs conheciam, divulgadas incansavelmente.

Os troféus reluziam a luz do corredor. Sentada no sofá, eu ouvi uma outra versão, a versão da própria Galia Primavesi.

— A parte da Espanha é verdade — ela disse, tossindo — Mas nem foi ideia minha. Tenho um amigo, um artista de Viena. A comunidade era dele e só fiquei lá até me recuperar."

— Os jornais disseram que você visitou os pais da menina…

— Tentei. Eles não quiseram me ver. Os tabloides espalharam mentiras que a menina era viciada, que se prostituía… Sabe como são aqueles malditos tabloides ingleses.

Fiz que sim com a cabeça. Estava anestesiada por ficar diante da própria Galia Primavesi.

— Viajamos um tempo, eu e Talita. Moramos em Berlim por uns meses, em Tânger, Lalibela, Xangai… Quatro anos pra lá e pra cá. Até que Talita se encheu daquela vida de cigano e viemos para o Brasil. Uma tia deixou esta casa de herança pra ela e cá estamos nós.

— Foi só isso que aconteceu?

— Sim. Caralho, o que mais poderia ter acontecido?

— Não sei. Algo trágico, talvez.

— Trágico? Olha, desculpe decepcionar você, mas o único drama nessa história foi a daquela garota inglesa. Eu, eu só aposentei.

— E nunca mais tocou?

— Ainda toco. Só que sozinha. Fiz um show em Buenos Aires há uns anos. Foi horrível.

— Horrível como?

— Eu vi o rosto daquela menina em todos da plateia.

Eu assenti. Ficamos em silêncio.

— Posso lhe chamar de Galia?

Ela tossiu — Galia era nome artístico. Me chame de Tulla.

— Tulla, certo… Tulla, entendo que tenha ficado traumatizada, mas o que aconteceu não foi culpa sua.

— Fale isso aos imbecis dos tabloides.

— Esqueça os tabloides. Você largou sua carreira — Apontei para a tela com o elefante — Não sente vontade de tocar de novo pra gente de verdade?

— De jeito nenhum.

— Pois devia. É a maior artista de interior music que já existiu. Posso ajudar, Galia, organizar um retorno.

— Me chame de Tulla… Mais vinho?

Ergui a taça — Então, o que me diz?

Ela segurou a garrafa entre os dedos, tamborilando no vidro.

— E meu estúdio?

— Quase pronto.

— Excelente — ela disse, colocando a garrafa na mesa e se erguendo.

— Tulla? — Ela se virou — O que me diz?

— Agradeço a oferta. Mas a resposta é não — ela disse e saiu da sala.

Afundei no sofá, apertando o db contra o peito. Os troféus na sala brilhavam soturnos.

–oOo–

Entreguei o estúdio curado antes do sábado. Galia, ou Tulla, como ela preferia, me pagou regiamente. Para garantir o serviço, anexei um retroviral aos canais de mixagem. Ela poderia inserir o vírus que fosse que o estúdio funcionaria sem problemas.

Depois da nossa última conversa, não tocamos mais no assunto do seu retorno. Liguei outras vezes, insistindo, mas sem resposta. Era como se ela me evitasse.

Dois meses se passaram até o dia em que ela me ligou. Perguntou se eu poderia ir à sua casa.

— Algum problema com o estúdio? — perguntei.

— Ele está perfeito. É que tenho algo que pode lhe interessar.

Cheguei o mais rápido que pude. Ela apareceu no portão e me levou para a casa da piscina. Senti minhas mãos gelarem.

No estúdio, ela me entregou um *skinbeets*.

Colei os eletrodos na testa e sentei em uma cadeira. Estava diante de uma tela, onde se via uma seleção de três músicas. A primeira chamava-se *Zero Flavor*.

— Escute e me fale — ela disse — Quero sua opinião.

Fechei os olhos e pude ouvir a tecla play sendo pressionada. A música começou como uma estáti-

ca, ondas arrebentando na superfície de um oceano primevo. Aos poucos, fui sendo abra¬çada como que por um manto morno. Um coro pairava acima, se sobrepondo em camadas. A voz de Galia veio do interior, atravessando as outras como um estilhaço. Era como se as vozes de Wendy O. Williams, Sônia Santos e Chan Marshall houvessem se misturado para produzir uma colcha sonora. Minha nuca queimava.

Quando abri os olhos, Tulla estava parada. Percebi uma tensão em seu olhar.

— O que achou? — ela perguntou.

— É-é fabuloso — balbuciei — Quando você compôs essa música?

— Terminei anteontem.

— Quero ouvir as outras.

Nossa seção durou cerca de uma hora. Primorosas, todas as músicas. Havia a mesma energia do início de sua carreira, mas embebida em algo poderoso e novo. E eu era a primeira a ouvir aquelas músicas.

— Tulla… seus fãs precisam conhecer esse material.

— Imaginei que fosse dizer isso.

— Então…

— Quero voltar aos palcos. Uma última turnê. Todo artista faz uma porra de uma última turnê, não faz? — ela disse — Mas estou há tanto tempo afastada. Não sei nem a quem procurar.

— Tranquilo. Conheço um cara.

— Ótimo… Acha que as pessoas vão se interessar?

— Se eu acho? Meu Deus, é o retorno de Galia Primavesi!

Ela sorriu satisfeita e disse: — Queria pedir outra coisa.

— O que quiser.

— Fez um ótimo trabalho com meu estúdio e entende de inmu. O que acha de ser minha engenheira de som?

Não respondi. Só larguei o *skinbeets* na mesa e a abracei. Galia cheirava a carvão e cascas de laranja.

–oOo–

— O que acha? — perguntei.

Rômulo coçava a barba, lançando olhares para a porta da boate como se alguém fosse aparecer a qualquer instante. Havíamos sido colegas de faculdade e, antes mesmo de formar, ele largou tudo para abrir uma boate no Santa Tereza. O lugar vivia abarrotado com toda fauna de moderninhos da cidade e tinha certo renome a nível nacional.

Era começo da tarde e o lugar estava vazio. Eu levei as três músicas de Tulla para ele escutar. Rômulo deu um muxoxo e apontou para o celular sobre a mesa.

— É a Galia?

— Sim!

— Ela está viva?

— Está, cara.

— E morando em Belo Horizonte?

— Ali no Sion!

— Olha só… — ele disse — Quantos anos ela tem?

— Sei lá, uns sessenta. Então. O que acha?

Ele tirou o eletrodo da testa, o único que havia colocado — Sei não, Aninha… movimento anda lento. Tô preferindo uma galê mais de ponta.

— Mais de ponta que Galia Primavesi?

— Arrã… PretoNix, Samba de Proveta, Zé Zé… até aquela menina lá, a das gillettes na cabeça…

— Jussara Prês?

— Essa.

— Rômulo, é a Galia Primavesi. A Galia. Se anunciar, vai vir gente do Brasil todo aqui.

— Você fala isso porque é fã dela.

— E daí?

— Daí que cê tá empolgada — ele disse — Além

disso, essa música que cê mostrou nem é boa.

O infeliz havia colocado só um eletrodo do skinbeet. Não é assim que se ouve inmu. Tinha que colocar os três eletrodos, os dois das têmporas e o do peito também. Mas não queria vencer nenhuma discussão técnica. Queria só convencê-lo da minha proposta.

— Esquece a música e me escuta — falei — Muitos fãs da Galia são da Argentina, sabia?

Ele encarou as unhas — E…?

— Você me disse que os moderninhos aqui amam Quilmes… Talvez eu consiga um patrocínio.

— Da Quilmes?

"Claro. Fãs argentinos, Quilmes…"

Rômulo fez uma expressão desconfiada.

— Façamos assim — ele disse — a entrada fica pra você e sua musa anagógica. O bar é meu, belê?

— Belê.

— E só vale se conseguir esse patrocínio.

Apertamos as mãos. Antes que eu fosse embora, Rômulo copiou as músicas. Disse que iria ouvir com atenção depois.

Liguei para Galia, querendo lhe dar logo a notícia, mas ela não atendeu. Fui à sua casa e Talita me disse que ela havia saído.

Passei o resto do dia na firma. Havia mensagens de novos serviços, mas não as respondi. Queria me dedicar apenas a Galia.

Por volta das oito da noite me ligaram.

Galia, pensei.

Mas era o Rômulo. Disse que havia algo esquisito nas músicas.

— Não percebi nada esquisito — falei.

— Um som mais baixo, mais denso que o resto. Não percebeu?

— Em qual das músicas?

— Todas. Fiz uma checagem de DNA.

— Pra quê?

— Porque eu tava desconfiado que as músicas não fossem da Galia. Cê não checou?

Ajeitei o telefone na orelha. Artistas de interior music costumavam inserir cargas de seu próprio material nas músicas que compunham. Essa pegada genética era uma maneira um tanto frustrada de se evitar plágio, mas bem útil para gravar a própria marca. Havia possibilidades estéticas nesse tipo de inserção.

— Tá aí?

— Estou… E não. Não fiz a checagem — Estava tão empolgada por trabalhar com Galia Primavesi que nem cogitei a possibilidade daquela mulher ser uma farsante.

— Caralho… Cê é a engenheira de som, heim?

— Desembucha, Rômulo. É ou não é ela?

— Relaxa. É ela.

— Menos mal. E o que encontrou de esquisito?

— Aninha… não queria ser o primeiro a te falar isso…

— Falar o quê…?

— Acho que Galia tá doente.

Houve um silêncio na linha, sustentado apenas por uma respiração, a minha.

Assim que Rômulo desligou, fiz a checagem de DNA.

Sim. Era nítida a presença de traços doentes nas três músicas, uma contaminação perceptível na camada inferior, a da circulação sanguínea, uma vibração grossa e sombria.

Temi pelo pior. Após usar o processador de sinal, constatei meus temores.

–oOo–

Fui na casa dela no dia seguinte. Talita me acompanhou até a sala e pediu que eu esperasse.

— Tulla está terminando de se arrumar — ela disse.

Fiquei quase uma hora sozinha na sala. Para passar o tempo, coloquei um vinil do The Feelies. Estava na metade de Moscow Nights quando Galia apareceu. Ela usava um camisero e havia bolsões escuros debaixo dos seus olhos.

— Amo esse disco — ela disse — Mas *Time for a Witness* ainda é o melhor deles.

— Alguns preferem *Abbey Road a Sgt. Peppers*, vai entender — falei, analisando seu rosto — Dormiu mal?

— O suficiente — Ela sentou-se numa cadeira feita de pneus velhos, lançando um olhar para a mesa de centro — Talita não trouxe vinho?

— Ela ofereceu, mas eu não quis — falei — Conversei com Rômulo. Ele concordou em ceder a boate.

— Mesmo?

— Pode apostar. Vim aqui ontem. Você não estava.

— Fui ao médico.

— Achei que odiasse médicos.

— Não odeio médicos. Odeio os instrumentinhos invasivos deles.

— Quais?

— Todos, agulhas e bisturis principalmente — Ela inclinou o rosto — O que foi?

— Escutei melhor as suas músicas. Há uma camada mais densa em todas. É sua assinatura, né?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Notei elementos diferentes nessa camada. Elementos que não havia percebido em suas músicas antigas…

Galia apoiou os cotovelos nas pernas. Como me calei, ela disse — Vejo que já está sabendo.

Assenti — Você falou sobre uma turnê de despedida.

— Sim.

— Então...

— Não tenho muito tempo de vida, se é o que quer saber.

A luz da tarde entrava pelo reposteiro, iluminando a estante com os cilindros de cera. Eram todos bege, uma cor doentia como se fossem uma coleção de fósseis.

— Um show que seja pode piorar sua saúde — falei.

— Sei disso.

— Vários shows, pior. Vai estar conectada a centenas de pessoas, milhares talvez.

— O que pode aumentar o meu câncer. Sim, eu sei.

— E ainda assim quer fazer?

— Olhe para mim — ela disse, apontando para a sucessão de mídias antigas na sala — Sou como um faraó, mas não sei se esses caras aí vão mesmo um dia me ressuscitar. O que eu quero é ter a certeza. Preciso do público mais que de qualquer outra coisa. Sou uma *junky* velha que tenta se enganar que está limpa… O público é meu vício. Eu preciso do contato. Preciso da troca.

Fui embora deixando Galia escutando um dos cilindros de Min'yō. Me senti preocupada: ela dizia estar doente, a sua música dizia que ela estava doente e apesar disso parecia uma mulher completamente saudável. Talvez a possibilidade de voltar aos palcos tivesse despertado sua vontade de viver. Ou quem sabe fosse a proximidade da morte. Atordoada, atravessei a rua sob o sol de meio-dia, pensando em Galia Primavesi morta.

–oOo–

As portas da boate estavam fechadas, mas uma tensão elétrica pairava no ar. Como imaginei, uma multidão de pessoas atendeu ao chamado de Galia Primavesi. Contei ônibus de três cidades parados na rua, um de Buenos Aires. A fila dava a volta no quarteirão.

Parada na esquina, encostei a um poste e fiquei observando aqueles fãs. Devia haver centenas deles. O primeiro show da última turnê. Estava desde as

cinco da manhã à base de Monster e Marlboro vermelho. Fazia meses que eu não colocava um cigarro na boca, e meu estômago repuxava num enjoo preguiçoso. Era uma maneira de desviar minha atenção das preocupações. Puxei um trago e dispensei o cigarro ainda pela metade, voltando para a boate.

Um dos atendentes apareceu, carregando uma caixa de *skinbeets*.

— Quantos desses eu entrego pra cada um?

— Como quantos? — eu disse — Só um. — Tinha adquirido duzentas unidades de um modelo descartável, unidades que no final do show estariam ou pisoteadas ou cobertas de suor. O atendente, que com certeza nunca ouvira interior music, perguntou por que os clientes tinham que receber aqueles caramujinhos. Peguei um dos *skinbeets* e o balancei no ar.

— Imagina ir num parque e não andar em nenhum brinquedo — falei — É a mesma coisa que vir a um show como esse e não usar um caramujinho.

Joguei o skinbeet de volta na caixa e fui para o *backstage*. Uma garota albina e com o braço coberto por tatuagens cinéticas coordenava uma equipe de maquiadores, todos eles rodeando Galia como fêmeas ao redor de um pavão branco. Estavam há quase duas horas em cima dela. Ao lado da mesa de maquiagem, um par de coturnos prateados Martles estava estrategicamente posicionado. Se fosse usá-los, Galia ficaria da altura de um jogador de *rugby*.

Percebendo minha presença, a garota albina me enxotou.

— Isso não é um casamento — falei.

— Não quero bisbilhoteiros. Vai beber alguma coisa no bar.

— É a primeira coisa sensata que ouvi hoje.

Precisava desesperadamente me acalmar. Pedi gim com tônica. Assim que o barman trouxe um, virei o copo já com o dedo a pedir o segundo e a mente no terceiro. Rômulo passou do outro lado da pista. Ele falava com um dos funcionários. Ao me ver, abriu um sorriso milimétrico, o sorriso de quem fez um bom negócio.

Os primeiros clientes a entrar foram um casal. Receberam seus *skinbeets* e se sentaram na mesa mais próxima do palco. Contentes, uma passou gel na testa da outra, encaixando o primeiro eletrodo. Senti-me bem ao ver aquela cena. Ia dar tudo certo. Ergui o terceiro copo de gim para uma entidade invisível e virei. Agora sim eu era digna de ver minha 'esposa'.

No *backstage*, a fumaça de palco trançava pelas minhas pernas como serpentes bíblicas. Encontrei Galia atrás das cortinas, ajeitando o instrumento que usaria no show – pletismógrafo adaptado para converter os sinais do seu corpo em sons que ela modularia. Usava os Martles e uma jaqueta de vinalon sobre uma camisa apertada que lhe comprimia os seios. Sua testa brilhava com gel condutor.

— Deixa eu ajudar — falei.

Ela virou o rosto. Apliquei o gel nas suas têmporas — Por que voltar ao palco após todos esses anos? — perguntei.

Ela sorriu um sorriso estranho. Era como se tentasse mascarar algum arrependimento — Estava cansada de me esconder.

Passando por mim, ela se aproximou das cortinas, abrindo-as delicadamente — Está cheio….

— Claro. Show da Galia Primavesi.

— Podia estar mais cheio ainda.

— Como?

— Podia ter anunciado que estou morrendo.

Aquilo foi como um tapa — Tulla… não fala assim.

Ela ajeitou um dos fios do pletismógrafo — Estou tentando fazer você relaxar.

— Relaxar? Vou me sentir o próprio Mark Chapman se continuar falando assim.

Ela riu alto. Por um momento, tive vontade de abraçá-la.

Atrás da cortina, ouvi Rômulo anunciando o show. Galia virou-se para mim.

— O que acha? — ela perguntou, indicando a maquiagem.

— Satânica.

Deu tapinhas em meu ombro e atravessou a cortina. As vibrações iniciais de Cul de Sac encheram a casa.

Foi uma noite incrível. Galia, como uma rainha renascida dos mortos, controlou sua plateia de súditos como ninguém. Sem precisar de *skinbeets*, pude sentir toda energia que ela quis passar aos fãs. Segurei o celular a noite inteira, preparada para ligar para o pronto-socorro, o que foi uma preocupação desnecessária. Com um repertório de músicas antigas e novas, Galia foi fantástica. Foi ela.

–oOo–

Acompanhei Galia em dez shows. O último, em Manaus, lotou o Teatro Amazonas. Havia pelo menos trezentas pessoas do lado de fora que não conseguiram ingresso, situadas ao redor do largo de São Sebastião, ansiosas por um vislumbre de Galia. Em uma atitude inesperada, Galia pediu à equipe de som que arrastasse os amplificadores para as escadarias em frente ao teatro. Fez o show ali mesmo, para enlouquecimento dos fãs.

Preparávamos uma turnê pelo Chile, quando a doença a levou. Com os contratos debaixo do braço, fui à sua casa. Talita me deu a notícia.

Entrei no quarto de Galia como quem entra na cela de um santo. Deitada na cama, ela tinha o pletismógrafo sobre o peito.

— Ela estava compondo — Talita me contou.

Seu corpo foi para Bergen, onde foi enterrado no cemitério Møllendal ao lado do túmulo dos pais. No testamento, Galia deixou parte da herança para a associação de jovens músicos mineiros. Todos seus outros bens ficaram para Talita, sua esposa e companheira por quase vinte e cinco anos.

Meses após o enterro, Talita ligou para mim. Disse que precisávamos conversar.

— Estou indo agora — respondi.

Depois de almoçarmos, ficamos sentadas perto da piscina, bebendo vermute, conversando sobre Galia.

— Não sei o que fazer com os vinis e os cilindros.

— Doe pro Museu Mineiro. Eles têm um acervo de música — respondi — E o estúdio? Podia abri-lo para outros músicos.

— É sobre isso que eu queria falar contigo.

— Sobre abrir o estúdio?

— Não. Sobre o estúdio.

— Não entendo.

— Fica mais fácil se eu mostrar.

Dentro do estúdio, ela ligou o computador. Mostrou uma pasta com algumas músicas. Olhei por cima do ombro dela.

— Que músicas são essas — perguntei.

— Da Galia, material que ela não lançou. Ela gravava pelo menos uma música por semana."

— Uau, deve ter… umas duzentas músicas aí.

— Duzentas e cinquenta e três — ela disse — E tem mais.

Ela abriu outra pasta. Havia duas músicas nela.

— Olhe a data desses arquivos — ela disse.

Debrucei sobre o computador. Um arquivo não tinha duas semanas, o outro, poucos dias.

— Você gravou essas músicas?

Talita fez que não com o rosto.

— Vou fazer uma checagem de...

— Já fiz isso. As duas músicas são da Tulla — Ela apontou para as pirâmides de absorção. Havia um farelo prateado sobre elas.

— Como isso aconteceu?

— Pensei que você pudesse me responder.

Passei a mão sobre uma das pirâmides. O farelo prateado escorreu nos meus dedos como areia. Lembrei das cargas de DNA na maquinaria do es-

túdio, das memórias e sonhos colhidos, sonhos de uma velha senhora. Ainda assim…

— Sinceridade? Estou sem resposta.

Prometi voltar no dia seguinte para fazermos juntas um levantamento, verificar, quem sabe, se o estúdio havia criado mais. Estava quase na porta quando Talita pediu que eu esperasse.

— Tenho algo pra você. Está ali mesmo na sala.

Ela voltou trazendo um dos cilindros de cera. Era o cilindro de Min'yō.

— Tulla pediu para lhe dar — ela disse — Era um dos favoritos dela.

Tive vergonha de dizer que sabia disso. Apenas agradeci.

Por um momento, pensei ter escutado algo vindo do estúdio.

Michel Peres nasceu em Matozinhos, Minas Gerais, em 1982. Formou-se em História e Engenharia e possui especialização em artes. Escreveu artigos para o site Obvious, teve poemas publicados no site Ruído Manifesto, participou de coletâneas como Mitos Modernos (Penumbra Livros), Realidades Cabulosas (site Leitor Cabuloso), Cyberpunk – Registros recuperados de futuros proibidos (Editora Draco) e teve contos publicados nas revistas Avessa, Jamburana, Mafagafo, Nove Amanhãs, Trasgo e Somnium. Autor de HIPERHELIX (Editora Patuá, 2020).

RESTA UM ROSTO

Tchello d'Barros

Acordou ainda com sono, levantou-se vagarosamente e, de olhos semicerrados foi lentamente até o banheiro. Passou uma dose generosa de creme dental na escovinha e como de costume, escovou os dentes caminhando pela casa. A luz suave da aurora entrava aos poucos pelas janelas. Seguiu até a varanda e durante a escovação, pensava no que fazer naquele dia, enquanto olhava distraidamente para a imagem do pequeno tubo de creme dental que segurava na outra mão. A imagem publicitária mostrava ao lado da logomarca, um rosto, de semblante sublime e olhar enigmático.

O sol já espiava por trás da silhueta da cidade. Era dia de dar sua corrida de meia hora, exercício que lhe fazia sentir-se tão bem. Ao passar pelo tapume de uma obra, percebeu um grande cartaz colado, desses que anunciam shows. Na corrida, não prestou atenção no evento ali divulgado, mas notou a fotografia em destaque, parecida com a que havia visto minutos antes no tubo do creme dental. Seguiu em seu ritmo, recebendo na pele os primeiros raios solares do novo dia.

No desjejum, para acompanhar o café forte, que lhe fazia acordar de vez, preparou torradas com pão integral. Ao cobrir a torrada com geleia de mirtilo, notou que o rótulo no pote tinha também um rosto impresso, inclusive bem semelhante ao que havia visto rapidamente no cartaz durante a corrida. Diluiu essas coincidências na segunda xícara, bebida com alguma avidez, pois mais um dia estava para de fato começar.

Não demorou e já estava em frente ao computador para mais uma rotineira jornada de trabalho. No meio da manhã, uma breve pausa, que incluiu um suco de laranja. Aproveitou para uma rápida visita às redes sociais em seu celular. Possivelmente a internet estava com defeito naquele dia pois todas as carinhas das pessoas eram a mesma, estavam iguais, um mesmo rosto se repetia. Pensou que já havia visto aquele rosto antes. Lembrou da face presente no

rótulo da geleia. Depois desse intrigante intervalo, limitou-se a retornar para suas atividades profissionais.

Conforme fazia habitualmente, esperou a fome chegar para dirigir-se ao aconchegante restaurante da esquina. Almoçava tranquilamente e ouvia as notícias do dia, a partir de um televisor presente num canto do estabelecimento. Já no caixa, ao pagar a conta, antes de sair olhou de relance e pareceu que a pessoa que apresentava o telejornal era a mesma que havia visto nas carinhas repetidas nas redes sociais. Começou a preocupar-se. Seria um tipo estranho de déjà vu? Aquele suco conteria alguma substância alucinógena? Estaria confundindo a mera semelhança entre as pessoas? O mais provável era que se tratasse de alguma nova celebridade, agora muito famosa...

Saiu do restaurante com alguma perplexidade, pensando que o que precisava mesmo era se distrair um pouco... Não faria mal uma passada em sua livraria predileta para saber das novidades. Nas duas quadras que lhe separavam do *shopping center*, não pôde deixar de notar um *out-door* ao longe, em cujo anúncio se via o já conhecido rosto, que de longe, fitava-lhe, com seu semblante sublime. Apressou o passo e pouco antes de adentrar o mercado, viu passar um caminhão, em cuja lateral estava adesivada uma publicidade qualquer, mas com destaque para aquele mesmo rosto, que apresar da velocidade, lhe observava com seu olhar enigmático.

Um tanto ofegante, entrou no *shopping* e foi direto para a livraria. Antes de entrar, tomou um susto pois havia na vitrine um cartaz em destaque divulgando o *best seller* da semana e lá estava mais uma vez aquele rosto. A respiração acelerou, mas adentrou na loja mesmo assim. Sem cumprimentar os atendentes, pegou nervosamente dois livros quaisquer de uma estante de novidades e sentou-se numa poltrona. Fechou os olhos, respirou fundo, tentou acalmar-se. Aos poucos, começou a manusear o primeiro livro, um romance policial. Não conseguiu concentrar-se muito nas informações da capa, mas ao abrir a obra, constatou aquela mesma face, já tão familiar, na orelha do livro. Imediatamente pegou o outro volume, sobre história da filosofia e, na contracapa, identificou em tamanho grande o mesmo rosto de sempre, que mais uma vez, lhe encarava fixamente.

Levantou-se num sobressalto, enquanto os livros caíram no chão. Começou a tremer. DesconfiaNdo de tudo, dirigiu-se à sua sessão preferida na livraria, onde já tinha uma certa relação com aquelas obras. Olhando de soslaio para os lados, retirou um exemplar e lá estava o rosto, desta vez na capa. Seu coração acelerou. Retirou um volume capa dura e ali estava também na capa o mesmo rosto. Sentiu uma certa moleza nas pernas. Pegou de uma vez três exemplares de uma série de livros de bolso, e ali estavam eles exibindo na capa essa misteriosa personagem que agora insistia em fazer parte de sua vida. Perdeu a cor do seu próprio rosto, sentiu uma forte tontura e a respiração ficou difícil...

Acordou no quarto de um pronto-socorro, na companhia de um médico e uma enfermeira. Estes lhe explicaram, enquanto retiravam a agulha do soro de seu braço, que havia sofrido um pequeno desmaio, mas que não precisava se preocupar, podia ser simplesmente stress ou falta de sono, mas que deveria repousar em casa. Nem tentou lhes contar a sequência de rostos que lhe perseguiam, mas após este surto, imaginou que agora tudo estaria bem, tudo voltara ao normal. Recebeu alta imediatamente. Ao sair, ainda no saguão, não pôde deixar de observar que na parede havia uma antiga fotografia do fundador daquele hospital. Estarreceu-se ao constatar que o rosto continuava a lhe perseguir.

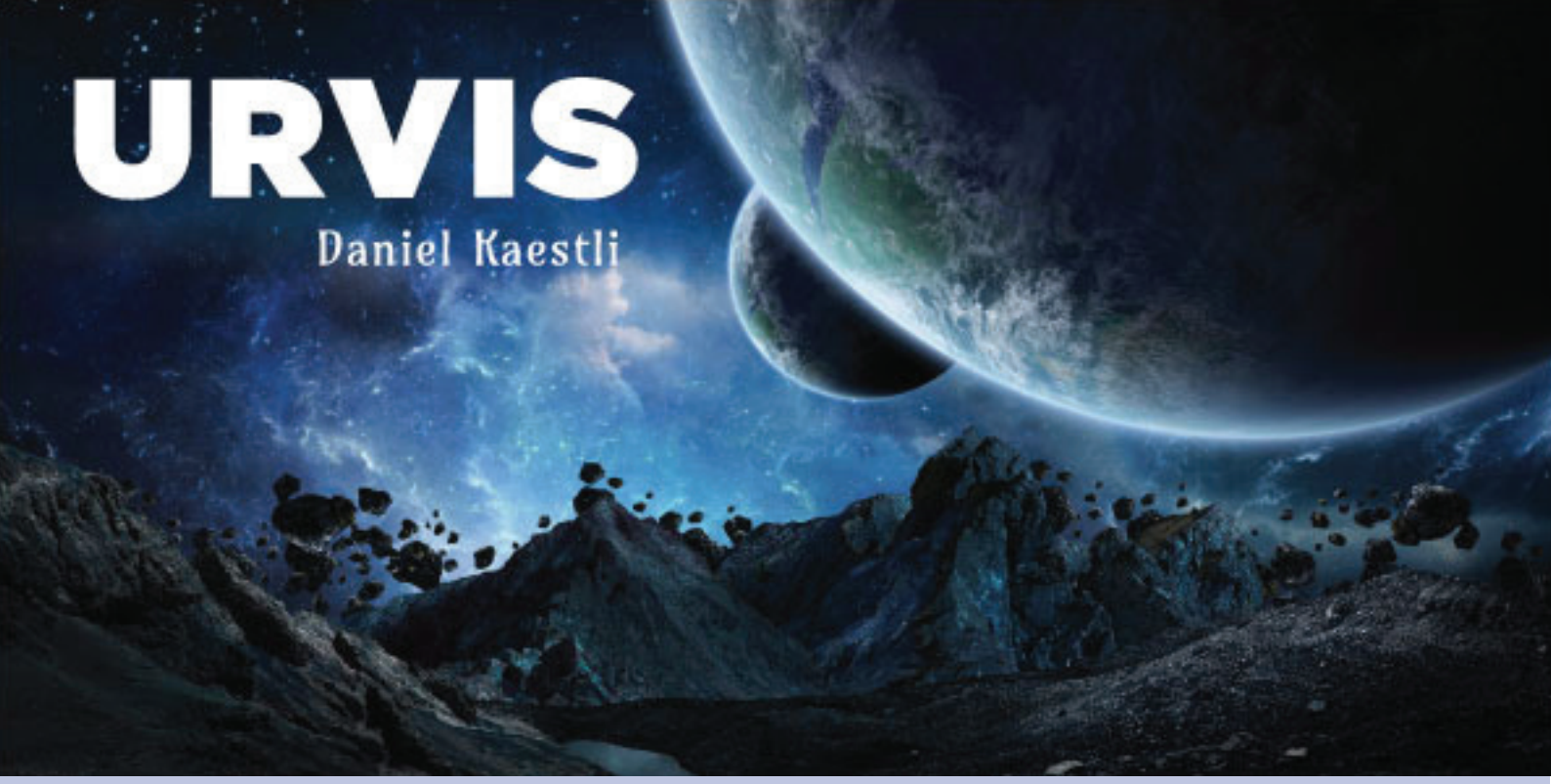
Talvez pelo efeito dos medicamentos, saiu dali caminhando a esmo, sem saber bem o que fazer. O sol se pondo e aquela estranha sensação, a insolente companhia involuntária de uma cara que aparecia em todos os lugares. A recomendação era que fosse para casa repousar, mas achou que era melhor estar perto das pessoas. Lembrou de um lugar onde relaxava de verdade. Tomou o primeiro táxi e dirigiu-se ao cinema mais próximo, sem deixar de notar que a desgastada fotografia 3 x 4 da carteirinha do taxista, disponibilizada no painel, exibia aquele retrato, com o qual já sentia alguma intimidade.

Ao adentrar a *bomboniére* do cinema, prometeu não olhar os cartazes, com medo do de ver ali já se sabe quem... Não comprou pipocas nem nada, apenas entrou no meio da sessão e espalhou-se num assento do fundo. Limitou-se a chorar baixinho, as lágrimas lhe impediam de ver o filme. Esforçou-se para não soluçar. Permaneceu um tempo ali, sem compreender o que acontecia. Com o corpo um pouco mais relaxado, com as mãos enxugou os olhos e, sem condições de prestar atenção ao enredo do filme, apenas olhava absortamente para a tela. Qual não foi sua surpresa ao ver que todos os atores e atrizes tinham aquele mesmíssimo rosto...

Conseguiu voltar para casa. Sentia um estranho cansaço. Evitou olhar para qualquer superfície, impresso ou tela que pudesse conter imagens. Questionava sobre o porquê de isto estar acontecendo. Começou a imaginar que poderia ser algum tipo de loucura mesmo. Imaginou um diagnóstico de demência, passando o resto da vida num hospício. Estranhou tudo isso, já que não usava drogas. Também não se tratava de algum problema de visão, já que não usava óculos e lia muito bem. Talvez estivesse apenas sonhando. Quem sabe, amanhã tudo voltasse ao normal. Mas também poderia ser que essa profusão de caras questionadoras lhe acompanhassem para sempre.

Sentindo uma certa exaustão, antes de dormir, foi novamente escovar os dentes. Aproveitou para lavar a cara, que ainda guardava um resto de lágrimas secas. Ao ver-se no espelho, lá estava um certo rosto, já muito familiar, fitando-lhe com seu semblante sublime e olhar enigmático.

Tchello d'Barros é escritor e roteirista. Vive no Rio de Janeiro. Publicou entre Prosa e Poesia 7 livros e tem contos, crônicas, ensaios e poemas publicados em cerca de 100 coletâneas, antologias e didáticos. Ministra oficinas literárias, dedica-se à produção audiovisual e à itinerância de seu projeto multimídia: "Convergências".



Suor, calafrio, febre e dores no corpo.

Ele estava com os mesmos sintomas que seus quatro companheiros. Os quatro já estavam mortos. O último há três dias. Estranhamente estava vivo há mais tempo que eles, a contar dos primeiros sintomas, parecia que o seu organismo suportava melhor os efeitos da doença. Mais estranhamente, tinha agora um quadro de confusão mental, sintoma que seus amigos não tiveram, ouvindo uma voz que não era a que estava acostumado dentro de sua cabeça. Não era aquela voz que todos ouvem, que conversa e aconselha, que amedronta e encoraja. Era uma voz que não a dele.

Estranho.

Mas nada era mais estranho do que a circunstância em que se encontrava. Febre, calafrio e outros sintomas comuns a gripes, mesmo não tão severos como o que estava sentindo, eram normais. Ruim era ter estes sintomas logo após a morte de quatro de seus colegas com o mesmo quadro clínico. E pior ainda, sentir-se desta maneira há mais de 1.500 anos-luz da Terra, em um sistema binário na Nebulosa de Órion.

–oOo–

Rivus d'Vruis se tornou Comandante de Fragata Estelar quando tinha apenas 27 anos. O mais jovem comandante da Esquadra Interplanetária do Quadrante Alpha, setor onde se encontra seu planeta de origem, a Terra. Filho de fazendeiros, ainda muito novo foi viver com seus pais nas fazendas hidropônicas do satélite natural terreno, a Lua. Seus pais, especialistas em cultivo de alimentos com poucos recursos naturais, foram requisitados pelo Governo do Sistema Solar para capitanear a expansão das culturas nas fazendas extraterrenas, iniciando essa expansão pela escolha mais óbvia, a Lua.

Rivus desde sempre se preparou para as estrelas. Engajou cedo na Trilha de Cadetes, a escola mais prestigiada e concorrida para oficiais filhos de não oficiais. Lá se fez destacar em diversas missões simuladas e se juntou à Tribo dos Escarlates, considerados os mais arrojados e destemidos alunos da Trilha, e ainda ao Chapter Asimov, que aglutinava aqueles com as maiores habilidades em ciência e Inteligência Artificial. Em resumo, conquistou todas as honras que um estudante almeja, sendo reconhecido tanto pelas habilidades técnicas, quanto pela abnegação e por sua inteligência e controle sob pressão. Natural que tenha assumido o comando de uma importante Belonave de Singularidade Interplanetária logo no

segundo ano após sair da academia, a lendária SIRUVᵃᵒ, acrônimo para Singularidade Interplanetária por Reação Urânio-Vanádio, onde a designação ᵃᵒ indica a Classe e o Alcance da Belonave. Um belo barco, dizia ele com carinho.

–oOo–

A missão ao sistema binário Sirvu, na Nebulosa de Órion, era a quinta que comandava com a mesma tripulação, com pequenas alterações de rotina no terceiro escalão de comando, nada que mudasse sua vida. Já podia, naquela época, ser considerado um veterano, com 13 anos de experiência e 40 de vida.

Ainda em plena forma, com poucas reposições de órgãos positrônicos feitas somente quando necessárias (um fígado novo, no lugar do que foi atingido por uma flecha quântica na Batalha de Rames; um olho positrônico, o direito, já que o original foi destruído por um fragmento de uma bomba catalítica que tentou desarmar sem muito sucesso e, por fim, os dois pulmões, totalmente incapacitados pelos gases do planeta Clarke, quando teve sua roupa espacial violada e respirou por quatro longos minutos a atmosfera do pequeno planeta), Rivus se sentia forte e saudável quando estacionou a SIRUVᵃᵒ a uma distância segura da estrela companheira do Sistema Binário onde foi designado a cumprir sua missão atual. Em sua dança em torno do baricentro, tanto a estrela companheira, Sirvu B, quanto a principal, Sirvu A, podiam reivindicar a posse do planeta Urvis que orbitava de forma excêntrica os dois corpos celestes, como se fizesse o antigo sinal de infinito, um oito deitado que tinha como centro de cada um dos seus círculos, uma das estrelas binárias.

Convocou os quatro oficiais mais capacitados para a incursão à Urvis: Campbell Rudis, especialista em ontologia extraterrestre; Alenna Frezz, a melhor em linguística do Sistema Solar; Alberto Silva, mestre em armas e balística; Juz Abar, médico e cientista chefe da nave e Lala Lili, Duque Diplomata da Esquadra Interplanetária. Morreram um a um, exatamente nesta ordem.

A missão era simples, reconhecimento do planeta e mapeamento dos recursos naturais, além de identificação e, se existisse e fosse possível, contato com alguma forma de vida avançada. O único inconveniente era que devido ao insólito caminho que o planeta traçava no espaço, após pousarem, estariam incomunicáveis pelo período da expedição.

Urvis era o primeiro planeta a ser explorado no novo setor prioritário da expansão terrestre, Órion, e a escolha lógica para esta tarefa foi a SIRUVᵃᵒ e sua tripulação. No primeiro dia mapearam a atmosfera do planeta. Perfeita para humanos, incríveis 76% de Nitrogênio e 23% de oxigênio, com o 1% restante composto pelos mesmos gases encontrados na Terra. Podiam respirar diretamente sem o uso dos equipamentos e roupas especiais. Nenhum outro planeta tinha uma condição tão convidativa aos humanos. Uma missão simples e, até ali, bem sucedida.

Depois de 10 dias no planeta, somente Rivus ainda estava vivo.

–oOo–

— Rivus!

A voz voltou. Chamando novamente por ele. Era uma voz assexuada, mas preferiu pensar que era uma mulher quem falava. Começou no segundo dia de febre e agora era cada vez mais frequente. Tentava não responder, para não capitular à loucura.

— Rivus, responda!

Não conseguia mais ignorar. Mas lutava contra sua mente. Não, não era sua mente, era outra mente que chamava por ele.

— Rivus, responda!

— Pare! — Dessa vez não resistiu e deu uma ordem como se o ente fosse um de seus subordinados.

— Rivus, essa é nossa última chance de contato, não podemos parar.

— Podemos? Quem está falando? — Gritou para o nada.

— Rivus, não podemos descrever, ainda estamos aprendendo, não temos todas as suas expressões. Precisamos de mais tempo, mais palavras.

— Se a Alenna não estivesse morta, esse problema

seria resolvido facilmente! — Disse com amargura.

— Pedimos desculpas.

— Como assim pedimos? Confessa que foram vocês? Aliás, quem são vocês? Como falam dentro da minha cabeça? - Explodiu em um acesso de raiva, batendo com as mãos nas têmporas.

— Muitas perguntas. Menos perguntas, melhor para nós. Por favor.

— Quem são vocês? — Procurou retomar o controle da situação.

— Somos Urvis.

— Urvis é o nome que demos ao planeta, vocês são o planeta? — Falou com desdém.

Somos Urvis. Vocês é Rivus. É assim.

— Ok, aceito a resposta. Vamos à próxima: como falam dentro da minha cabeça?

— Estamos dentro de você. Entramos por suas vias respiratórias, quando respirou nossa atmosfera, e agora nos acoplamos a diversas de suas células. Somos Rivus.

— Ora decidam-se, são Urvis ou são Rivus? — A raiva voltou.

— Como estamos integrados ao seu corpo, somos.

— E o que querem? Por que mataram meus amigos? — Agora estava no auge de adrenalina no sangue e a febre voltou com toda a força.

— Não queríamos, estávamos em adaptação. Cada um dos hospedeiros anteriores nos ensinou a não te matar. Não queríamos matar nenhum deles. Não queremos matar Rivus. Não queremos que Rivus mate Urvis.

— Eu nem nenhum dos meus companheiros queremos matar Urvis, por que acham que temos más intenções com seu planeta? — Duvidou.

— Vocês estão matando Urvis. Cada transformação interna que vocês fazem dos gases de nosso planeta, consumindo oxigênio e devolvendo gás carbônico, mata Urvis.

— Como assim?

— Nós temos um delicado equilíbrio e isso nos mantém vivos e unidos, somos um Urvis, mas Urvis é bilhões. Qualquer mínima variação em nossa atmosfera é o fim de Urvis.

— Nós cinco estávamos matando Urvis? Apenas nós cinco estávamos matando bilhões?

— Bilhões e um. Urvis.

— E agora Urvis, seja lá quantos forem, estão dentro de mim?

— Sim, você agora é o nosso hospedeiro. Não queríamos.

— E vão me matar como fizeram aos outros?

— Não queremos, mas não sabemos se evoluímos a ponto de não matá-lo.

— Para mim está claro, vocês são um vírus! Mataram meus amigos e agora estão se preparando para me matar.

— Não queremos, mas se for necessário, faremos. Para nós também está claro, você e seus amigos são um vírus. Mataram parte de Urvis e agora estão terminando de matar Urvis.

A revelação fez Rivus d'Vruis entrar em choque. Apenas cinco humanos estavam colocando toda uma espécie em risco e poderiam, como um vírus, em apenas alguns dias, eliminar milhões de nativos sem ao menos desconfiar de seus crimes. Um genocídio sem precedentes na escalada humana de conquista de novos mundos.

Ao mesmo tempo, toda uma espécie estava agora intimamente ligada a ele, como já estiveram a seus colegas, e, como um vírus, em apenas poucos dias, poderia eliminá-lo para salvar toda uma espécie. Uma perda defensável, olhando em escala, o que são cinco indivíduos comparados a um mundo inteiro?

–oOo–

— Como podemos resolver esse impasse? — Perguntou, já sem esperanças.

— Urvis tem que ficar só.

— Mas e a mim, estou no mesmo estado que meus colegas na fase final da doença. Vou morrer. - Falou desesperado.

— Não se Urvis curar Rivus.

— Como? Se sabe como, me cure então.

— Urvis precisa saber: Rivus não volta e impede que outros voltem?

— Prometo.

— Urvis acredita em Rivus.

Em um momento de alívio, Rivus deixou de ouvir a voz. Imediatamente os calafrios foram embora e a febre começou a ceder. Sentiu-se mais bem disposto e, depois de duas horas, estava completamente recuperado. Soube que seu destino estava selado, havia empenhado sua palavra e levaria até o fim sua promessa. Urvis estaria a salvo.

–oOo–

Dois anos após aquele dia transformador em Urvis. O agora Almirante da Esquadra Interplanetária, Rivus d'Vruis, assinava, em conjunto com mais de 50 dignitários de outros Sistemas Estelares, a Resolução de Restrição nº XXI, considerando o planeta Urvis, do Sistema Binário Sirvu, na Nebulosa de Órion, área livre de ocupação, sendo proibida toda e qualquer presença de humanos e outras civilizações, para manter o equilíbrio do ecossistema planetário e a espécie Urvis intocada.

–oOo–

De volta a sua cabine, no centro da Belonave SIRUVªº, d'Vruis deitou em sua cama, e pensou que, com tantos presentes ao ato de assinatura da Resolução, os mais interessados, aqueles que foram protegidos por ela, não puderam estar presentes. O povo de Urvis.

–oOo–

Fechou os olhos...

— Rivus se engana. Urvis agradece. — A voz!

— Somos Urvis. Somos Rivus.

— Somos!

Daniel Kaestli é carioca, 50 anos, engenheiro por formação, pós-graduado em Marketing e em Finanças, desde pequeno me encantei por tecnologia e ciência. Minha curiosidade era alimentada pelos fascículos semanais de Ciência Ilustrada e pela coleção completa de Perry Rhodan, herdada de um dos meus irmãos. Ao longo da vida, li vários autores de ficção científica e outros tipos de literatura, tendo como principal referência, o mestre de todos: Isaac Asimov. Atualmente moro em São Paulo com minha esposa, Márcia, e meus dois filhos, Carolina e Gabriel, a quem dedico os meus modestos textos.

VARIAÇÃO AMARELA

Rubem Cabral

Hoje trouxe um filhote de capivara para mamãe. Capturei-o com uma armadilha, perto do lago pantanoso ao sul da fazendinha onde vivemos. Uma região selvagem, com nuvens de mosquitos, cheia de cobras, jacarés e galhos partidos escondidos sob o lodo, aguardando um pé incauto para inoculá-lo com tétano. Felizmente, não houve incidentes; eu conheço bem a região onde cresci.

Era verão, e às duas da tarde o sol tudo crestava. Minha pele ardia, apesar da loção SPF 100 que eu havia passado logo cedo. Loção de prazo há muito vencido, é claro. Só tínhamos mais três frascos no estoque e não haveria mais então. Talvez nunca mais. Não era nenhum passeio ser albino num país tropical abençoado por Deus...

Sentia um pouco de fome; tinha duas espigas de milho e umas batatas doces assadas, dentro da mochila. Saudades do meu curto tempo de fartura, das porcarias da comida industrializada, dos tempos dos salgadinhos de milho e do chocolate. Não deveria mais existir chocolate em lugar algum do mundo: derretia e estragava fácil sem refrigeração, era complicado de produzir. *Não era essencial*.

Ah, eu daria tudo por um bolo de brigadeiro bem molhadinho!

O filhotão guinchava na gaiola. Estava vivo, naturalmente, pois mamãe só comia carne de animais que ela abatesse. Não foi sempre assim; há quatro meses ela era só uma doce senhora de cabelos meio grisalhos, famosa pelos melhores biscoitos de polvilho de Vila Reinício. Quinze anos atrás, antes do *Evento das Variações*, fora pesquisadora na Fiocruz e preferiria moussaka vegetariana a um belo churrasco. Fora magra e dura, alta e forte. E agora...

Contudo, a vida era mesmo assim: ela exigia e você se adaptava. Se ficasse diabético, cortaria os doces ou os dedos gangrenados anos mais tarde. Se alguém continuasse a ingerir muito sal, apesar da pressão alta, o sal por certo ajudaria na mumificação do cadáver!

Assim é a vida, assim foi, assim será.

–oOo–

Limpei os pés no capacho e destranquei a porta.

— Filho? Ai, tenho muita fome! Rápido, rápido! — ela gorgolejou de longe.

Abri a porta de seu quarto. A mãe engordara desde semana passada. Ocupava toda a cama *kingsize* e transbordava molemente pelas laterais. Havia um odor novo de fermentação, de abacaxi apodrecido. Ela já não mudava tão substancialmente, feito nos primeiros meses. Continuava com dois grandes tentáculos no centro do seu corpanzil que, ao invés de ventosas de polvo, eram cobertos de apêndices muito finos e minúsculos, dando-lhes a textura duma toalha macia ou do interior do estômago de um bovino. Cinco garras cônicas em suas extremidades faziam as vezes de dedos. Sua boca, que repousava dentre os tentáculos, era um poço mole e coroado de dentes triangulares serrilhados, em quatro linhas concêntricas, e a língua tripartida saía a todo momento, experimentando o ar. Seus inúmeros olhos afloravam aqui e acolá sobre a pele mostarda manchada, sem um padrão uniforme de distribuição. Eram amarelos e gentis.

— Vou me aproximar, mantenha o controle, ok?

Estique os tentáculos que eu vou segurar o filhote perto da senhora. Não tente me tocar, tá? Calma, calma…

Notei lágrimas citrinas gelatinosas se formando em alguns olhos, porém eu sabia que era preciso dizer o que disse. Mês passado ela quase me quebrou o antebraço por causa de um cabrito que eu consegui roubar em Arraial Esperança.

Um tentáculo segurou as patas traseiras do animal enquanto o outro membro agarrou-o pelo pescoço. Ergueu-o acima da bocarra e subia e descia o pobre de encontro a seus dentes, como um gato que brinca com a comida. A capivarinha começou a defecar, porém ela não se importou.

— Ah, não me entenda mal, filho. EU SINTO! — sua voz soava encharcada, se isso era possível. — Eu sinto tantas coisas novas! O azedo do medo, escuto o coraçãozinho saltando, as variações de calor no infravermelho, percebo o campo bioelétrico pulsando loucamente. Isso é como o molho de um assado.

"*Infravermelho, bioelétrico!?* Sempre uma cientista", pensei. Seu corpo inteiro experimentava espasmos de antecipação. Os dentes finalmente alcançaram a barriga da capivara, e um vibrante ruído de sucção, conforme o sangue e carne eram brutalmente aspirados e separados dos ossos e pele, fez-se ouvir. Não era algo agradável de se testemunhar, tampouco fora uma morte rápida e indolor, mas eu havia feito o que a vida me ensinara: adaptação.

–oOo–

Puxei uma cadeira e sentei-me, à uma distância segura.

— Tem medo de mim, Floquinho? — ela perguntou.

— Sério que eu preciso pedir outra vez pra senhora não me chamar assim?

— Fausto é melhor? — ela provocou.

— Felipe, mãe! Felipe! Ninguém mais sabe do meu nome de registro! Não bastasse a senhora ter inventado esse apelido ridículo, ainda me deu o nome dum personagem dum romance que só você leu!

A conversa era velha, decerto já havíamos falado do mesmo tópico centenas de vezes. Contudo, os entrevados não têm muitas fontes de informação num mundo sem tevê, e não era fácil para ela ser criativa. Estávamos reduzidos, então, a remoer picuinhas requentadas...

— Ora, não há mais cartórios e certidões de nascimento, queridinho. Você pode usar o nome que quiser: Enzo, João Gabriel — não entendi o porquê daqueles nomes em especial. — E eu, eu só queria te preparar pro *bullying* que ia acontecer de qualquer forma. E daí que você é pálido, ou tem o cabelo loiro tão claro? Se eu já te chamasse de Branquinho, Floquinho de Neve… Você já ia se acostumando!

— Como se isso houvesse adiantado alguma coisa! Me chamavam na escola de Branca de Neve, Maizena... *Gasparzinho*! Um inferno: Maizena no colégio e Cabelinho de Milho em casa, ou Floquinho, ou…

— Você não respondeu minha pergunta.

— Qual pergunta?

— Se você tem medo de mim.

Houve um silêncio desconfortável.

— Tenho e não tenho — escondi o rosto com as mãos. — Quando a gente conversa, feito agora, vejo que você ainda é você. A doida que batizou o filho com um nome mofado e diferente, que quis me proteger, que salvou nós dois quando o mundo desceu pelo ralo das variações. Mas quando lembro de você, sedenta de sangue, tentando roubar o cabrito dos meus braços, e eu tendo que literalmente jogar o bicho em cima de você… A porra dum frenesi alimentar, mãe, que nem piranhas e tubarões dos documentários antigos! Havia espinhos aflorando dos tentáculos, os olhos 'tavam saltados feito limões! E se você perder o controle outra vez?

— Não vai acontecer. Foi no início, e cada dia que passa eu estou mais forte, domino mais essa mente primitiva. Antes eu estava perdida, num tipo de limbo esquisito. Eu nem conseguia falar, lembra? Como pesquisadora, eu nunca soube de nada, nada dessa

nova variação. A cinza, a verde e a vermelha, todas as outras que afetaram as pessoas, eram só bestas irracionais devoradoras de gente. Talvez essa amarela necessitasse de mais tempo para emergir, dum período de latência, de incubação. Ora, se todo mundo foi exposto aos patógenos depois dos *inteligentes* bombardeios da força aérea durante a pandemia, então, se estamos vivos e bem depois de quinze anos, deveríamos ser naturalmente imunes à praga.

— E agora parece que não.

— Sim — ela suspirou. — Mudando de assunto, lembrei que eu precisava comentar algo contigo, algo que eu suspeitava e que confirmei ainda há pouco.

— O que é?

— Capivaras são coprófagas, sabia? Comem as próprias fezes, pois não digerem tudo na primeira vez que ingerem celulose. Acho que diferenciam as fezes com uma passagem pelo trato digestivo das outras com duas ou mais passagens pelo odor ou cor.

— Não tô entendendo nada. Mãe, você tem essa mania irritante de sacar assuntos aleatórios da cartola...

— Hoje não senti nojo algum quando a capivara defecou sobre minha boca. Pareceu-me natural, normal como beber água. Foi a segunda capivara que comi, não?

— Sim.

— Eu tenho em mim flashes, memórias e sensações dos bichos que consumi desde a metamorfose. Nada muito complexo: o gosto de capim, a delícia que é rolar na lama, ou pastar no fundo do lago… Cabrito, porco, capivara. Eu não sou só eu, não mais; sou "nós". Nada morreu de verdade e, de alguma forma, eles vivem em mim agora.

— Mais uma de suas teorias malucas. Feito aquela, da praga das variações ser arma de guerra biológica, que saiu do controle. Ok, digamos que você está certa. E daí?

— Daí que eu era uma cientista, Felipe. Eu quero entender essa criatura.

— Bacana, mãe, mas há urgências muito maiores pra resolver.

— Eu sei, me desculpe.

— Por exemplo, em muito breve as pessoas da vila suspeitarão da sua ausência, e vamos ter que fugir, sabe? Até fiz uns biscoitos de polvilho anteontem pra vender na vila e disfarçar, porque já estavam me cobrando. Falei que você esteve doente, mas não tem jeito! Um dia vão aparecer de surpresa ou nos espionar à distância. E não tenho a mais pálida ideia sobre como transportar você. Deve ter agora uns trezentos quilos ou mais, não passa pela porta ou janela, não há como colocá-la na carroça.

— Eu já pensei sobre isso. Longamente, na realidade.

— Sei.

— Ora, se cedo ou tarde me descobrirão de qualquer forma, se não podemos fugir juntos e como você não aceita deixar-me pra trás ou me matar, só há uma solução!

— Qual solução?

— Você fará 23 anos em duas semanas. Então, convide a vila à nossa casa pro aniversário, pra que eu possa mostrar que não sou perigosa, que posso até ser útil e, quem sabe, preservar as memórias das pessoas recém-falecidas, para não deixar suas mentes morrerem. Isso! Que posso ser um repositório de mentes se eles quiserem!

Levantei-me, contei até dez, bufei e, enfim, me controlei para não gritar: — Mas, mas… Hahahaha! Isso é uma ideia grotesca, é loucura! Aparecer de sopetão na frente dessa gente? Devorar pessoas falecidas pra preservar memórias? SÉRIO?! Quer criar um culto maluco com um tipo de canibalismo consensual na mistura? Jamais, mas nunca mesmo vão aceitar uma coisa assim! No momento em que te verem vão atacar com todas as armas à mão, vão atear fogo à nossa casa e vão me enforcar por não te denunciar ou eliminar, feito a Lei Antivariação obriga.

— E farão o mesmo se me descobrirem de outra forma. Amadureça a ideia, Floqui… Desculpa! Fazemos assim: convide a vila, mate um porco e asse. Saia discretamente no meio da festa, suba a colina e

observe tudo com binóculos. Ninguém mais faz festas, todos se interessarão por comida de graça, parecerá que estamos esbanjando. Se não der certo, se reagirem mal quando me virem, você fugirá, salvará sua vida. Eu estou mesmo condenada, meu amor, desde o dia em que adoeci da variação.

— Mas não tem como… Não tem…

— Pense, mas pense com carinho.

–oOo–

Acabei por ceder aos apelos de mamãe. Convidei umas cinquenta pessoas da vila. Ontem matei um porco capado, cortei em pedaços e deixei em salmoura com ervas aromáticas. Degolei cinco galinhas gordas também. Fritei dez quilos de batatas em banha, cozinhei braçadas de espigas de milho. Enfim, haveria comida em fartura.

Mamãe auxiliou-me com receitas e conselhos. Ainda ajudou-me a demolir a janela de seu quarto e parte da parede do mesmo, que era voltado para os fundos da casa. Improvisei uma cortina costurando alguns lençóis, para cobrir o vão que abrimos.

Por volta do meio-dia, as pessoas começaram a chegar. O Pastor Marcelo e suas filhas gêmeas. "Seu" Rui, o agricultor mais incansável que já conheci; um homem baixo e largo, tostado por trabalhar de sol a sol. Dona Manuela, mancando com dificuldade por só ter uma perna; a única sobrevivente conhecida do ataque das variações vermelhas ao noroeste fluminense. Amigos de amigos, gente que eu só conhecia "de vista".

Havia montado mesas longas erguidas sobre cavaletes e bancos compridos, visto não haver cadeiras para tanta gente. Rui trouxera um violão e estava afinando o instrumento.

— Vou buscar minha mãe. Ela tem uma surpresa; volto já! — eu disse.

Saí em direção aos fundos da casa, deixara a carroça preparada, cheia de roupas e de comida não perecível. Quando subi a colina, saquei o binóculo e observei.

Todos comiam avidamente e pareciam muito felizes e conversadores. Vi quando a cortina que improvisamos foi aberta e mamãe esgueirou-se, lentamente, em direção à multidão. Àquela distância era impossível escutá-la ou aos convidados.

A ideia que tudo talvez fosse um ardil, uma armadilha de mamãe, atraindo tolas ovelhas diretamente ao covil do lobo. Isso não deixou de me passar pela cabeça, e me dava calafrios.

Como esperado, ao a avistarem as pessoas correram em todas as direções: formigas durante uma tempestade. Mamãe erguia os tentáculos – talvez fazendo um sinal de não agressão – e falava alguma coisa. Ninguém havia alguma vez sabido duma variação falante e inteligente. Provavelmente reconheceriam suas palavras. Talvez houvesse mesmo uma chance.

E então, lentamente, ainda que a uma distância segura, os convidados retornavam e a escutavam. Não houve violência, nem da parte deles ou dela. Chamavam uns aos outros e voltavam aos poucos.

Mamãe ergueu-se, uns três metros acima do solo – não sabia que ela podia fazer algo assim – e, para minha enorme vergonha, gritou: — Volta, Floquinho!

Rindo e chorando, sem acreditar ainda, eu desci a colina. E a festa continuou, e os convidados me abraçaram, e alguns me censuraram por duvidar de suas atitudes pacíficas, de suas capacidades de lidar com o diverso. E mamãe girava no meio do quintal, os tentáculos e demais vilosidades ondulando feito água-viva a sabor das marés enquanto "Seu" Rui tocava algo alegre.

E Dona Manuela trouxe-me um bolo de brigadeiro! Ora, mas como souberam que era meu favorito? Que maravilha! Como era possível? Não havia mais chocolate no mundo, não?

E acenderam então 23 velas pequenas. Aproximei-me para apagá-las e havia algo escrito em creme branco sobre a cobertura marrom brilhante, com a caligrafia de mamãe: Fausto, ela n„o comeu sÛ o cabrito naquele dia.

Ficaria lívido, se eu pudesse. Olhei os convida-

dos, à procura de explicação. Ninguém, fora mamãe, sabia do meu nome de registro. Eu era o Felipe, porra. Felipe! Ou Floquinho, merda! Quando observei o bolo de novo, notei que era de milho, e que não havia nada escrito. Que fora talvez uma ilusão, alucinação causada pelo calor, um desejo antigo de chocolate que era, afinal, irrealizável mesmo.

Soprei as velas enquanto as pessoas cantavam e batiam palmas. "E pro Felipe nada? Tudo! Então como é que é?".

E mamãe enrolou seus tentáculos ao redor de minha cintura – tão gentis, tão mornos e macios! E disse: — Viu, seu bobo?! Agora poderemos viver todos juntos! Pra sempre!

No entanto, algo frio, triste e terrível crescia naquele preciso instante em meu âmago, feito câncer. E essa dúvida escura, que me corroía qualquer alegria real, tomou e controlou meus pensamentos quando percebi que, de alguma forma, eu sabia também da alegria de rolar na lama, ou do pastar no fundo de um lago, ou do sabor adocicado de minha própria carne.

Rubem Ricardo Damasceno Cabral, nascido na cidade do Rio de Janeiro, atua como Engenheiro de Software.

Por volta de 2008, iniciou-se no mundo literário, participando de várias antologias já publicadas. Em 2010 foi premiado em 1º lugar na categoria "conto" no Concurso Literário Raízes, em Genebra, com o texto "Noites Brancas". Em 2011 foi um dos selecionados para a prestigiosa antologia anual "FC do B" (Tarja Editorial), com o conto "Nanovidas". Em 2012, foi selecionado para a antologia "Erótica Fantástica" (Editora Draco), com o conto "A Dança de Shiva". Foi organizador da Antologia "!", da Caligo Editora, que incluiu seus contos "Véspera de Natal em Páscoa" e "A morte e a re-morte de Natasha Moskovskaya". Os contos "As dores de cada um" e "Lições" foram respectivamente publicados na revista digital "A Taverna" (1 e 3).

É autor da compilação de contos fantásticos "A Linha Tênue". Organizou a antologia de contos inspirados na Bíblia "Os Livros Apócrifos".

Contato: rudam@msn.com

VÉSPERAS DE NATAL EM PÁSCOA

Rubem Cabral

"Alguns anos atrás, a prefeitura da cidade de Monza, Itália, proibiu que os donos de animais mantivessem peixes em aquários curvos. Os defensores de tal lei explicaram que era cruel manter um peixe em uma tigela, porque o vidro curvo daria ao animal uma visão distorcida da realidade." (A Ilusão da Teoria de Tudo — Scientific American — Outubro/2010 — Ano Zero do Evento)

Ximenita subiu lépida o monte coberto de relva macia, não muito distante de sua casa em Hanga Roa. Narval, sua fiel raposa de estimação, naturalmente a seguira. A mocinha de quase onze anos — já praticamente uma adulta, segundo suas próprias palavras — sentou-se ao solo e ficou esperando o cair da noite. Logo então o Sol se pôs por trás dos Moais e o céu, ainda tingido de cores vibrantes, exibia um curioso tom violáceo que ela tanto adorava. "Violeta-dia-e-noite", era como a moça inventara de chamar tal cor, ainda que seu pai insistisse em dizer que o tom era o mesmo que malva ou lavanda.

Narval aninhara-se junto a seus pés, deitando sobre a cauda felpuda enquanto brincava de lamber e mordiscar seus sapatos, o que era ao mesmo tempo divertido e irritante. Ximena ajeitou seu cabelo vermelho, revolto de tanto vento frio e salgado que o mar trazia e deitou-se, para poder melhor observar as estrelas. Ali, do seu lugar preferido e secreto, longe das luzes do vilarejo, era possível discernir todas as constelações descritas nos seus livros e, com sorte — sim, hoje era um dia de sorte! — poderia ver uma estrela cadente, como aquela que agora descia dos céus, fulgurante, rasgando o negro aveludado da noite com fogo e fúria e desaparecendo no mar, com um estrondo que só chegou quase um minuto depois aos seus ouvidos aguçados. Ficou ali, deitada mais alguns instantes, espantada e maravilhada em iguais proporções.

De longe, escutou o pai chamando-a e o cioso Narval já se levantara e pulava animado ao seu lado, latindo e puxando-a pela manga do frouxo casaco de lã.

— Narval, seu puxa-saco! Eu já vou, já vou!

Desceu o morro correndo, expirando nuvens diáfanas de vapor naquela noite fria, ansiosa por partilhar a novidade que testemunhara.

–oOo–

— Maria Ximena Gallino Velásquez! Estou chamando faz um tempão e a janta já tá esfriando. Onde afinal você se meteu, sua serelepe?

O pai só dizia seu nome completo quando estava bravo, mas chamá-la de serelepe era sinal também que ele não estava tão bravo assim.

— Ah, pai... — disse baixinho, enquanto inclinava a cabeça e girava a ponta de um dos pés, dengosa — Nossa, eu vi uma estrela-cadente linda, grandona! Caiu no mar e fez um barulhão depois: buuuum! Puxa, o senhor tinha que ter visto.

— Humm, não deve ter sido uma estrela-cadente de verdade então — respondeu, enquanto recolhia e pendurava o casaco da filha — pode ter sido um meteorito ou, muito mais provável: outro satélite que caiu por falta de correção da órbita. Ah, nem pense em sentar pra jantar sem lavar as mãos, Rojita! E trate de botar o Narval pra fora!

A ruiva fez beicinho e obedeceu. Voltou, sentou-se à copa e farejou o cheiro agradável que vinha da cozinha pequena e aquecida. Desde que sua mãe morrera, há uns seis anos atrás, o pai assumira quase todas as tarefas domésticas, apesar do duro expediente diário como o médico da vila.

— Que cheiro bom! O que o senhor fez?

— Bife de baleia, purê de inhame e fruta-pão assada. Tem também um resto de salada de soja do almoço.

— Baleia? Droga, é quase só o que comemos: carne-seca de baleia e peixe! Cadê aquele pedação de foca que o senhor comprou ontem?

— Não seja ingrata e dê graças pela comida que temos hoje. A foca é para a ceia de Natal, já se esqueceu? Amanhã temos que jantar na paróquia e eu fiquei de levar um assado.

Ximenita remexeu a comida e elevou o garfo, tendo espetado em sua ponta um pedaço de bife e parou no ar, enquanto enrolava o cabelo com a outra mão e tinha os olhos claros meio perdidos num ponto qualquer da parede. O pai sorriu: ela sempre fazia isto quando queria muito perguntar alguma coisa.

— Por que as pessoas enviavam máquinas pro espaço, pai? Por que elas tão caindo agora?

— Eram máquinas de comunicação — falou de boca cheia — você já não aprendeu isto nas suas aulas de história?

— Não. Dona Conchita fica enrolando a gente, contando sobre gregos e romanos, Egito e um monte de lugares que nunca ouvi falar. Me contaram que foi por causa da peste, mas nem sei direito o que é isso.

O pai suspirou e cerrou o cenho de leve, exibindo uma expressão preocupada. Conversar sobre o tempo da peste era um tabu comum na ilha.

— Termine a sua comida e a gente conversa na sala depois. Você já é crescidinha e acho que já tá na hora de conhecer nosso legado.

— "Lê", o quê? — sorriu.

–oOo–

Deitada no sofá, com a cabeça na fofa barriga-travesseiro do pai, enquanto ambos compartilhavam gostosas colheradas de uma cumbuca de doce de banana, Ximena aguardou seu Andrés Gallino continuar a história.

— Como você sabe, nem todas as pessoas são boas, Ximenita... — começou, fazendo alusão a uma briga importante que tivera com sua ex-sogra — O mundo era enorme e complicado antigamente, extremamente rico e evoluído, cheio de máquinas fabulosas como o satélite que você viu cair, mas também muito perigoso, muito violento. Acredita que houve um tempo em que as pessoas queriam matar

umas as outras por motivos estúpidos, como por causa da cor da pele, porque rezavam para deuses diferentes ou só porque tinham opiniões que não combinavam? Pois bem, seu tataravô Juan foi um homem muito bom e que tinha um medo terrível: de que o mundo viesse a acabar. Ele sabia que a guerra e a intolerância um dia levariam todos os homens à extinção e vivia em constante alerta sobre tudo de grave que acontecia no mundo. Meu bisavô foi um grande cientista, feito já te contei mais de uma vez: fez pesquisas que ficaram famosas, como a que finalmente explicou como a domesticação modificava a genética de algumas espécies. Taí o Narval e todas as outras raposas da ilha, que não me deixam mentir.

— Então as pessoas não tinham raposas de estimação naquela época?! — espantou-se — Que absurdo!

— Pois é, mas como eu contava, num lugar chamado África do Sul, durante o quarto governo consecutivo de um presidente negro, um homem, acho que se chamava Daniel van der Waals ou van der Walls, desenvolveu secretamente uma arma biológica. Ele descobriu como um vírus poderia atacar e matar somente pessoas que tivessem certa característica genética, quero dizer: no caso, algo que só mataria os negros, a quem ele odiava com todas as forças. Para isto, ele alterou um vírus terrível chamado Ebola e o combinou com muitos outros vírus, como o do resfriado e o de uma doença que existia na época, denominada AIDS. No dia dois de Outubro daquele ano, bem, pelo menos foi a data que estimaram depois, van der Waals espalhou aspersores carregados com seu vírus nos centros de algumas cidades importantes da época: Johanesburgo, Pretória e outras cujos nomes não me lembro agora.

— E o que aconteceu? As pessoas ficaram doentes?

— Sim, é claro. Em alguns dias, somente as pessoas negras e mulatas começaram a adoecer. O tal vírus, que ele graciosamente batizou de NKiller, se espalhava pelo ar, através dos espirros e da tosse, feito resfriados comuns. Causava hemorragias fortíssimas e matava em menos de dez dias. O Dr. van der Waals ainda comemorava em seu esconderijo os resultados, quando a doença evoluiu e começou a matar pessoas de outras raças e, depois, animais domésticos também.

— Que horror!

— O louco se esforçara em criar um vírus que fosse difícil de combater, mas ele não esperava que este sofresse mutações tão rapidamente. As cidades logo entraram em colapso, o pânico se espalhou e todas as pessoas, não importa a cor, começaram a morrer, assim como todos os outros mamíferos também. Na África existiam então animais selvagens incríveis, lindos mesmo, como os leões, zebras e elefantes, sabia? Tantas pessoas, tantos animais. À exceção dos cetáceos, focas, morsas e das raposas, todos os outros mamíferos morriam. Simplesmente, cem por cento de mortalidade! Felizmente, ainda antes da doença chegar às Américas, meu bisavô reuniu todos os seus recursos, convenceu a alguns amigos cientistas, militares e técnicos e eles fugiram num grande navio, rebatizado como "El Arca", abarrotado de plantas, sementes e animais, fugiram então com suas famílias, para cá, para a Ilha de Páscoa.

— O Umbigo do Mundo — brincou, exibindo o próprio umbigo.

— Isso! Nossa Rapa Nui, tão isolada e distante do resto do mundo que estaria protegida por um tempo. Juan convenceu às autoridades da ilha e o governo local declarou uma feroz quarentena, passando a não mais permitir que barcos ou aviões, oriundos de qualquer parte, pudessem ancorar ou pousar. Já aqui na ilha, Gallino e outros cientistas estudaram diversos animais para tentar descobrir o que lhes dava imunidade ao NKiller. Foi então, vacinando toda a população da ilha, que sobrevivemos quando a doença finalmente chegou, cerca de quarenta anos depois de ter se espalhado na África. Mas, apesar de tanto empenho, ainda assim milhares de pessoas morreram, inclusive o pobre Juan. Perdemos também muitos animais: todos os cães, gatos e ovelhas, por exemplo. Na época, já não havia mais comunicação com o resto do mundo e nunca mais captamos transmissões de TV ou rádio. Seja lá o que aconteceu lá fora, hoje, passados mais de cem anos, nós só podemos acreditar no pior.

A menina tentou, mas não conseguiu imaginar o mundo externo, quase um milhão de vezes maior que os cento e setenta quilômetros quadrados do seu aparentemente enorme lar, coberto de cadáveres de pessoas e animais.

— E ninguém mais foi para fora da ilha, pai?

— É um tipo de segredo, filha, pois o risco era enorme. Você não deve por enquanto comentar com ninguém, mas há cerca de três meses, um grupo de voluntários muito corajosos alcançou a antiga cidade de Valparaíso. Eles estão lá desde então e têm mantido contato constante conosco através do rádio. Não encontraram sobreviventes, mas não sofreram efeito algum do vírus. Em breve, acreditamos que poderemos voltar a habitar o resto do planeta outra vez! O mundo quase acabou, Rojita, mas graças a Gallino e a nossa coragem e persistência, o homem terá uma segunda chance, ainda que sem merecer.

A conversa se seguiu com muitas outras perguntas, porém, depois que a menina começou a bocejar e a cochilar, o pai a fez escovar os dentes e ir se recolher.

Já em seu próprio quarto, Andrés refletiu sobre a versão atenuada que contara à filha. Deus queira que ela nunca tenha acesso aos DVDs das reportagens da época — pensou — que jamais visse as ruas cobertas de cadáveres, vazando sangue como esponjas encharcadas e as pessoas se pisoteando feito gado irracional ao fugir em pânico das cidades. Os livros relataram que somente o metano exalado pelos corpos fez subir a temperatura no globo em cinco graus no primeiro ano. Mesmo na ilha, chuvas torrenciais e secas devastadoras quase finalizaram o trabalho que o vírus não logrou fazer. Nos dias atuais, apenas quinhentas e sessenta e três pessoas separavam o gênero Homo da mais completa extinção.

Pensativo, alisou a cabeleira já prateada, retirou uma chave do bolso, abriu a última gaveta do lado esquerdo de sua escrivaninha e leu para se confortar até que o sono chegasse.

–oOo–

O salão principal da Paróquia de Santa Cruz de Isla de Pascua estava caprichosamente enfeitado naquela noite de véspera de Natal. Guirlandas feitas de estrelas do mar estavam penduradas nas paredes e uma bandinha tocava jingles natalinos, salsa e cueca. Ao fundo, uma mesa imensa, feita de tábuas apoiadas em cavaletes, estava coberta de guloseimas: peru assado, *pastel de choclo*, *chupe de loco*, *centolla* grelhado, *humitas*, bolos e, claro, o famoso assado de foca de Andrés Gallino.

Os adultos bebiam vinho com moderação, visto que era muito caro e difícil de produzi-lo na ilha, as crianças corriam para todos os lados, envolvidas nas brincadeiras promovidas pelas professoras.

Ximenita trajava seu "vestido de sair": malva como o céu indeciso entre a luz e a escuridão e conversava com um menino moreno de ascendência Rapa Nui. Já iam sair para brincar de por o rabo no burro, quando Don Gallino surgiu de repente, pediu licença e fez um pedido:

— Rojita, preparei um molho de frutas pra servir com o assado e, na pressa, esqueci completamente. Deixei numa panelinha tampada sobre o fogão. Você faria um favor ao papai e poderia ir buscar pra mim?

A garota não pensou duas vezes e saiu em disparada, no afã de agradar ao pai. Já estava mesmo um tanto enfadada e não conseguiria comer mais de tantas coisas que as senhoras insistiam que provasse. Ao se aproximar de casa, foi recebida entusiasticamente por Narval, que não parava de latir, pular e se urinar de alegria. Ximenita já ia sair com a panela, quando uma súbita lufada fria de ar a convenceu a subir ao quarto para pegar um agasalho. Passou pelo quarto do pai, que distraído, esquecera um abajur aceso e entrou para apagar. Sobre a escrivaninha dele, mal disfarçado sob uma pilha de papéis, repousava uma espécie de livro-diário de aparência antiga, que ela nunca vira antes.

Fotos antigas, já muito apagadas e amarelecidas e anotações feitas com uma letra caprichosa, estavam distribuídas em abundância por todas as páginas. Folheou, curiosa, embora não conseguisse entender os termos técnicos: "[...] -31C e -511C: confirmados que tais alelos selvagens recessivos dos vulpinos

e dos cetáceos não permitiram a adesão molecular dos receptores virais [...] grupamento CD32 [...] simulações computacionais da vacina falhando miseravelmente [...] risco iminente de contaminação através de aves migratórias. Como salvar a humanidade, meu Deus? [...] ~~Vacinações periódicas com placebo para evitar o pânico: medidas desesperadas em tempos desesperados~~[...] Ramón Fernandez e Kirsten O'Hara defendem a criação de um banco de óvulos e esperma [...] ~~Será que a ética é sempre a primeira a deixar um navio que afunda? O que ainda ousaríamos fazer?".~~ Já ia fechar o livro e pegar o casaco em seu quarto, quando uma foto grande e ainda excepcionalmente nítida, focando os passageiros do "El Arca", chamou-lhe a atenção. Lia-se sob a foto: "Juan Gallino Martín e amigos no Porto de Hanga Roa — 24/12/2010 — dia um do ano zero".

— Ma-mas, como é que... — exclamou a menina, sentindo o chão faltar-lhe — O que... — Gemeu, sem entender.

Correu para seu quarto, com Narval seguindo-a e choramingando solidário. Sentou-se à penteadeira em prantos e a raposa subiu-lhe ao colo para lhe lamber as lágrimas.

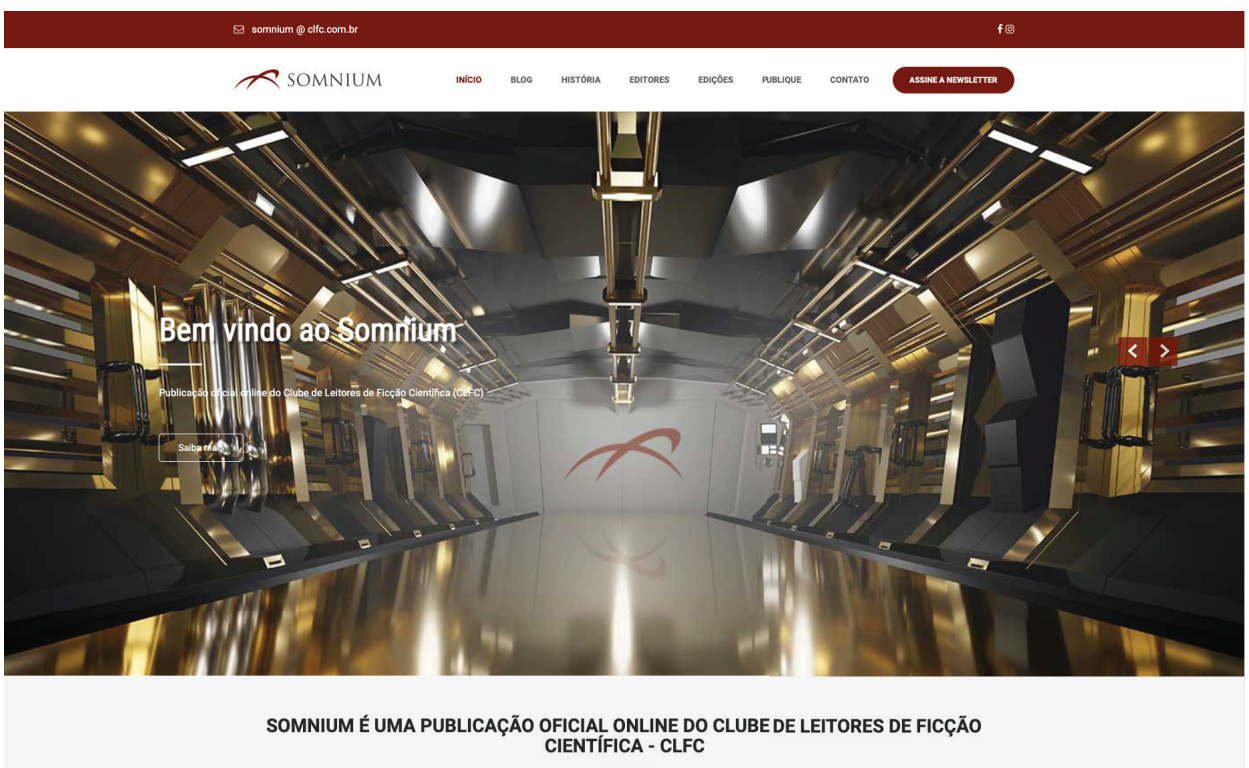
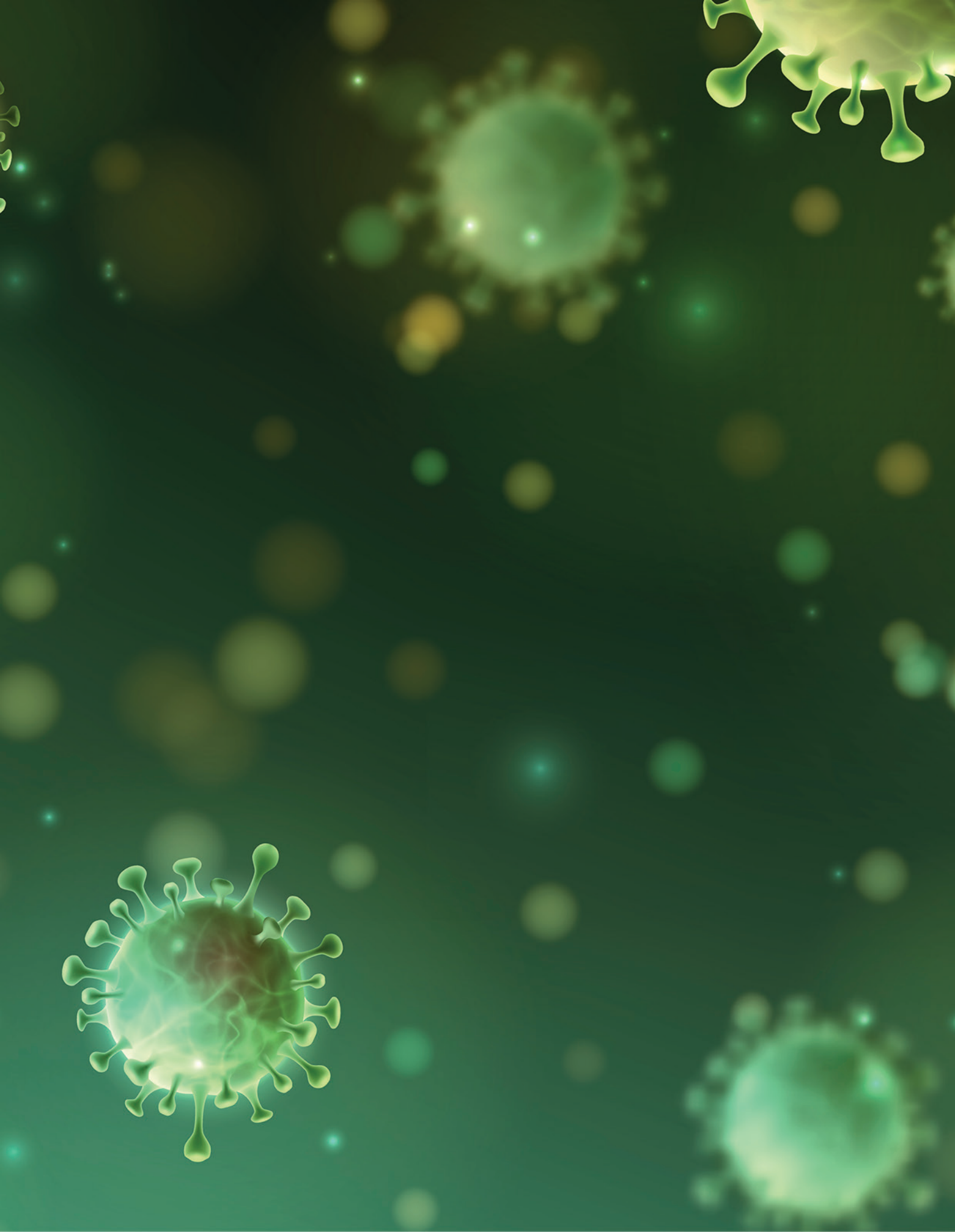
A horrível foto daquelas pessoas não lhe saía da cabeça: as pequenas e estranhas orelhas, os sorrisos, cheios de dentes arredondados, as faces nuas e pálidas e os olhos... tão, tão inumanos! Ximenita olhou seu reflexo no espelho e sentiu um arrepio de gelar o coração. Abraçou Narval e, por algum tempo, os quatro olhos amarelos e de pupilas verticais e vulpinas piscaram juntos e fitaram, assombrados, o produto da ousadia e gênio do tataravô Juan Gallino.

Rubem Ricardo Damasceno Cabral, nascido na cidade do Rio de Janeiro, atua como Engenheiro de Software.

Por volta de 2008, iniciou-se no mundo literário, participando de várias antologias já publicadas. Em 2010 foi premiado em 1º lugar na categoria "conto" no Concurso Literário Raízes, em Genebra, com o texto "Noites Brancas". Em 2011 foi um dos selecionados para a prestigiosa antologia anual "FC do B" (Tarja Editorial), com o conto "Nanovidas". Em 2012, foi selecionado para a antologia "Erótica Fantástica" (Editora Draco), com o conto "A Dança de Shiva". Foi organizador da Antologia "!", da Caligo Editora, que incluiu seus contos "Véspera de Natal em Páscoa" e "A morte e a re-morte de Natasha Moskovskaya". Os contos "As dores de cada um" e "Lições" foram respectivamente publicados na revista digital "A Taverna" (1 e 3).

É autor da compilação de contos fantásticos "A Linha Tênue". Organizou a antologia de contos inspirados na Bíblia "Os Livros Apócrifos".

Contato: rudam@msn.com

SOMNIUM

Em breve...